

ISSN - 0100 - 3437

ESTUDOS DE PSICANÁLISE

Nº 53 - JULHO 2020



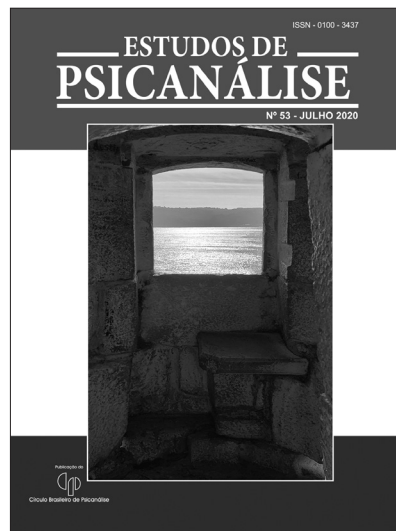
Publicação do



Círculo Brasileiro de Psicanálise

ESTUDOS DE PSICANÁLISE

ISSN - 0100-3437



Publicação do
Círculo Brasileiro de Psicanálise

REVISTA

ESTUDOS DE
PSICANÁLISE

Indexada em:
CLASE (UNAM – México)
IndexPsi Periódicos (BVS – PSI) – www.bvs-psi.org.br
Latindex (Sistema Regional de Información en Línea
para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal)
Diadorim

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
ANPEPP – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia
Classificação Capes/Anppep–B2 - Psicologia - B2 - Interdisciplinar e A2 - Letras/Linguística

Esta revista é encaminhada como doação para todas as bibliotecas
da Rede Brasileira de Bibliotecas da Área de Psicologia – ReBAP

Os artigos são de total responsabilidade dos autores.

FICHA CATALOGRÁFICA

ESTUDOS DE PSICANÁLISE. Rio de Janeiro: Círculo Brasileiro de Psicanálise,
n. 53, jul. 2020. 194 p.

Semestral. ISSN: 0100-3437 – 28 x 21cm

1. Psicanálise – periódicos



Revista Estudos de Psicanálise

EDITORES DA REVISTA

Anabela Silva Queiroz (CPB)
Anchyses Jobim Lopes (CBP-RJ)
Maria Auxiliadora Toledo Garcia Freire (CPMG)
Noeli Reck Maggi (CPRS)
Paulo Roberto Ceccarelli (CPPA)
Ricardo Azevedo Barreto (CPS)

CONSELHO CONSULTIVO

Ana Cristina Teixeira da Costa Salles (CPMG)
Carlos Antônio Andrade Mello (CPMG)
Carlos Pinto Corrêa (CPB)
Déborah Pimentel (CPS)
Maria Beatriz Jacques Ramos (CPRS)
Marie-Christine Laznik (ALI-França)
Marta Gerez Ambertín (Universidad Nacional de Tucumán)
Stetina Trani de Meneses e Dacorso (CBP-RJ)

CONSELHO EDITORIAL

Ana Paula Perissé (CBP-RJ)
Elizabeth Samuel Levy (CPPA)
Juliana Marques Caldeira Borges (CPMG)

ENDEREÇO DA REDAÇÃO

Av. Nossa Senhora de Copacabana, 769/504 - Copacabana
22050-002 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 2236-0655
E-mail: cbp.rj@terra.com.br
Site: www.cbp-rj.com.br

PROJETO GRÁFICO E FORMATAÇÃO

Valdinei do Carmo/Orgânica Editorial

FOTOS DAS CAPAS

José Martins da Cruz
1ª CAPA: O Tejo visto visto da Torre de Belém, Lisboa
4ª CAPA: Vista do Centro Cultural São Francisco, João Pessoa

IDEALIZAÇÃO DE CAPA

Renata de Brito Pedreira

REVISÃO

Português e normalização*
Dila Bragança de Mendonça
Inglês
Anchyses Jobim Lopes

*Exceto autoras de Portugal



Círculo Brasileiro de Psicanálise – CBP

DIRETORIA 2019-2021

PRESIDENTE

Anchyses Jobim Lopes (CBP-RJ)

VICE-PRESIDENTE

Juliana Marques Caldeira Borges (CPMG)

SECRETÁRIA

Helena Maria Melo Dias (CPPA)

TESOUREIRA

Anna Lúcia Leão López (CBP-RJ)

COMISSÃO CIENTÍFICA

Déborah Pimentel (CPS)

Eliana Rodrigues Pereira Mendes (CPMG)

Elizabeth Samuel Levy (CPPA)

Maria Beatriz Jacques Ramos (CPRS)

Stetina Trani de Meneses e Dacorso (CBP-RJ)

EDITORES DA REVISTA ESTUDOS DE PSICANÁLISE

Anabela Silva Queiroz (CPB)

Anchyses Jobim Lopes (CBP-RJ)

Maria Auxiliadora Toledo Garcia Freire (CPMG)

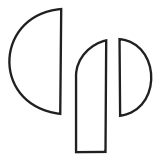
Noeli Reck Maggi (CPRS)

Paulo Roberto Ceccarelli (CPPA)

Ricardo Azevedo Barreto (CPS)

REPRESENTANTE JUNTO À ARTICULAÇÃO DAS ENTIDADES PSICANALÍTICAS BRASILEIRAS

Anchyses Jobim Lopes (CBP- RJ)



Círculo Brasileiro de Psicanálise – CBP

INSTITUIÇÕES FILIADAS

Círculo Brasileiro de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro – CBP/RJ

Av. Nossa Senhora de Copacabana, 769/504 - Copacabana

22050-002 - Rio de Janeiro - RJ

Tel.: (21) 2236-0655

E-mail: cbp.rj@terra.com.br

Site: www.cbp-rj.com.br

Círculo Psicanalítico da Bahia – CPB

Av. Adhemar de Barros, 1156/101 - Ed. Máster Center - Ondina

40170-110 - Salvador - BA

Tel./Fax: (71) 3245-6015

E-mail: circulopsi.ba@veloxmail.com.br

Site: www.circulopsibahia.org.br

Círculo Psicanalítico de Minas Gerais – CPMG

R. Maranhão, 734/3º andar - Santa Efigênia

30150-330 - Belo Horizonte - MG

Tel.: (31) 3223-6115 Fax: (31) 3287-1170

E-mail: cpmg@cpmg.org.br

Site: www.cpmg.org.br

Círculo Psicanalítico do Pará – CPPA

Av. Alcindo Cacela, 459 sala 12 - Bairro Umarizal

66040-020 - Belém - PA

Tel./Fax: (91)3349-0515

E-mail: bethlevy@gmail.com

Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul – CPRS

R. Senhor dos Passos, 235/1001 - Centro

90020-180 - Porto Alegre - RS

Tel./Fax: (51) 3221-3292

E-mail: circulopsicanaliticors@gmail.com

Site: <http://www.circulopsicanaliticors.com.br>

Círculo Psicanalítico de Sergipe – CPS

Praça Tobias Barreto, 510/1208

São José Ed. Centro Médico Odontológico

49015-130 - Aracaju - SE

Tel.: (79) 3211-2055

E-mail: cps@infonet.com.br

Site: www.circulopsicanalitico-se.com.br



Participantes do CBP
em Lisboa,
fev. 2020.

Sumário

15 Editorial

XXI FÓRUM INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE
– ENCONTRO PSICANALÍTICO: CONFLITO E MUDANÇA
5 a 8 de fevereiro de 2020, Lisboa

- 17 **AUTORA CONVIDADA**
**Navegando pelo rio da contratransferência: encontros e desencontros
com a identificação projetiva e com a contraidentificação projetiva**
*Navigating the Countertransference River: Encounters and Mismatches with Projective
Identification and Projective Counteridentification*
Cristina Nunes

- 27 **ALGUNS TRABALHOS – TEXTOS COMPLETOS**
**Psicanálise e narcisismo: supervisões coletivas
em clínica social psicanalítica**
*Psychoanalysis and narcissism: collective supervisions
in a psychoanalytic social clinic*
Anchyses Jobim Lopes

- 37 **O encobrimento da Cobra Norato:
do indizível à Bejahung primitiva e à negativa freudiana**
*The concealment of Norato Snake:
from the unspeakable to the primitive bejahung and the Freudian negative*
Audrey Gonçalves de Castro

- 43 **O processo psicanalítico e a transcendência do Self**
The psychoanalytic Process and the transcending Self
Isabel Mesquita

- 51 **O sujeito do inconsciente e suas arquiteturas**
The subject of the unconscious and its architectures
Patrícia Ferraz de Carvalho Miranda

- 57 **Liberdade e associação livre em um mundo coisificado: humanização
como a arte do encontro psicanalítico**
*Freedom and free association in an objectified world: humanization
as the art of the psychoanalytic encounter*
Ricardo Azevedo Barreto

- 65 **“A vovó assassina” e o menino dos olhos verdes: fragmentos
de um caso clínico e as contribuições da psicanálise**
*The “Murderous Grandma” and the greened eyed boy: fragments
of a clinic case and the contributions of the psychoanalysis*
Waleska Pessato Farenzena Fochesatto

XXIII CONGRESSO DO CÍRCULO BRASILEIRO
DE PSICANÁLISE – PSICANÁLISE E DIVERSIDADES:
INCONSCIENTE, CULTURA E CAMINHOS PULSIONAIS
Belém, Pará, 7 a 11 de novembro de 2019

- 71 **MAIS ALGUNS TRABALHOS – TEXTOS COMPLETOS**
**Experiências extraordinárias entre o xamanismo e a psicanálise:
uma reflexão psicopatológica transcultural**
*Extraordinary experiences between shamanism and psychoanalysis:
a cross-cultural psychopathological reflection*
Victor Cruz de Freitas, Ka Ribas e Paulo Roberto Ceccarelli

- 85** **Um estudo psicanalítico sobre perdas mitológicas e etnocídio a partir do documentário “Ex-pajé”**
A psychoanalytic study on mythological losses and ethnocide from the documentary “Ex-Shaman”
Dorivaldo Pantoja Borges Junior e Paulo Roberto Ceccarelli
- 91** **PSICANÁLISE: CLÍNICA, TEORIA E CULTURA**
Quarentena, o bem que ela nos faz
Quarentine, the good it does to us
Carlos Pinto Corrêa
- 95** **O modelo transformacional: uma perspectiva clínica para a abordagem dos casos-limite**
The transformational model: a clinical perspective to the approach of borderline patient
Cristiana de Aguiar Pondé e Carlos Augusto Peixoto Júnior
- 109** **O discurso da rede e seus efeitos no laço social**
The network's discourse and its effects on the social bond
Eduardo Henrique Ferreira Dias
- 119** **Arkangel: sobre a devastação na relação mãe e filha em tempos cibernéticos**
Arkangel: on devastation in the mother and daughter relationship in cybernetic times
Bárbara Araújo Sordi, Elizabeth Samuel Levy e Hevellyn Ciely da Silva Corrêa
- 129** **Anna Freud: uma desenvolvimentista quase esquecida**
Anna Freud: an almost forgotten developmentalist
Marcos Roberto Fontoni e Leopoldo Fulgencio
- 143** **Melancolia**
Melancholy
Litza Barroso Pedreira Lapa
- 149** **O inconsciente e tecnologia digital: o real e o tempo – aproximações**
The unconscious and digital technology: the real and time – approximations
Luciene dos Santos
- 159** **A via do talvez: desdobramentos psicanalíticos**
The pathway of perhaps: psychoanalytical developments
Maria Beatriz Jacques Ramos
- 167** **A condição humana em situação de isolamento: um encontro com a finitude pessoal e a busca de criatividade**
The human condition in isolation: an encounter with personal finitude and the search for creativity
Noeli Reck Maggi
- 175** **História: centro de gravidade do sujeito**
History: the subject's center of gravity
Scheherazade Paes de Abreu
- 183** **Relato de caso clínico: de agregado a cidadão**
Report of a clinical case: from Family household to citizen
Sonia Guiomar Martins Seixas
- 189** **Normas de publicação**
- 193** **Roteiro de avaliação dos artigos**

"ORPHEU"

REVISTA TRIMESTRAL DE LITERATURA

PORTUGAL E BRAZIL

Propriedade de: ORPHEU, L.^{da}

Editor: ANTONIO FERRO

DIRECÇÃO

PORTUGAL

Luiz de Montalvôr — 17, Caminho do Forno do Tijolo — LISBOA

BRAZIL

Ronald de Carvalho — 104, Rua Humaytá — RIO DE JANEIRO

ANO I — 1915

N.º 1

Janeiro-Fevereiro-Março

SUMÁRIO

| | |
|--------------------------|--|
| LUIZ DE MONTALVÔR | <i>Introdução</i> |
| MARIO DE SÁ-CARNEIRO | <i>Para os "Indícios de Ouro" (poemas)</i> |
| RONALD DE CARVALHO | <i>Poemas</i> |
| FERNANDO PESSOA | <i>O Marinheiro (drama estático)</i> |
| ALFREDO PEDRO GUIADO | <i>Treze sonetos</i> |
| JOSÉ DE ALMADA-NEGREIROS | <i>Friços (prosas)</i> |
| CÔRTEZ-RODRIGUES | <i>Poemas</i> |
| ALVARO DE CAMPOS | <i>Opiário e Ode Triunfal</i> |

Capa desenhada por José Pacheco

Officinas: Tipografia do Comércio — 10, Rua da Oliveira, ao Carmo

LISBOA

A Ronald de Carvalho

Lisboa, 24-2-1915

[...]

Tinham-nos tirado os brinquedos, porque nós teimávamos que os soldados de chumbo e os barcos de latão tinham uma realidade mais precisa e esplêndida que os soldados-gente e os pobres barcos que são úteis no mundo. Nós andávamos animados longas horas pela quinta. Como nos tinham tirado as coisas onde púnhamos nossos sonhos, pusemo-nos a falar delas para as ficarmos tendo outra vez. E assim tornaram a nós, em sua esplêndida realidade [...].

[...] Ficou tudo embrulhado no papel de seda da nossa recordação de tudo aquilo. Os soldados – os pobres deles – foram quase o papel de seda com as espingardas eternamente ao ombro. As proas dos barcos estão sempre para romper o invólucro. E sem dúvida que todo o sentido do nosso Exílio é este – o terem-nos embrulhado os brinquedos antes da vida, terem-nos posto na prateleira que está exactamente fora do nosso gesto e do nosso jeito. [...]

Escrevo e divago, e tudo isso parece-me que foi uma realidade [...] e sou outra vez a criança feliz que nunca fui, e as alamedas e os brinquedos... e apenas, no fim de tudo, a supérflua realidade da vida...

[...]

Fernando Pessoa

Editorial

Uma das medidas da importância social e científica de uma instituição é a relevância que ela apresenta na sociedade maior à qual pertence, pelo que deixa de registro acessível do produto de seu trabalho e de suas pesquisas a um grande número de pessoas.

O Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP), federação que congrega várias unidades pelo Brasil, prova sua força e seu valor no meio psicanalítico, principalmente pela publicação semestral da sua revista *Estudos de Psicanálise*, que traz em si a memória de vários eventos de relevo nas áreas do saber e do fazer psicanalíticos.

Tal fato nos diz do empenho dessa instituição em manter vivo e atuante esse meio de comunicação que conecta autores e leitores de todo o Brasil.

O presente número da *Estudos de Psicanálise* traz um panorama variado do que tem sido feito na psicanálise no Brasil e mesmo no exterior. Os artigos estão divididos em quatro seções:

1. Artigo de autora convidada.

2. Artigos que foram apresentados no XXI Fórum Internacional de Psicanálise, evento da *International Federation of Psychoanalytic Societies* (IFPS), à qual o CBP é filiado, acontecido em Lisboa, em fevereiro de 2020, sob o título *Encontro psicanalítico: conflito e mudança*.

3. Artigos que foram apresentados no XXXIII Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise, sediado em Belém do Pará, em novembro de 2019, sobre o tema *Psicanálise e diversidades: inconsciente, cultura e caminhos pulsionais*.

4. Artigos diversos sobre *Clínica, Teoria e Cultura*.

A autora convidada desta edição é a psicanalista Cristina Nunes, presidente do Fórum de Lisboa e pertencente à Associação Psicanalítica Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica. Seu trabalho, apresentado em uma plenária do referido Fórum, tem como título *Navegando pelo rio da contratransferência: encontros e desencontros com a identificação projetiva e com a contraidentificação projetiva*.

Portugal começou a participar da IFPS no encontro em Nova York, em 2016. O Fórum de Lisboa aconteceu ainda antes da declaração do estado de pandemia, que tem nos assolado durante todo o ano de 2020. Congregou participantes de vários países filiados à IFPS, sendo grande o número de brasileiros presentes. O fato de termos as nossas origens em Portugal e a mesma língua estimulou a participação de analistas do Brasil, que contribuíram com vários trabalhos, desde a participação em plenárias até o prêmio máximo que é concedido ao texto

de um candidato em formação. Pela terceira vez consecutiva o prêmio foi para a apresentação de uma brasileira (os anteriores aconteceram nos fóruns de Nova York, em 2016 e de Florença em 2018, sendo do CBP-RJ os dois ganhadores de então). Esse fato atesta a boa qualidade da formação de novos psicanalistas feita no Brasil, além da garra e do talento de nossos jovens candidatos.

Os temas do Fórum compuseram um painel das várias frentes do exercício da psicanálise no Brasil, o que pode ser verificado nos artigos que constam desta atual edição. Os trabalhos contemplaram não só abordagens teóricas variadas, como também casos clínicos de grande riqueza e trabalhos realizados nas próprias instituições de psicanálise.

Temos que ressaltar o agradável clima afetivo vivido por todos que participamos. De agora em diante, foram facilitadas a colaboração e a divulgação do que é feito em Portugal e no Brasil, até essa data quase inexistentes.

Apresentamos também, neste número, dois artigos remanescentes do *XXXIII Congresso do CBP* em Belém do Pará, realizado em novembro de 2019. Belém é a federada caçula do CBP, mas já mostrou a que veio. Seu congresso foi muito instigante. O número 52 da *Estudos de Psicanálise* (anterior a este) apresentou vários trabalhos desse encontro. A contribuição de Belém tem sido muito preciosa e bastante inédita, principalmente por abordar temas da nossa herança indígena, na sua riqueza cultural, ensejada pela localização amazônica do estado do Pará e de seus estudos etnológicos. Foi também um evento pautado pelas relações amistosas e pelo entusiasmo à extensão da psicanálise.

A última seção apresenta um cardápio variado sobre *Clínica, Teoria e Cultura*. Temos aí tanto as considerações sobre nosso tempo pandêmico quanto sobre as vicissitudes da ampla utilização da cibernética, com suas vantagens e desvantagens, incluindo suas produções artísticas. Os artigos ainda discutem a história como centro de gravidade do sujeito, as fontes de adoecimento no mundo de hoje, a clínica atual com seus desafios, enfim, um panorama de assuntos que mostram a pulsação do inconsciente e da psicanálise.

O que se deseja de uma revista é que ela indique, provoque, proponha, com a agilidade que lhe é própria, novas vias de reflexão, diferentes rumos a tentar, várias formas de trabalhar e de viver a psicanálise.

Neste número 53 da *Estudos de Psicanálise* esperamos ter conseguido cumprir esse desafio.

Eliana Rodrigues Pereira Mendes

Navegando pelo rio da contratransferência: encontros e desencontros com a identificação projetiva e com a contraidentificação projetiva¹

*Navigating the Countertransference River:
Encounters and Mismatches with Projective Identification
and Projective Counteridentification*

Cristina Nunes

Resumo

Apesar da grande expansão do conceito de contratransferência, que acompanhou o alargamento da intervenção psicanalítica a crianças e a pacientes de difícil acesso e o crescimento da importância da relação terapêutica na prática psicanalítica, esta temática tem trazido consigo, ao longo dos anos uma certa falta de clareza, que ainda hoje se mantém, por alguma imprecisão e pouca consensualidade entre alguns autores. A ideia de contratransferência confunde-se muitas vezes com outros conceitos com que se cruza como sejam a atenção flutuante, a empatia, a identificação projetiva ou a contraidentificação projetiva. Na tentativa de clarificar e distinguir os conceitos de contratransferência, identificação projetiva e contraidentificação projetiva, recorre a três textos de autores que considera fundamentais para a compreensão e reflexão sobre a temática. A partir da leitura reflexiva dos textos *Estudos sobre técnica psicanalítica*, de Heinrich Racker; *Teoria da identificação*, de León Grinberg e *Modelos de interpretação em psicanálise*, de Carlos Amaral Dias, propõe um modelo de inter-relação entre a dinâmica dos conceitos de contratransferência, identificação projetiva, contraidentificação projetiva e *enactment*, que acredita facilitar a distinção entre os mesmos, esperando poder contribuir para uma melhor compreensão e integração dos fenómenos contratransferenciais na prática psicanalítica.

Palavras-chave: Contratransferência, Identificação projetiva, Contraidentificação projectiva, Enactment.

1. Trabalho apresentado no XXI INTERNATIONAL FORUM OF PSYCHOANALYSIS, PSYCHOANALYTIC ENCOUNTER - CONFLICT AND CHANGE - ISCTE, Instituto Universitário de Lisboa. Lisboa, 5-8 fev. 2020.

1. Introdução

Entre o sono e o sonho,
Entre mim e o que em mim
É o quem eu me suponho
Corre um rio sem fim.
PESSOA, 1942, p. 173.

Fernando Pessoa apresenta-nos aqui, no seu poema de 1933, a essência do encontro psicanalítico e suas dinâmicas.

As margens são, sem dúvida, (d)o analista, mas e o que corre no seu leito?

Que confusão, troncos, calhaus, despojos industriais e humanos, água da nascente, água da chuva, tempestades, ventos, erosão, lixo... mais água, peixes, plantas marinhas; em constante transformação, com a dinâmica própria dos fenômenos naturais e dos menos naturais, ou até mesmo patológicos! Dentro do leito do rio são arrastados todos estes corpos e elementos que lá caem, uns visíveis à superfície, outros ocultos na profundidade, transformando, na sua passagem, mais ou menos desenfreada, o leito e as margens do rio. Por vezes, raramente por felicidade, há inundações nos invernos rigorosos, escuros e chuvosos, em que os deuses parecem estar zangados, mas o rio continua lá na sua função contentora.

Assim se sente o analista muitas vezes; e é por já nos termos sentido assim e por termos também já sentido muitas vezes alguns dos nossos supervisandos aflitos nesta luta para compreender e integrar os fenômenos contratransferenciais, que vos queremos falar deste tema, designadamente na relação do conceito de contratransferência com os de identificação projetiva e de contraidentificação projetiva.

Esta temática tem trazido consigo, ao longo dos anos uma certa falta de clareza, precisão e consensualidade entre os autores.

Tentaremos clarificar e distinguir os conceitos de contratransferência, identificação projetiva e contraidentificação projetiva, a partir da leitura reflexiva dos textos *Estudos sobre técnica psicanalítica*, de Heinrich Rac-

ker; *Teoria da identificação*, de León Grinberg e *Modelos de interpretação em psicanálise*, de Carlos Amaral Dias.

Concluiremos com uma proposta integrativa dos conceitos de contratransferência, identificação projetiva, contraidentificação projetiva e enactment, esperando poder enriquecer a prática psicanalítica no uso deste poderoso instrumento facilitado pelo fenômeno contratransferencial.

2. Os primórdios da contratransferência

Na sua extensa obra, Freud apenas empregou a palavra contratransferência três vezes, uma no artigo *As perspectivas futuras da terapia psicanalítica*, de 1910, e as outras duas em *Observações sobre o amor transferencial*, de 1915, apesar desse assunto aparecer muitas mais vezes abordado nas cartas trocadas com os seus colegas ou na própria obra, sem o nomear.

Em todas as referências considera que o que surge no psicanalista por influência do paciente sobre os seus sentimentos inconscientes (FREUD, [1910] 1969) deve ser considerado um obstáculo ao tratamento, necessitando o psicanalista de reconhecer e ultrapassar a sua contratransferência para trabalhar eficazmente (Carta a Ludwig Binswanger, de 1913, *apud* ROUDINESCO; PLON, 1998).

Apesar disso, não deixa de reconhecer que essa comunicação inconsciente a inconsciente é essencial para o progresso do processo psicanalítico, tal como no sonho, pois permitirá ao psicanalista reconstruir o inconsciente do paciente a partir dos derivados inconscientes transmitidos através da elaboração da associação livre daquele (FREUD, [1912] 1969).

Há razões para acreditar que Freud e seus colegas refletiram mais sobre a contratransferência do que o que foi publicado, como se poderá inferir por exemplo numa carta de Freud para Jung de 1911, onde é dito que o artigo que julga necessário sobre a contra-

transferência não deveria ser impresso nem circular como cópia (MANFREDI, 1998).

Parece-nos assim que Freud já teria essa perspectiva da contratransferência como um fenômeno total que abarcaria tudo o que surge no inconsciente do psicanalista, útil para aceder ao inconsciente do paciente (instrumento psicanalítico), mas perigoso, optando por sublinhar este vértice de obstáculo face às circunstâncias da época. Não nos parece muito diferente da perspectiva mais defendida atualmente, salvaguardadas as circunstâncias da época e da evolução do conhecimento. A genialidade de Freud confirma-se aqui mais uma vez.

Nos quarenta anos seguintes a tônica continuou a acentuar o vértice de obstáculo deste conceito.

Apesar disso, vários autores foram desenvolvendo a abordagem do fenômeno através da teoria da intuição, como Ferenczi em 1919, Stern em 1924 ou Deutsch em 1926 (ETCHEGOYEN, 1987; ZIMMERMAN, 1999). Também Winnicott em *Ódio na contratransferência* sublinha a importância da evocação da contratransferência negativa na análise de pacientes muito perturbados (ETCHEGOYEN, 1987; JACOBS, 1999).

Com o alargamento do tratamento psicanalítico àqueles pacientes mais regredidos assim como à população infantil, tornava-se imperativo encontrar uma forma mais eficaz de comunicar com o mundo interno destes pacientes, tendo sido necessário ressuscitar as tímidas ideias que tinham de algum modo reconhecido a qualidade de instrumento psicanalítico na contratransferência.

Na impossibilidade de falar dos desenvolvimentos de todos os autores da comunidade psicanalítica que se têm debruçado sobre o tema, focar-nos-emos naqueles que mais contribuíram para clarificar esta tríade concetual no nosso olhar sobre o rio contratransferencial: Heinrich Racker, León Grinberg e Carlos Amaral Dias.

São os trabalhos apresentados por Heinrich Racker (1986) em 1948 em Buenos Aires

e por Paula Heimann (1995) em Zurique em 1949 que, vêm trazer para um lugar de grande destaque o conceito de contratransferência, passando o psicanalista de observador a participante ativo no campo relacional.

Em 1949, Paula Heimann (1995) lê pela primeira vez o artigo *On Counter-transference*, posteriormente publicado, em 1950, no qual apresenta a contratransferência como um importante instrumento de compreensão do inconsciente do analisando e já não como um obstáculo ao progresso do tratamento, considerando-a uma “criação do paciente”, por identificação projetiva.

Sublinha ainda que a contratransferência representa a totalidade dos sentimentos do analista enquanto resposta emocional ao paciente.

3. Heinrich Racker e o conceito de “contratransferência total”

Por sua vez Heinrich Racker, o autor que mais consistentemente estudou e divulgou o conceito de contratransferência, vem reforçar definitivamente o papel daquele fenômeno como instrumento para a compreensão do inconsciente do analisando.

Afirma que, do mesmo modo que existe no paciente uma disposição para a transferência, por um lado, e por outro as vivências atuais e analíticas, também existe no analista uma disposição contratransferencial, assim como as vivências atuais e analíticas, acrescentando que é justamente essa fusão entre o passado e o presente, num contínuo enlace entre a realidade e a fantasia, o interno e o externo, o consciente e o inconsciente, que torna necessário um conceito que inclua a resposta psicológica global do analista, que propõe denominar contratransferência total, embora se possam separar dentro desse conceito ou aspetos mais específicos (RACKER, 1986).

Racker (1986) distinguiu a contratransferência concordante ou homóloga em que existe uma identidade aproximada entre partes do sujeito e partes do objeto e a contra-

transferência complementar em que o analista se pode identificar a objetos internos do paciente, associando a concordante à empatia através da contratransferência positiva sublimada e a complementar à reativação de modos primitivos recíprocos.

No entanto, o uso da contratransferência dependerá da capacidade do analista para se identificar e consciencializar quer as tendências e defesas quer os objetos internos do analisando, podendo interpretar em vez de agir, o que permitirá a mudança (RACKER, 1986).

A contratransferência terá, nas palavras de Racker (1986), uma tripla leitura como obstáculo, instrumento de compreensão do paciente e campo onde o analisando pode adquirir uma experiência viva e diferente da que teve originalmente

Na perspectiva deste autor são os conteúdos projetados transferencialmente pelo analisando, através de identificação projetiva, que permitem o acesso ao seu mundo interno.

Neste ponto do rio da contratransferência qual será então o papel deste encontro com a identificação projetiva e com a contraidentificação projetiva?

4. León Grinberg e o encontro com a identificação projetiva e a contraidentificação projetiva

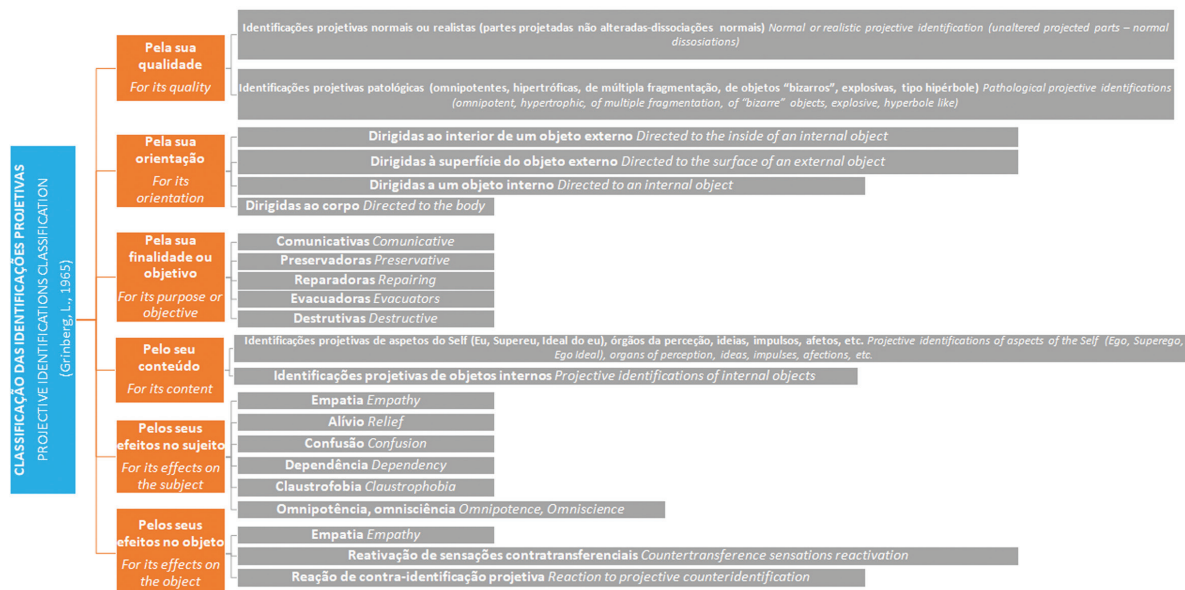
León Grinberg (2001) considera que no processo de identificação intervirão distintos fenómenos, agrupados em duas categorias: a das internalizações e a das externalizações, onde inclui a identificação projetiva.

Grinberg (2001) destaca na teoria de Bion, o papel da identificação projetiva como precursor da atividade de pensar e a sua intervenção na formação do “aparelho para pensar os pensamentos”, através da interação de dois mecanismos, por um lado a relação dinâmica entre conteúdo e continente e, por outro lado, a relação dinâmica entre as posições esquizoparanóide e depressiva.

Este autor considera que a identificação projetiva se caracteriza pela dissociação e projeção posterior de partes dissociadas do *self* (partes concretas do eu e dos objetos internos que contém as emoções) no interior dos objetos externos.

Propõe também uma classificação das identificações projetivas quanto às suas qualidades, com diferentes tonalidades e intensidades, desde o mais saudável até ao mais patológico, conforme a Figura 1 abaixo.

Figura 1 – Classificação das identificações projetivas segundo León Grinberg



Grinberg destaca que durante o processo psicanalítico se desenvolve um contínuo interjogo de projeções e introjeções, por parte de ambos os participantes, distinguindo dois processos coexistentes, um em que o analista é sujeito ativo desses movimentos enquanto noutro é objeto passivo das introjeções e projeções do paciente.

Quando objeto ativo, se são convocados os seus conflitos internos ou fantasmas, resultará uma perturbação da interpretação, a não ser que o analista o consciencialize oportunamente e consiga evitá-lo. Se pelo contrário a contratransferência estiver convenientemente sublimada será o melhor instrumento para detetar, reestruturar e formular o interpretável.

Por outro lado, continua Grinberg, quando é objeto passivo, é o analisando que projeta de forma ativa, ainda que inconsciente, as suas vivências internas no analista, que funciona como um recetor passivo, podendo a sua reação ser devida aos seus próprios conflitos ou ansiedades, reativados pelo material do paciente, ou, doutro modo, independentemente das suas próprias emoções, ser uma resposta exclusiva ao que o analisando projetou nele.

Grinberg afirma que, neste caso, é como se o analista deixasse de ser ele próprio, para se transformar, sem o poder evitar, no que o paciente, inconscientemente quis que ele se convertesse. É a esta resposta que Grinberg propõe chamar contraidentificação projetiva, como resposta específica à identificação projetiva do paciente, vendo-se o analista obrigado a desempenhar um papel que, de forma ativa, ainda que inconsciente, o analisado forçou dentro de si.

Retomando a contratransferência complementar proposta por Racker, considera que esta se baseia numa atitude emocional devida a remanescentes neuróticos do analista, reativados pelos conflitos colocados pelo paciente.

Defende que, ao contrário, na contraidentificação projetiva a reação do analista

é independente dos seus próprios conflitos e corresponde à intensidade e qualidade da identificação projetiva do analisando, tomando o analista a seu cargo um mecanismo que pertence ao paciente, enquanto na contratransferência complementar a reação corresponde ao próprio analista.

Grinberg considera que, tal como as outras formas de contratransferência, a contraidentificação projetiva pode ser o ponto de partida da possibilidade de vivenciar um espectro de emoções que, bem compreendidas e sublimadas, se podem converter em instrumentos técnicos eficazes para entrar em contacto com os níveis mais profundos do material dos analisandos.

Por esse motivo, Grinberg inclui na “função psicanalítica” do analista poder regressar, deixar-se invadir por e “colocar-se” dentro das produções do paciente, convivendo com ele e com os afetos contidos nessas trocas, podendo depois voltar à realidade externa, do mesmo modo que o poeta faz uma incursão no mundo da fantasia, mas encontra o caminho de regresso à atualidade, como assinalava Freud.

5. Carlos Amaral Dias e a sua proposta do campo hipotético de construção

A partir da teoria de Bion sobre a atividade de pensar, no livro *Modelos de interpretação em psicanálise*, Amaral Dias afirma que todo o ser humano pensa em dois lados, dentro de si próprio (o que se consegue usando a capacidade de pensar, a função simbólica e a linguagem) e dentro dos outros (esperando que o outro pense por si, em tudo aquilo que escapa ao nível do campo de significação). Esta última situação seria representada pelo modelo metafórico materno em que é a mãe que pensa pelo seu bebé enquanto este não tem capacidade para pensar as suas experiências emocionais. Diz que é a parte de nós que não tem condição de suportar o sofrimento emocional ligado à continuação do percurso de pensar, que se “faz pensar” dentro do outro, por identificação projetiva.

Mais à frente, a propósito da gênese da interpretação, diz que esta se fundamenta no encontro entre a teoria e a anedota, podendo a anedota ser proveniente da contratransferência, da relação analítica ou do material produzido/trazido pelo paciente.

Defende que a contratransferência pode vir por dois níveis, o da quimera psicológica (que o analista vai construindo na escuta) e o da contraidentificação projetiva, mecanismo utilizado por alguns pacientes para fazer com que o analista viva aspectos da sua mente, com os quais, de outra forma não poderia entrar em contacto.

Para integrar todos estes aspectos Amaral Dias propõe um campo global onde tudo é sujeito ao campo do sentido e onde o destinatário final é o analisando, mas onde o crescimento da pessoa do analista como analista também é suportado por esse campo simbólico gerado quando dois se juntam para criar um terceiro para benefício dos três.

A contratransferência passa assim a ter o novo sentido de se constituir como "... aqui-

lo que eu observo dentro de mim na relação analítica, que, quando formalizado faz parte da mente do analisando" (DIAS, 2003).

Para melhor compreender a sua proposta, apresenta um modelo (Figura 2), adaptado e modificado a partir de Kusnetzoff (1980), onde pretende esquematizar a interpretação como transformação.

Amaral Dias concetualiza assim um espaço potencial na mente do analista, que aproxima do conceito Winnicottiano, a que chama Campo Hipotético de Construção, que é constituído em primeiro lugar pela análise do analista, em segundo pelos modelos e teorias que o analista tem sobre o que é a psicanálise (contratransferência a priori) e em terceiro pela própria ideologia do que é a psicanálise. Este campo é hipotético no sentido em que gera as hipóteses de trabalho que vão surgir durante todo o processo analítico. Na sua visão a identificação projetiva, porque desvela o material oculto e a rêverie, porque o revela, são os meios de que o analista se serve para criar este campo hipotético de construção.

Figura 2 – Modelo proposto por Amaral dias para esquematizar a interpretação como transformação



Para além do campo do analista, considera naturalmente o campo do analisando, assim como o campo que se instala entre os dois, o campo da relação ou o campo analítico (dos Baranger ou o terceiro analítico de Ogden), cuja dinâmica se daria pelas vias da transferência e da transmissão. As linhas que dividem os espaços do analisando, da relação analítica e do analista são deliberadamente a tracejado para dar nota da inter-relação entre essas áreas.

Na Figura 2 a transformação aparece no topo como resultado da dinâmica do encontro analítico.

Do lado esquerdo aparece a abstração de Bion da relação continente conteúdo.

O acontecimento histórico-narrativo faz parte do campo do analisando, a transferência e a transmissão fazem parte do campo da relação analítica e o campo hipotético da construção, operado pelas vias da identificação projetiva e da rêverie fazem parte do espaço do analista.

As setas mostram a interação e o sentido da mesma. Os acontecimentos histórico-narrativos estão ligados à significação e à transferência (canal por onde passa a emoção), sendo, por sua vez a transmissão (canal por onde passa o significado) que viabiliza a passagem à significação. Depois de rompida a narrativa elucidada na transferência pelo sujeito, é substituída por uma nova versão que é ressignificada na transmissão, afirmando Amaral Dias que elucidada e desintoxica a emoção na transferência e ressignifica na transmissão, fora da transferência, através da nova relação, completaríamos nós.

Por outro lado, o espaço hipotético da construção, campo do analista, gera-se pela identificação projetiva e pela rêverie. Pela identificação projetiva o analista desvela o material oculto e pela rêverie o revela, podendo o analista ter acesso aos três campos como fonte para a sua interpretação.

Amaral Dias considera neste seu texto inovador que o trabalho do psicanalista é desfazer o grande equívoco que considera

ser a transferência, através da interpretação, podendo esta derivar de três campos: do que se passa no analisando, do que se passa no analista e do que se passa na relação, representados pelos movimentos transferenciais e contratransferenciais de interação entre aqueles campos.

Nesse sentido, lembrando o texto de Freud ([1905] 1969) *Psicoterapia* e sua evocação da visão de Leonardo da Vinci sobre a arte, poderemos concluir que a transferência e a contratransferência, ao contrário da pintura que se faz pela *via di porre*, operam pela *via di levare*, na medida em que o desfazer do equívoco não introduz nada de novo, mas antes desvela e revela, retirando, como a escultura, tudo o que encobre a “estátua” escondida no interior da “bloco de pedra” inicial.

6. Conclusão: encontros e desencontros entre a trilogia contratransferencial

Depois desta curta viagem, navegando pelo rio da contratransferência, num navio observatório e reflexivo, em que pudemos observar através de observatórios diferentes, as mudanças dinamizadas pela interação entre as margens continentes e os seus variados conteúdos sempre em transformação, pensamos ter conseguido encontrar um modelo representativo desta dinâmica contratransferencial, capaz de integrar e clarificar a inter-relação entre os conceitos de contratransferência, identificação projetiva e contraidentificação projetiva, relacionando-os ainda com os de enactment e rêverie.

Acreditamos ter desvelado e poder revelar-vos agora o sentido por nós encontrado neste percurso, que será válido, para nós, enquanto outros encontros com o desconhecido não voltarem a inquietar-nos, criando novos conflitos e mudanças.

A partir de toda esta dispersão conceptual e do seu processamento pela nossa “rêverie” pudemos conceber um modelo que nos ajuda a interrelacionar todos estes conceitos in-

cluídos e relacionados com a contratransferência, ilustrados na Figura 3 a seguir.

Começaremos por sublinhar os aspectos mais relevantes desta viagem.

Consideramos que a forma como Racker conceptualiza a resposta psicológica global do analista, incluindo, por um lado, uma predisposição contratransferencial e, por outro, as vivências atuais e analíticas, num fenómeno que denomina contratransferência total, vem definitivamente clarificar e confirmar a tripla função de obstáculo, instrumento analítico de compreensão e campo analítico em que florescerá a nova relação.

A distinção entre contratransferência concordante, onde o analista se identifica ativa e empaticamente numa contratransferência positiva sublimada, e contratransferência complementar, em que o analista é objeto passivo das projeções dos objetos internos do analisando, mas reage igualmente com uma atitude emocional colorida pelos seus próprios conflitos internos, constituiu passo importante para separarmos as águas.

Foi esse passo que levou Gringberg a criar o novo conceito de contraidentificação pro-

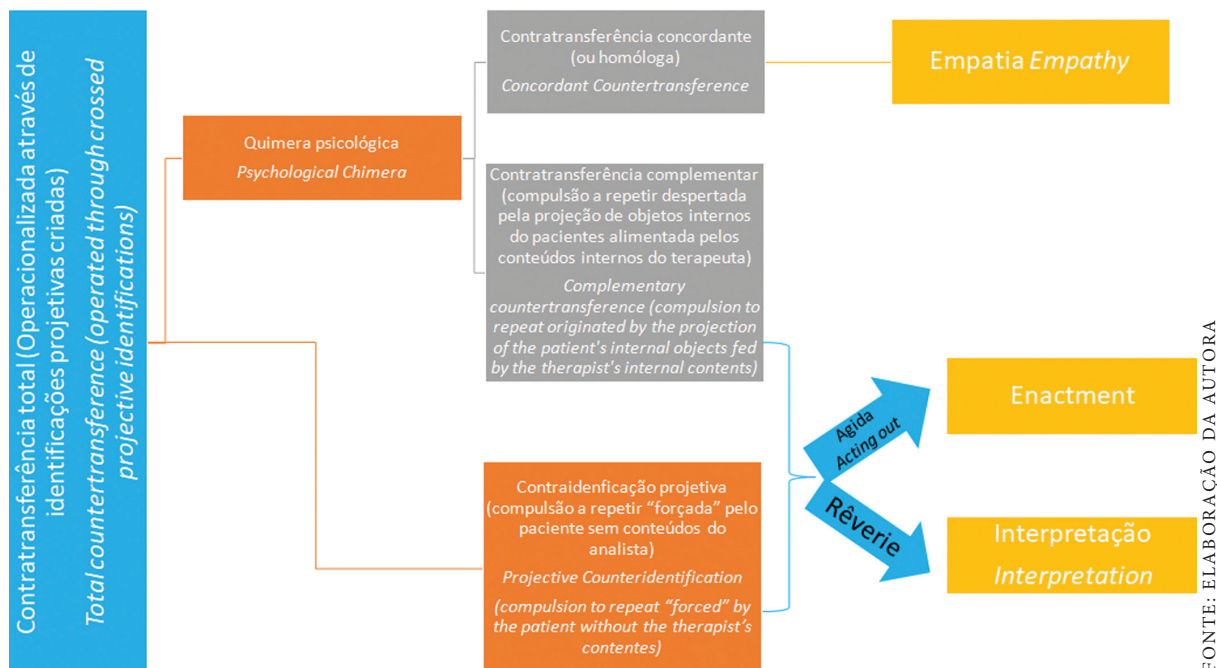
jetiva, reação específica à forma como o analisando “forçou” no analista a sua identificação projetiva, independentemente dos seus próprios conflitos, reagindo com um mecanismo que pertence ao paciente, ao contrário do que acontece na contratransferência complementar em que a reação corresponde ao próprio analista.

Quer a contratransferência concordante, quer a contratransferência complementar, conjunto que consideramos corresponder ao que Amaral Dias denomina a químera psicológica, quer ainda a contraidentificação projetiva fazem parte da contratransferência total.

Da leitura do modelo proposto por Amaral Dias, acreditamos que no campo da relação analítica, a contratransferência correrá implicitamente pelos canais por onde passam as emoções, em conjunto com a transferência.

A partir desse modelo consideramos ainda que a rêverie, tal como a propõe enquanto o mecanismo que revela, seria a forma mais saudável do analista transformar o que a contraidentificação lhe faz sentir, mas não

Figura 3 – Modelo de integração de conceitos associados à contratransferência



encenar, na nossa opinião, podendo revelá-la quer na atitude emocional contratransferencial quer na transmissão interpretativa.

Propomos diferenciar o conceito de contraidentificação projetiva, enquanto compulsão a repetir “forçada” pelo paciente mas não agida, quando atempadamente travada pela rêverie, compreensão e sublimação, com um resultado de desenvolvimento para o processo analítico.

Quando não acontece esse processo sanígeno e essa compulsão é agida, propomos que se enquadre no conceito de enactment, em que o analista é arrastado a encenar uma fantasia que (não lhe pertencendo inicialmente) se torna interpessoal (OGDEN, 1992).

Como Racker, Grinberg e Amaral Dias estamos de acordo que todas estas modalidades de contratransferência permitem ao analista experimentar um espectro de emoções, que bem compreendidas e sublimadas/transformadas, constituem verdadeiros instrumentos técnicos de acesso aos níveis mais profundos do material analítico, que, doutro modo, seriam inacessíveis, tal como, na escultura, o desvelar da estátua pela *via di levare*.

As margens são o analista/continente e os conteúdos, partilhados entre analista e analisando, sempre em transformação, serão o campo da relação analítica; este rio contratransferencial, como todos os outros rios, diz o ditado popular, irá dar ao mar e assim o crescimento será mútuo porque, como diz o poeta “Nenhum rio separa, antes costura os destinos dos viventes” (COUTO, 1992, p. 89).

Abstract

*Despite the great expansion of the concept of countertransference, which accompanied the expansion of psychoanalytic intervention to children and patients with severe pathologies, as well as the growing importance of the therapeutic relationship in psychoanalytic practice, this theme has brought a certain lack of clarity, which still remains today. The idea of countertransference is often confused with other concepts, such as floating attention, empathy, projective identification or projective counteridentification. In an attempt to clarify and distinguish the concepts of countertransference, projective identification and projective counteridentification, the author will use three texts by authors that she considers fundamental to understand and to reflect about the subject. From the reflective reading of the texts *Studies on Psychoanalytic Technique* by Heinrich Racker's, *Identification Theory* by León Grinberg and *Models of Psychoanalysis Interpretation* by Carlos Amaral Dias, she will propose a model of interrelationship between the dynamics of the concepts of countertransference, projective identification, projective counteridentification and enactment, which she believes will facilitate the distinction between them, hoping to contribute to a better understanding and integration of countertransference phenomena into psychoanalytic practice.*

Keywords: *Countertransference, Projective identification, Projective counteridentification, Enactment.*

Referências

- COUTO, M. *Terra sonâmbula*. 9. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1992.
- DIAS, C. A. *Modelos de interpretação em psicanálise*. Lisboa: Almedina, 2003.
- ETCHEGOYEN, R. H. *Fundamentos da técnica psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- FREUD, S. As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica (1910). In: _____. *Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos* (1910 [1909]). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 143-156. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 11).
- FREUD, S. Observações sobre o amor transferencial (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III) (1915 [1914]). In: _____. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos* (1911-1913). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 175-188. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).
- FREUD, S. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise (1912). In: _____. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos* (1911-1913). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 121-133. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).
- FREUD, S. Sobre a psicoterapia (1905 [1904]). In: _____. *Um caso de histeria, três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos* (1901-1905). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1989, p. 239-251. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).
- GRINBERG, L. *Teoria da identificação*. Lisboa: Climepsi, 2001.
- HEIMANN, P. Sobre a contratransferência. *Revista de Psicanálise SPPA*, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 171-176, 1995.
- JACOBS, T. J. Countertransference past and present: A review of the concept. *International Journal of Psychoanalysis*, n. 80, pp. 575-594, 1999.
- MANFREDI, S. T. *As certezas perdidas da psicanálise clínica*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- OGDEN, T. H. *Projective identification and psychotherapeutic technique*. London: Karnac, 1992.
- PESSOA, F. *Poesias*. 15. ed. Lisboa: Ática, 1942.
- RACKER, H. *Estudos sobre técnica psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- ZIMERMAN, D. *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica*. São Paulo: Artmed, 1999.

Recebido em: 20/05/2020

Aprovado em: 10/06/2020

Sobre a autora

Cristina Nunes

Licenciada em psicologia pela Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Especialista em psicoterapia do casal e aconselhamento familiar. Especialista em psicoterapia psicodinâmica pela Sociedade Portuguesa de Psicologia Clínica (SPPC). Especialista em psicanálise pela Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP). Psicanalista, membro didata, formadora e supervisora da Associação Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica (AP), fazendo parte dos órgãos diretivos desde a sua fundação, exercendo atualmente a função de Presidente. Presidente do Comitê Organizador do XXI INTERNATIONAL FORUM OF PSYCHOANALYSIS – PSYCHOANALYTIC ENCOUNTER: CONFLICT AND CHANGE. Lisboa 5-8 fev. 2020.

Endereço para correspondência

E-mail: cristinanunes@psicris.pt

Psicanálise e narcisismo: supervisões coletivas em clínica social psicanalítica¹

Psychoanalysis and narcissism: collective supervisions in a psychoanalytic social clinic

Anchyses Jobim Lopes

Resumo

Origem do CBP e do CBP-RJ. Surgimento em 2000 da Articulação como movimento contrário a regulamentações espúrias da psicanálise. Concordância dos participantes da Articulação sobre pontos comuns entre sociedades com diferentes leituras freudianas: tripé análise pessoal/curso teórico/supervisão, transmissão artesanal e laica. Obliteração e redescoberta das clínicas sociais de psicanálise dos anos vinte. Tripé na formação do CBP-RJ. A criação da clínica social do CBP-RJ, o Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP) e o Núcleo de Estudos Psicanalíticos da Infância e Adolescência (NEPsi). Exclusividade dos candidatos para atendimento dos pacientes da clínica social. Supervisão como análise quarta. Dinâmica das supervisões em grupo no CAP. Narcisismo do supervisor e dos candidatos mais tolhidos pela supervisão grupal. Características da demanda de pacientes. Clínicas da migração e da violência. Tolhimento do narcisismo diante dessas clínicas. Apresentação em Fórum da IFPS de trabalho e de caso clínico.

Palavras-chave: Tripé, Laicidade, Clínica social, Análise quarta, Supervisão coletiva, Narcisismo, Feridas narcísicas.

*Pode-se prever que
em algum momento
a consciência da sociedade despertará,
advertindo-a de que o pobre
tem tanto direito a auxílio psíquico
quanto hoje em dia já tem a cirurgias vitais.*
SIGMUND FREUD, 1918.

Início: o CBP e o movimento articulação das entidades psicanalíticas brasileiras

O Círculo Brasileiro de Psicanálise foi fundado em 1956, a partir do Círculo de Viena, criado em 1947, uma das sociedades fundadoras do IFPS. Atualmente, há seis círculos filiados a ele em todo o País. O Círculo Bra-

sileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro (CBP-RJ) – tema do presente artigo – foi criado em 1981, resultante de uma divisão do primeiro círculo na cidade do Rio de Janeiro, fundado em 1969.

No ano 2000, várias sociedades psicanalíticas brasileiras foram apresentadas ao

1. Trabalho apresentado no XXI INTERNATIONAL FORUM OF PSYCHOANALYSIS, PSYCHOANALYTIC ENCOUNTER - CONFLICT AND CHANGE - ISCTE, Instituto Universitário de Lisboa. Lisboa, 5-8 fev. 2020.

material sobre instituições que se diziam psicanalíticas e reconheceram a necessidade de se unirem contra a ameaça dos mecanismos regulatórios espúrios à prática psicanalítica. Mecanismos que estavam sendo propostos no Congresso Nacional. Essas tentativas vinham de partidos políticos ligados a grupos religiosos. Assim, no ano 2000, foi criado o Movimento de Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras. Atualmente reúne mais de 20 instituições psicanalíticas de todos os tipos, desde a IPA a sociedades lacanianas que excluem qualquer outra leitura da obra freudiana.

A Articulação não é uma entidade formal, mas um movimento em defesa do secularismo e da liberdade contra uma regulamentação governamental. E mantém seu *status* de não oficial para evitar se tornar, ela mesma, uma instituição suprema que regule toda a psicanálise no Brasil. Não possui registro em cartório, não tem conta em banco nem uma sede. Existe enquanto se reúne e, muitas vezes, dessas reuniões surgem ações políticas.

Além de seu trabalho ininterrupto nos últimos 20 anos, várias vezes diretamente no legislativo federal, e das diferentes leituras da obra freudiana, a Articulação chegou a alguns consensos sobre as premissas básicas para a transmissão da psicanálise. Um deles é o tripé indissolúvel – análise pessoal / teoria / prática clínica. Tripé que se consolidou nos anos vinte do século passado com a criação na Europa de clínicas públicas de psicanálise. Outro consenso é que a formação psicanalítica é artesanal. No sentido de que as sociedades psicanalíticas são pequenas instituições, nas quais o conhecimento teórico e a técnica terapêutica são transmitidos por meio de seminários, debates e colaboração por pares. E são esses pares os donos das sociedades psicanalíticas. E, independentemente da linha teórica, a transmissão da psicanálise desse artesanato leva de quatro a seis anos para completar seus requisitos mínimos.

Assim, as duas diretrizes básicas que Freud deixou são reafirmadas. Em primeiro

lugar, a obrigação do candidato a psicanalista passar por um longo período de análise pessoal. É o requisito mais difícil de cumprir. Já escrevera Freud sobre os admiradores da psicanálise nas *Conferências introdutórias a psicanálise – terceira parte (teoria geral das neuroses)*, naquela designada *Resistência e recalque*: “Todo mundo está rapidamente disposto a tornar-se adepto da psicanálise – com a condição de que a análise pessoalmente o poupe” (FREUD, [1917] 1978, p. 289, TRADUÇÃO DO AUTOR).

A segunda diretriz de Freud foi escrita em uma carta para seu grande amigo Oskar Pfister:

Eu não sei se você notou a ligação secreta entre “Análise leiga” e “Ilusão”. No primeiro eu queria proteger a análise dos médicos e no segundo dos sacerdotes [...] uma profissão que ainda não existe, a profissão de curandeiros leigos, que não precisam ser médicos e não devem ser padres (FREUD; PFISTER, 1963, p. 126).

Além do tripé, outros consensos foram obtidos ou redescobertos durante os primeiros anos da Articulação: o que é a psicanálise não se define por uma frase ou por um chavão jurídico e sua transmissão é artesanal e laica.

Breve histórico de algumas clínicas sociais

No V Congresso Psicanalítico Internacional, realizado em Budapest em setembro de 1918, pouco mais de mês antes do término da Primeira Guerra Mundial, Freud leu o artigo *Caminhos da terapia psicanalítica*, publicado um ano mais tarde (FREUD, [1918] 2010), onde afirmou que:

[...] o pobre tem tanto direito a auxílio psíquico quanto hoje em dia já tem a cirurgias vitais. E que as neuroses não afetam menos a saúde do povo do que a tuberculose [...]. Esses tratamentos serão gratuitos. Talvez demore muito até que o Estado sinta como urgentes

esses deveres. As circunstâncias presentes podem adiar mais ainda esse momento. Talvez a beneficência privada venha a criar institutos assim; mas um dia isso terá de ocorrer (FREUD, [1919] 2010), p. 217).

O breve, mas potente comunicado de Freud serviu de lema para a criação de várias clínicas públicas de psicanálise, das quais as mais conhecidas foram as de Berlin (1920), Viena (1922), Londres (1926) e Budapeste (1931). A partir de sua criação, estruturou-se o tripé: sociedade psicanalítica (membros efetivos), instituto (candidatos-teoria) e clínica (efetivos e candidatos-prática) (DANTO, 2019).

A destruição das instituições e das clínicas psicanalíticas na Alemanha, na Áustria e na Hungria pelo nazismo e fascismo, bem como o exílio de Freud em Londres, deixaram nas mãos de Ernest Jones o destino da IPA. Na qualidade de primeiro grande biógrafo de Freud, Jones também ficou conhecido por suas tendências políticas conservadoras e pouco liberais quanto à sexualidade. Foram apagadas a lembrança de um Freud associado ao partido Social Democrata em Viena e a criação de clínicas sociais. E cristalizou-se situação contra a qual Freud se rebelara no comunicado de 1918:

Na abundância de miséria neurótica que há no mundo, e que talvez não precise haver, o que logramos abolir é qualitativamente insignificante. Além disso, as condições de nossa existência nos limitam às camadas superiores da sociedade, que escolhem à vontade seus próprios médicos, e nessa escolha são afastadas da psicanálise por todo gênero de preconceitos. Para as amplas camadas populares, que tanto sofrem com as neuroses, nada podemos fazer atualmente (FREUD, [1919] 2010), p. 217).

Os debates da Articulação ajudaram muitos a refletir sobre como a psicanálise no Brasil se transformara em um discurso elitis-

ta e acadêmico, frequentemente desprovido de uma prática clínica sólida e inalcançável aos economicamente menos favorecidos.

Ocorreram algumas notáveis tentativas no sentido oposto, como a primeira clínica psicanalítica social no Rio de Janeiro em 1973, a Clínica Social de Psicanálise por Anna Kattrin Kemper, uma das fundadoras dos círculos cariocas, embora fosse instituição independente destes. Kemper faleceu em 1978 e seu continuador foi Hélio Pellegrino. Na gestão de Pellegrino, num dos simpósios promovidos na PUC-Rio pela Clínica Social de Psicanálise em fins de 1980, novamente vem à tona o caso Amílcar Lobo, médico-assistente de torturas durante a ditadura que realizava formação psicanalítica em sociedade filiada a IPA. O que desencadeia uma grande crise na psicanálise do Rio de Janeiro. Apesar da renovação do meio psicanalítico trazida por este episódio, a Clínica Social não teria atingido seu propósito original.

Em realidade o atendimento que se faz a populações marginalizadas é ínfimo e a grande demanda de sua clientela provém de estudantes e intelectuais da Zona Sul do Rio de Janeiro (COIMBRA, 1995, p.112).

Após o falecimento de Pellegrino em 1988 - talvez antes - a Clínica Social foi definhando, até acabar em 1991. Ao final do século XX e início do XXI, era fácil constatar que a principal prática e ensino dos psicanalistas continuava privilegiando clientes das classes média e alta. As tentativas por grupos religiosos de se apossarem do nome da psicanálise por meio de uma regulamentação, escancarava o enorme vazio não ocupado pelos psicanalistas 'sérios' e preocupava muitos dos participantes da Articulação.

O CBP-RJ

Apesar de atualizações e modificações menores desde que o CBP-RJ foi criado, seu modelo de formação psicanalítica inclui: 23 seminários teóricos, a apresentação de um

trabalho no final de cada semestre discutindo pelo menos um dos temas que foram introduzidos no período, e dois conjuntos de 50 sessões de supervisão individual com dois supervisores diferentes em seus consultórios particulares, complementados por atividades extracurriculares como cursos curtos, grupos de trabalho, atendimento a conferências, etc. Devo salientar que, desde o início do nosso círculo, geralmente se leva de 4 a 6 anos para completar a formação.

Um ano após a fundação do CBP-RJ surgiu sua clínica social: o Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP). No entanto, para aumentar a prática clínica na formação dos candidatos, e suprir a crescente demanda da clínica social, o círculo adicionou outra exigência em 2005: sessões quinzenais de supervisão coletivas do CAP, que em alguns anos tornaram-se duas supervisões semanais para pacientes adultos, e mais uma para crianças e adolescentes. Mudanças de base que foram realizadas pela coordenadora do CAP, Maria Leda Jucá Sobreira de Sampaio.

Anos depois surgiu uma terceira supervisão grupal, com a criação do Núcleo de Estudos Psicanalíticos da Infância e Adolescência (NEPsi), por iniciativa de Anna Lucia Leão López, para atendimento de crianças e adolescentes. A partir de 2005 as consultas de encaminhamento preliminar – triagens – e muitos dos atendimentos durante os primeiros cinco anos seguintes, passaram a ser realizados na sede do CBP-RJ. Além das duas supervisões individuais obrigatórias, foram acrescentadas duas a três supervisões coletivas, sem estender o tempo da formação, que geral oscila entre 4 e 6 anos, o tempo total de supervisão dobrou para mais de 200 horas.

Apesar de a maior parte da procura ainda ser de pessoas de classe média, o número de clientes de baixa renda aumentou bastante. O resultado foi o aumento exponencial da demanda de pacientes. Desde 2005, foram realizadas mais de 1.200 consultas de encaminhamento preliminar. A expansão do trabalho clínico levou a reflexões teóricas

relevantes, que foram apresentadas em um extenso artigo publicado em 2015 (LOPES, 2015). Resumiremos algumas delas.

Supervisão e análise quarta

Os grupos surgiram a partir da boa lembrança desse modo de supervisão no internato e na residência médica, realizadas no Instituto de Psiquiatria da UFRJ. À época, muitos dos supervisores eram também psicanalistas, e os supervisionandos, de origem multidisciplinar.

Essas reflexões também evocaram nossa primeira experiência de supervisão, também grupal, para clínica particular. Ministrada por uma psicanalista da I.P.A. que alertou que a supervisão na psicanálise não é como na medicina. Na verdade, é uma análise de ego. Não posso deixar de discordar parcialmente. A supervisão não é apenas uma análise do ego, mas, na verdade, é uma forma de análise.

É por isso que Valabrega (*apud* STEIN, 1992) usa a expressão “quarta análise”. A primeira análise é a entre paciente e candidato; a segunda é a do candidato com seu analista; e a terceira, o deste analista em sua própria análise pessoal. A supervisão constitui a quarta análise. Com todas as quatro análises derramando transferência e resistência, amor e ódio. As sobras da própria análise do candidato configuram que a rede cria o desejo de outras análises que, transbordando, resultam na formação psicanalítica. E essas quatro análises são as criadoras do desejo – sobras, restos inanalizáveis – que movem a prática clínica necessária à conclusão do treinamento psicanalítico. Além disso, é a razão de ser de uma sociedade psicanalítica, enquanto necessária para a transmissão da psicanálise.

No entanto, a supervisão do grupo, como grupo como todos os outros, também invoca que todos os fenômenos grupais descritos por Freud, do *Totem e tabu* a *Moisés e o monoteísmo*. A quarta análise nunca é completamente desimpedida da situação institucional

porque o supervisor (membro da sociedade) nunca se desvinculou do papel de uma figura paterna, incorporando a lei. Por mais liberal e supostamente mantido apenas pelo desejo de análise, trata-se de discurso oficial da instituição, na verdade ela sempre atua um terceiro na relação entre o supervisor (analista) e o candidato supervisionado (paciente).

Stein (1992) fala da função de supervisão do supervisor – ainda com visível desconforto e uma dose de crítica. Inevitavelmente, o supervisor tem poder sobre o candidato. A supervisão institucional sempre tem alguns remanescentes dos antigos problemas da I.P.A. E o mais famoso é o da análise didática, necessária para todo candidato a analista, mas jamais explicada por Freud de que seria composto esse “didática”. Porque em realidade nada mais deveria ser do que uma análise como qualquer outra. As análises didáticas ou de controle são muito criticadas. Era o analista quem tinha o poder de decidir quando o candidato poderia participar de seminários e quando ele era capaz de ter seus próprios pacientes. Relatórios obtidos na análise do candidato podiam ser levados a um comitê, que tinha o poder de desligá-lo da formação. A ameaça de poder concretamente incorporada pelo analista didático evidentemente inibia sua livre associação. O analista didático faz o candidato perder a liberdade de discordar e conscientemente suprimir suas opiniões. Um eu mais saudável se defende com repressão inconsciente, mas um eu mais cindido ou perverso com a criação ou o crescimento de um falso *self*.

Os mesmos problemas da antiga análise didática se repetem na relação de supervisor de candidatos, E sendo uma quarta análise, podem ser amplificados na supervisão do grupo. Opiniões e interpretações do supervisor e de outros colegas candidatos do grupo podem ser vividos como perseguidoras e competitivas. Uma luta pelo amor e a eleição como primogênito pelo pai primevo, ou de desafio a ele. Mais ainda: em uma clínica social, onde o bem-estar do paciente deve

estar acima da necessidade de formação do candidato. Em casos extremos, o candidato pode até ser solicitado a passar mais tempo em sua análise pessoal antes de atender mais pacientes. Assim como nas antigas análises didáticas, o supervisor realmente possui poder sobre o candidato.

Em nossa sociedade, cada supervisão de grupo dura cerca de 90 minutos, duas vezes mais do que as sessões individuais de supervisão. O que torna mais fácil – e perigoso – para o supervisor narcisisticamente colocar-se no papel de um professor acadêmico. Uma armadilha perigosa evocada pelo mesmo sujeito suposto saber, agora de conhecimento do supervisor em relação a qualquer paciente do candidato. E por masoquismo e medo do supervisor, que tem poder de fato sobre ele, o candidato psicanalítico pode se entregar a essa submissão.

As supervisões em grupo, por outro lado, podem cortar grande parte desse narcisismo tanto do supervisor quanto do candidato. Permitir que colegas do grupo ofereçam informações sobre o caso clínico também reduz consideravelmente o tempo de fala do supervisor. O que parece fácil para um trabalho onde a tarefa principal é ouvir. Exceto pelo fato de que a cadeira do analista na sala de consultório é um assento muito bom para ir de suposto saber ao papel daquele que acha que ele realmente possui o saber da verdade e o que é melhor para o outro.

Na supervisão de grupo, a fala deve ser compartilhada. O pai totêmico tem que oferecer a maior parte de seu poder – a fala – para os filhos da horda, sofrer feridas narcísicas e castração. Assim como para desempenhar um papel feminino na distribuição do tempo de fala, o mais uniforme possível entre seus filhos, os irmãos candidatos. Como também, à medida que as contribuições dos candidatos fluem, para se entregar à atenção flutuante. O grupo está livremente associando. Cabe ao supervisor, a partir do material em si evocado, apenas traçar os vínculos.

É frequente que a indicação do Círculo

para encaminhamento de novos pacientes seja feita por outros pacientes ou ex-pacientes. Muitas vezes por cônjuges, namorados, pais, filhos, amigos próximos. Por razões éticas e para evitar interferências entre os casos clínicos, quando ambos os terapeutas estão presentes no mesmo grupo, é comum o terapeuta cujo caso não esteja em discussão se retire da sala durante a apresentação e a discussão do caso.

Um número variável, mas significativo de candidatos participa rotineiramente de mais de uma das supervisões do grupo. Aparentemente, pelo mesmo princípio da não contaminação, durante os primeiros anos da prática da supervisão do grupo, era também norma que cada caso deveria ser restrito a um dos supervisores de grupo ou a um dos supervisores individuais. Essa regra acabou sendo quebrada por alguns dos candidatos. Por motivos práticos, não era possível saber quais casos eram apresentados em quais supervisões de grupo, nem saber se aqueles levados às individuais, estavam sendo apresentados nos grupos. Vários casos começaram a ser apresentados em ambas as supervisões de grupo para pacientes adultos.

Finalmente, um candidato, logo após a discussão de um caso com o supervisor individual em seu consultório, levou o caso ao debate de supervisão do grupo com o mesmo supervisor, sem ter discutido antes com o supervisor que faria isso. As conclusões do grupo foram bem diferentes das da supervisão individual.

Eventualmente, concluímos que a apresentação do mesmo caso em diferentes supervisões não implicava a regras de confidencialidade e não contaminação. Era também outra das questões do narcisismo do supervisor. Na verdade, tratava-se apenas de uma defesa para garantir que aos candidatos não fossem mostradas as diferenças entre supervisores ou as contradições do próprio supervisor.

Até agora falamos de narcisismo quase na forma como é usado no senso comum:

vaidade. Podemos refletir sobre um sentido psicanalítico mais profundo. Uma unidade investida apenas na identidade ou nos objetos internos, incapazes de alcançar os externos. Em toda relação amorosa há investimento do objeto e investimento narcísico. Freud ressalta que o amor de transferência é amor como qualquer outro. No entanto, para que uma relação amorosa dure, um equilíbrio deve ser atingido entre narcisismo e objeto. Se a supervisão for uma quarta análise, a libido do objeto é necessária para a verdadeira escuta, associação livre e atenção flutuante. Ainda mais para ouvir várias pessoas em grupo. Que nem o adulto que ao mesmo tempo brinca com várias crianças.

A partir das discussões sobre a possibilidade de a análise do grupo ser a verdadeira análise, surge a questão de como seria a transferência de grupo e a contratransferência do supervisor. Mencionamos os trabalhos de Freud em grupos, onde ele descobriu que os grupos criam fenômenos além da psicologia individual. Os irmãos da horda primeva podem se unir para derrubar e devorar o pai. Pais candidatos à totem podem retaliar, ou até mais cedo passarem à violência, por suas supostas feridas narcísicas, para tentar castrar seus filhos. O jogo cessou e deu lugar à atuação.

Klein nos mostrou que, quando uma criança na terapia não pode brincar ou para de brincar, é por causa da ansiedade. Uma das muitas razões pelas quais a análise pessoal é o item mais importante em um treinamento. Para candidatos e supervisores.

A clínica pública do CBP-RJ

O CAP exige pagamento pelos pacientes. Por esse motivo, o próprio Círculo é registrado como instituição sem fins lucrativos, não como filantrópica. A maioria dos pacientes que buscam o CAP é constituída por pessoas de classe média ou média baixa. Com frequência não poderiam pagar os honorários usuais em consultório particular e há tam-

bém um número razoável de pessoas com renda abaixo do que se convencionou rotular como classe média. A coordenação do CAP estipula um mínimo e um máximo que pode ser cobrado. Para além do limite superior, há de ter concordância da coordenação.

Ao longo dos últimos quinze anos, tivemos vários relatos e contatos muitas das clínicas de sociedades psicanalíticas do Rio de Janeiro. Tanto quanto saibamos, o CAP é a única em que os pacientes são direcionados exclusivamente para os candidatos. Salvo alguns pacientes considerado casos com riscos para iniciantes. Por exemplo, o relato de tentativas sérias de suicídio. Ou triagens em que há relato do desejo de fazer formação psicanalítica. Mas são exceções que ao longo de um ano podem ser contadas em menos dedos que os de uma única mão.

Ao longo dos anos tornaram-se frequentes nas triagens e supervisões os relatos de migração interna, usualmente do Nordeste do Brasil para o Rio de Janeiro. Muitas vezes pelo(a) próprio(a) paciente. Outras vezes de serem os filhos de migrantes. Nesse caso associado com a ascensão em termos de educação e ideais de vida. Nessas histórias sempre se notam estressores. São frequentes relatos como o luto incompleto do lugar de origem, a dificuldade em aceitar que terem sido bem-sucedidos economicamente resultou na dificuldade em elos comuns com os filhos, e desses filhos (quando pacientes) na culpa inconsciente por terem triunfado sobre os pais.

Outra série de relatos frequentes é sobre violência. Seja contra crianças, seja associada ou não com abuso sexual infantil. Ou mais genérica: consequências em todas as idades da criminalidade e violência urbanas. Uma escuta dos candidatos muitas vezes facilitada por ações sociais que ultrapassam os muros da sociedade psicanalítica.

A escrita e a apresentação destes temas, resultou na outorga duas vezes do prêmio Benedetti Conci para candidatos de sociedades filiadas IFPS. Primeiro para a can-

didata Fernanda Ribeiro de Freitas no XIX Fórum Internacional de Psicanálise - *Violência, terror e terrorismo hoje: perspectivas psicanalíticas*, ocorrido em Nova Iorque, entre 12 e 15 de maio de 2016, pelo trabalho: *Consequências traumáticas da violência em crianças e adolescentes de favelas do Rio de Janeiro: alguma diferença de atos terroristas em outras partes do mundo?* (FREITAS, 2016).

E a segunda vez, a outorga do prêmio para o candidato Michell Alves de Mello, durante o XX Fórum Internacional de Psicanálise - *Novas faces do medo, transformações em curso em nossa sociedade e na prática psicanalítica*, realizado em Florença, de 17 a 20 de outubro de 2018, com o trabalho: *A mulher dos bolos: reflexões clínicas sobre psicopatologia e migração*.

Conclusão

Além da dinâmica de um grupo e da posição do supervisor nesse grupo, o narcisismo deve ser levado em conta em uma clínica social também na disparidade socioeconômica entre terapeutas e pacientes. A superioridade monetária do candidato pode descambar para ambos os extremos: triunfar maniacamente por se sentir acima do paciente ou por sentimento de culpa de tolher a necessária posição de neutralidade e manutenção de um eu observador. Deve ser lembrado que em 1924 Freud reservou o termo neurose narcísica para a melancolia (FREUD, 1924, p. 169-170).

Sem jamais questionar a importância de sua obra, ao incentivar a criação de clínicas sociais e o direito da psicanálise de ser benéfica a pessoas economicamente menos favorecidas, Freud estava aplicando a seus discípulos e a si mesmo o fato de que, assim como a mudança da visão de mundo de Copérnico e a revolução sobre a origem e parentesco de todos seres vivos realizada por Darwin, a psicanálise constitui a terceira ferida narcísica infligida ao narcisismo primário, à vaidade humana.

Abstract

Origin of CBP and CBP-RJ. Emergence in 2000 of Articulation as a movement contrary to spurious regulations of psychoanalysis. Concordance of Articulation participants on common points between societies with different Freudian readings: tripod personal analysis / theoretical course / supervision, craftsmanship and laicity. Obliteration and rediscovery of social psychoanalysis clinics of the twenties. Tripod and training at CBP-RJ. The creation of the CBP-RJ social clinic, the Psychoanalytic Service Center (CAP) and the Child and Adolescent Psychoanalytical Studies Center (NEPsi). Exclusivity of candidates for the care of social clinic patients. Supervision as fourth analysis. Dynamics of group supervision at CAP. Narcissism of supervisors and candidates best reduced by group supervisions. Characteristics of patient demand. Migration and violence clinics. Shrinking narcissism in front of these clinics. Presentation in IFPS forums of work and social case.

Keywords: Tripod, Secularism, Social clinic, Fourth analysis, Collective supervision, Narcissism, Wounds to the primary narcissism

Referências

COIMBRA, C. M. B. *Guardiães da ordem: uma viagem pelas práticas psi no Brasil do “milagre”*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1995.

DANTO, E. A. *As clínicas públicas de Freud - psicanálise e justiça social 1918-1938*. Tradução Margarida Goldstejn. São Paulo: Perspectiva, 2019.

FREITAS, F. R. Consequências traumáticas da violência em crianças e adolescentes de favelas do Rio de Janeiro: alguma diferença atos terroristas em outras partes do mundo? *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 45, p. 55-64, jul. 2016. Publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise.

FREUD, S. Neurose e psicose (1924 [1923]). In: _____. *O ego e o id e outros trabalhos* (1923-1925). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 163-171. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

FREUD, S. Caminhos da terapia psicanalítica (1918). In: _____. *História de uma neurose infantil* (“O homem dos lobos”), *Além do princípio do prazer e outros textos* (1917-1920). Tradução: Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 209-219. (Obras completas, 14).

FREUD, S. Introductory lectures on psycho-analysis (1917 [1916-1917]). In: *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, v. XVI. London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis, 1978.

FREUD, S.; PFISTER, O. *Psicanálise e fé: as cartas de Sigmund Freud & Oscar Pfister*. Londres: A Hogarth Press e o Instituto de Psicanálise, 1963.

LOPES, A. J. Sobre o Centro de Atendimento Psicanalítico do CBP-RJ - clínica social, formação e supervisão em psicanálise. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 43, p. 15-34, jul. 2015. Publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise.

MENDES, E. R. P. Sobre a supervisão. *Reverso*, Belo Horizonte, n. 34, p. 49-55, dez. 2012. Publicação semestral do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais.

STEIN, C. Em que lugar, em que enquadre, para que fins falar de seus pacientes. In: STEIN, C. *et al. A supervisão em psicanálise*. 1. ed. São Paulo: Escuta, 1992. p. 15-35.

STEIN, C. *O psicanalista e seu ofício*. São Paulo: Escuta, 1988.

VALABREGA, J.-P. A análise quarta. In: STEIN, C. *et al. A supervisão em psicanálise*, 1. ed. São Paulo: Escuta, 1992. p. 41-53.

Recebido em: 30/04/2020

Aprovado em: 20/05/2020

Sobre o autor

Anchyses Jobim Lopes

Médico e bacharel em filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em medicina (psiquiatria) e em filosofia pela UFRJ. Doutor em filosofia pela UFRJ. Psicanalista e membro efetivo do Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro (CBP-RJ). Professor do curso de formação psicanalítica do Centro de Estudos Antonio Franco Ribeiro da Silva do CBP-RJ. Supervisor clínico do Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP) do CBP-RJ. Coordenador do Grupo de Trabalho Sobre Neo e Transexualidades (GTNTrans) do CBP-RJ. Ex-professor assistente do quadro principal do Departamento de Psicologia da PUC-RJ. Ex-professor adjunto da Faculdade de Educação da UCP. Professor titular III dos cursos de graduação em psicologia e de especialização em teoria e clínica psicanalítica da UNESA. Um dos editores da revista Estudos de Psicanálise, publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP). Presidente do CBP-RJ 2000-2004, 2008-2012 e 2014-2018. Presidente do CBP 2004-2006 e 2017-2021. Delegado do CBP para a *International Federation of Psychoanalytic Societies* (IFPS). Um dos editores regionais para a América do Sul da revista *International Forum of Psychoanalysis* (IFP).

Endereço para contato

E-mail: anchyses@terra.com.br

O encobrimento da Cobra Norato: do indizível à Bejahung primitiva e à negativa freudiana¹

*The concealment of Norato Snake:
from the unspeakable to the primitive bejahung
and the Freudian negative*

Audrey Gonçalves de Castro

Resumo

Trata o presente estudo do caso clínico de Maria, que procurou tratamento a partir de sintomas de gravidez. Nas entrevistas preliminares, fez relatos da comunidade de onde vinha, próxima ao Rio Xingu. Trouxe a lenda da Cobra Norato, um sonho e uma cena traumática de sua infância. A partir de palavras que negavam seus sentimentos em relação a seu pai, o estudo faz referência ao texto *A negativa*, de Freud. Trabalha-se, nesse mesmo contexto, as palavras *Bejahung*, como simbolização primitiva, e *Verneinung*, como negação, constitutiva do sujeito, abordadas posteriormente por Lacan. O recalque primário é tratado como uma fixação de gozo, através de escritas, no corpo do bebê. O recalque secundário e o retorno do recalcado também são elucidados no texto, na condição do direito e do avesso de uma mesma coisa, conforme a teoria lacaniana. Pontua-se, para concluir o trabalho, que há um núcleo real do inconsciente, não recalcado, onde não há significação, em que os significantes (S_1 s) não estão encadeados, bem como que o significante S_2 , que aparece posteriormente, é que faz com que o S_1 exista, a partir de sua retroação.

Palavras-chave: Negativa, *Bejahung*, *Verneinung*, *Pragung*, Significante, Fixação, Inconsciente, Real, Recalque.

Introdução

Maria chegou para sua primeira entrevista preliminar com o seguinte tema central: sintomas sucessivos no corpo, sugestivos de gravidez, sem, no entanto, ter relações sexuais. Ela se sentia deprimida, atormentada. Naquele mês, desenvolveu mastite (inflamação dos seios). No mês anterior, não menstruou. Queixou-se de náuseas e abdômen estufado por meses seguidos.

Relatou ter tido contatos íntimos com meninos que conhecia nas festas de sua comunidade, há muitos anos. Porém, nunca chegou ao ato sexual em si, com nenhum homem, inclusive, na capital mineira, onde morava há seis anos.

Maria disse:

Eu adoro dançar e geralmente escolho meus acompanhantes na pista de dança. Às vezes

1. Trabalho apresentado no XXI INTERNATIONAL FORUM OF PSYCHOANALYSIS, PSYCHOANALYTIC ENCOUNTER - CONFLICT AND CHANGE - ISCTE, Instituto Universitário de Lisboa. Lisboa, 5-8 fev. 2020.

tenho mais intimidade com alguns, mas não tenho relações sexuais com eles. Não entendo o que vem acontecendo com meu corpo e estou preocupada.

Intervim: “Do que você tem medo?”

E Maria respondeu: “Tenho medo de engravidar. Penso nisso o tempo todo.”

Na entrevista subsequente, relatou que, desde os dezessete anos, residia com uma tia em Belo Horizonte. Até então, ela havia morado às margens do rio Xingu, no Estado do Pará. Acabava de se formar em Direito e tinha a intenção de se mudar para Portugal. Por isso, estava providenciando os documentos necessários para acompanhar seu irmão, que havia acabado de conseguir um emprego em Lisboa.

Durante os próximos dois meses de entrevistas semanais, ela se lembrou de uma série de hábitos e rituais de sua comunidade, dos quais ela fazia parte. Sempre descrevia seu pai como um caboclo ribeirinho temente a Deus, um pescador, que criou sua família com muita simplicidade.

Maria trouxe um sonho: “Eu seguia a luz de um velho lampião, que me conduziu a uma cobra gorda”. Disse que a cobra se arrastou em sua direção e ela correu, apavorada.

Intervim: “A cobra era gorda?”

Ela respondeu: “Acho que ela estava grávida, barriguda...”

E continuou: “Tinham muitas cobras onde eu nasci”.

Relatou que, às vezes, elas entravam nas casas. Seu pai não tinha medo de cobras, disse, e ela era como ele, “destemida”. E continuou: “Também não tenho medo do meu pai. E não me importo se ele tiver deixado de gostar de mim depois que vim morar com minha tia.”

Finalizei a sessão.

A negativa (*Verneinung*)

No texto *A negativa*, Freud ([1925] 2011, p. 276) apresenta o conhecido diálogo em que o paciente diz a respeito de um sonho:

“Você pergunta quem pode ser esta pessoa no sonho... minha mãe não é”. Esse “não”, diz Freud, pode ser desprezado, pois é exatamente da mãe que se trata.

Nessa linha de raciocínio, o que, à primeira vista, parece se referir a duas “negativas” na fala de Maria, são, de fato, duas afirmações. Corrigindo-se, então, teríamos os seguintes dizeres: tenho medo de meu pai e me importo se ele tiver deixado de gostar de mim.

Trata-se da *Verneinung*, um operador típico da neurose.

Freud ([1925] 2011, p. 277) escreveu:

A negação é uma forma de tomar conhecimento do que foi reprimido, é um levantamento da repressão (do recalque), mas não, certamente, uma aceitação do reprimido.

Para Freud, o juízo negativo é o substituto intelectual do recalque, e é assim que a negação marca a sua operação, e também a do seu correlato, o retorno do recalcado.

Com outras palavras, posteriormente, no seminário *As psicoses*, Lacan ([1955-1956] 2010, p. 21-22) vai explicar que

[...] o que cai sob o golpe do recalque retorna, pois o recalque e o retorno do recalcado são apenas o direito e o avesso de uma mesma coisa. O recalcado está sempre aí, e ele se exprime de maneira perfeitamente articulada nos sintomas e numa multidão de outros fenômenos.

Na entrevista subsequente, Maria trouxe uma história da mitologia brasileira, que escutou à beira do rio, durante toda a infância. Sentou-se e logo indagou se eu conhecia a referida história: a lenda da Cobra Norato. Pedi que falasse sobre o que sabia dessa lenda. Então, contou Maria o que diz a lenda.

A Cobra Norato

Uma mulher deu à luz duas cobras. Uma delas era o Norato, uma criatura muito amigá-

vel, porém, em uma forma de cobra monstruosa. A irmã de Norato era má e fazia atrocidades com as pessoas da aldeia. Então, ele acabou matando-a, para evitar o mal. Sob a luz da lua, Norato era capaz de deixar sua forma de cobra e se transformar em um humano, deixando sua enorme carcaça para trás, perto do rio. Naquelas noites, ele virava um homem bonito, vestia um terno branco, e se dirigia às festas à beira do rio, para dançar com as meninas. No final da noite, ao fim do luar, ele precisava voltar ao rio, colocar sua carcaça e ser cobra novamente. Era uma maldição.

Então, Maria se lembrou de uma cena primária. Uma experiência traumática de sua infância. Acordou à noite com gritos e testemunhou o nascimento do filho de sua irmã. Disse que não sabia, à época, que aquele evento era um parto.

Seu pai nunca dirigiu uma palavra sequer à irmã, pois ela havia engravidado de um pescador que passou pela comunidade, que ela conheceu dançando em uma festa. Tal pescador, o pai da criança, foi embora logo ao amanhecer, mal deixando seu nome para trás. Maria fez as contas da idade atual de seu sobrinho e descobriu que ela tinha cerca de dois anos no dia do evento. Houve uma implicação subjetiva logo a seguir, com a seguinte pergunta de Maria: “Por que estou me torturando assim? Parece que estou me amaldiçoando”.

Tudo isso permitiu a localização de significantes mestres na vida de Maria: gravidez, dança, maldição. Além disso, havia duas circunstâncias cruciais nessa história familiar: uma cena traumática de uma criança de dois anos, que viu o nascimento de seu sobrinho, quando ainda não podia dar nenhum significado à cena, e um pai que nunca falou com sua filha mais velha, depois que ela engravidou e teve um filho.

Há eventos no corpo de um bebê, onde os significantes ali inscritos não se comunicam. São letras (S_1s) que não formam uma cadeia, pois ainda não há simbolização. Aí

se encontra o real do inconsciente, onde as “inscrições” ocorrem no corpo de um sujeito a advir.

Essas letras só terão valor no futuro, quando houver uma realização simbólica, tratando-se de um sujeito neurótico.

A *Bejahung*

Lacan ([1955-1956] 2010) diz que, o que define a simbolização primitiva é a chamada *Bejahung*. A *Bejahung* é uma afirmação. Trata-se da entrada no universo simbólico. Ainda no *Seminário 3: As psicoses*, ele ensina que é preciso admitir que, atrás do processo de verbalização, há uma *Bejahung* primordial, uma admissão no sentido simbólico.

Lacan lembra que Freud, inicialmente, explica o recalque primário como uma fixação. Mas a questão é que, no momento da fixação, não há nada sobre esse recalque. Então, como explicar o retorno do recalcado?

Lacan ([1953-1954] 2009, p. 185) responde no *Seminário 1*:

Por mais paradoxal que seja, só há uma maneira de fazer isso: não vem do passado, mas do futuro.

O núcleo real da história de Maria não foi revelado em sua história. Lacan ([1953-1954] 2009, p. 56) esclarece que esse núcleo não é apenas algo que não é revelado, mas também não é formulado: “é literalmente como se não existisse”, diz ele.

E, no entanto, em certo sentido, esse núcleo está em algum lugar. É um centro de atração, que atrai para si todos os recalques posteriores. Esse é o recalque primário. Quando Maria tinha dois anos, uma cena traumática foi vivenciada e recalçada. Tratava-se de um recalque secundário, atraído pelo núcleo do recalque primário.

Seguindo essa linha, para se falar em *Bejahung*, é importante apontar para uma estrutura neurótica, uma vez que, para haver um recalque secundário e a possibilidade de simbolização de uma vivência, é necessário

ter havido um recalque primário, uma inscrição, que ocorreu no organismo do bebê, no campo do real. Foi possível perceber Maria tentando dar um significado a uma cena traumática em sua história de vida, que ela viveu na infância.

Ainda no *Seminário 1*, Lacan ([1953-1954] 2009, p. 22) questiona:

Qual é o valor do que se reconstrói a partir do passado do sujeito?

Ele explica que o fato de o sujeito reviver e lembrar os eventos formativos de sua existência não é em si tão importante.

E diz:

O que conta é o que ele reconstrói a partir dele (LACAN, [1953-1954] 2009, p. 22).

É mais sobre reescrever a história do que lembrá-la.

Quando Maria tentou significar a cena do nascimento de seu sobrinho a partir de uma formação do inconsciente (um sonho), pude ver um sujeito de desejo, que se constituiu se defendendo do núcleo traumático do real, trazendo a mitologia da Cobra Norato como um véu imaginário, protetor desse real.

Nos *Escritos*, em especial na *Resposta ao comentário de Jean Hyppolite*, Lacan diz da *Bejahung*, como aquilo

[...] que Freud enuncia como o processo primário em que o juízo atributivo se enraíza, e que não é outra coisa senão a condição primordial para que, do real, alguma coisa venha se oferecer à revelação do ser... (LACAN, [1954] 1998, p. 389).

Por isso, pude constatar que o trauma, que não havia adquirido nenhum sentido no momento de sua experiência no real, estava ali, como um traço apagado, como diz Lacan, que retroagia na história que Maria contou, no futuro.

É possível afirmar que o recalque primário existia ali, não porque Maria falava dele (uma vez que é impossível falar-se dele, enquanto uma experiência no real), mas pelos seus efeitos, que estavam não apenas nos sintomas dela, mas também na sua tentativa, naquele momento, de significar a cena traumática do nascimento de seu sobrinho.

Nesse evento, o trauma não tinha sentido, ainda, mas a inscrição, o traço desta “escrita” estava lá, no corpo de Maria.

Conclusão

Percebemos que, em um núcleo não recalcado do inconsciente, os significantes, as marcas, que vão reger a singularidade do sujeito, os S_1 s, não estão encadeados. Eles são apenas eventos corporais. Também passamos a compreender que, nesse momento, há uma fixação de gozo, uma “inscrição” desse gozo, no corpo do bebê, que é banhado por uma chuva de significantes (S_1 s). No futuro, com a simbolização, com a formação da cadeia de significantes ($S_1, S_2, S_3, S_n...$), o S_2 retornará sobre o significante S_1 , produzindo um sentido.

É por isso que o sintoma, em si, não tem sentido. Ele não é nada mais, nada menos do que um prazer autoerótico. Somente com a retroação de S_2 sobre S_1 há uma produção de sentido. O sintoma se apresenta, inicialmente, como um traço, que nunca será mais que um traço e sempre será mal compreendido, até que a análise tenha ido longe o suficiente. E então, só então, teremos capturado seu significado.

Essa é a *Pragung* de Lacan. O “fora do sentido”, o “fora da linguagem”. Esse traço “nunca será mais do que aquilo que num dado momento de realização terá sido”, como ele disse (LACAN, ([1953-1954] 2009, p. 186). Depois disso, na neurose, há a entrada de uma afirmação primitiva (*Austossung*) no campo simbólico, que é o campo da *Bejahung*.

Nesse campo, onde foi possível a simbolização do vivenciado por Maria no parto de seu sobrinho (na condição de recalque secundário).

Quanto ao seu sonho, Maria apresentou uma *Verneinung* (negativa), na condição de uma das possibilidades a partir da entrada na *Bejahung*: “não tenho medo do meu pai. E não me importo se ele tiver deixado de gostar de mim”. Maria negou, porque é somente negando que o sujeito se afirma como um ser, deixando a condição de um vivente, de um *fallasser*.

Logo depois, Maria mudou-se para Portugal. Hoje em dia, a bonita índia brasileira está em algum lugar, em Lisboa, provavelmente bailando nas pistas de dança portuguesas. Sua análise não foi longe o suficiente, e a pergunta que restou viva é:

“Maria, ainda tens medo de perder o amor de teu pai?”

Abstract

This study is about Maria's clinical case, who looked for treatment based on pregnancy symptoms. In her preliminary interviews, she made reports of the community she came from, near the Xingu River. She brought the legend of Cobra Norato, a dream and a traumatic scene from her childhood. From a sentence that denies her feelings and fears about her father, it is possible to refer to the text The Negative, by Freud. In the same context, the words Bejahung are used, as a primitive symbolization, and Verneinung, as the constitutive negation of the subject, later worked on by Lacan. Primary repression is approached as a fixation on the child's body. The secondary repression and the return of the repression are also elucidated, in the condition of the right and the reverse of the same thing, according to the Lacanian theory. It is pointed out, to conclude the work, that there is a real, un-repressed nucleus of the unconscious, where the signifiers (S_1 s) are not linked, as well as that the signifier S_2 is what makes S_1 exist, starting from its retroaction.

Keywords: Negative, Bejahung, Verneinung, Pragma, Significant, Fixation, Unconscious, Real, Repression.

Referências

FREUD, S. A negação. In: _____. *O eu e o id, "autobiografia e outros textos (1923-1925)*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 275-282. (*Obras completas*, v. 16).

LACAN, J. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Betty Milan. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. *O seminário, livro 3: As psicoses (1955-1956)*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Aluísio Menezes. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. Resposta ao comentário de Jean Hippolite sobre a “*Verneinung*” de Freud (1954). In: _____. *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 383-401. (Campo Freudiano no Brasil).

Recebido em: 30/04/2020

Aprovado em: 20/05/2020

Sobre a autora

Audrey Gonçalves de Castro

Psicanalista em formação pelo Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG). Mestre e doutora em Direito Internacional Público pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas).

Endereço para correspondência

E-mail: audreydecastro@icloud.com

O processo psicanalítico e a transcendência do *Self*¹

The psychoanalytic Process and the transcending Self

Isabel Mesquita

Resumo

Este artigo pretende uma reflexão sobre alguns aspetos da teoria e prática psicanalítica de modo a que a psicanálise se desenvolva e não desapareça dos circuitos académicos. Assim importa ter em conta uma atualização da linguagem psicanalítica e da sua prática de forma a ter em conta a possibilidade de desenvolvimento de novas potencialidades e a transcendência do *self*. Acentua-se a necessidade de ter em conta aspetos do desenvolvimento e a vida relacional ao longo desse, bem como o modo como o sujeito vai repetindo no sentido de manter o *self* estagnado e ligado a representações que remontam às ligações primeiras.

Palavras-chave: Atualização, Transcendência do *self*, Vida relacional, Desenvolvimento.

Do processo psicanalítico faz parte a mudança. Não é possível continuar a ter uma conceção do mundo interno construído por estruturas que estão encriptadas, seladas e impedidas de se transformar pela experiência (WACHTEL, 2008). O inconsciente não pode ser visto como mantendo-se na sua forma originária sem transformações ao longo do processo de desenvolvimento, como se fosse impenetrável face aos acontecimentos de vida. O mundo inconsciente deve ser visto como compreendendo aspetos não metabolizados, originários de interações entre *self* e figuras significativas do desenvolvimento (SCHARFF, 1992) de onde resultaram potencialidades que não adquiriram uma configuração relacional de expressividade (MESQUITA, 2016).

Pretende-se com este artigo uma reflexão sobre a importância da mudança de visão em psicanálise e uma reflexão sobre aspetos de

mudança no *self* ao longo do processo psicanalítico. Defende-se ao longo do artigo a importância de em psicanálise se ter uma visão do sujeito enquanto ativo, agente de mudança, o qual é influenciado pelo seu meio, mas que também age no sentido de transformar. Uma conceção que não detenha o sujeito como produto apenas do seu mundo pulsional nem somente o resultado do que lhe aconteceu no passado (FREDERIKSON, 2003; 2005), com as primeiras relações, porque o passado não pode ter uma governação impessoal sobre o presente e/ou o futuro. Quer dizer, o sujeito deve ser agente para desenvolver uma adaptação suficientemente transformadora, no sentido de que vai agindo sobre o meio relacional de forma a construir um ajuste equilibrado entre o que necessita e deseja e o que pode colocar em relação. Sempre numa troca interativa de forma a que o *self* se possa ir desenvolvendo conjuntamente

1. Trabalho apresentado no XXI INTERNATIONAL FORUM OF PSYCHOANALYSIS, PSYCHOANALYTIC ENCOUNTER - CONFLICT AND CHANGE - ISCTE, Instituto Universitário de Lisboa. Lisboa, 5-8 fev. 2020.

com o estabelecimento de relações cada vez mais favoráveis ao desenvolvimento próprio (BLATT; BLASS, 1996).

Assim, procuramos apresentar o modo como concebemos o desenvolvimento da vida mental para sugerir uma conduta analítica que promova o desenvolvimento de potencialidades, possibilitando colocar em arena relacional aspectos que ficaram reprimidos ou dissociados. Defendemos que um dos aspectos principais da experiência psicanalítica deverá ser a recaptura progressiva da experiência do *self* que está alienada e, como tal, distante do discurso pessoal e interpessoal, possibilitando ao analisando a descoberta continua de quem é, e do que quer vir a ser, numa possibilidade crescente de diálogo intra e interpessoal.

A vida mental em relação

Concebemos a vida mental, num sentido monádico, diádico e extra diádico, isto é, como resultado da interação entre a dotação genética / biológica/pulsional, disposições afetivas inatas (EKMAN; FRIESEN, 1975; IZARD, 1977; TOMKINS, 1962), inicialmente geradoras de estados pré-subjetivos (BENJAMIN, 1999) e, em interação com um meio facilitador do desenvolvimento das potencialidades do *self*; mas tendo também em consideração o espaço transicional (WINNICOTT, 1965, 1971; SUMMERS, 1999, 2012) como experiência transformadora (no sentido de BOLLAS, 1989) – ou seja o modo como cada um vai aproveitando o que lhe é oferecido para se poder transformar. Importa ter em conta a capacidade de cada um para o brincar (WINNICOTT, 1945;1965;1971) criativo, o criar e transformar.

Desde o início, representações do *self* e das interações eu-outro se vão formando numa dialética interativa entrando em cena temperamentos, afetos inatos, respostas mais ou menos sintónicas, ajustadas, que possibilitam a integração de novas perspectivas conduzindo ao desenvolver progressivo da auto e hetero regulação (BEEBE; JAFEE;

LACHMANN; 1992; 2002). Estas interações, como tão bem têm estudado Beebe, Jafee & Lachmann (1992, 2002) e Tronik (1989), vão sendo ativamente categorizadas e generalizadas, possibilitando a criação de estruturas internas, designadas por alguns de esquemas emocionais.

Continuamos a preferir a designação de modelo interno de relação (MITCHELL, 1988) ou mesmo de relação de objeto, contudo, ao longo do desenvolvimento supõem-se que a relação deixe de ser com o objeto e passe a ser com o sujeito. Ou seja, ao longo do desenvolvimento prevê-se que o outro não seja visto com um mero objeto onde se projetam necessidades, desejos e fantasias, mas que haja a possibilidade de este ser visto como real, como sujeito com a sua subjetividade e mente própria.

De salientar que, as teorias de relação de objeto têm dado muita importância ao objeto deixando o *self* na sombra. Sabemos que não existe *self* sem o outro, nem o outro sem o *self*. Se, como dizia Winnicott, não existe um bebé sem uma mãe a verdade é que não existe uma mãe sem um bebé, que desde o início se influenciam mutuamente. Claro está, que um dos elementos da relação, pressupõem-se, terá uma mente mais desenvolvida, ou se quisermos com uma função alfa (BION, [1961] 1988). De acordo com Levinson (1983), a teoria das relações de objeto – (TRO) parece olhar para o adulto como se estivesse preso com uma criança internamente incorporada, como *uma espinha encravada no papo da sua maturidade*. Neste sentido parece somente ter em conta as experiências da infância como se ao longo do desenvolvimento fosse desentendível toda a experiência relacional posterior. Concordamos com Paul Wachtel (2003) quando refere que não podemos continuar a considerar a existência de um hiato entre o desenvolvimento infantil e a relação com o analista na vida adulta.

No entanto, em relação ao *self*, sabe-se que é a partir das primeiras interações que se vão formando representações rudimentares

do *self*, as quais, supostamente, ao longo da experiência relacional são modificadas, alteradas, sempre numa dialética de influência mútua. De acordo com Blatt; Blass (1996), representações mais desenvolvidas do *self* vão procurando relações mais maduras e essas, por sua vez, contribuem para o desenvolvimento do *self*, sempre numa espiral de expansão. Temos sempre de ter em consideração que as primeiras representações estão ligadas a experiências de relação que ficaram impressas no modo como foram experienciadas na altura, em consonância com o frágil e incipiente desenvolvimento do *self* (SCHARFF, 1992, 2020).

Portanto, se desde o início está lá um sujeito com necessidades, com maior ou menor capacidade de resistência à frustração e com potencialidades. Estas depois são colocados em arena relacional, e dessa interação resulta que alguns afetos não tiveram possibilidade de encontrar uma configuração relacional de expressividade (MESQUITA, 2016). Existem potencialidades que não foram possíveis de desenvolver num contexto relacional inicial (SCHARFF, 1992, 2020), ficando algumas vezes dissociados da experiência (BROMBERG, 2003), mas, não podemos descartar a possibilidade de estes se desenvolverem nos diversos contextos relacionais que ocorrem ao longo do desenvolvimento. Aqui entra-se em consideração com a competência transformadora do indivíduo, claro, se quisermos, com a pulsão de vida e com a capacidade para o brincar criativo.

Assim, partimos da ideia que o ser humano é agente e reagente, estando o seu *self* no centro da sua experiência relacional, sendo construído e, ao mesmo tempo, construindo a experiência rumo ao “seu desenvolvimento” através da sua atualização contínua (ROGERS, 1951). O *self* é modelado pelo contexto tal como também modela o seu contexto, desde o início e ao longo de todo o desenvolvimento, os sentimentos modelam os comportamentos e inversamente, os afetos impulsionam pensamentos tal como os pen-

samentos despoletam afetos. Assim, importa ter em conta não só as fantasias, desejos, e motivações inconscientes, mas como essas influem num modo de vida.

Assim, realçamos a ideia de que qualquer experiência interativa implica uma relação com as estruturas psicológicas, envolvendo sempre um processamento e uma resposta (WACHTELL, 2008), estas últimas dependem do indivíduo, sendo que nesta linha as estruturas não podem ser tidas como imutáveis.

A persistência de percepções e modelos de relação rigidificados não significa que o mundo interno e o inconsciente estejam selados a alterações geradas na relação continua com o meio. Significa sim, que o indivíduo vai selecionando o que reforça e mantém vivo e presente o que está internalizado desde o início do seu desenvolvimento de forma a manter essa ligação. Na linha do que Sullivan (1953) falara em termos de *desatenção seletiva*, defendemos que o que o indivíduo faz é continuar a manter uma ligação inconsciente aos aspetos relacionais que circunscreveram as primeiras relações, sem permitir que as novas relações facilitem a transformação. Assim mantém a representação do *self* originária nessas interações. Perpetuam-se os modelos de interação porque se receia o novo e porque o *self* não se encontra seguro e coeso o suficiente para se considerar capaz de novos desafios e novas modalidades relacionais.

Portanto a questão da segurança interna, no *self* e na relação tem de estar em primeira linha de conta para a psicanálise. Como o sujeito se vê e se sente na relação com os outros informa-nos sobre a segurança no seu mundo interno. Já Bowlby (1973) havia referido que a exploração só é possível quando existe segurança, portanto só esta segurança possibilitará a busca de novas formas de se relacionar, as quais, por sua vez, proporcionarão a mudança interna.

Salienta-se que na relação com os acontecimentos da vida, é sempre o indivíduo que decide se o presente é uma novidade ou se

vai repetir o que já conhece e como tal não saindo do mesmo e do já sabido. Ainda que a repetição transmita segurança, pode ser bloqueadora da transformação, desenvolvimento e transcendência do *self*.

Deste modo, consideramos que não podemos continuar a ver a pessoa como vítima do seu inconsciente, mas como agente ativo, que está no centro da ação da sua vida, mas que precisa refletir sobre o que tem feito gerida pelo seu inconsciente, e como o atualiza.

Talvez possamos considerar que o problema/s de uma pessoa não residem no passado, mas no modo como a pessoa os faz presente, ou seja como vai lendo o atual com as lentes do passado e como vai perpetuando o ciclo da re-traumatização (BROMBERG, 2003, MESQUITA, 2016)

Neste sentido, as descobertas da neurociência revelam-nos uma tendência para o cérebro procurar o que é familiar, tal como a nível mental assistimos à repetição como uma tendência para ficar estagnado no tempo, ou seja, as novas experiências são filtradas de forma a conjugarem aspetos com conteúdos e simbolizações conhecidas permitindo manter a ligação ao conhecido, ao que foi interiorizado e categorizado desde o início da formação da vida emocional, permitindo o perpetuar da ligação às relações primeiras como fonte geradora de segurança. A conservação das representações do *self* (tendência conservadora do *self*) e das relações possibilita uma segurança apenas quando o *self* não é seguro e capaz de ter um efeito transformador no meio de forma a que possa haver abertura ao novo. Esta abertura ao novo é à possibilidade de transformação tem de ser tida em consideração no processo psicanalítico, na linha do que refere Frank Summers (2013a, 2013b), eu sou o que sou agora e aquilo que não fui, mas posso vir a ser. É esta descoberta, esta novidade, este desenvolvimento que o processo analítico enquanto psicoterapêutico deve promover.

Deste modo, o processo analítico não deve promover um “eclipse” da pessoa, antes

deve colocá-la no centro da sua ação, como reagente, mas também, e sobretudo, como agente no seu contexto relacional. Na verdade, se formos somente produtos de um contexto não se pode falar de intersubjetividade (FREDERIKSON, 2000, 2003). Então, defendemos que o *self* é constantemente atualizado na relação, mas não é determinado pela relação; tem uma participação conjunta, no sentido em que resulta do que o indivíduo pode e retira de cada relação significativa que estabelece. A relação cria as condições necessárias, mas não suficientes para que o desenvolvimento do *self* ocorra. Estes mesmos mecanismos têm lugar ao longo do processo psicoterapêutico.

O processo psicanalítico

Neste sentido, a prática da psicoterapia psicanalítica e da psicanálise deve centrar-se na possibilidade de desenvolvimento das potencialidades do *self* que conduzirão à autonomização face a representações de relações internas disfuncionais, de modo a possibilitar o alargamento da experiência, por oposição à vivência defensiva que conduz à *acomodação patológica* (BRANDCHAFT; DOCTORS; SORTER, 2010) e ao evitamento da re-traumatização (BROMBERG, 2003; MESQUITA, 2016) no futuro. É a expansão do *self*, o seu desenvolvimento e segurança que determina que seja possível o estabelecer de relações mais saudáveis porque há um sentimento de agência e de efeito nos outros e nas relações, o que por sua vez aporta novas visões do próprio, numa espiral em expansão.

A experiência psicanalítica deve possibilitar a criação de um espaço psicológico em que seja possível experimentar novas potencialidades, promovendo a autonomização e a separação face a relações internas geradoras de padrões repetitivos e bloqueadores do alargamento da experiência. No entanto, é sempre preciso ter em conta que, como refere Lachmann (2007), a disponibilidade da pessoa para se permitir ser empaticamente compreendida pelo analista, como importa

também o seu poder criativo e o seu potencial de transformação. De modo semelhante, é importante a motivação de cada um para se desenvolver (GREENBERG; RICE; ELLIOTT, 1993; PERLS, 1973; ROGERS, 1951) e a sua capacidade de uso do objeto (WINNICOTT, 1965, 1971), no sentido da capacidade que cada um tem para se constituir como agente no meio e usar a relação com o outro para se poder transformar. Assim, falamos em espaço transformacional, este espaço criado pela relação entre paciente e analista que promove a transformação, a mudança e o desenvolvimento do *self* sempre em transcendência. O analisando deve a partir da relação com o analista ir transformando aspectos do seu *self* (BLATT; AUERBACH; BEHREND, 2008) para poder ir lá fora, ao mundo relacional e modificar o padrão relacional.

Deste modo, só a interpretação não é suficiente nem somente a clarificação da experiência subjetiva mas é importante que se avance no sentido de o paciente poder criar novos modos de ser e de se relacionar, de modo a que possa ir desenvolvendo um sentimento que tem um efeito sobre o meio no sentido de o transformar e de, concomitantemente, se transformar.

Conclusão

Nas teorias psicanalíticas, como no desenvolvimento humano, a mudança é necessária: o passado importa, o presente é tido em conta, e a criação do futuro é pertinente. A estagnação do desenvolvimento é sempre fator patogénico e patológico: gerador de doença e insatisfação e, ao mesmo tempo, revelador dessa patologia.

Abstract

This article intends to reflect on some aspects of psychoanalytic theory and practice, to help psychoanalysis evolve and not disappear from the academic context. It is therefore important to update psychoanalytic language and practice so that new potentialities and self-transcendence are taken into consideration. It is of the utmost importance to take aspects of development and the relational realm into consideration, as well as the way through which the subject repeats his history, maintaining his self stagnant and in contact with representations that go back to his early relationships.

Keywords: *Update, Self-transcendence, Relational life, Development.*

Referências

- BEEBE, B.; LACHMANN, F. *Infant Research and Adult Treatment: Co-Constructing Interactions*. Hillsdale, NJ: The Analytic Press, 2002.
- BEEBE, B.; JAFEE, J.; LACHMANN, F. A dyadic system view of communication. In: SKOLNICK, N.; WARCHAW, S. (Eds.). *Relational perspectives in Psychoanalysis*. Hillsdale, NJ: Analytic Press, 1992. pp. 61-82.
- BENJAMIN, J. *Like subjects, love objects*. New Haven, CT: Yale University Press, 1995.
- BION, W. A Theory of thinking. In: E. SPILLIUS (Ed.). *Melanie Klein Today*, v. 1. London: Routledge, 1988. pp. 178-186.
- BLATT, S.; LUYTEN, P. A structural developmental psychodynamic approach to psychopathology: Two polarities of experience across the life span. *Development and Psychopathology*, 21, pp. 793-814, 2009.
- BLATT, S. J.; BLASS, R. B. Relatedness and self-definition: A dialectic model of personality development. In: G. G. NOAM; K. W. FISCHER (Eds.). *Development and vulnerabilities in close relationships*. Hillsdale, New Jersey: Erlbaum, 1996, pp. 309-338.
- BOWLBY, J. *Attachment and loss: v. 2. Separation*. New York: Basic Books, 1980.
- Brandchaft, B.; DOCTORS, S.; SORTER, D. *Toward an emancipatory Psychoanalysis. Branchaft's Intersubjective Vision*. N.Y. Routledge: Taylor & Francis Group, 2010.
- BROMBERG, P. Something wicked this way comes. Trauma, dissociation, and conflict: The space where psychoanalysis, cognitive science, and neuroscience overlap. *Psychoanalytic*, 3, pp. 558-574, 2003.
- EKMAN, P.; FRIESEN, W. *Unmasking the face*. New Jersey: Prentice Hall, 1975.
- FREDERICKSON, J. The Eclipse of the Person in Psychoanalysis. In: *Understanding Experience: Psychotherapy and Postmodernism*. Ed. Roger Frie. London: Routledge, 2003.
- FREDERICKSON, J. The problem of Relationality. In: MILLES, J.(Ed). *Relational and Intersubjective perspectives in Psychoanalysis: a critique*. USA: Jason Aronson, 2005. pp.71-96.
- IZARD, C. E. *Human Emotions*. New York: Plenum Press, 1977.
- MESQUITA, I. “Vim dali, mas passei por aqui e vou a caminho: sobre o processo psicanalítico e a transcendência do self.” Conferência proferida na Associação Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica, fev. 2017.
- MESQUITA, I. *Disfarces de amor: sobre os relacionamentos amorosos e a vulnerabilidade narcísica*. Lisboa: Climepsi, 2013.
- MESQUITA, I. O trauma sob controle: uma perspectiva relacional acerca do trauma, das relações e da violência familiar. *Revista Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica*, 5, p.20-28, 2016.
- MITCHELL, S. A. *Relational concepts in psychoanalysis: integration*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1988.
- SCHARFF, D. *Refinding The Object and Reclaiming the Self*. International Psychotherapy Institute, 2020.
- SULLIVAN, H. S. *The interpersonal theory of psychiatry*. New York: Norton, 1953.
- SUMMERS, F. Creating new ways of being and relating. *Psychoanalytic Dialogues*, 22: pp.143-161, 2012.
- SUMMERS, F. *Transcending the Self. An object Relations Model of Psychoanalytic Therapy*. N. Y: Psychology Press, 1999.
- TOMKINS, S. *Affect, imagery and consciousness*. New York: Springer, 1962.
- TRONICK, E. Emotions and emotional communication in infants. *American Psychologist*, 44, pp.112-119, 1989.
- WACHTEL, P. *Relational Theory and the Practice of Psychotherapy*. N. Y: Guilford Press, 2008.
- WINNICOTT, D. W. *Playing and reality*. London, UK: Routledge, 1971.
- WINNICOTT, D. W. Primitive emotional development. In: *Trough Pediatrics to psychoanalysis*, NY: Basic Books, pp. 145-156, 1975.

WINNICOTT, D. W. *The maturational processes and the facilitating environment*. New York, NY: International Universities Press, 1965.

Recebido em: 20/04/2020

Aprovado em: 12/05/2020

Sobre a autora

Isabel Maria Marques Mesquita

Psicanalista, com formação em Psicanálise pela Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP). Membro titular da Associação Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica (AP) onde leciona seminários sobre os relacionamentos amorosos e a vulnerabilidade narcísica. Psicóloga clínica licenciada pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Especialista em Psicologia Clínica, em Psicoterapia e Intervenção Comunitária pela Ordem dos Psicólogos Portugueses (OPP). Mestre em psicologia clínica e psicopatologia pelo ISPA. Doutora em psicologia clínica pela Universidade de Évora. Docente na Universidade de Évora com nomeação definitiva. Professora no Departamento de Psicologia da Universidade de Évora, responsável pela unidade curricular de Psicoterapias Dinâmicas do Adulto e Modelos Dinâmicos e Humanistas do Mestrado e Licenciatura em Psicologia.

Endereço para correspondência

E-mail: mesqui@uevora.pt

O sujeito do inconsciente e suas arquiteturas¹

*The subject of the unconscious
and its architectures*

Patrícia Ferraz de Carvalho Miranda

Resumo

O desejo define o que somos e, para acessar esse desejo, pode-se pensar o sujeito do inconsciente como uma peça a ser conectada por um arqueólogo ou um pedaço de bloco de pedra a ser esculpida, onde não se acrescenta nada. Somente se retira. Outra forma de enxergar o sujeito do inconsciente é perceber que a verdadeira escultura escondida é a arquitetura da linguagem. Essa matriz da cadeia dos significantes é conduzida pelo nosso desejo, que é linguagem, intenção da linguagem e ato de linguagem.

Palavras-chave: Sujeito do inconsciente, Cadeia de significantes, Arquitetura da linguagem, Desejo.

No texto *Construções em análise*, Freud ([1937] 2018, p. 330) propõe que o objetivo do trabalho analítico é suscitar o analisando a aproximar-se das zonas vizinhas do recalque e substituí-las por outras representações. Para isso, o paciente traz recortes, recordações, afetos e vivências que estão recalcados e provocam sintomas e inibições que, na verdade, são substitutivos para o que está esquecido.

Essas lembranças podem aparecer por meio de sonhos, pensamentos, vivências recalçadas, derivados de afetos reprimidos e repetições.

Freud ([1937] 2018, p. 330) destaca que o trabalho do *setting* analítico contempla mais do que recordar. Busca “construir o que foi esquecido, com base nos indícios deixados” com a participação do analista e do analisando.

As construções freudianas estão presentes nas análises de importantes casos como O

homem dos ratos (1909), *O homem dos lobos* (1918) e *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher* (1920).

Freud ([1937] 2018, p. 330) recorre aos termos “construção” e “reconstrução” para indicar a ideia de trabalho sobre “o que foi esquecido, com base nos indícios deixados”

No texto *Construções em análise*, Freud ([1937] 2018, p. 330) apresenta a analogia do trabalho do analista ao trabalho do arqueólogo:

Seu trabalho de construção – ou, se preferirem, de reconstrução – mostra uma ampla coincidência com o do arqueólogo, que faz a escavação de uma localidade destruída e enterrada ou de uma edificação antiga. Eles seriam mesmo idênticos, não fosse o fato de o analista trabalhar em condições melhores e dispor de um material auxiliar mais extenso, porque se ocupa de algo ainda vivo.

1. Trabalho apresentado no XXI INTERNATIONAL FORUM OF PSYCHOANALYSIS, PSYCHOANALYTIC ENCOUNTER - CONFLICT AND CHANGE - ISCTE, Instituto Universitário de Lisboa. Lisboa, 5-8 fev. 2020.

Nessa metáfora, o arqueólogo trabalha com objetos fragmentados e com partes perdidas. Muitas vezes esses objetos estão soterrados, e o trabalhador da arqueologia pacientemente escava, peneira cada local para achar os fragmentos e com eles montar uma possível peça, jamais completa, pois certamente irão lhe faltar pedaços.

O analista trabalha com o material de memórias que foram esquecidas ou recalçadas, mas que está vivo no funcionamento do inconsciente. Tais memórias são a matéria-prima das elaborações.

Outra metáfora que Freud recorre é a do escultor. No texto *Psicoterapia* ([1905] 2016, p. 336-337), ele cita Leonardo da Vinci e alerta:

Na verdade, entre a técnica da sugestão e a analítica há o maior contraste possível, aquela oposição que o grande Leonardo da Vinci, em relação às artes, resumiu nas expressões *per via de porre* e *per via di levare*. A pintura, diz Leonardo, trabalha *per via di porre* [pondo]; ela aplica pequeninos montes de cores onde não os havia, na tela em branco; já a escultura procede *per via di levare* [tirando], ela retira da pedra tudo o que cobre a superfície da estátua nela contida. De modo bem semelhante, meus senhores, a técnica sugestiva procura atuar *per via di porre*, não se interessa por origem, força e significado dos sintomas patológicos, e sim acrescenta algo, a sugestão, da qual espera que seja forte o bastante para impedir que a ideia patogênica adquira expressão. Já a terapia analítica não deseja acrescentar ou introduzir algo novo, mas sim retirar, extrair, e para isso cuida da gênese dos sintomas doentios e do contexto psíquico da ideia patogênica, cuja remoção é seu objetivo.

Essa metáfora apresenta a diferença entre os trabalhos da psicoterapia e da psicanálise. A psicoterapia é fundamentada na sugestão. A cor, o acréscimo considerando o sujeito como uma tela a ser preenchida ou colorida. A escultura é uma obra de arte presa a um

bloco de pedra ou madeira se descortinando aos poucos, criando uma forma. O analista, em sua função, como o escultor, de somente retirar, dar voz àquilo que se encontra abafado, afônico. O ato de esculpir busca a verdade da escultura.

Freud ([1937] 2018, p. 342) afirma:

Esse trabalho [terapêutico] consistiria em liberar o que de verdade histórica de suas deformações e seus apoios na realidade presente e ajustá-lo ao lugar do passado a que pertence. Transpor material da pré-história esquecida para o presente.

Se em uma primeira vertente Freud nos traz a analogia da escultura escondida, outra maneira de perceber o sujeito do inconsciente é apresentada por Costa (1994). A primeira vertente seria deixar vir à tona as lembranças da infância e/ou realizar construções em análise. A segunda vertente dá um passo a mais no saber inconsciente que difere muitas vezes da verdade histórica, que se trata das narrações.

No texto *Parábolas freudianas: as narcísicas feridas e o arqueólogo*, Ana Maria Loffredo (2006, p. 298, grifo da autora) evidencia:

Há, claro, o inconsciente, mas a verdade não é histórica, se entendermos com esse termo as histórias que podemos contar sobre nós mesmos. Para essa leitura, a verdadeira escultura escondida é a *arquitetura da linguagem*. É esta uma matriz ou estrutura, um a priori, anterior à condição social e inerente ao humano. Inatingível, embora geradora das regras de constituição que se fazem a partir dela. Essa matriz permite, portanto, a passagem do acontecimento sem sentido para um acontecimento com significação. É ela que delimita o que, do vivido, poderá se transformar em narrativas possíveis ou dizíveis conscientemente.

As duas vertentes têm como foco o sujeito do inconsciente: uma escultura escondida ou fragmentos de peças de um arqueólogo em

busca de seu verdadeiro sentido histórico. Se tomarmos a hipótese do sujeito do desejo estruturado na linguagem, faz conexão com o que Lacan esclarece sobre o tema do desejo. O desejo em seu estado nascente, relacionando com a Coisa. A entrada do *Nebenmensch* se conecta com a primeira experiência de satisfação, atravessado pela linguagem, guia do desejo nascente.

Podemos pensar a arquitetura da linguagem com o que Pascal Quignard ([1993] 2018) nos mostra. Ele aborda que a verdadeira linguagem se apresenta muitas vezes como uma falha, quando ela é indizível, quando a lembrança some na edição da memória e esses esquecimentos na verdade são uma recusa àquilo que é insuportável.

Nós somos falhos. A linguagem nos ajuda a nos recompor. Porém, há palavras que não querem sair dos nossos lábios e exercem poder sobre nós. O que não é dito nos fixa. O sujeito conquista seu segredo ao relatar suas andanças e se tornando sujeito da sua história.

Quignard ([1993] 2018) ainda nos diz que o que recebemos ao nascer é apenas a vida, a avidez da vida, que nada deve confiscar. Não devemos renunciar ao desejo e todo objeto em que esse desejo se fixa é se agarrar ao vento.

Podemos ver uma interseção entre a arquitetura da linguagem do dito ou do silêncio do sujeito do inconsciente apresentado no *Seminário 7: A ética da psicanálise*.

No capítulo *Os paradoxos da ética ou agiste em conformidade com teu desejo?* Lacan ([1959-1960] 1986) apresenta a relação da ação com o desejo suportado pelo significante. Ele diz que o desejo não está a serviço dos bens e não se trata de atingir o triunfo. Muitas vezes há uma oposição do centro desejante com o serviço dos bens.

À medida que aumenta o investimento no serviço dos bens, Lacan ([1959-1960] 1986, p. 372) propõe: “Continuemos trabalhando, e quanto ao desejo, vocês podem ficar esperando sentados”.

O desejo está em relação com o significante, Lacan ([1959-1960] 1986, p. 371) diz:

É na medida em que o sujeito se situa e se constitui em relação ao significante, que nele se produz essa ruptura, essa divisão, essa ambivalência em cujo nível se situa a tensão do desejo.

Lacan ([1959-1960] 1986, p. 373) propõe ainda que

[...] a única coisa da qual se possa ser culpado, pelo menos na perspectiva analítica, é de ter cedido de seu desejo.

E quando o sujeito se propõe a “fazer as coisas em nome do bem” isso traz muitas confusões interiores, inclusive de ordem neurótica. Não se trata de desacreditar no campo dos bens, mas de compreender que o desejo é o que define o que somos.

Lacan ([1959-1960] 1986, p. 376) afirma:

Não há outro bem senão o que pode servir para pagar o preço ao acesso ao desejo – na medida em que esse desejo, nós o definimos alhures como a metonímia de nosso ser. O arroio onde se situa o desejo não é apenas a modulação da cadeia significante, mas o que corre por baixo, que é, propriamente falando, o que somos, e também o que não somos, nosso ser e nosso não-ser – o que no ato é significado, passa de um significante ao outro da cadeia, sob todas as significações.

Concluindo, Freud trouxe duas ricas metáforas do sujeito do inconsciente: a primeira que as lembranças esquecidas seriam como peças de um arqueólogo para serem reconnectedas e remontadas em construções ou reconstruções, e a segunda, como a metáfora do escultor que pensa o sujeito do inconsciente como uma escultura escondida no bloco na qual não se acrescenta nada, somente retiram-se os excessos.

Seguindo os passos de Freud, o autor francês abriu a possibilidade de pensar o sujeito do inconsciente presente na expressão linguageira “cadeias de significantes”. Pode-se pensar que a “escultura escondida” é a arquitetura da linguagem, que terá acesso a novas narrativas mais belas para o sujeito.

A tessitura matriz da cadeia dos significantes, que é a arquitetura de cada um, caminho de articulação do desejo. Pois para Lacan o desejo é que nos define, o desejo inscrito na linguagem, no ato de linguagem. A tessitura matriz é dinâmica em constante processo de reconstrução.

Neste momento a pergunta de Lacan ([1959-1960] 1986, p. 364) se impõe: “Agiste em conformidade com o teu desejo?”

Essa é uma pergunta que apresenta um norte de sujeito.

Abstract

Desire defines who we are and, to access this desire, one can think of the subject of the unconscious as a piece to be connected by an archaeologist or a piece of a stone block to be sculpted, where nothing is added, only removed. Another way to see the subject of the unconscious is to realize that the real hidden sculpture is the architecture of language. This matrix of the chain of signifiers is driven by our desire, desire that is language, intention of language, and act of language.

Keywords: *Subject of the unconscious, Chain of signifiers, Language architecture, Desire.*

Referências

BEZERRA, B. J. Descentramento e sujeito - versões da revolução copernicana de Freud. In: COSTA, J. F. (Org.). *Redescrições da psicanálise: ensaios pragmáticos*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. p. 119-167.

COSTA, J. F. Pragmática e processo analítico: Freud, Wittgenstein, Davidson, Rorty. In: COSTA, J. F. (Org.). *Redescrições da psicanálise: ensaios pragmáticos*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. p. 9-60.

FREUD, S. Construções em análise (1937). In: _____. *Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 327-344. (Obras completas, 19).

FREUD, S. Psicoterapia (1905). In: _____. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901- 1905)*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 331-347 (Obras completas, 6).

JORGE, M. A. C. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: v. 3 A prática clínica*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

LACAN, J. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise (1959-1960)*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LOFFREDO, A. M. Parábolas freudianas: as narcísicas feridas e o arqueólogo. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v. 39, n. 70, 2006, p. 289-308, jun. 2006. Publicação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

QUIGNARD, P. *O nome na ponta da língua* (1993). Tradução: Yolanda Vilela e Ruth Silviano Brandão. Belo Horizonte: Chão de Feira, 2018.

Recebido em: 20/04/2020

Aprovado em: 12/05/2020

Sobre a autora

Patrícia Ferraz de Carvalho Miranda

Graduada em Engenharia Civil.
Candidata em formação (2º Tempo) no Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG). Realizando o estudo da teoria da clínica e o estudo dos casos clínicos de Freud e de Lacan. Participante do Grupo de Estudos e Produção no CPMG, coordenado pelo psicanalista Messias Eustáquio Chaves no período de fev. 2017 a nov. 2019, como parte da formação em psicanálise.

Endereço para correspondência

E-mail: patriciaferrazcm@gmail.com

Liberdade e associação livre em um mundo coisificado: humanização como a arte do encontro psicanalítico¹

*Freedom and free association
in an objectified world:
humanization as the art
of the psychoanalytic encounter*

Ricardo Azevedo Barreto

Resumo

Este artigo objetiva discutir a coisificação do ser humano em um contexto de grandes mudanças no mundo contemporâneo com efeitos para as experiências de liberdade e associação livre nos encontros psicanalíticos. Considerando que a psicanálise necessita alcançar as transformações atuais para fortalecer sua presença, a humanização será apresentada como a arte do que é criado no campo da subjetivação em encontros psicanalíticos autênticos em um mundo objetificado.

Palavras-chave: Liberdade, Associação livre, Psicanálise, Arte, Humanização.

O mundo tem passado por grandes mudanças no campo das subjetividades e das expressões da cultura humana em nosso tempo. Entre elas, observamos uma tendência à objetificação – ou coisificação – dos sujeitos que encontramos no discurso das experiências pessoais e dos relacionamentos humanos nos mais diferentes contextos da existência, como no amor, no trabalho e nas produções culturais.

Bauman (2004) fala sobre a fragilidade dos laços humanos e o amor líquido. Fragilidade, fluidez e transitoriedade marcam os laços sociais. A confiança está abalada. Há a descartabilidade dos seres humanos. A co-

municação eletrônica rápida em nosso mundo da internet, a rede mundial e a fluidez do mercado de trabalho também marcam nosso contexto, entre outros aspectos discutidos pelo autor.

Percebemos que as experiências pessoais e os relacionamentos humanos mudaram ao longo do tempo, simultaneamente às transformações globais – políticas, econômicas, sociais, psicológicas, biológicas, físicas e tecnológicas, entre outras – no que tange à vida humana.

Segundo Lopes *et al.* (2016), vivemos em um momento de novas tecnologias e conexões virtuais, anulando distâncias físicas e

1. Trabalho apresentado no XXI INTERNATIONAL FORUM OF PSYCHOANALYSIS, PSYCHOANALYTIC ENCOUNTER - CONFLICT AND CHANGE - ISCTE, Instituto Universitário de Lisboa. Lisboa, 5-8 fev. 2020.

produzindo novos contextos, o que muda os laços afetivos, sociais e culturais, constituindo um desafio para a psicanálise dar conta do sujeito falante na atualidade.

Observamos que um ponto crucial de fragilidade dos seres humanos na atualidade é sua objetificação. Nós a compreendemos como despersonalização, a perda de atributos pessoais humanos, ou dessubjetivação. Perder sua subjetividade é extremamente desumano. É uma destituição que busca silenciar o sujeito falante, extraíndo-lhe a liberdade.

A coisificação do ser humano é horrível. As condições básicas para uma vida que possibilita as expressões criativas das pessoas têm sido extirpadas. Atualmente, as pessoas são frequentemente vistas como objetos. Essa é uma problemática complexa na virada do milênio (BARRETO, 2018).

Ritzer (1993) discute sobre a “mcdonaldização” da sociedade, possibilitando muitas reflexões sobre a vida social. A busca de eficiência, cálculo, controle, previsibilidade e racionalização descrita pelo autor pode ser pensada no cenário mundial.

Se o modelo *fast food* dominar as construções socioculturais da humanidade e se espalhar cada vez mais pelo mundo, como podemos falar sobre os seres humanos e a prática da psicanálise? Humanos como sujeitos (mais especificamente, como sujeitos no sentido psicanalítico) e, por conseguinte, diferentes de um objeto ou uma coisa, uma mercadoria (lógica das sociedades de consumo) ou um fetiche (objeto do funcionamento perverso).

A descartabilidade é um aspecto saliente em diferentes contextos da existência. Amor, trabalho e criação são mutilados pela cultura do descartável em muitos níveis no contexto atual de relacionamentos fragilizados, tecnologias hipermodernas e massificações que não incomumente objetificam o ser humano, por exemplo, quando uma mãe substituta de uma criança é um *iphone* ou o médico de um paciente é uma máquina, destituída de sub-

jetividade, ou a descaracterização de pessoas acontece por meio de perfis insólitos e notícias falsas.

Obviamente, existem muitas forças estruturais, situacionais, objetivas e subjetivas que precisam ser analisadas para compreendermos a objetificação dos seres humanos na atualidade. Não pretendemos enxergá-las em uma reflexão supostamente globalizante, mas levantar alguns pontos de um debate interminável, por exemplo: quais são as possibilidades de liberdade humana em nossa época? É possível que os sujeitos falantes se expressem livremente ao ser atendidos nos encontros psicanalíticos?

Liberdade dos sujeitos e de suas associações em encontros psicanalíticos de nossa época

Os seres humanos têm mudado em demasia nas últimas décadas e continuarão a se transformar dramaticamente no decorrer do novo milênio. Tomaremos como ponto de análise a coisificação crescente da humanidade, enquanto o mundo passa por mudanças, como no campo da tecnologia.

Schwab (2017) fala da quarta revolução industrial emergente. Menciona que ela está modificando o modo que nós vivemos, nos relacionamos com os outros e trabalhamos, articulando tecnologias digitais, biológicas e físicas, o que provocará muitas transformações no mundo e nas pessoas.

Sabemos que o trabalho psicanalítico é bem diferente da produção industrial. Podemos pensar no trabalho artístico, singular no tempo, no espaço e nas características que o constituem. É um modo de se relacionar com o outro em uma posição de estrangeiro em relação às tendências predominantes no mundo. Não é uma prática que segue os caminhos da humanidade. Como, então, lidar com os rumos da industrialização e das tecnologias novas que são inventadas em uma velocidade espantosa?

Percebemos muitos efeitos das transformações da existência humana na atualidade,

como cidadãos e psicanalistas. Entre outros aspectos, as transformações do humano e dos laços sociais com as aquisições tecnológicas, a massificação crescente da sociedade de consumo e a busca da melhor imagem, narcisicamente confundida com o ser humano, assim como o excesso de estímulos e informações, nos afastaram há muito tempo de uma posição conhecida.

Considerando mais especificamente a liberdade dos sujeitos e de suas associações, podemos refletir sobre alguns dos efeitos das mudanças na existência humana, sobretudo quando observamos uma tendência à objetificação das pessoas e do mundo na atualidade. Não é simples tal questão.

O conceito de liberdade não é unânime em diferentes campos do conhecimento e na própria psicanálise. Nas contribuições de Freud, existem múltiplos sentidos, o que gera uma problemática no que se refere às possibilidades de liberdade humana.

De acordo com Freud ([1930] 1996), no mundo civilizado há renúncia da expressão livre dos impulsos em troca de segurança, gerando mal-estar. Isso significa que, para Freud, os sujeitos não são completamente livres.

Entretanto, a psicanálise não abandona em sua prática a constituição possível de experiências de liberdade ao reconhecer e trabalhar com o inconsciente do paciente.

Reis (2015) menciona que a psicanálise, desde suas origens, dá subsídios à emancipação do sujeito. Esse autor também comenta que a psicanálise está aberta à singularidade de um sujeito que deseja, diferindo de práticas que almejam a adequação do sujeito.

Di Matteo (2014) analisa as implicações da liberdade com base no inconsciente e pensa sobre os limites e as possibilidades da liberdade humana na atualidade, entre outros aspectos. O autor menciona a pretensa liberdade contemporânea que leva o sujeito a buscar mais os medicamentos do que a experiência psicanalítica. Ele comenta também que existe algo que não escolhemos, mas isso

não nos exime de nossa responsabilidade humana.

A liberdade é uma questão importante para o ser humano. As possibilidades de sua construção no presente são um enigma parcialmente decifrado. Todavia, tentamos criar tais possibilidades como psicanalistas em nossa prática ou através de nossa participação na comunidade, principalmente porque as vemos como restritas em um mundo repleto de experiências amedrontadoras em diferentes contextos.

Em um mundo com a objetificação do ser humano e muitas mudanças, qual liberdade resta àqueles que chegam aos encontros psicanalíticos na atualidade e passam pela jornada analítica? Sem uma concepção e uma prática de liberdade, como podemos falar de psicanálise?

Observamos frequentemente na atualidade a impotência de pessoas na criação de um lugar psicossocial de existência autêntica. As pessoas estão sem experiências existenciais significativas, devido à fragilidade do contato consigo mesmas e os outros, havendo uma falta de sentido ou propósito para a vida e estão fascinadas pelos dispositivos virtuais. Elas não conseguem falar de si próprias em vários momentos. Podem ter rótulos psiquiátricos e psicológicos ou evitar qualquer tratamento de saúde mental, porque não querem se ver enquadradas, dirigindo-se, em algumas ocasiões, às últimas consequências. Todavia, quanto mais buscam a liberdade, mais ela se dissipa.

Compreendemos que os sujeitos livres não podem ser reduzidos à condição de uma coisa ou um objeto. Um sujeito livre é um sujeito criativo, que pode experienciar espontaneidade na análise, mesmo com resistências ou repressões, principalmente por causa de motivações inconscientes. Como, então, quem busca a psicanálise pode criar associações livres nos encontros psicanalíticos de nossa época?

Em sua concepção de liberdade, Freud ([1912a] 1996) determina como regra fun-

damental da psicanálise dizer tudo que vem à mente sem crítica. Essa noção é encontrada em diferentes textos de Freud, mas não nos direcionaremos a eles em uma perspectiva histórica nem reconstruiremos todos os passos da invenção técnica de Freud.

Hall e Lindzey (1984) falam da técnica da associação livre de Freud. Eles explicam que, após passar pelo uso da hipnose e do método catártico, o pai da psicanálise desenvolveu sua técnica da associação livre, que consiste em pedir aos pacientes para relatarem tudo que está vindo à mente, sem as restrições de lógica, organização ou expressão significativa, até aquilo que pareça ridículo ou impróprio.

Etchegoyen (1987) alerta que o paciente não dirá tudo o que pensa, mesmo no último encontro de um longo trabalho analítico em função das resistências e repressões, sendo o não cumprimento da associação livre uma dimensão do trabalho analítico.

Através da associação livre e de outros pilares da abordagem psicanalítica, podemos escutar os efeitos do inconsciente do paciente. Um conceito central de nossa escuta – que está fortemente ligado ao da associação livre – é a atenção flutuante.

A atenção flutuante consiste em suspender tanto quanto possível o que a atenção habitual dá foco. Desse modo, os psicanalistas não privilegiam algum elemento discursivo do paciente. O psicanalista deixa que sua atividade inconsciente funcione tão livremente quanto possível, o que seria uma recomendação técnica freudiana (FREUD, [1912b] 1996; LAPLANCHE; PONTALIS, 1992).

Pensamos que o percurso freudiano enfatiza o lugar da liberdade dos pacientes e suas associações na abordagem psicanalítica. A regra ou recomendação da associação livre tem muitos efeitos nos encontros psicanalíticos.

Contudo, como uma consequência das mudanças da existência humana na atualidade, observamos cada vez mais a dificuldade de associação livre em alguns pacientes.

Concluimos que é prematura sua contraindicação à psicanálise.

Podemos, então, começar a trabalhar nos passos em direção à capacidade de associação livre e considerar o uso de outras possibilidades da abordagem psicanalítica em alguns casos específicos, continuando a respeitar a liberdade do sujeito.

Se pensarmos sobre a liberdade dos sujeitos e como ela pode ser criada nos encontros psicanalíticos, talvez possamos lidar com os desafios contemporâneos e o que é previsto como o futuro da humanidade por alguns autores.

Estudos na área das afecções psicossomáticas podem também nos ajudar a pensar sobre as mudanças no processo de simbolização dos sujeitos no mundo atual, o que revela desafios na construção de práticas no campo da psicanálise.

Considerações finais

Dinheiro, poder, produção, imagem e consumo caracterizam a constituição dos laços sociais há muito tempo. As ciências psicológicas precisam estar conscientes dessas armadilhas na cultura vigente para, então, escapar delas. No caso da psicanálise, sua prática se localiza contrária às tendências atuais no mundo.

Uma reflexão sobre o lugar da psicanálise em um mundo coisificado é central. Por meio de uma perspectiva de futuro não preestabelecido, a psicanálise pode se apresentar como uma possibilidade de existência de sujeitos não coisificados. É importante que os psicanalistas reflitam sobre a cultura através da abordagem psicanalítica na atualidade e no futuro (BARRETO, 2017).

Um grande desafio, que é a construção do futuro da psicanálise, precisa ser considerado:

Em que direção os psicanalistas têm seguido?

Aonde eles irão?

Como garantirão uma escuta psicanalítica ética?

Qual é a possibilidade de liberdade dos sujeitos e de suas associações?

Por um lado, o risco de desaparecimento da psicanálise e das instituições psicanalíticas deve ser levado em consideração; por outro lado, deve ser considerado que os psicanalistas podem continuar a construir a história da psicanálise, reconhecendo sua fragilidade e sua força na contemporaneidade.

Dessa forma, o futuro da abordagem psicanalítica pode ser pensado como inovador e frutífero. Contudo, a psicanálise necessita enfrentar os conflitos e as mudanças atuais para fortalecer a presença de suas perspectivas teóricas e clínicas variadas.

Nesse contexto, experiências de humanização são pensadas como a arte do que é criado no campo da subjetivação em encontros psicanalíticos autênticos em um mundo coisificado. Se os sujeitos e os laços sociais sofrem em função da objetificação dos dias atuais, resgatar as condições humanas que nós perdemos com a dessubjetivação crescente é um de nossos problemas sociais e uma questão nas práticas psicanalíticas do tipo padrão ou reinventadas.

Rossi (2009) fala, baseado na visão freudiana, que a arte pode ser considerada na perspectiva da criação, considerando a capacidade que nem todos têm de criar grande mistério. Esse autor menciona que a arte da psicanálise consiste na capacidade de dividir espaços mentais privados para ampliar potenciais e produzir novos sentidos e mais criatividade, por conseguinte, participando da construção da subjetividade humana.

Lembramos o modo como Freud pensa – baseado em Leonardo da Vinci – na arte em relação à psicanálise. Assim como a escultura, a abordagem psicanalítica remove o excesso para a estátua adormecida surgir do mármore (ETCHEGOYEN, 1987).

Compreendendo a psicanálise como uma abordagem expressiva dos sujeitos e de suas possibilidades de liberdade, mencionaremos duas experiências pessoais que ocorreram fora do *setting* padrão: uma delas no cuida-

do em saúde humanizado em hospital geral, articulando psicanálise e artes, e outra na interface da perspectiva analítica com a odontologia. Em ambas as experiências, trabalhamos com grupos.

No hospital, trabalhamos com grupos de pacientes e acompanhantes que se expressavam por meio da arte, como a pintura, após o acolhimento deles com música. O foco era a hospitalização (BARRETO *et al.*, 2015). Na odontologia, aconteceu através de nossa pesquisa de doutorado, com metodologia qualitativa com contornos específicos, em uma atividade com um grupo de odontólogos em reflexão sobre suas práticas profissionais e seus relacionamentos (BARRETO, 2010).

Embora consideremos a associação livre uma técnica freudiana extremamente importante, em ambos os exemplos, não adotamos a associação livre. Entretanto, foi preservada a liberdade de expressão dos sujeitos através de nossa escuta.

Sousa (2018) comenta sobre a restrição do uso da associação livre em um enquadre analítico modificado de acordo com alguns autores. Ele também menciona que esses autores parecem questionar a associação livre como uma regra fixa na prática analítica, o que, conforme ele explica, não é a essência do que Freud deixou como um legado.

Sabemos que a psicanálise *standard* trabalha através da associação livre de quem está em análise, assim como com as técnicas e o *setting* padrões. Contudo, em alguns momentos, analistas oferecem sua escuta em outros contextos e condições, transformando a técnica padrão por muitas razões, sem que a liberdade possível dos sujeitos seja esquecida. Em um mundo com muitas mudanças, ambas as perspectivas precisam ter mais interlocução sem estranhamento.

Ademais, a liberdade não é central para os psicanalistas não serem engolidos pela coisificação do mundo no momento histórico em que vivemos? Portanto, a questão da liberdade, profundamente relacionada à dignidade da vida humana, é de significância máxima

na psicanálise e em outros campos do conhecimento e deve ser uma questão de debate em andamento.

Assim como um médico pode ser visto como um medicamento (BALINT, 2007), o psicanalista pode ser pensado como um remédio para os pacientes de modo que a experiência psicanalítica única se torne mais potente com efeitos para as subjetividades e a vida coletiva (BARRETO, 2019). Contudo, é extremamente importante para as práticas da psicanálise contemporânea enfrentar o mal-estar da coisificação do mundo social em que nós vivemos, trabalhando em benefício dos sujeitos e de sua liberdade.

Abstract

This paper aims to discuss the objectification of the human being in a context of big changes in the contemporary world with effects on experiences of freedom and free association in psychoanalytic encounters. Being considered that psychoanalysis needs to reach the changes from the present to strengthen its presence, humanization will be presented as the art of what is created in the field of subjectivation in authentic psychoanalytic encounters in an objectified world.

Keywords: *Freedom, Free association, Psychoanalysis, Art, Humanization.*

Referências

BALINT, M. *O médico, seu paciente e a doença*. Tradução: Roberto de Oliveira Musachio. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2007.

BARRETO, R. A. O futuro do ser humano no mundo das coisas. *A Tarde*, Salvador, 22 out. 2018. p. A2. (Opinião).

BARRETO, R. A. Sobre o futuro da psicanálise no mundo das coisas. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 48, p. 79-88, dez. 2017. Publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise.

BARRETO, R. A. Um profissional de saúde mais humano como medicamento. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 51, p. 177-182, jul. 2019. Publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise.

BARRETO, R. A. *Uma análise institucional do discurso em grupo com dentistas: cenas e posições*. 2009. 198 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

BARRETO, R. A.; SANTANA, J. P. C.; LINHARES, J. S.; ROLEMBERG, M. R. B. S.; ANDRADE, S. B. C. A arte de grupos de discussão sobre a hospitalização. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 43, p. 145-152, jul. 2015.

BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

DI MATTEO, V. Filosofia e liberdade: o desafio da psicanálise. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 42, p. 135-144, dez. 2014.

ETCHEGOYEN, H. *Fundamentos da técnica psicanalítica*. Tradução: Cícero G. Fernandes. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

FREUD, S. A dinâmica da transferência (1912a). In: _____. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos* (1911-1913). Direção-geral de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930 [1929]). In: _____. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos* (1927-1931). Direção-geral de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro:

Imago, 1996. (Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

FREUD, S. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise (1912b). In: _____. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos* (1911-1913). Direção-geral de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

HALL, C. S.; LINDZEY, G. A teoria psicanalítica de Freud. In: _____. *Teorias da personalidade*. Tradução de Maria Cristina Machado Kupfer. São Paulo: EPU, 1984. v. 1. p. 23-53.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.B. *Vocabulário da psicanálise*. Direção de Daniel Lagache. Tradução: Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LOPES, A. J.; BARBIERI, C. P.; RAMOS, M. B. J.; BARRETO, R. A. *Conexões virtuais: diálogos com a psicanálise*. São Paulo: Escuta, 2016.

REIS, L. N. Freud e Arendt: a emancipação como princípio do laço social. *Analytica*, São João del-Rei, v. 4, n. 6, p. 112-137, jan./jun. 2015.

RITZER, G. *The mcdonaldization of society*. Thousand Oaks: Pine Forge, 1993.

ROSSI, C. Arte e psicanálise na construção do humano. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 61, n. 2, p. 25-27.

SCHWAB, K. *The Fourth Industrial Revolution*. New York: Crown Business, 2017.

SOUSA, L.A.F. *A associação livre em Freud: fundamento do tratamento psicanalítico*. 2018. 119 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

Recebido em: 30/04/2020

Aprovado em: 20/05/2020

Sobre o autor

Ricardo Azevedo Barreto

Psicólogo graduado pela Universidade de São Paulo (USP).

Tem mestrado e doutorado em psicologia escolar e do desenvolvimento humano pela USP.

Especialista em psicologia hospitalar pelo CEPISIC da Divisão de Psicologia do Instituto Central do Hospital das Clínicas da FMUSP.

Teve experiência de treinamento no Butler Hospital (RI-USA).

Psicanalista do Círculo Psicanalítico de Sergipe.

Foi presidente do Círculo Brasileiro de Psicanálise (2014-2017).

Foi membro do Conselho Administrativo do Hospital São Lucas em Sergipe.

Foi professor titular da Universidade Tiradentes (UNIT) por muitos anos.

É um dos editores da revista *Estudos de Psicanálise* do Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP).

É um dos editores regionais para a América do Sul

da revista *International Forum of Psychoanalysis (IFP)*.

Desenvolve trabalhos na área de humanização da assistência, articulando psicologia, psicanálise, artes e humanização.

Endereço para correspondência

E-mail: riazabarreto@gmail.com

“A vovó assassina” e o menino dos olhos verdes: fragmentos de um caso clínico e as contribuições da psicanálise¹

*The “Murderous Grandma”
and the greened eyed boy:
fragments of a clinic case
and the contributions of the psychoanalysis*

Waleska Pessato Farenzena Fochesatto

Resumo

Em função da sua diversidade, o autismo, nos desafia a estudar, pesquisar e discutir constantemente seus sintomas, tratamento e vicissitudes. Neste texto, apresento um caso que me fez com transitar por esse universo. Valho-me de Melanie Klein e Marie Christine Laznik como referência da psicanálise para apoiar este estudo.

Palavras-chave: Psicanálise, Autismo, Análise de crianças.

A oportunidade de participar do XXI Forum of Psychoanalysis em Lisboa, em fevereiro de 2020, promovido pela IFPS, despertou em mim o desejo de partilhar a experiência clínica de um caso que chega até mim sem diagnóstico, mas aos poucos vai revelando indícios de autismo.

O autismo, em função da diversidade na forma pela qual se manifesta e a partir de suas nuances, por vezes sutis, nos desafia a estudar, pesquisar e discutir constantemente seus sintomas, seu tratamento e suas vicissitudes. Longe de querer esgotar este tema tão complexo, o que seria inviável em tão poucas linhas, pretendo contribuir com esse vasto campo de discussão, através dessa experiência.

A fim de entender o funcionamento do paciente, me utilizo de conceitos kleinianos como posição esquizoparanoide e posição depressiva, e transito pelos estudos de Marie Christine Lasnik, grande estudiosa do autismo na atualidade.

Mateus é um menino de cinco anos e de grandes olhos verdes. Sua mãe fez contato telefônico comigo em setembro de 2018, bastante angustiada. Ele se encontrava em terapia cognitivo-comportamental havia três meses, mas desde então, segundo a mãe, havia piorado. De acordo com ela, durante esse período, ele passou a se agredir fisicamente e não só verbalmente como vinha ocorrendo quando buscou tratamento. Contou ainda que a psicóloga havia orientado a família a

1. Trabalho apresentado no XXI INTERNATIONAL FORUM OF PSYCHOANALYSIS, PSYCHOANALYTIC ENCOUNTER - CONFLICT AND CHANGE - ISCTE, Instituto Universitário de Lisboa. Lisboa, 5-8 fev. 2020.

não deixar Mateus fazer brincadeiras agressivas, onde o bater, o matar e o morrer aparecessem simbolizados. Também foi vetado qualquer tipo de vídeo ou programa que envolvesse luta ou briga. Marcamos um horário e dei início ao processo avaliativo.

Na ocasião da entrevista de anamnese, os pais relataram que Mateus vivia obcecado pela história da vovó assassina, assunto proibido pela terapeuta anterior. A vovó assassina é personagem de um jogo virtual originalmente chamado *Granny*. Trata-se do espírito de uma mulher, cega, que morreu querendo se vingar do marido pelas suas traições. O jogo acontece dentro da casa da personagem, e o jogador precisa fugir dela ou matá-la. Mateus fala muito desse jogo, sempre com medo e excitação. Sua gestação foi planejada e desejada, mamou no peito até oito meses e, segundo a mãe, até um ano e meio dormiu muito mal, pois acordava a cada duas horas e só adormecia no colo dela. Desfraldou cedo e desde que começou a caminhar, o faz na ponta dos pés, o que acarretou um encurtamento dos tendões. Segundo relato dos pais, Mateus não tolera perdas e frustrações. Percebi os pais atropalhados, não sabendo lidar com os acessos de agressividade e de instabilidade do filho, muitas vezes respondendo também de forma agressiva, o que agravava ainda mais o que eles chamam de “crises”. Mas ambos se mostraram preocupados e muito interessado em ajudá-lo.

A primeira impressão que tive de Mateus é de que ele é uma criança diferente. Ficou surpreso ao perceber que podia falar comigo sobre a vovó assassina, já que em casa e com a antiga terapeuta este era um assunto proibido. Entendi que a vovó assassina se tornou receptáculo de toda a sua destrutividade.

Pedi que ele a desenhasse para que eu pudesse conhecê-la. Em um primeiro momento ele disse que não desenharia, pois “ela é muito assustadora”. Só se propôs a desenhar quando eu disse que não tinha medo dela, o

que significou comunicar a ele que eu não tinha medo dos impulsos agressivos dele próprio.

Nesse primeiro encontro, observei que, muitas vezes, não me olhava nos olhos, não escutava o que eu dizia como se, por alguns instantes, se ausentasse. Percebi uma criança bem regredida, com evidente dificuldade de simbolização e uma agressividade que não conseguia conter. Começamos a jogar.

Quando Mateus percebeu que eu estava ganhando, tentou de várias formas burlar as regras do jogo para se beneficiar, mas eu não permiti. Isso fez com que ele entrasse em profundo estado de angústia e começasse a se bater no peito e no rosto, repetindo que era “um menino ruim, bobo, idiota e que merecia morrer”. Percebi um psiquismo muito primitivo e a construção de um superego tirano, o que me remeteu à teoria das relações objetais de Melanie Klein e seus mecanismos de introjeção e projeção.

A introjeção corresponde ao mecanismo primitivo do bebê de introjetar todos os objetos – começando pelo seio materno, seguido pelo polegar, por brinquedos, etc. A este seio é atribuído poderes sobrenaturais de onipotência tanto para o bem quanto para o mal, já que ele é capaz tanto de uma gratificação infinita, quanto de uma frustração imensa (quando não satisfaz a criança no momento em que ela deseja). Quando o seio é visto como gratificador, todos os sentimentos bons são associados a ele; da mesma forma, quando é visto como mau é o depositário de todos os sentimentos destrutivos. Aos posteriores objetos que também são sugados pela criança são atribuídos os mesmos poderes do seio, uma vez que, em suas fantasias imaginativas, estes objetos o substituem (OLIVEIRA, 2007, p. 87).

Mateus se vinculou a mim facilmente, me chama de mãe diversas vezes ao longo das sessões. Numa ocasião em que nos encontramos por acaso fora do consultório, Mateus me apresentou a um colega e se referiu

a mim como “é ela que me cuida”. Quando questionado na sessão do porquê me chamar tantas vezes de mãe, ele diz “eu queria que tu fosse minha mãe”.

Entendi que esse desejo se deve ao fato de eu suportar seus impulsos agressivos sem entrar em desespero, como muitas vezes já ocorreu com sua mãe. Digo a ele, frequentemente, que pode sentir raiva de quem ama, que sua raiva não tem o poder de destruir e que não vou abandoná-lo se ele sentir raiva de mim. Em duas ocasiões, no início do tratamento, fez menção de me bater. Não tolerava quando a sessão acabava. Disse a ele que, se me batesse, ele me machucaria e depois se sentiria muito mal, então propus que ‘brigássemos’ utilizando os bonecos de brinquedo do consultório.

A partir daí tenho a impressão de que inauguramos um espaço no registro simbólico. Concomitantemente a isso, ao longo das sessões com Mateus e das sessões de supervisão, construímos uma metáfora que passei a utilizar com ele de forma exitosa. Quando via que a raiva estava prestes a ser atuada contra mim ou contra ele próprio, eu dizia que a raiva poderia sair pela boca em forma de palavras.

Assim, as brincadeiras de Mateus versavam em torno da vovó assassina representada por bonecos. Ele podia matá-la simbolicamente diversas vezes. Podíamos brigar e, mesmo assim, seríamos ‘amigos’.

Melanie Klein descreve a posição esquizoparanoide caracterizada por uma ansiedade persecutória que, no caso de Mateus, aparece colocada na personagem da vovó assassina. Ou seja, há um medo de aniquilação a partir de dentro, que, devido ao temor da malignidade, é projetado para fora, em fantasia.

Spillius (2007) afirma que, segundo Klein, as sensações experimentadas pelo bebê são sentidas como se fossem ‘causadas’ por objetos malévolos ou benévolos.

Observo que Mateus, quando chegou até mim, funcionava predominantemente na posição esquizoparanoide, onde existem ob-

jetos parciais: bom e mau encontram-se cindidos.

Segundo Spillius (2007), a onipotência de pensamento é característica dessa posição, que ficava evidente quando Mateus sentia raiva e na sua fantasia a raiva destruiria tudo e todos a sua volta.

Três meses após iniciarmos os atendimentos, ocorreu uma situação que agravou seu estado emocional já primitivo. Ele e a mãe estavam saindo de casa e, acidentalmente, a mãe atropelou e matou o cachorro da vizinha. Mateus entrou em crise, passou a dizer que merecia morrer, pois havia matado o cachorro. Foi um período difícil, pois repetia esse discurso constantemente deixando professora, colegas e familiares muito assustados.

A partir disso, eu o encaminhei a um psiquiatra infantil, conduta que já estava sendo cogitada. Segundo ele, Mateus “tem um transtorno do neurodesenvolvimento não especificado” e, apesar de não fechar formalmente critérios para autismo, entra no extremo mais leve do espectro, prescrevendo fluoxetina e mais adiante, substituindo a fluoxetina pela risperidona.

Segundo Vasconcelos, o termo “autismo” significa “ausente” ou “perdido”, caracterizando-se pelos déficits qualitativos na interação social e na comunicação, padrões de comportamento repetitivos e estereotipados e repertório restrito de interesses e atividades. Os sinais característicos aparecem antes dos três anos de idade.

Laznik (2004) aponta dois sinais clínicos que podem ser percebidos ainda no primeiro ano de vida da criança. O não olhar entre mãe e bebê seria o primeiro, o que permitiria pensar na hipótese de autismo logo nos primeiros meses de vida. O segundo e mais importante sinal, conforme a autora, consistiria na não instauração do circuito pulsional completo, quando o terceiro tempo não é alcançado. O terceiro tempo do circuito pulsional se refere à estruturação simbólica do aparelho psíquico, no registro do faz de

conta, como quando o bebê oferece partes de seu corpo para que a mãe brinque, fingindo que vai comê-lo, por exemplo.

Segundo Laznik, independentemente da causa da não instauração do terceiro tempo do circuito pulsional, ele poderá se estabelecer se houver uma contribuição libidinal por parte do analista que saiba trabalhar a relação pais-bebê, principalmente se essa intervenção ocorrer antes dos três anos de idade, que é o período sensível no qual a criança entra com mais naturalidade no campo dos significantes do Outro e dele se apropria.

Segundo a percepção dos pais, Mateus foi um bebê que conseguia manter contato visual e participava ativamente de eventuais brincadeiras, não apresentando nenhum indício de autismo precocemente. O único comportamento que chamava mais a atenção era o sono agitado e as poucas horas que ele dormia.

Nas nossas sessões, gradativamente, a brincadeira da vovó assassina foi substituída pela do Titanic. Construía o navio de lego e o fazia afundar batendo em um *iceberg* e partindo ao meio. Me contou que assistia aos vídeos sobre o Titanic e que, em um deles, soube que a verdadeira causa de ele ter afundado seria a existência de fogo na casa de máquinas do navio, fato que acabou deixando o casco muito vulnerável. Seria o fogo uma referência à própria destrutividade que o consome? Digo a ele que o nosso trabalho é falar sobre o “fogo” que existe dentro dele, para que ele não o afunde, como fez com o Titanic. A partir disso ele passa a construir botes salva-vidas para os passageiros do Titanic durante nossa brincadeira.

Segundo Vasconcelos, o papel do psicanalista, de acordo com Laznik, é intervir para que se instaurem as estruturas que suportam o funcionamento do inconsciente. A autora considera que a síndrome autística é consequência de uma falha no estabelecimento dos laços pais-criança. Então, há que intervir nesse laço.

Segundo Spillius (2007), Klein pensa que o fracasso na elaboração da ansiedade persecutória e a tendência à cisão da posição esquizoparanoide, são pré-condições básicas da paranoia e da esquizofrenia. A análise, no caso de Mateus, é fundamental para que ele possa ultrapassar a posição esquizoparanoide e experimentar a posição depressiva.

Na maneira de Klein ver a posição depressiva, a mãe boa e a má são vistas como a mesma pessoa; o bebê começa a sentir que a mãe boa, que ele ama, foi estragada pelos ataques que ele fez e continua a fazer contra a mãe má, pois a mãe é uma só. Essa percepção muito dolorosa faz surgir o que Klein chama de ‘ansiedade depressiva’. [...] O indivíduo tem medo de perder o objeto e tem um grande anseio em reparar o dano. O estado real do objeto externo é muito importante. Se a mãe parecer estragada, a culpa e o desespero da criança aumentam (SPILLIUS, 2007, p. 112).

Segundo Klein, como nos coloca Spillius (2007), se a mãe estiver aparentemente bem ou, ao menos, for capaz de ter empatia com os problemas da criança a respeito de seu estado, o medo da destrutividade da criança diminui e a confiança nos desejos de reparação aumenta.

Considerações finais

Klein ([1946-1963] 2006, p. 43 nos diz que

[...] a luta entre as pulsões de vida e de morte e a resultante ameaça de aniquilamento do *self* e do objeto por impulsos destrutivos são fatores fundamentais na relação inicial do bebê com sua mãe.

Percebo que, através da relação transferencial na análise, Mateus vem reconstruindo as relações de objeto e segue rumo ao movimento de internalizar o objeto bom.

Segundo Spillius (2007), o resultado favorável da posição depressiva é a internalização segura do objeto bom, que, na visão de

Klein, se torna o “núcleo do ego”, a base da segurança e do autorrespeito. A futura saúde mental do indivíduo e a capacidade de amar dependem dessa internalização.

Depois que iniciamos a análise, os pais de Mateus vêm tendo um manejo muito parecido com o meu, no que se refere aos acessos de raiva dele, ou seja, conseguem ser continentes com a destrutividade de Mateus, o que vem fazendo com que ele avance em muitos aspectos.

Ele parou de se agredir, se desestrutura menos diante de imprevistos, tolera quando um brinquedo de lego se desmonta durante a brincadeira, distingue fantasia de realidade mais facilmente e seu desenho evoluiu a olhos vistos. Além disso, a experiência de poder falar dos medos e mostrar sua parte agressiva sem que ela ‘matasse’ alguém, se revelou fundamental e libertadora.

Dessa forma, à medida que fomos criando narrativas para seus “impulsos agressivos”, antes manifestados por meio da passagem ao ato, Mateus tem conseguido se relacionar com o mundo de forma mais saudável, integrada e flexível. Parece transitar mais facilmente entre a posição esquizoparanoide e a posição depressiva, podendo desenvolver uma capacidade reparatória e um sentimento de gratidão.

Segundo Laznik (2004, p. 158), a tarefa do psicanalista é permitir que um Outro real consiga criar laço com a criança, para que ela possa advir como sujeito.

Seguimos construindo metáforas a fim de alimentar sua pulsão de vida e transformar seus impulsos agressivos em capacidade criativa. Seus grandes olhos verdes, parecem agora, menos amedrontados, mais próximos de mim e mais conectados com o mundo que se apresenta a sua volta.

A relação com Mateus me inspirou a escrever um livro infantil cujo nome é *Ana Lise e o menino de olhos verdes*. O livro narra a história de um menino de 5 anos que não sabe lidar com a raiva. Ao longo da história, a fada Ana Lise – cujo nome faz alusão ao

processo de análise (Ana-Lise) – cria meios para que o personagem consiga nomear e simbolizar a raiva, em vez de atuá-la.

O livro trata da nossa parte mais obscura e sombria, que vem à tona por meio da atuação da raiva, quando da impossibilidade de encontramos outras saídas; e ao mesmo tempo, da capacidade do ser humano de se reinventar.

Como nos ensina Hanna Arendt, “toda dor pode ser suportada se sobre ela puder ser contada uma história.”



Abstract

Because of its diversity of signs, autism challenges us to constantly study and rethink its symptoms, treatments and unfoldings. Here I present a case that challenged me to transit through this universe. I used Melanie Klein and Marie Christine Laznik as Psychoanalysis reference authors to support this study.

Keywords: *Psychoanalysis, Autism, Analysis of children.*

Referências

KLEIN, M. *Inveja e gratidão e outros trabalhos* (1946-1963). Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Obras completas de Melanie Klein, 3).

LAZNIK, M.-C. *A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito*. Salvador: Ágalma, 2004.

MINERBO, M. *Diálogos sobre a clínica psicanalítica*. São Paulo: Blucher, 2016.

OLIVEIRA, M. P. Melanie Klein e as fantasias inconscientes. *Winnicott e-prints*, São Paulo, v. 2 n. 2, p. 80-98, 2007.

SPILLIUS, E. *Uma visão da evolução clínica Kleiniana: da antropologia à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

VASCONCELOS, R. M. A. R. L. *Autismo infantil: a importância do tratamento precoce*. Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Disponível em: <www.abrapso.org.br>. Acesso em: 20 jun. 2019.

Recebido em: 30/04/2020

Aprovado em: 20/05/2020

Sobre a autora

Waleska Pessato Farenzena Fochesatto

Psicóloga.

Psicanalista.

Membro do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS).

Mestre em ciências da saúde pela Pontifícia Universidade Católica

do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Pesquisadora em epidemiologia e envelhecimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Autora do livro infantil

Ana Lise e o menino de olhos verdes.

Endereço para correspondência

E-mail: waleska.pessato@terra.com.br

Experiências extraordinárias entre o xamanismo e a psicanálise: uma reflexão psicopatológica transcultural¹

*Extraordinary experiences between shamanism and psychoanalysis:
a cross-cultural psychopathological reflection*

Víctor Cruz de Freitas, Ka Ribas e Paulo Roberto Ceccarelli

Resumo

No presente trabalho propomos compartilhar nossas “experiências extraordinárias” para além do *setting* psicanalítico, ensejadas a partir do projeto *Espaço de Saúde Integra-Ativa*. Tal projeto foi criado por dois psicanalistas e um xamã/curandeiro, com o objetivo de proporcionar palestras e promover discussões acerca dos benefícios das práticas integrativas e complementares de saúde (PIC) para a saúde mental e de outras práticas análogas a estas, como foi o caso do xamanismo.² Numa perspectiva integrativa entre o xamanismo e a psicanálise, conforme a ótica da psicopatologia fundamental e transcultural, propõe-se reflexões acerca dessas experiências extraordinárias. Resta-nos a questão: quais são os riscos de a contratransferência cultural se transformar em defesa, quando os universais constitutivos do humano propostos pela psicanálise se singularizam diferentemente segundo as culturas.

Palavras-chave: Xamanismo, Psicanálise, Transculturalidade, Contratransferência cultural.

*O xamanismo traz a certeza de que
os seres humanos não estão sozinhos
em um mundo estrangeiro,
rodeados por demônios e “forças do mal”.
Semelhantes aos deuses e seres sobrenaturais,
aos quais são feitos sacrifícios e orações,
os xamãs são “especialistas do sagrado”,
homens capazes de “ver” os espíritos,
de subir aos céus e encontrar-se com os deuses,
de descer ao mundo inferior e
lutar contra os demônios, a doença e a morte.*

MIRCEA ELIADE

1. Trabalho apresentado no XXIII CONGRESSO DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE, III JORNADA DO CÍRCULO PSICANALÍTICO DO PARÁ, *Psicanálise e diversidades: inconsciente, cultura e caminhos pulsionais*, Belém, Pará, 7 a 11 de novembro de 2019.

2. Xamanismo é um termo cunhado por antropólogos para definir um conjunto de práticas ancestrais de cura, êxtase, devoção e conexão com o transcendente. Esse conjunto de práticas é encontrado em todo o mundo, o que transforma o xamanismo em um fenômeno universal e essencialmente humano. Suas origens remontam há 40 ou 50.000 anos, no período pa-

Introdução

Desde 2015 estamos investigando os benefícios de práticas xamânicas para o tratamento das adições e toxicomanias³ e, subsequentemente, para outras afecções psíquicas como ansiedade, estresse e depressão.

Em 2016, em visita aos centros Hampichicuy e Takiwasi na alta selva amazônica peruana, foi possível ter um primeiro contato com a utilização de saberes ancestrais e com o uso de plantas sagradas integradas à psicoterapia ocidental voltada para o tratamento das toxicomanias e outras adições.

Ao cerne da Clínica Ampliada de Saúde Mental⁴ (CASM) com as modalidades psicanalíticas, psicoterápicas e psiquiátrica, criamos um projeto denominado Espaço de Saúde Integra-Ativa.⁵

Este projeto foi fundado por dois psicólogos psicanalistas e um xamã/curandeiro com o objetivo de proporcionar palestras e promover discussões acerca dos benefícios

das práticas integrativas e complementares de saúde (PIC), e de outras práticas análogas como foi o caso do xamanismo para a saúde mental.

Após um ano de investigações e discussões, acompanhando o movimento da OMS e do SUS no que diz respeito à regulamentação de cerca de 23 práticas integrativas e complementares de saúde, avançamos um pouco mais em nossas investigações.

Consequentemente, algumas dessas PICs⁶ foram/são utilizadas terapêuticamente no Espaço de Saúde Integra-Ativa, justamente por termos compreendido seus benefícios para o tratamento do sofrimento mental a título adjuvante.

Entendemos que, no campo da saúde mental, os profissionais envolvidos serão interpelados pelas dimensões orgânica, antropológica, etnológica, ambiental, cultural, filosófica e espiritual.

A perspectiva da psicopatologia fundamental nos ajuda a compreender tais fenômenos⁷ e contribui

leolítico, o que o torna a primigênia forma do ser humano de se conectar ao sagrado e a mais antiga prática espiritual da humanidade. A expressão originou-se a partir da palavra "Saman", que é a denominação dada pelos povos das estepes da Sibéria e Mongólia à pessoa, ao especialista que domina e utiliza essas práticas ancestrais e detém o conhecimento e sabedoria ancestral a elas relacionados. Entre os fundamentos do xamanismo, estão o reconhecimento do sagrado e transcendente nas diferentes manifestações de vida e respeito pela ecologia; a utilização de inúmeros recursos naturais de cura oferecidos pela natureza disponíveis nos reinos mineral, vegetal e animal; a relacionalidade e interconectividade de tudo; a necessidade de expansão de consciência humana e a comunicação com os outros mundos, dimensões e realidades. Disponível em: <<http://kawribas.blogspot.com/2017/03/os-beneficios-do-xamanismo-para-o.html?m=1>>. Acesso em: 07 de abril de 2020.

3. Minimamente, diríamos que o uso cerimonial de plantas psicoativas poderia funcionar como uma forma de gestão do gozo na medida em que o enquadre e a condução do xamã abriria a possibilidade de uma nova maneira de o indivíduo se relacionar com os psicoativos.

4. A CASM é uma *Clínica Ampliada de Saúde Mental* situada no município de Belo Horizonte, que conta com uma equipe multidisciplinar de psiquiatras e psicólogos, e atua em diversas abordagens teórico-práticas. Desde 2013, busca acolher as pessoas com sofrimento psíquico e promover tratamentos individualizados visando a melhora da qualidade de vida, almejando ser referência em tratamento psiquiátrico e psicológico em Belo Horizonte.

5. O Espaço de Saúde Integra-Ativa é uma proposta voltada para a promoção de saúde, prevenção de doenças e para redução de danos e das condutas de risco.

[...] para a redefinição do campo do psicopatológico. Ela propõe uma reflexão crítica dos modelos existentes e uma discussão dos paradigmas que afetam nossos objetos de pesquisa, nossas teorias e nossas práticas. A Psicopatologia Fundamental reconhece e dialoga com outras leituras presentes na polis psicopatológica. A noção de fundamental deve ser compreendida no sentido de uma "fundamentalidade", uma "intercienficidade dos objetos conceituais. Trata-se de um projeto de natureza intercienfífica, onde a comparação epistemológica dos modelos teórico-clínicos e de seu funcionamento propiciaria a ampliação do limite e da operacionalidade de cada um destes modelos e, consequente-

6. Referimo-nos às práticas do yoga, arteterapia, musicoterapia e constelação familiar, já regulamentadas como PICs.

7. Observamos o aumento considerável de práticas complementares de saúde, assim como um advento de práticas cerimoniais ritualísticas que envolvem o uso de plantas sagradas psicoativas.

mente, uma transformação destes últimos. A Psicopatologia Fundamental é o fórum de toda a metapsicopatologia (CECARELLI, 2005, p. 373-374).

O autor prossegue:

É importante frisar que não se trata de uma interdisciplinaridade, mas de uma transdisciplinaridade, pois campos diferentes, cada qual com métodos, procedimentos e objetivos próprios não se comunicam facilmente. A transdisciplinaridade reúne, em uma ampla rede de significações, os conhecimentos específicos e singulares de cada modelo em torno de uma concepção ética comum aos diferentes saberes. Isso possibilitará a existência de um campo discursivo que produza interações e leve a construções metafóricas (CECARELLI, 2005, p. 374)

É provável que o advento de práticas cerimoniais ritualísticas com o uso de plantas sagradas psicoativas nos centros urbanos seja tributário da falência do discurso dos ideais coletivos tradicionais, o que faz com que o desamparo resalte. A ausência de sentido para a vida, assim como o vazio e a diminuição da capacidade de sonhar, são marcas do atual mal-estar de nossa cultura.

Em Birman (2014, p. 51) podemos observar a perda ou diminuição da capacidade de desejar ou sonhar:

[...] na atualidade estaríamos no mundo do informe, sem poder sonhar e desejar, mutilados que estamos de nossas possibilidades de fantasmear, sendo engolidos pela dor de existir e pelo pesadelo. É o real, no que existe de mais desértico, que sintetiza a nossa atualidade na sua nudez. É o deserto do real que delinea o campo do sujeito hoje, na ausência de qualquer horizonte possível.

Seria possível almejar um resgate ou incremento da capacidade de sonhar a partir das experiências propostas pelas práticas xa-

mânicas do Temazcal e do Ciclo de Medicinas?

Como poderíamos integrar tais práticas e nos servir dos efeitos das mesmas em benefício da saúde mental e do tratamento para o padecer psíquico?

Capítulo 1 - Experiências extraordinárias

As origens do xamanismo remontam aos primórdios da humanidade, porém é somente no século XIX que o fenômeno xamânico passa a ser investigado com mais critério, inserindo-se no discurso ocidental sobre primitivismo e no debate acerca da magia e da racionalidade.

No século XX, o pesquisador romeno Mircea Eliade jogará nova luz sobre o estudo e a interpretação do xamanismo.⁸ Conforme a visão de Eliade, por uma ruptura no equilíbrio psíquico do xamã, o xamanismo opera como uma técnica arcaica do êxtase. Em sua obra sobre discurso xamanístico e literatura *Xamanismo – a palavra que cura*, o pesquisador Marcel de Lima Santos apresenta os seguintes conceitos de xamã e xamanismo:

Os xamãs são pessoas que podem escapar da vida mundana e mergulhar em outros níveis de consciência através do chamado voo mágico. Entretanto, ao contrário dos médiuns, os xamãs agem conscientemente. Isso significa que eles podem mover-se do mundo racional

8. “De fato, a obra clássica de Mircea Eliade foi a primeira a fornecer um estudo histórico do fenômeno do xamanismo, sistematizando e unificando as até então espalhadas e escassas fontes etnográficas. Eliade é certamente o principal pesquisador do xamanismo entre os pensadores ocidentais, [...] a visão hoje consagrada do fenômeno como um conceito religioso fundamental, isto é, do xamanismo como ingrediente primordial da religião, é proveniente de sua extensa pesquisa sobre o assunto. Longe de ser uma autoridade neutra, Eliade é por assim dizer o criador da categoria “xamanismo”. [...] Como publicou muitas obras seminais em temas ligados à religião, Eliade foi certamente o primeiro pesquisador ocidental a considerar a problemática do xamanismo e defini-la em sua complexidade” (LIMA SANTOS, 2007, p. 20).

do conhecimento lógico em direção ao reino mágico do reconhecimento sobrenatural, o qual fornece ao xamã mensagens inalcançáveis pelos níveis usuais de consciência.

[...]

Essas práticas xamânicas envolvem o alcance de um estado alterado de consciência do xamã por meio de um desarranjo consciente e extremo da psique, ou seja, de um “voo” mágico em direção de um estado extático da percepção. Isso é alcançado por meio de um número de técnicas que, em termos gerais, incluem o jejum, o afastamento solitário e/ou a ingestão de plantas sagradas, assim como a batida incessante do tambor acompanhada de cantos rítmicos e *performances* dramáticas (LIMA SANTOS, 2007, p. 21-23).

Nesse sentido, a experiência xamânica assume o caráter de uma exploração dos campos da consciência. O voo mágico do xamã é uma jornada rumo ao mistério, às dimensões além da racionalidade e do pensamento linear; transcende, transpõe e subverte preceitos, paradigmas e crenças previamente estabelecidas, que são muitas vezes consideradas absolutas e rígidas. Retira o participante do lugar comum e de sua aparente segurança emocional. Uma luminosa incursão ao universo onírico.

O xamanismo é uma experiência poderosa e formidável, que requer um equilíbrio mental e espiritual extremo, na qual xamã e paciente realizam uma viagem emocional, ao transportarem o limite de um mundo paralelo, para penetrar no domínio mítico da matéria dos sonhos (LIMA SANTOS, 2007, p. 24).

Atualmente, as práticas xamânicas encontram-se difundidas e são acessíveis ao público em geral, uma vez que já extrapolaram os limites da cultura originária, chegando aos grandes centros urbanos.

Porém, há que ressaltar a importância da devida preparação por parte do oficiante, assim como o seu reconhecimento de “especialista” e seu vínculo a uma tradição xamânica.

Originalmente, esse saber transmitido oralmente era zelosamente guardado. O candidato a “xamã” passava por duros testes que verificavam a sua capacidade de lidar com as impactantes experiências, os domínios das artes e os saberes de seu ofício.

A vocação muitas vezes era assinalada por uma ruptura em sua vida, manifestada na forma de uma enfermidade que quase o levasse à morte, ou um contato direto com alguma força da natureza (como um raio ou o ataque de um animal). Algo que o destacaria do destino comum dos demais membros de sua comunidade e que indicaria sua missão.

Apesar das significativas mudanças e do estabelecimento do xamanismo no mundo moderno, a necessidade de vinculação a uma tradição se faz presente e não anula a necessidade de ritos e iniciações para a credibilidade e eficiência de um especialista.

Ora, estamos tratando de uma rede de conhecimento desenvolvida e testada no decorrer de milênios, ancestral, que garante um mapa, um plano seguro para a exploração do vasto e fantástico universo da consciência.

Apesar de abertas a indivíduos que não sejam originalmente de seu contexto cultural, as tradições xamânicas, ainda hoje, se pautam pelo rigor na transmissão de seu saber e na formação de seus especialistas.

Chamamos isso de “linhagem ancestral”, pois une a sabedoria do passado ao momento atual, dando ao especialista legitimidade, credibilidade e competência para exercer o seu ofício, mesmo que não tenha nascido em uma comunidade tribal.

Esclarecido esse ponto, iremos agora abordar duas práticas xamânicas que temos oferecido e realizado com pessoas que buscam o xamanismo para a cura e autoconhecimento: a Cerimônia de Temazcal (sauna sagrada) e o Ciclo de Medicinas (vivência com a ingestão de plantas psicoativas).

Temazcal

Sobre a cerimônia de *Temazcal*, o líder espiritual mexicano Aurelio Díaz Tekpankalli nos esclarece a respeito da linhagem do *Fuego Sagrado de Itzachilatlán*:

Para nosotros, una de las primeras enseñanzas que existen dentro de la Tradición, es el origen. El origen nuestro es en el vientre de la Madre Tierra, y es una de las primeras ceremonias que tenemos a la hora de venir a tomar forma, a tomar fuerza, a tomar, de alguna manera, suerte en la vida. Se le llama ceremonia de Temazcal⁹ (TEKPANKALLI, 1996, p. 51).

O Temazcal é uma prática indígena milenar que consiste em uma “sauna sagrada”. Trata-se de um banho de vapor, por meio do qual o participante experimenta uma elevação espiritual e do estado de consciência. [Trata-se de um banho de vapor, que proporciona ao participante uma experiência de elevação espiritual e alteração do estado de consciência.]

Esta cerimônia é encontrada em praticada por diferentes povos e tradições, com destaque para a região conhecida como Mesoamericana (México e América Central) e as Planícies do atual EUA (onde é conhecida com o nome de Inipi). Porém, a técnica de cura com a utilização de vapor é comum em outras culturas e tradições ameríndias, inclusive nos Guarani que a chamam de *Opydjerê*.¹⁰

O nome *Temazcal* vem do Nahuatl, antiga língua ainda falada no México. Originalmente conhecida como Temazcalli ou Tematzcalli, é alvo de variadas interpretações e traduções, entre elas, “casa de limpeza” ou

“casa de purificação”. Essa prática é igualmente conhecida como tenda do suor, caba do suor ou *Sweat Lodge*.

A cerimônia acontece numa pequena cabana ou tenda de formato circular, que simbolicamente representa o útero da mãe, pois é quente, úmido e escuro. Os toques de tambor, característicos dessa cerimônia, reproduzem os batimentos acelerados do coração de um bebê.

No centro da tenda são depositadas pedras previamente aquecidas numa fogueira externa que, por sua vez, representa o pai, o fogo do Sol que fecunda a Terra. As pedras vão incandescentes para a tenda, fecha-se a porta e joga-se água nelas liberando o vapor que alcança a todos os participantes que, sentados em círculo, começarão a suar.

A escuridão total no interior da tenda, o calor excessivo, os cantos e os toques de tambor realizados pelo condutor da cerimônia, tudo contribui para uma experiência extraordinária. Nas pedras quentes, antes de ser jogada a água, também se costuma colocar ervas e plantas aromáticas, com fortes e agradáveis odores. Assim, nesse ambiente, a privação da luz e conseqüentemente da visão é compensada pela estimulação dos demais sentidos.

Fisiologicamente, o *Temazcal* estimula órgãos internos e limpa toxinas acumuladas por medicamentos, produtos químicos, alimentação inadequada, fumo e bebida alcoólica. Promove uma limpeza sanguínea, estimulando as glândulas. Pelo suor liberado pelo calor são eliminadas toxinas, bem como ácido úrico, colesterol e gorduras. Também é eficaz para reduzir a obesidade e promover o rejuvenescimento da pele, a limpeza dos seios nasais e paranasais através dos vapores aromáticos de plantas curativas. Alivia sinusite, catarro, asma e bronquite. Seu efeito relaxante combate a insônia e o estresse. Porém, todos os processos de limpeza do corpo físico e de desintoxicação promovidos pelo *Temazcal* são apenas a primeira parte do processo de cura.

9. Tradução livre: Para nós, um dos primeiros ensinamentos que existem dentro da Tradição, é a origem. Nossa origem é no ventre da Mãe Terra, e é uma das primeiras cerimônias que temos na hora de vir a tomar forma, a tomar força, a tomar, de alguma maneira, sorte na vida. Chama-se a cerimônia de *Temazcal*.

10. Denominação usada na aldeia Mbyá Guarani, Tekoha Yynn Moroti Wherá, localizada em Biguaçu, Estado de Santa Catarina e sede da Igreja Nativa Guarani Tatá Endy Rekowé.

O *Temazcal* estimula processos de transformação interna, alcançando o âmago do indivíduo. O contato com o silêncio propicia um sentimento de paz e quietude que preenche e acalma, permitindo a auto-observação. Nessa situação é possível trabalhar dores físicas e psíquicas, fobias e medos. O escuro, o local fechado, a permanência em uma posição aparentemente incômoda e o calor são fatores que levam ao despertar de diversos sentimentos. Uma cerimônia de *Temazcal* favorece a consciência de que somos capazes, elevando a autoestima, valorizando a pessoa e trazendo nova força para a vida.

A duração da cerimônia é marcada pela abertura da porta da tenda e a entrada de novas pedras. Geralmente isso acontece quatro vezes, em referência ao aspecto quádruplo de manifestações da natureza (as quatro estações, os quatro elementos, as quatro fases da lua, etc.). Em média todo o processo é concluído após cerca de três horas, podendo ser mais extenso.

A sensação após a conclusão da cerimônia é de profundo relaxamento e, ao mesmo tempo, euforia e vigor físico. Os participantes experimentam uma força interna e grande capacidade de realização. A saída de dentro da tenda representa o momento do nascimento, completando o parto, por isso o *Temazcal* é considerado uma cerimônia de renascimento.

Ciclo de medicinas

A ingestão de plantas sagradas, mágicas e visionárias, em sua capacidade de estimular e provocar a experiência extática (o “voo mágico”), é um importante recurso do xamanismo. Existe uma ampla variedade de plantas e diferentes formas de utilização em rituais e cerimônias.

Caminhar na natureza, realizar uma peregrinação, percorrer uma rota sagrada, subir lugares elevados, como o topo de montanhas, também é uma vivência xamânica. Muitas vezes, esse ritual em movimento é acompa-

nhado pelo uso das plantas sagradas. O ato de caminhar carrega um profundo simbolismo e sentido metafórico como um reflexo da própria vida. Há culturas e tradições que exploram bem essa prática e compreendem o caminhar como uma atividade espiritual. É o caso da cultura guarani.

Os guaranis têm, até os dias de hoje, um profundo respeito pelos caminhos. O “caminho”, o “caminhante” e o “caminhar” são realidades e conceitos preciosos dentro do seu complexo mundo cultural. Tanto que eles, notadamente os mbyás, orgulhosamente se autodefinem como tapejaras. Esta palavra, algumas vezes, aparece traduzida como “povo sempre em movimento”. [...] Mais que isso: a tribo inclusive sacraliza as caminhadas, que chama de oguatá (BOND, 2009, p. 180-181).

No livro *o Caminho do Peabiru*, a rota indígena sul-americana, que liga o litoral sul do Brasil ao oceano Pacífico, a historiadora Rosana Bond (2009, p. 182) cita a antropóloga Flávia de Melo para falar do sentido espiritual do “caminhar”:

Oguatá Porã significa literalmente boa caminhada. O caminhar tem uma conotação cosmológica fundamental para os Guarani. [...] É a forma com que os deuses construíram o mundo, e o caminhar pelas distintas aldeias, reconstruindo suas casas, roças, suas vidas, enfim, reproduz essa conduta (das atividades). [...] Em sentido mais amplo, oguatá é uma metáfora para “viver”. As oguatá, ato de caminhar, ou as “viagens”, são ações fundamentais para a aquisição e a utilização dos poderes xamânicos.

O caminhar na natureza com a ingestão de plantas mágicas, atividade que denominamos de “ciclo de medicinas”, tem sido utilizado por nós como prática xamânica. Nessas práticas são utilizadas algumas plantas sagradas conhecidas por povos tradicionais como “medicinas”.

O local de nossa prática tem sido as montanhas do entorno do Parque Estadual da Serra do Rola Moça, região metropolitana de Belo Horizonte (MG), que apesar da proximidade com o centro urbano, conserva belas paisagens naturais e é rica em diversidade de fauna e flora.

Quanto às medicinas, temos utilizado, alternadamente ou conjugados, o tabaco (*Nicotiana tabacum* e *Nicotiana rustica*); a ayahuasca (bebida feita do cipó *Banisteriopsis caapi* junto às folhas da *Psychotria viridis*); wachuma (*Echinopsis pachanoi*) e os honguitos (*Psilocybe cubensis*).

A atividade consiste em caminhar até o topo de uma montanha, com propósito (definido) de cura e autoconhecimento mediante a ingestão ritual de plantas sagradas. Nesse contexto, a caminhada assume o caráter de uma metáfora da própria vida do caminhan-te. Em estado de consciência ampliada, pode-se fazer *insights* e significativas reflexões acerca da alma e da vida.

Toda a atividade, desde antes da subida da montanha inclusive a prática ritual com a ingestão das medicinas, o momento de partilha da experiência com os participantes até a descida, demanda cerca de 8 horas. A etapa final, a descida da montanha, faz analogia à descida do voo mágico, pois na chegada ao pé da montanha o participante ou participantes já se encontram praticamente em um estado de consciência ordinária. Não obstante, sentindo a força e o impacto transformador da experiência.

Capítulo 2 - Uma leitura psicanalítica e transdisciplinar

Conforme demonstramos anteriormente,¹¹ os estados ampliados de consciência – sobre-

tudo aqueles engendrados pelo uso de plantas de poder psicoativas – ativam e potencializam algumas funções já exercidas pelo nosso próprio organismo quando em estado extremo ou extraordinário.

Entre eles, observamos:

- Desorientação psíquica, que pode ser acompanhada pela perda momentânea da consciência e da noção de unidade.
- Ampliação/modificação da senso-percepção e da consciência.
- Sentimento de unidade com o todo, “sentimento oceânico”.
- Produção de imagens representativas/metafóricas.

D. Nanni (2015) complementa nossa observação acerca dos estados ampliados de consciência acrescentando a ativação e a intensificação de sensações corporais e anímicas, assim como a capacidade que esses estados têm de reduzir significativamente os momentos de racionalização e de intelectualização de modo que os *insights* sejam consideravelmente favorecidos.

Consonante o entendimento sobre a superpercepção e a consciência (JUNG, 1964), observamos que não é possível perceber plenamente, tampouco entender por completo. Tudo isso depende necessariamente da quantidade e da qualidade dos sentidos, do armazenamento e do acesso ao material inconsciente, portanto existe uma limitação significativa. Podemos inferir com certa tranquilidade que toda experiência contém um número indefinido de fatores desconhecidos e que existem aspectos inconscientes da nossa percepção da realidade e da memória. Percebemos isso no fenômeno do sonho noturno.

A partir de Freud ([1900] 1996), é possível considerar, entre outras coisas, que os sonhos são produções do inconsciente que nos ajudam na compreensão dos traumas e conflitos, uma espécie de ajuda especial para digerir aqueles restos de vida diurnos que excedem no psiquismo. Pensar por imagens é mais próximo dos processos inconscientes

11. Artigo *Psicopatologia das adições e alguns entraves clínicos* apresentado no VII Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamenta (2016) e na palestra intitulada *Ayahuasca e o Incremento da Matéria dos Sonhos* no Centro de Atenção à Saúde Mental - Belo Horizonte (2017), evento do Espaço de Saúde Integra-Ativa.

do que pensar por palavras (FREUD, [1923] 1996).

Como método de exploração da vida psíquica através da associação livre de ideias, dos chistes, atos falhos, sintomas e dos sonhos, a psicanálise permite o acesso ao material inconsciente, abrindo a possibilidade de tratar o sofrimento psíquico que acomete os indivíduos.

O modelo ontogênico da construção da subjetividade é proposto por Freud a partir de/considerando um corpo pulsional originário que se complexifica consoante o desenvolvimento psicosexual, muito embora Freud nunca tenha desconsiderado a participação da perspectiva da filogênese.

Alguns autores vão além. Racamier (1992) compreende que o sujeito é o único gerador e responsável pelo seu engendramento. Para o autor, o inconsciente não é obrigado a permanecer na psique, o que amplia a concepção de subjetividade.

A noção do rizoma,¹² de Deleuze e Guattari (1980), ajuda-nos a melhor elucidar o potencial criativo de novas redes de conexões ao acreditar num universo de infinitas possibilidades. Assim, podemos ir além do Édipo no sentido de reestabelecer o ser humano em sua totalidade e na diversidade de suas relações. É legítimo, pois, associar o “corpo sem órgãos” às experiências extraordinárias que evocam os estados ampliados de consciência, ainda que, paradoxalmente, esse/tal fenômeno possa culminar no risco de o indivíduo se perder na infinidade ou cair no vazio.

Segundo Jung (1964), os sonhos não são apenas um depósito de restos diurnos e de

vida, tampouco um quarto de despejos dos desejos reprimidos. Para o autor, valeria a pena entender os sonhos como um “grande guia, um amigo e um conselheiro do consciente”.

O homem só se torna um ser integrado, tranquilo, fértil e feliz se o seu processo de individuação está realizado, ou seja, quando consciente e inconsciente aprendem a conviver em paz e completando-se um ao outro (JUNG, 1964, p. 11).

Ferenczi (1924), em *Thalassa*, demonstra que seria necessário ir mais além da ontogênese até a infância da espécie humana.

N. Abraham e M. Torok, em *L'Écorce et le noyau*, (2001) propõem pensar a psicanálise como uma ciência universal que precisa ir além da dualidade “organismo-psíquê”, no sentido de reestabelecer o ser vivo em sua totalidade. Para os autores, uma sessão de análise deveria poder nos conduzir até o passado mais remoto dos seres vivos.

Nesse sentido, consideramos pertinente almejar um resgate e um incremento da capacidade de sonhar a partir das experiências extraordinárias propostas pelas práticas xamânicas e do ciclo de medicina.

Conforme Abraham e Torok (2001), somos tecidos de símbolos, nos átomos, nas células, nos fins ideais. Tais símbolos levam em suas histórias o sentido de sua gênese. A psicanálise das origens é ao mesmo tempo uma filosofia e um instrumento de exploração, de busca (de sentidos, logo terapêutica). Ademais, é munida de mecanismo técnico e finalismo místico, oriundos do *Thalassa*, reunindo em si causa e sentido, corpo e alma, fenômenos e transfenômenos.

A regressão, processo psíquico descrito por Freud (1900, 1901 e 1905), é tomada em analogia por Gastelumendi (2016, p. 6) no que se refere ao uso da ayahuasca.

Durante la experiencia con ayahuasca ocurre una regresión por lo general intensa, produc-

12. O rizoma é um conceito inspirado na botânica. O rizoma apresenta-se das formas mais diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concretizações em bulbos e tubérculos [...] Em um rizoma, cada traço não *renvoie* necessariamente a um traço linguístico: as cadeias semióticas de toda natureza são conectadas a estes conforme os modos de codificação mais diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc., colocando em jogo não apenas os diferentes signos, mas também os estatutos dos estados das coisas (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 13).

to tanto por efectos bioquímicos cuanto por el entorno. Debido a que la forma más frecuente del ritual es a oscuras, en un relativo silencio de los participantes y en medio de los ícaros del chamán, se facilita, digámoslo en el lenguaje freudiano de 1900, el movimiento regresivo de los estímulos en el aparato psíquico. Los estímulos internos tenderán a descargarse en el polo perceptual del mismo, generando los sueños durante el dormir, pero también las visiones durante la toma de ayahuasca, siendo ambas manifestaciones de una regresión tópica. Al mismo tiempo, la ayahuasca irá produciendo cambios somáticos, modificando también el funcionamiento de la mente, de la percepción, del *self*.

Constatamos, entretanto, que as imagens e os símbolos forjados a partir das experiências extraordinárias (psicodélicas) são mais vigorosas e pitorescas do que aquelas dos sonhos, além de ser acompanhadas de um importante conteúdo afetivo.

A atribuição de sentidos e os afetos continuam sendo nossos principais focos no que se refere ao potencial terapêutico proveniente do encontro transdisciplinar, transcultural e integrativo entre as práticas do xamanismo e da psicanálise.

Vieira, Bastos e Teixeira (2017, p. 151) nos ajudam a elucidar que

No dizer de Freud, o elemento indiferenciado seria na verdade a pulsão, que só ganha qualidade perceptiva como afeto ao se associar ao objeto que lhe confere uma representação. O afeto passa, assim, a ser definido como tonalidade subjetiva da descarga pulsional associada a esse elemento representativo. Neste sentido, notamos que a pulsão só afeta a percepção se receber uma representação da linguagem, cujos elementos se organizam, como se verá, numa lógica independente do discurso da consciência.

Os estados ampliados de consciência decorrentes de práticas xamânicas parecem nos

abrir a possibilidade, tal como nos sonhos, de trabalhar com um material inconsciente pouco acessível.

Segundo Ferreira (2016, p. 4)

Pesquisas recentes com neuroimagens fazem uma comparação da experiência com a ayahuasca com os sonhos, pois as áreas que são ativadas são semelhantes, observaram que a ayahuasca ativa uma região do cérebro relacionada à memória e outra ligada à visão, e a intensidade da ativação na área visual seria a mesma se a pessoa estivesse com os olhos abertos.

Não obstante, diríamos que, no caso da ayahuasca, entre outras coisas, ocorreria algo mais aproximado a um sonho lúcido do que um sonho ordinário, pois são incomuns relatos de perda de consciência durante as mirações.

Para que o sujeito consiga, então, se apropriar das metáforas que farão parecer real seu paraíso, será necessário cativar e se deixar ser cativado por aquilo susceptível de proporcionar o bem, em outras palavras, envolver-se o mais verdadeiramente possível com o amor, pois é por falta dele que se sofre e é por falta dele que se padece. [...] trata-se de uma proposta de tratamento do anímico em seu sentido mais amplo e mais profundo (FREITAS, 2016, p. 10).

Enfim, ressaltamos que, por mais espetaculares que sejam, as imagens nos interessam menos do que a psicoativação afetiva, os *insights* e a atribuição de sentidos.

Considerações finais

O advento de práticas cerimoniais nos centros urbanos nos instiga a investigar os limites e as possibilidades de um diálogo transcultural, dentro de uma perspectiva discursiva ensejada pela psicanálise e pela psicopatologia fundamental, e apoiada pela experiência clínica.

Entretanto, é importante estarmos atentos para que os novos sentidos produzidos por essas práticas, sobretudo nos centros urbanos, não se transformem em uma espécie de prótese¹³ totêmica capaz de nos amparar na falta de sentido de uma cultura que falha, produzindo a “contratransferência cultural” (CECCARELLI, 2016). Isto é, produzir “sentidos” que, no fundo, apenas mascaram, pela repetição do mesmo em cópias variadas, o mal-estar que levou o sujeito a procurar novas saídas.

Segundo Freud ([1913] 1996, p. 115), o totêmico

[...] constitui tanto uma religião como um sistema social. Em seu aspecto religioso, consiste nas relações de respeito e proteção mútua entre um homem e o seu totem. No aspecto social, consiste nas relações dos integrantes do clã uns com os outros e com os homens de outros clãs.

Nosso primeiro alvo de discussão é a capacidade que estas cerimônias – regadas a plantas de poder – teriam em propiciar a produção de novos sentidos e/ou de fazer um resgate sensível dos afetos/emoções e do corpo.

Observamos uma totemização das plantas sagradas ou de poder, na qual

[...] a vinculação entre um homem e seu totem é mutuamente benéfica, (pois) o totem protege o homem e este mostra seu respeito por aquele de diversas maneiras [...] (FREUD, [1913] 1996, p. 115).

Ademais, o

Totem é [...] um nome indicativo de ancestralidade [...], possui também uma significação mitológica” (FREUD, [1913] 1996, p. 117).

Parece haver alguma relação entre o que denominamos Totem e o Ideal do Eu. No caso da ayahuasca e de tantas outras plantas ancestrais consideradas como plantas *maestras* ou plantas professoras, percebemos que elas têm também a mesma função do mentor, isto é, trazem *enseñanza*.

Os mitos representam o capital fantasmático de uma cultura. Eles possibilitam construir o ponto de partida que permite fundar, historicamente, a origem do homem, dos animais e das coisas, assegurando dessa forma um ordenamento do irrepresentável às representações linguísticas, ou do gozo ao desejo. Os relatos míticos têm a função de cura (CECCARELLI, 2012, p. 67)

Segundo Freitas (2017),¹⁴ o uso da ayahuasca incrementaria o que ele denomina de matéria dos sonhos.¹⁵ A matéria dos sonhos seria composta pelos símbolos inscritos em um inconsciente coletivo, mas que se personaliza (individualmente). Encontramos ressonância com esse modo de entender o psiquismo nos trabalhos de Jung (1964) sobre as relações entre os sonhos e os mitos. Isso se dá em função da história de cada um, da sua subjetividade, das suas experiências e vivências. Ademais, se para a psicanálise os sonhos são o mais fecundo e acessível campo de exploração do inconsciente (FREUD, [1900] 1996), a utilização de psicodélicos/enteógenos – sobretudo no contexto cerimonial ritualístico – incrementaria ainda mais esses recursos (sonhos).

13. Prótese (do grego antigo *prósthesis*, “adição, aplicação, acessório”) é o componente artificial que tem por finalidade suprir necessidades e funções de indivíduos sequelados por amputações, traumas ou deficiências físicas de nascença. A prótese pode virar “um substituto ideal”, com a vantagem de ser mais resistente. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Pr%C3%B3tese>>. Acesso em: 19 jun. 2018.

14. Palestra *Ayahuasca e o incremento da matéria dos sonhos* realizada no Espaço de Saúde Integra-Ativa do Centro de Atenção à Saúde Mental, em Belo Horizonte, no dia 28/08/2017.

15. Termo criado pelo autor.

A matéria dos sonhos é de inspiração mitológica e arquetípica, e proporciona um encontro com os resíduos arcaicos. No campo do xamanismo e de outras manifestações religiosas/espiritualistas, são transmitidas por fábulas, cantos, contação de histórias, rezos, ícaros, hinos, etc.

A psicoativação da matéria dos sonhos se dá pelo acesso ao material inconsciente individual/coletivo, e chegaria conforme imagens e símbolos que, por sua vez, são enlaçadas afetivamente.

Para os autores, a atribuição de sentido e significação para a vida, atrelada às funções totêmicas (religiosa e social) tem muito potencial curativo.

Devemos ainda estar atentos aos ensinamentos de Freud ([1927] 1996) e ficar alertas quanto ao caráter ilusório, quiçá delirante das representações religiosas. Para o autor, a cultura é o que cria estas representações.

Cria-se um tesouro de representações, nascidas da necessidade de tornar suportável o desamparo humano, edificado a partir do material (*ics*) que são as lembranças da própria infância e do gênero humano (FREUD, [1927] 1996, p. 341).

André (1995), sob as plumas de Freud, nos diz que a denegação é um mecanismo forte presente nas doutrinas religiosas e sinaliza uma afeção narcísica, na qual, entre outras coisas, denega-se a morte. É neurotizante, pois cria-se normas e ritos de proteção e de purificação para preservação da espécie, “Não matarás”. É também psicotizante, pois garante a vida eterna e distingue muito pouco a ilusão da alucinação: a religiosidade tende a restaurar, sob um modo alucinatório, o narcisismo ilimitado correlato do sentimento de impotência infantil. Freud não está distante de retomar as palavras de Marx: “A religião é o ópio do povo” e considerar que sua ação pode ser assimilada à ação de um narcótico.

Naturalmente, devemos salientar que, no campo da saúde mental, tais práticas não são indicadas aos indivíduos portadores do so-

frimento psíquico como psicótico, incluindo os TAB, por risco de descompensação.

A partir de uma experiência extraordinária e transcultural, existiria a possibilidade de o sujeito se apropriar satisfatoriamente das metáforas religiosas que farão parecer real o seu paraíso?

Quais os riscos de a contratransferência cultural transformar-se em defesa quando os universais constitutivos do humano propostos pela psicanálise se singularizam diferentemente segundo as culturas? (CECCARELLI, 2016).

Nossas pesquisas teórico-clínicas sugerem que os elementos presentes na contratransferência cultural, assim como os que sustentam a psicopatologia fundamental (a particularidade dos caminhos do *pathos* de cada sujeito, devido à singularidade de sua história), podem servir tanto para propiciar uma visão diferente do sofrimento psíquico quanto para aumentar o diálogo entre diferentes formas de sublimação.

Muito embora haja pesquisadores que propõem o uso clínico de psicoativos, nossa aposta é numa proposta integrativa, na qual os psicoativos e as experiências extraordinárias ficariam ao encargo dos xamãs/curandeiros.

Abstract

In this work we propose to share our “extraordinary experiences” beyond the psychoanalytic setting, arising from the Integra-Ativa Health Space project. This project was created by two psychoanalysts and a shaman / healer, with the objective of providing lectures and promoting discussions about the benefits of integrative practices and complementary health services (PIC) for mental health and other practices similar to these, as was the case with shamanism. In an integrative perspective between shamanism and psychoanalysis, according to the perspective of fundamental and cross-cultural psychopathology, reflections on these extraordinary experiences are proposed. The question remains: what are the risks of cultural countertransference becoming defense, when the constitutive universals of the human proposed by psychoanalysis are differentiated according to cultures.

Keywords: Shamanism, Psychoanalysis, Transculturality, Cultural countertransference.

Referências

- ABRAHAM, N.; TOROK, M. *L'écorce et le noyau. Champs essais - Psychologie et psychanalyse*, n. 885, Paris, 2001.
- ANDOKA, F. “Qu'est-se qu'un coprs sans organes?” *Philosophique* [en ligne], 16 | 2013, mise en ligne le 13 juin 2016, consulte le 07 mars 2018. URL: <<http://journals.openedition.org/philosophique/838>> DOI: 10.4000/philosophique.838
- ANDRÉ, J. Préface. In: _____. *L'avenir d'une illusion*. Paris: PUF, 1995.
- BIRMAN, J. *O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- BOND, R. *História do caminho de Peabiru*. Aimberê: Rio de Janeiro, 2009.
- CECCARELLI, P. R. Contratransferência cultural e método clínico. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, 19(4), p. 707-719, dez. 2016.
- CECCARELLI, P. R. Mitologia e perversão. In: PASTORI, S.; NICOLAU, R. (Orgs.). *Encontro transcultural: subjetividade e psicopatologia no mundo globalizado*. São Paulo: Escuta, 2012. p. 61-88.
- CECCARELLI, P. R. O sofrimento psíquico na perspectiva da psicopatologia fundamental. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 10, n. 3, p. 471-477, set./dez. 2005.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mille plateaux*. Paris: Les éditions de Minuit, 1980.
- ELIADE, M. *Shamanism: archaic techniques of ecstasy*. Princeton: Princeton University Press, 1964.
- FERENCZI, S. *Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. (Obras completas psicanálise, 3).
- FREITAS, V. C. Psicopatologia das adições e alguns entraves clínicos. *VII Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental*, João Pessoa (PB), 2016.
- FREUD, S. *A interpretação de sonhos* (1900). Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 4).

FREUD, S. *L'avenir d'une illusion*. Paris: PUF, 1927.

FREUD, S. O ego e o id (1923). In: _____. *O ego e o id e outros trabalhos* (1923-1925). Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 25-71. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). In: _____. *Um caso de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos* (1901-1905). Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 119-229. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).

FREUD, S. Totem e tabu (1913). In: _____. *Totem e tabu e outros trabalhos* (1913-1914). Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 21-162. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 13).

GASTELUMENDI, E. Una mirada psicoanalítica a la experiencia con ayahuasca. *Revista 12 SPP*, 2016. Lima, Perú.

JUNG, C.G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2016.

LIMA E FERREIRA, F. A experiência com ayahuasca como via para o reconhecimento do inconsciente. NEIP - Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos. São Paulo, 2016.

LIMA SANTOS, M. *Xamanismo - a palavra que cura*. São Paulo: Paulinas; Ed. PUC Minas, 2007.

MELLO, F. C. *Aetchá Nhanderukuery Karáí Retarã - Entre deuses e animais; Xamanismo, parentesco e transformacionismo entre os Chiripá e Mbyá Guarani*. 2006. 300 fl. Tese (Doutorado em antropologia social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

NANNI, D. *Cuatro escritos sobre el uso de ayahuasca en psicoterapia*. Paraná: Fundación La Hendija, 2015.

RACAMIER, P. C. *Le génie des origines: psychanalyse et psychoses*. Paris: Payot-rivages, 1992.

TEKPANKALLI, A. D. *Una voz para los hijos de la tierra - Tradición oral del Camino Rojo*. Iglesia Nativa Americana de Itzachilatlan, Illinois, USA, 1996.

VIEIRA, M. A.; BASTOS, A.; TEIXEIRA, A. Semiologia da afetividade: o afeto que se encerra na estrutura. *Psicopatologia Lacaniana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

Recebido em: 15/11/2019

Aprovado em: 12/12/2019

Sobre os autores

Víctor Cruz de Freitas

Psicólogo.
Mestre em Psicologia: Psicopatologia e Psicanálise pela Université Paris VII, Diderot, França.
Sócio-diretor e psicoterapeuta da CASM (Clínica Ampliada de Saúde Mental).
Postulante junto à Sociedade Brasileira de Psicanálise – MG (SBP-MG).
Formação em Psicanálise,
Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG).
Professor de pós-graduação.
Professor do Instituto Contemporâneo de Psicanálise e Transdisciplinaridade.
Membro do grupo Aberto Sándor Ferenczi.
Coordenador do Núcleo de Investigação sobre o Corpo e cocoordenador do Grupo de Estudos Toxicomanias e Psicanálise da CASM.

Ka Ribas

Homem Medicina, terapeuta sistêmico e educador.
Especialista em História da América Latina.
Condutor de cerimônias ancestrais e membro conselheiro da Igreja Nativa Guarani Tatá Endy Rekowé.
Idealizador do Método A.R.C.O.
- Aplicação e Resgate de Conhecimentos Originários.
Cocoordenador do Espaço de Saúde Integra-Ativa.

Paulo Roberto Ceccarelli

Psicólogo.
Psicanalista.
Doutor em psicopatologia fundamental e psicanálise pela Universidade de Paris 7 - Diderot.
Pós-doutor pela Universidade de Paris 7.
Coordenador do Instituto Mineiro de Sexualidade (IMSEX <www.imsex.com.br>).
Diretor científico do Centro de Atenção à Saúde Mental (CESAME <www.cesamebh.com.br>).
Membro da Société de Psychanalyse Freudienne - Paris, França.
Membro da Associação Universitária de Pesquisa em psicopatologia fundamental.
Pesquisador do CNPq.
Professor Adjunto IV da PUC Minas.
Professor e orientador de pesquisas do mestrado de Promoção de Saúde e Prevenção da Violência/MP, da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
Professor e orientador de pesquisas na pós-graduação em psicologia da Universidade Federal do Pará (UFPA).
Sócio do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG).
Sócio fundador do Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA).

Endereço para correspondência

Víctor Cruz de Freitas

E-mail: vcruzfreitas@gmail.com

Ka Ribas

E-mail: aguiaeconductor@gmail.com

Paulo Roberto Ceccarelli

E-mail: paulorcbh@mac.com

Um estudo psicanalítico sobre perdas mitológicas e etnocídio a partir do documentário “Ex-pajé”¹

A psychoanalytic study on mythological losses and ethnocide from the documentary “Ex-Shaman”

Dorivaldo Pantoja Borges Junior
Paulo Roberto Ceccarelli

Resumo

O objetivo deste estudo foi investigar as consequências psíquicas das perdas mitológicas vivenciadas pela tribo Pater-Suruí, sobretudo por Perpera, o pajé. Para isso, nos apoiamos na análise do documentário *Ex-pajé* (2018), dirigido por Luiz Bolognesi. As contribuições antropológicas sobre o fenômeno do etnocídio ampliaram nossa investigação. A partir das análises, observamos que, com a chegada do “não indígena”, as manifestações espirituais da tribo foram reprimidas, desvalorizadas e substituídas por outros valores. Os novos ideais suscitaram o desamparo coletivo e individual da tribo, devido à perda das referências identitárias, o que sinalizou a necessidade de retorno às antigas práticas constitutivas do grupo. Concluímos que se, de um lado, o “choque mitológico” tem um efeito desorganizador, por outro, o resgate das referências identificatórias restabelece a circulação pulsional original.

Palavras-chave: Perdas mitológicas, Etnocídio, Psicanálise, Amazônia.

Introdução

O cultural e o individual não se dissociam (FREUD, [1922] 2011). E é sob essa prerrogativa que nos apoiamos ao refletir sobre os mitos de origem: os mitos culturais influenciam os individuais.

Por mito, de maneira geral, entende-se a ligação entre o sujeito e suas histórias originárias, assim como ligação com a cultura à qual pertence: o mito é entendido como a “palavra fundadora de identidade” (CECCARELLI, 2012, p. 32). A compreensão sobre mitos de uma cultura é peça-chave para se

tomar conhecimento de seus aspectos estruturais.

O Brasil, um país de grande diversidade cultural e influenciado por diversas matrizes étnicas, é um exemplo de variedade de tipos de produção econômica, religiosa, musical, entre outras manifestações culturais (DAMATTA, 1986). Os modos de produção, a religião e os aspectos culturais de uma determinada comunidade estruturam o desenvolvimento psíquico de seus componentes.

Embora seja um conceito caro à antropologia, não existe uma discussão fechada a

1. Trabalho apresentado no XXIII CONGRESSO DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE, III JORNADA DO CÍRCULO PSICANALÍTICO DO PARÁ, *Psicanálise e diversidades: inconsciente, cultura e caminhos pulsionais*, Belém, Pará, 7 a 11 de novembro de 2019.

respeito da cultura. Apesar disso, há autores que a compreendem a partir de seu olhar: cultura é um sistema simbólico necessário à sobrevivência, é dinâmico e condiciona os modos de vida dos sujeitos inseridos nela (LARAIA, 2008).

Entre as pesquisas antropológicas, interessa-nos um tema contemporâneo, introduzido pelo etnólogo Robert Jaulin: o etnocídio. Comparado ao genocídio, um crime de lesa-humanidade, mediante o qual se extermina um determinado grupo humano, o etnocídio amplia essa noção ao patamar de cultura, religião e língua. Não à toa, anteriormente fora chamado de genocídio cultural.

Segundo Correia (2011), o fundo que embasa essa noção são as relações de poder, que desde a colonização dos territórios, vêm gerando repressão cultural e imposição de determinados valores sobre outros. O etnocídio corresponde, então, à incorporação forçada de determinada cultura, levando à extinção da comunidade que é vítima desse fenômeno.

Frente a esses pontos, o presente trabalho fundamenta-se no estudo dos processos de perdas mitológicas. Travassos (2014) argumenta que as suas consequências podem ser avassaladoras no que diz respeito à organização psíquica. Quando os mitos são confrontados ou perdidos, os sujeitos são lançados a um estado de desamparo proveniente do mal-estar produzido pelas perdas das referências identitárias constitutivas o eu.

Para estudar o fenômeno, lançamos mão do documentário *Ex-pajé*, dirigido por Luiz Bolognesi e lançado em 2018. Para isso, utilizamos da pesquisa teórica em psicanálise, cujas premissas são as manifestações do inconsciente e a realidade psíquica (CECCARELLI, 2009). Pretendeu-se traçar uma compreensão sobre perdas mitológicas e relacioná-las à vivência da etnia *Paiteer-Suruí*, especialmente de *Perpera*, o pajé da tribo. De acordo com os resultados obtidos, objetivamos colaborar para a expansão do arcabouço teórico psicanalítico a respeito da diver-

sidade cultural e os diversos processos que as circundam. A presente pesquisa parte do interesse em investigar fenômenos culturais amazônicos, com base no viés psicanalítico.

“Sabe como os Paiteer-Suruí vivemos?”: o documentário

O documentário retrata o cotidiano de uma comunidade indígena denominada Paiteer-Suruí. O objetivo do material é reproduzir os impactos que a chegada do não indígena exerceu sobre essa etnia.

De início, é mostrada uma breve definição, dada por Pierre Clastres (1980, p. 83), a respeito do etnocídio:

O etnocídio não é a destruição física dos homens, mas a destruição sistemática dos seus modos de vida e pensamento. Enquanto o genocídio assassina os povos em seu corpo, o etnocídio os mata em seu espírito.

As primeiras imagens do documentário mostram o antigo pajé recebendo a publicação da pesquisa da qual fizera parte. Nesse momento, surge a primeira fala a respeito do encargo de ser um pajé, que dá continuidade ao restante do enredo: “Antigamente, se consultava o pajé para tudo. Hoje, só tomam aspirina”.

O audiovisual retrata o dia a dia de Perpera, suas idas à cidade, à igreja, seu relacionamento com os espíritos antigos, bem como os acontecimentos que o rodeiam (extração ilegal de madeira, adoecimento de membros da comunidade, entre outros).

Nas conversas que tinha com seu sobrinho, o ex-pajé, então responsável pelo zelo da igreja e pela recepção dos demais membros da igreja, falava sobre a relação de consideração que os antigos espíritos tinham pelo pajé a ponto de estabelecer contato somente com ele. “Ser pajé era sinal de prestígio”, já que era a figura que os demais procuravam quando precisavam de ajuda.

Contudo, com a chegada dos não indígenas, o cenário mudou: ser pajé se tornou algo

errado, do “demônio”, resultando numa mudança de dinâmica na tribo: os que outrora procuravam pelo pajé em busca de orientação passaram a rejeitá-lo enquanto Perpera não integrasse as atividades cristãs.

São mostradas no vídeo as mudanças ocorridas na tribo: a inserção de medicamentos e alimentos industrializados, aparelhos eletrônicos e novas formas de crença, embora alguns aspectos culturais originários ainda fossem mantidos (pinturas corporais, construção de utensílios artesanais, caça, pesca e plantio).

O ápice do documentário é quando, em uma das colheitas de batata, uma Paiter é picada por uma jararaca e acometida por graves sintomas que os médicos e os medicamentos não combateram efetivamente.

**“O pastor não vai gostar”:
sobre o processo de perdas mitológicas
e suas relações com o etnocídio**

Como já mencionado, o mito exerce uma função organizadora no aparelho psíquico, sua formação individual está estritamente relacionada ao mito social, já que a construção do Eu é feita a partir da relação com o outro (FREUD, [1922] 2011). A psique é fruto da cultura, que é modificada pelas ações dos sujeitos. Através do mito, o sujeito pode representar sua história e a dos que lhe precederam.

Todavia, quando o sujeito tem o seu mito individual confrontado, seu psiquismo é abalado/desorganizado, o que pode vir a ser traumático. Tal perda identitária abre caminho para outras saídas subjetivas, assim como os estados depressivos (CECCARELLI, 2007, p. 184).

Durante o documentário, foi perceptível o incômodo vivenciado pelo protagonista, seja dentro, seja fora dos cultos cristãos. Há um momento em que a lâmpada do quarto onde o pajé dormia não liga, deixando-o inquieto, pois estava com medo de que, durante a noite, “[...] os espíritos da floresta batessem nele por raiva da igreja”.

Ademais, durante as cerimônias na igreja, o olhar de Perpera era voltado para a floresta e para os animais. Sua expressão demonstrava abatimento, o que pode ser relacionado com o conteúdo enunciado também por Ceccarelli (2007) sobre um dos efeitos da perda de referências: o sentimento de desamparo, resultado do estado de desproteção estrutural do humano.

É interessante observar a mudança de paradigma: antes, ao se conectar ao espírito *Goãh Ney* (o espírito das águas), o pajé recebia dos espíritos o alimento de acordo com a necessidade da comunidade. Entretanto, o contexto muda com a chegada da igreja e as mensagens sobre o arrependimento dos pecados e seus prejuízos à vida de alguém. Isso pôde ser identificado na cena em que uma das participantes da igreja falou que estivera afastada e, por isso, teve problemas em sua vida.

Outro aspecto a ser mencionado é a repressão dos conhecimentos da comunidade. Antes de acontecer o acidente na plantação de batata (o ataque da jararaca), Perpera estava falando sobre as cobras: elas eram enviadas pelos espíritos inimigos e, naquele momento, a tribo não estava mais sob a proteção dos espíritos, e isso foi o estopim para o resgate das antigas práticas. Já que os medicamentos não estavam resultando na melhora da moça atacada pela cobra, a única solução era pedir ao Pajé que se comunicasse com os espíritos visando a melhora da mãe de seu sobrinho.

O pajé pediu que fosse construída uma flauta cujo toque seria capaz de chamar os espíritos e, assim, curar a moça que estava hospitalizada. “Sobrinho, já que você me chamou, precisam seguir nossa tradição [...]”. Melhor não consumir nada dos brancos agora”, foram as palavras do pajé antes de iniciar os rituais.

Ao analisar esse discurso, indagou-se a respeito de como essas palavras sugerem uma religião com os componentes identitários perdidos. As palavras pronunciadas por Perpera diante da mulher hospitalizada

reiteram essa hipótese: o pajé convoca os espíritos a curar a moça. Depois desse momento, o sujeito adoentado finalmente começa a melhorar.

“Eu sou um guerreiro Paiter!”: encantamentos finais

O objetivo do documentário foi retratar o etnocídio, considerado como a imposição de uma cultura sobre outra, a ponto de extingui-la (CORREIA, 2011). Tomando isso como base/Com base nisso, articulamos, a partir de um viés psicanalítico, o processo de perdas mitológicas.

Ao analisar o documentário, identificamos que a comunidade Paiter-Suruí possui, assim como toda cultura, seus modos de funcionamento, acometendo diretamente a singularidade das formas de vida de cada sujeito.

Antes de encerrarmos nossas reflexões, duas cenas podem ser comparadas a fim de reiterar o que fora dito: frente a um cupinzeiro, ou como chamado no documentário: “Wasahpôga”, um inimigo cujo enfrentamento só pode ser por um guerreiro Paiter-Suruí protegido pelos espíritos, Perpera orientou uma criança a não tocar naquilo com seu arco e flecha, já que a comunidade não estava sob a proteção dos espíritos.

Depois do episódio de cura do veneno da jararaca e antes de o documentário chegar ao seu final, o cupinzeiro é destruído por um dos Paiter dizendo “Eu não tenho medo. Sou um guerreiro Paiter. É o seu fim, inimigo”, apontando para uma possível recuperação das referências mitológicas, assim como o restabelecimento da circulação pulsional anterior, já que os componentes ideativos também foram reorganizados.

Entretanto, percebemos que, durante o processo, a comunidade perdera suas referências (a proteção dos espíritos), sendo destituída da posição de guerreiros que eliminam inimigos e que, quando necessitam, recebem o alimento diretamente dos espíritos.

Concluimos que, de um lado, o “choque mitológico” tem um efeito desorganizador e, de outro, o resgate das referências identificatórias dos mitos de origens restabelece a circulação pulsional original: os Paiter restituíram seu lugar de guerreiros e não vivem mais com medo.

Abstract

The aim of this study was to investigate the psychic consequences of the mythological losses experienced by the Pater-Suruí tribe, especially by Perpera, the shaman. For this, we rely on the analysis of the documentary “Ex-Shaman” (2018), directed by Luiz Bolognesi. Anthropological contributions on the phenomenon of ethnocide, we broaden our investigation. From the analysis, it was observed that, with the arrival of the “non-Indian”, the spiritual manifestations of the tribe were repressed, devalued, and replaced by other values. The new values, however, aroused collective and individual helplessness due to the loss of identity references, which led to the return of the group’s old constitutive practices. It was concluded that if, on the one hand, the “mythological shock” has a disorganizing effect, on the other hand, the retrieval of the identifying references of the origins restores the original drive circulation.

Keywords: *Mythological Losses, Ethnocide, Psychoanalysis, Amazon.*

Referências

CECCARELLI, P. R. *Considerações sobre pesquisa em psicanálise*. 2012. Disponível em: <<http://www.ceccarelli.psc.br/texts/consideracoes-sobre-pesquisa-em-psicanalise.pdf>>. Acesso: 12 out. 2019.

CECCARELLI, P. R. Mitologia e processos identificatórios. *Tempo psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 39, p. 179-199, maio 2007. Disponível em: <<http://www.ceccarelli.psc.br/texts/mitologias-processos-identitarios.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2019.

CLASTRES, P. *Arqueologia da violência: ensaios de antropologia política*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

CORREIA, G. J. Breves notas sobre a concepção de etnocídio e seu contexto como violação de direitos humanos. *Lex Humana*, Petrópolis, v. 3, n. 1, p. 36-49, jul. 2011. ISSN 2175-0947. Disponível em: <http://seer.ucp.br/seer/index.php/LexHumana/article/view/106>. Acesso: 13 out. 2019. Publicação do Mestrado em Direito da Universidade Católica de Petrópolis.

DA MATTA, R. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

EX-PAJÉ. Direção: Luiz Bolognesi. São Paulo: Buriti Filmes e Gullane, 2018. (1h 21 min).

FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930). In: _____. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, 18).

FREUD, S. Psicologia das Massas e análise do eu (1922). In: _____. *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Obras completas, 15).

LARAIA, R. B. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

TAVARES, L. A. T.; HASHIMOTO, F. A pesquisa teórica em psicanálise: das suas condições e possibilidades. *Gerai: Revista Interinstitucional de Psicologia*, São João del-Rei, v. 2, p. 166-178, jul. 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/127040>>. Acesso em: 12 out. 2019.

TRAVASSOS, M. R. C. *Mitos de origem e processos identificatórios na Amazônia: uma visão psicanalítica*.

2014. Dissertação (Mestrado em psicologia clínica e cultura) - Faculdade de Psicologia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

Recebido em: 10/11/2019

Aprovado em: 28/11/2019

Sobre os autores

Dorivaldo Pantoja Borges Junior

Graduando em Psicologia
pela Universidade da Amazônia (UNAMA).
Bolsista PIBIC/CNPq do Programa de Pós-
graduação em Comunicação, Linguagens
e Cultura (PPGCLC/UNAMA).
Diretor Científico da Liga Acadêmica Paraense
de Saúde Mental (LAPASME).

Paulo Roberto Ceccarelli

Psicólogo.
Psicanalista.
Doutor em psicopatologia fundamental
e psicanálise pela Universidade de Paris 7 - Diderot.
Pós-doutor pela Universidade de Paris 7.
Coordenador do Instituto Mineiro de Sexualidade
(IMSEX <www.imsex.com.br>).
Diretor científico do Centro de Atenção à Saúde
Mental (CESAME <www.cesamebh.com.br>).
Membro da Société de Psychanalyse Freudienne
- Paris, França.
Membro da Associa  o Universitária de Pesquisa
em psicopatologia fundamental.
Pesquisador do CNPq.
Professor Adjunto IV da PUC Minas.
Professor e orientador de pesquisas do mestrado
de Promo  o de Saúde e Preven  o da Violência/MP,
da Faculdade de Medicina da Universidade Federal
de Minas Gerais (UFMG).
Professor e orientador de pesquisas
na pós-gradua  o em psicologia
da Universidade Federal do Pará (UFPA).
Sócio do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais
(CPMG).
Sócio fundador do Círculo Psicanalítico
do Pará (CPPA).

Endereço para correspondência

Dorivaldo Pantoja Borges Junior

E-mail: dorivaldopsi@outlook.com

Paulo Roberto Ceccarelli

E-mail: paulorcbh@mac.com

Homepage: www.ceccarelli.psc.br

Quarentena, o bem que ela nos faz¹

Quarentine, the good it does to us

Carlos Pinto Corrêa

Resumo

A quarentena é uma invenção legal. De início seria um tempo livre favorecendo o usufruto para pensar sem compromisso. Na verdade, nova forma de pensar cujos propósitos não são suficientemente claros. Retiradas as metas assertivas, a quarentena é uma condenação à revisão de erros pelos quais a humanidade tem que se responsabilizar. O autor lembra que a proposta parece um surto inimaginável e até seu impacto não real. É surpreendente, exigindo que a população tente avaliações inventadas. Existe ainda a necessidade de vivê-la sem desespero enlouquecedor ou apatia, enfrentar um coletivo duro e ameaçador, antecipando a solidariedade que será exigida.

Palavras-chave: Quarentena, Entendimento, Tempo, Experiência de vida, Mudança social.

Fui chamado a escrever sobre a quarentena, tema borbulhante que, segundo se acredita, deve mudar o mundo. O que há de ser de todos nós? Pronto para fantasiar, pensei sobre os novos tempos desconhecidos, vendo pessoas animadas falando dos novos tempos como se produzissem um conto. Não se pode esperar uma história cativante, mas duramente aceitar tornar-se personagem de uma história equivocada e sem futuro.

De minha parte, com a quarentena votada e autorizada pelo poder público, ganhei um curioso intervalo, que nunca imaginei existir. Uma invenção legal. Como todo mundo, fui convocado a ficar em casa, sem trabalhar no consultório, proibido de contatos de fora, aulas, sair às ruas, visitar ou ser visitado. Surgiu um perigo iminente que precisava ser evitado a qualquer custo. Teria, então, dias somente para mim, comigo mesmo, talvez ler ou escrever, quem sabe? Um tempo livre

em que não seria obrigado a preencher com qualquer tipo de compromisso; ao contrário, uma oportunidade divina para usufruir, sem saber de que ou em nome de quem.

Ocorreu-me estar intimado a pensar, simplesmente pensar, deixar que as ideias fluíssem sem compromisso, sem buscar uma conclusão inopinada, desnecessária, mas vejo-me inclinado para um roteiro de crítica literária, entendendo-se minha atração pela revisão do que foi lido e escrito por mim. Quando sentimos que o mundo todo vai mal, como acontece em nossa quarentena, podemos buscar conforto em autores e obras que nos consolam. Mas lembrando o que disse Azevedo (2020, p. 13): “Embora se alimente da vida prática, a literatura não é sua refém”.

O objeto literário produz seus próprios sentidos tantas vezes alterados na vida social, que é capaz de agir criando fronteiras, derrubando muros, reinventando as pessoas,

1. Um pouco da perplexidade contingencial que sugere a dúvida inicial sobre a eficiência do isolamento como medida única para preservação da saúde coletiva. Texto apresentado originalmente na Oficina de Criação Literária e Psicanálise do Campo Psicanalítico Salvador, em 08 maio 2020 e, com posterior revisão, apresentado em *live* no Círculo Psicanalítico da Bahia em 01 jul. 2020.

transformando territórios. A produção literária sempre foi decisiva como criadora de costumes, inovadora de revisões éticas e proposições ideológicas que chegam a estabelecer utopias defendidas no exercício da sociologia, incluídas no índice dos pecados graves ou na presunção da santidade e ainda elemento crítico da evolução suprema para a humanidade. Vamos à pergunta crucial de Antônio Cândido (1965, p. 05) com uma das questões fundadoras da teoria literária: “Qual seria a relação entre a literatura e sociedade?”

Comumente, a opinião pública e a canonicidade garantem à obra literária o direito de ser considerada humana, com interpretação e relevância no discurso social. Não é na cena edificante e na perfeição literária que se encontra o sublime da obra literária. “É do erro e não da santidade que sai nossa essência humana”, como defendeu Alice Walker (2020).

O momento em que lembrei com perplexidade contingencial, é também sugestivo para um entendimento sociológico. Chegamos à anomia (ausência de valores) ou à disnomia (confusão de valores) e ainda à supressão de elementos essenciais da vida ordinária pelas transformações recentes que viraram o mundo com a atual quarentena. Novas formas de pensar, cujos propósitos ainda não estão suficientemente claros mesmo com a pretensão de escapar das meras repetições.

Por outro lado, estamos descobrindo que as certezas contidas nas repetições bíblicas e históricas estão esgotadas, sugerindo que muitas mudanças se iniciam pelo anseio de transformações ainda sem propósitos.

Não temos mais metas assertivas. Nosso novo ponto de partida é a consciência do erro. A quarentena não é somente uma condenação à revisão de erros pelos quais a humanidade tenta se responsabilizar. Ela inclui outra questão, que é a interrupção da série histórica, onde todos estavam situados. O corte sugere dúvidas angustiantes sobre até quando iremos, quais os efeitos da suspensão da economia e da carreira como vinham sen-

do trilhados e os resultados até então buscados pelas pessoas.

A proposta da quarentena produz um surto inimaginável com seu impacto não real e surpreendente. Todos vivemos o suspense nesta experiência inusitada, que exige da população avaliações inventadas.

No segundo dia de vigência desta quarentena, acordei sobressaltado com a questão que a humanidade estava ameaçada de perder o seu futuro. Isso me inquietou terrivelmente.

Como imaginar, agora, a inexistência desse tempo verbal, que fixa o porvir, até então essencial para a compreensão das possibilidades de vida e os caminhos a seguir?

Não estou tratando da morte com seu luto habitual, mas do término de tudo que vinha sendo construído. Qual o novo rumo?

Sem futuro, o que pensar, conquistar ou vencer?

Como reacionário e oportunista, apenas grito que o futuro precisa continuar existindo, que é uma espécie de garantia para voltarmos à indispensável conjugação verbal.

Santo Agostinho implicou-se na reflexão temporal, lembrando que o passado não existe. Foi. O presente é fugaz. Uma ameaça que logo se perde entre o acontecido e as suposições e fantasias, não podendo ser apanhado em sua concretude. O futuro, promessa ou quimera, sugere a tentativa de segurar o que, não existindo antes, logo será também passado, escapando do fugidio atual (presente). Seria a descoberta do ser sem tempo?

Para não ficar perdido no tempo, restou-me compartilhar no campo da perdição, ou aprofundar nas possibilidades da invenção literária, como se tivesse direito de reinventar nossa própria vida. Não é por aí que encontramos novas chances como o pensar literário nos dá?

Na vigência desta quarentena, pude terminar meu livro *Caminhos em versos*, poesias envergonhadas e engavetadas que, sem escândalo, podem ser publicadas em modesto compartilhamento. Retomei também

um romance interrompido, no qual Ruy, o personagem principal, atua em contraponto com os colegas acadêmicos usando de originalidade para o enfrentamento do seu dia a dia.

Seria o momento da busca de nova forma de viver, privilegiando o pensar – o livre pensar, como proposta de vida?

Seria o momento de criticar o apreço ao mundo do capitalismo triunfante?

Ou precisamos de uma discussão desordenada e sem protocolos, investindo, segundo Godard (2018), em uma desconstrução da representação do mundo?

E a integração do pensamento à narração, deve estar mais próxima do pensamento do que do relato?

O “bem” que a quarentena sugere esbarra na nossa vulnerabilidade, não só das propostas de soluções hipotéticas, como ainda se perde ante a urgência de um tempo que se esgota como ameaça em qualquer conflito sem solução.

Na verdade, os conflitos correspondem a uma supressão de controle do sujeito inaugurado por uma inércia, vetor de angústia, que também precisa ser resolvida. A psicanálise nos ensina que as questões traumáticas pendentes podem gerar saídas pela negação ou pela postergação, favorecendo o desenvolvimento do conflito, graças aos componentes patogênicos agravados na formação de sintomas, comumente mais comprometedores que o próprio mal de origem.

As transformações da modernidade associadas à globalização são importantes desencadeadoras de novas contingências, desafios que exigem novas soluções. A experiência a que estamos submetidos com a quarentena, fixa um estado máximo de sujeição do homem a limites até então impossíveis de ser pensados. O Comando Sanitário balizou a locomoção, a interação social, a comunicação da população, a restrição a viagens e deslocamentos geográficos, a censura das reuniões sociais, inclusive comemorações, a liberdade de ir e vir, de usufruir da rua, sugere-

rindo que estamos todos presos e condenados por um crime sem perdão.

A nós, psicanalistas, incomodou saber os aspectos patogênicos das novas exigências e como as pessoas teriam seu humor alterado a partir da nova lei. Em pouco tempo, nossa clínica já mostra sinais do agravamento das condições psicológicas pela nova forma de viver. A reação das pessoas assim limitadas segue entre a raiva e o desespero.

Sem pesquisas, já observamos uma casuística, que, partindo de formas iniciais de aceitação, cresce em torno do não entendimento do que nos é ainda incompreensível e perturbador, agravado pela falação política, às vezes dramática, que leva as pessoas menos estáveis ao desespero. Mudanças das pessoas que, mais uma vez, estarão diante da própria fragilidade ao ocupar a posição de agente de transformação do outro. Freud lembrou que o homem ajuda a construir o seu destino. Eu diria que sua função, como construtor, é muito relativa.

A Covid-19 não é um fenômeno psíquico ou subjetivo, mas está no domínio de um fato social que exerce uma coerção inegável sobre os indivíduos. Não pode também ser sintetizada como um acontecimento médico já que tem se mostrado um provocador de mudanças na identidade social.

Como lembra Castro (2002), as alterações das mudanças de identidade social são ao mesmo tempo instrumento de transformação das relações sociais, isto é, nos permite fazer uma distinção entre os processos fisiológicos e os processos sociológicos; transformações do corpo, das relações sociais e dos estatutos que as considera uma coisa só.

Esse autor lembra que

As mudanças corporais não podem ser tomadas apenas como signos das mudanças de identidade social, mas como seus correlatos necessários, e mesmo mais: elas são ao mesmo tempo a causa e o instrumento de transformação das relações sociais. Isso significa que não é possível fazer uma distinção entre

processos fisiológicos e processos sociológicos; transformações do corpo, das relações sociais e dos estatutos que as condensam são uma coisa só. Assim, a natureza humana é literalmente fabricada ou configurada pela cultura. O corpo é imaginado, em todos os sentidos possíveis da palavra, pela sociedade (CASTRO, 2002, p. 72).

A experiência que estamos vivendo nos permite lembrar que o social não se deposita sobre o corpo como um suporte inerte, mas o constitui. Isso abala marcações aceitas e praticadas na psicanálise sobre a relação do sujeito com o corpo. De outro modo, a doença ou a ameaça da doença epidêmica sugere uma metamorfose, desordem, regressão e transgressão, não como consequências, mas como um fenômeno inusitado e surpreendente que leva as pessoas a uma necessidade extrema de restaurar ou proteger a própria vida.

Abstract

Quarantine is a legal invention. At first it would be free time favoring the enjoyment of thinking with no compromise. In fact, a new way of thinking whose purposes are not clear enough. With the assertive goals removed, quarantine is a condemnation to review the errors humanity must take responsibility for. The author recalls that the proposal seems like an unimaginable outbreak and even its non-real impact is surprising, requiring people to try invented evaluations. There is also a need to live it without maddening despair or apathy, to face a tough and threatening community, anticipating the solidarity that will be demanded.

Keywords: *Quarantine, Understanding, Time, Life experience, Social change.*

Referências

AZEVEDO L. M. Mínimos múltiplos e incomuns. Posfácio. In: WALKER, A. *A terceira vida de Granger Copeland*. Porto Alegre: Clube de livros TAG - Experiências Literárias, 2020.

CÂNDIDO, A. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

CASTRO, E. V. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

GODARD, J.-L. *O demônio das onze horas*. São Paulo: Publifolha, 2018. (Coleção Folha Grandes Diretores do Cinema.)

WALKER, A. *A terceira vida de Granger Copeland*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.

Recebido em: 30/05/2020

Aprovado em: 10/06/2020

Sobre o autor

Carlos Pinto Corrêa

Psicanalista.

Sócio fundador do Círculo Psicanalítico da Bahia.

Membro honorário do Campo Psicanalítico.

Endereço para correspondência

E-mail: cpintoc@uol.com.br

O modelo transformacional: uma perspectiva clínica para a abordagem dos casos-limite¹

*The transformational model:
a clinical perspective to the
approach of borderline patient*

**Cristiana de Aguiar Pondé
Carlos Augusto Peixoto Júnior**

Resumo

Este trabalho visa a discutir uma proposta clínica alinhada aos desafios colocados pelos casos-limite. No âmbito da clínica, esses analisandos convocam o analista a viver e sentir com eles os seus conteúdos cindidos e projetados, desafiando as ferramentas tradicionais do trabalho analítico. O paradigma da transformação, que fundamenta o modelo transformacional da clínica psicanalítica, concebe a díade analista/analizando em seu caráter de complementaridade, em que nenhum membro desse par pode ser entendido sem o outro. O cerne do trabalho analítico se define pela capacidade do analista em transitar no eixo fusão/separação da relação analítica e manter sua capacidade de conter, metabolizar e transformar os elementos não representados em uma forma mais palatável ao pensar.

Palavras-chave: Casos-limite, Simbolismo, Paradigma da transformação, Modelo transformacional, Campo analítico.

Introdução

A dimensão das experiências sensoriais e emocionais primitivas faz parte da vida psíquica de todos os indivíduos. Porém, nos chamados casos-limite, muitas dessas experiências estão à margem dos processos simbólicos e permanecem pressionando em busca de inscrição psíquica.

Trata-se de experiências que antecedem a constituição das fronteiras psíquicas e que, em vez de ser sublimadas e transformadas em símbolos que possam ser narrados e compartilhados como nas áreas mais madu-

ras da personalidade, foram bloqueadas por processos sucessivos de cisões e projeções.

Os casos-limite, atravessados por extensos usos desses mecanismos de defesa verticais, recorrem a formas primitivas de comunicação de seus estados emocionais que convocam o objeto dessa experiência a viver e sentir com eles tais estados.

Quando buscam uma análise, esses analisandos convocam o analista a lançar mão de recursos psíquicos e emocionais complexos para o manejo clínico da transferência/contratransferência.

1. O presente trabalho deriva da tese de doutorado defendida em 24 abr. 2020, realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES). Código de Financiamento 001.

O analista precisa desenvolver, até o limite, sua capacidade de acolher esses conteúdos projetados, metabolizá-los dentro da sua esfera psicobiológica, transformá-los e devolvê-los ao analisando em uma forma palatável ao pensar.

Em função das áreas de funcionamento mental não simbólico, tais analisandos desafiam as tradicionais ferramentas do trabalho psicanalítico, que se mostram ineficazes para lidar com os desafios impostos pelas comunicações e pelos mecanismos de defesa primitivos presentes nesses casos.

Considerando as duas dimensões fundamentais do funcionamento psíquico, a saber, os funcionamentos simbólico e não simbólico, este trabalho visa a discutir as especificidades de um modelo de abordagem da experiência mental mais alinhado à clínica com casos-limite.

Levine (2010) distingue duas vertentes para a clínica psicanalítica contemporânea: o modelo arqueológico e o modelo transformacional.

O modelo arqueológico, fundamentado no paradigma da repressão, coincide com o trabalho analítico centrado na neurose e direcionado à superação de resistências e à descoberta de conteúdos representados, mas ocultos na mente inconsciente.

O modelo transformacional, fundamentado no paradigma da transformação, se refere ao trabalho analítico no âmbito das áreas mais primitivas do psiquismo. Caracterizadas pela configuração de telas fragmentadas e sem cor, estas áreas convocam o analista a um trabalho de criação compartilhada de conteúdos psíquicos que ofereçam formas àquelas experiências “sem nome”, não simbolizadas, mas que permanecem ativas na mente, exigindo trabalho mental no sentido da construção de representações.

No encontro com um analista capaz de acolher, metabolizar e transformar seus conteúdos não representados, o analisando sente que lhe é oferecida uma nova oportunidade de constituição de uma unidade dual

que agora possa, finalmente, funcionar de maneira exitosa. Esse analista, a partir de sua função de *rêverie*, trabalho de figurabilidade e função continente para os conteúdos psíquicos projetados pelo analisando, permite que se estabeleça com ele uma nova relação de unidade dual que favorece um processo de mudança psíquica a partir da cicatrização das falhas básicas vividas nos primórdios das relações de objeto.

Tal processo de transformação desses estados mentais não representados, começa no espaço psíquico do analista, e só então é oferecido para inscrição na mente do analisando como parte de um processo intersubjetivo, no contexto de uma relação afetivamente significativa. As representações construídas nesse processo não pertencem nem ao analista, nem ao analisando, mas ao terceiro elemento resultante da intersubjetividade de ambos.

Os casos-limite: uma cesura na técnica e na psicopatologia psicanalíticas

Ainda hoje, observa-se uma proliferação de conferências, congressos e publicações sobre a problemática *borderline* e as novas patologias em diferentes vértices teóricos.

A nosso ver, esse movimento de discussão, pesquisa e construções teóricas em torno dos casos-limite deve-se aos desafios impostos por esses sujeitos que remetem às dificuldades no manejo clínico e na sua definição dentro da psicopatologia psicanalítica. Podemos afirmar que, mais do que dificuldades, os casos-limites levam a uma verdadeira cesura no âmbito da psicopatologia psicanalítica e no âmbito da teoria da técnica psicanalítica.

Em termos da psicopatologia, é difícil situá-los nas distinções entre neurose e psicose. Alguns funcionamentos psíquicos, apesar de característicos de pacientes psicóticos, estão presentes em certa medida também nos casos-limite, tais como bloqueios nos processos simbólicos e a proliferação de conteúdos somatopsíquicos não metabolizados pelos processos de simbolização.

A imprecisão e a incompreensão de seu discurso, a paralisia do seu pensamento, a intensidade de seus afetos e as ações impulsivas e confusas que permeiam sua vida apontam para uma precariedade ou falha dessa capacidade de representação. As manifestações clínicas mais frequentes, derivadas de falhas ou do enfraquecimento das representações, incluem toda uma variedade de ações e sentimentos impulsivos, eruptivos, destrutivos e autodestrutivos com os quais nos deparamos com frequência na clínica psicanalítica contemporânea.

Esses quadros clínicos expressam um *self* fragmentado, a perda do sentimento de continuidade do senso de eu e do objeto, e operam com mecanismos de defesa mais primitivos do que aqueles característicos da neurose, tais como as cisões, o *splitting* e as identificações projetivas. No entanto, observa-se neles uma íntegra relação com as realidades externas e internas, o que os distingue dos quadros de psicose.

Kernberg (1979) aproxima a sintomatologia dos pacientes *borderline* à sintomatologia da neurose, considerando os processos de cisão como etiologicamente determinantes para o sofrimento característico desses indivíduos. Esse uso excessivo e predominante das cisões, em detrimento do recalque, resulta em uma fragilidade do ego. No entanto, esses quadros se diferenciam da psicose, segundo Kernberg (1979), pois a principal falha neste último caso está na fusão regressiva entre imagens de *self* e de objetos. Nos casos-limite, o que predomina não é esse tipo de fusão, mas a intensificação patológica dos processos de cisão.

No campo da técnica psicanalítica, esses “casos difíceis” põem em xeque vários dos pilares da psicanálise clássica que se mostram insuficientes para um manejo terapêutico adequado. Algumas tentativas de construir dispositivos clínicos que respondam adequadamente a esses casos que desafiam a técnica psicanalítica clássica vêm sendo elaboradas ao longo da história da psicanálise.

Segundo Levine (2013), esses construtos se originaram já na transição da primeira para a segunda tópica de Freud. Naquele momento, as ferramentas oferecidas pela primeira tópica freudiana – tal como a associação livre do paciente, a atenção flutuante do analista, a interpretação como reveladora de material inconsciente que se apresentavam tão bem-sucedidas no trabalho com pacientes neuróticos – se deparavam com novos e difíceis obstáculos.

Reações terapêuticas negativas, narcisismo patológico como consequência de traumas psíquicos e de experiências pré-verbais complicadas se configuravam como novos obstáculos ao tratamento analítico.

A segunda tópica freudiana, a partir do *Além do princípio de prazer* ([1920] 1996), conferiu à metapsicologia o estatuto de uma teoria estrutural para a compreensão desses novos casos. A compulsão à repetição tornou-se o paradigma para o processo de construção psíquica, ou seja, do movimento de transformação do material irrepresentável para estados mentais representáveis.

Freud, ao descrever o movimento de repetição nos sonhos da neurose traumática e na brincadeira do *fort-da*, identificou em ambos os eventos, uma tendência que abalou os alicerces da teoria dos sonhos como realização de desejos e, em última instância, rompeu com a conceituação do princípio de prazer como princípio regulador do funcionamento mental.

Tais manifestações de uma compulsão à repetição sugeriam a existência de um processo psíquico primordial capaz de sobrepujar o princípio do prazer. A repetição de experiências traumáticas nos sonhos, no brincar ou na transferência em análise, expressavam uma tendência em viver ativamente o que antes fora vivido de forma passiva. Essas atividades psíquicas permitiam criar lugar no aparelho psíquico com o intuito de dominar e elaborar os afetos sem representação vividos como traumáticos.

Na brincadeira do *fort-da*, a criança elaborava a angústia vivida nos momentos de ausência da mãe, representando-a pela palavra “*fort*” e no gesto de lançar ativamente o carretel para fora do seu campo de visão. Em seguida, o menino completava a brincadeira representando com a palavra “*da*” o reencontro com o carretel e expressando um sentimento de prazer e alívio com a diminuição da tensão.

Freud estabelece, em sua metapsicologia, que a redução das estimulações internas atenderiam ao princípio do prazer e, conseqüentemente, estariam a serviço da pulsão de morte na medida em que esta era compreendida como uma tendência de retorno ao inanimado. Dessa forma, essa perspectiva freudiana formulou uma compreensão para esses fenômenos a partir da oposição entre pulsão de vida e pulsão de morte, em uma perspectiva fundamentalmente intrapsíquica.

Diferentemente do pai da psicanálise, Ferenczi ([1928] 2011) deixou o importante legado da compreensão sobre os fenômenos mais primitivos da mente a partir de um campo intersubjetivo. O psicanalista húngaro considerava as experiências com o ambiente como constitutivas dos processos de subjetivação. Ele alegava que o não acolhimento da criança pela sua família originaria as manifestações que, antes, eram consideradas como derivadas da pulsão de morte (FERENCZI, [1928] 2011).

No âmbito da clínica, o *enfant terrible*, a partir de sua disponibilidade contratransferencial, foi o precursor da busca por mais elasticidade da técnica analítica sem perder de vista seus limites. A sensibilidade clínica de Ferenczi tornou-o referência no trabalho analítico com os chamados ‘casos difíceis’, os quais lhes eram encaminhados após diversas análises malsucedidas.

Portanto, Ferenczi dedicou grande parte de sua vida e obra àqueles pacientes muito regredidos que desafiavam a técnica clássica e desbravou novos horizontes para a teoria e para a técnica psicanalíticas. Seus maiores

discípulos, Balint e Winnicott, ampliaram a percepção sobre o desenvolvimento emocional primitivo e suas vicissitudes para as configurações psicopatológicas da vida adulta. Nesse momento, essa nova perspectiva psicanalítica, ao deslocar a centralidade do complexo de Édipo nos processos de subjetivação para a noção de trauma, efetua uma verdadeira cesura no âmbito da teoria e da técnica psicanalíticas.

A perspectiva relacional, que deriva do enfoque ferencziano sobre os primórdios do psiquismo, discute a etiologia dos casos-limite a partir de traumas advindos de falhas do ambiente que resultam em danos na matriz subjetiva. Consideramos essas falhas como desencontros psicobiológicos entre as expectativas do bebê e a capacidade de atendimento a essas expectativas pelo ambiente de cuidados, em uma situação de dependência não linear, conforme a definição balintiana. A díade mãe/bebê é compreendida como precursora da matriz subjetiva. Essa perspectiva permite eleger um modelo de clínica que privilegie as experiências de cuidado, na medida em que sugere que o processo de cicatrização destas falhas básicas possa se dar no campo intersubjetivo do analista e do analisando, com a construção compartilhada de uma nova díade ou de uma nova matriz intersubjetiva analítica.

Duas vertentes da clínica psicanalítica contemporânea: os modelos arqueológico e transformacional

A clara diferença entre a neurose, por um lado, e os casos-limite e pacientes *borderline*, por outro lado, remete a duas diferentes organizações psíquicas que nos permitem considerar também diferentes categorias de compreensão, de abordagem, de escuta e de técnica analíticas. Os sujeitos, ou áreas do psiquismo, que são objeto deste trabalho apresentam-se, na clínica psicanalítica contemporânea, como aqueles que não respondem satisfatoriamente aos esforços analíticos que privilegiam a interpretação.

Segundo Lecours (2007), uma razão para a diminuição da efetividade do trabalho de interpretação com personalidades primitivas é que o funcionamento simbólico necessário para o uso do *insight* ou para a construção de significados não está acessível a esses pacientes ou a essas áreas da personalidade.

As interpretações, ineficazes com esses analisandos para manejar a intensidade das experiências não simbolizadas que emergem na análise, levam esses sujeitos a um impasse e a se sentir sobrecarregados por dores ou ansiedades primitivas sentidas de forma concreta. Essas experiências que correspondem a traumas nas relações de objeto iniciais são vividas na atualidade da transferência sem intermediação simbólica, ou seja, de forma concreta e na ausência da qualidade do “como se”. Essa qualidade define a capacidade de brincar com a realidade, e sua ausência gera experiências de equação simbólica onde o símbolo se iguala ao simbolizado (SEGAL, [1975] 1964).

Portanto, as palavras e outras formas de expressão, em vez de servir como veículo do conteúdo simbolizado, ficam equacionadas a esse conteúdo. Esses traumas não representados simbolicamente encontram nas comunicações diretas por identificação projetiva sua única via de acesso.

A expressão de conteúdos não simbolizados revela a forma como esses pacientes atualizam suas relações de objeto internas através de uma indução mais ou menos sutil de pressões interativas sobre o objeto. Quando atualizados nos relacionamentos, esses conteúdos emocionais não simbolizados tendem a provocar modos concretos de reação no outro, facilitando a emergência de respostas contratransferenciais quando esse outro é o analista. Esse impacto tem sido constantemente conceituado como algo que advém do uso de defesas primitivas, tais como as cisões, os *acting-outs* e as identificações projetivas.

Lecours (2007) propõe uma visão simplificada da psique humana na qual há uma

diferenciação ficcional de dois tipos de funcionamento mental: o funcionamento simbólico e o funcionamento não simbólico. Essa hipótese, que supõe duas dimensões no inconsciente: uma composta por elementos não representados e outra composta por elementos mentais representados, porém reprimidos, que tem suas origens nos trabalhos de Freud ([1915] 2006) sobre o inconsciente.

Compreendemos que ambos os modos de funcionamento estão presentes em todos os indivíduos, mas, enquanto para uns cada modo de funcionamento pode predominar de forma alternada, para outros a forma não simbólica de funcionamento está restrita a determinadas partes da personalidade. Esses dois modos de funcionamento mental derivam de dois paradigmas apresentados pelo autor: o paradigma da repressão e o paradigma da transformação.

Ainda segundo Lecours (2007), a psicopatologia classicamente associada com o funcionamento simbólico é a neurose. Nesses casos, os problemas surgem quando desejos simbolizados e outros derivados de impulsos se tornam inaceitáveis e precisam ser gerenciados a partir de defesas em torno do recalque, tais como os deslocamentos, as condensações, as inibições e a substituição pelo seu oposto.

Essa descrição da neurose é útil em termos didáticos para ilustrar um dos paradigmas apresentados por Lecours: o paradigma da repressão. Na perspectiva desse paradigma, a análise é concebida essencialmente como uma tentativa de recuperar conteúdos recalçados a partir da tarefa de superar as resistências e, traduzindo conteúdos censurados, busca expandir os domínios do ego.

Para alguns indivíduos, ou em algumas áreas da personalidade, a transformação de experiências sensoriais e emocionais não foi realizada satisfatoriamente no contexto das relações de objeto primitivas e, assim, um nível simbólico de elaboração não foi alcançado para lidar com muitas e fundamentais questões, tais como as experiências que ad-

vêm da consciência de separação entre o eu e o outro, por exemplo.

Uma adequada transformação do afeto costuma emergir espontaneamente, quando o sujeito tem a oportunidade de se constituir em um ambiente de cuidados suficientemente bom. No entanto, traumas ocorridos nos primórdios do psiquismo podem sufocar o desenvolvimento da capacidade de simbolização.

À medida que ocorrem desencontros entre as expectativas do bebê e a capacidade de atendimento do ambiente de cuidados durante os momentos iniciais de vida, esses desencontros ficam marcados como fraturas na constituição subjetiva, interferindo em todo o funcionamento psicossomático e simbólico.

Nesses casos, o paradigma adotado na clínica é o paradigma da transformação, a partir do qual a ênfase é colocada nos processos de transformação desses conteúdos em símbolos, e a atenção se volta predominantemente para a construção de uma nova díade na qual esses conteúdos possam ser contidos.

Esses dois níveis de funcionamento mental são complementares, pois as defesas mais maduras, ou neuróticas, como a repressão, operam sobre os conteúdos mentais representados, enquanto as defesas mais primitivas são usadas para manejar os materiais não simbolizados.

A complexidade dessas duas áreas do psiquismo – a área de funcionamento simbólico e de funcionamento não simbólico – remetem a diferentes tarefas e dimensões do trabalho analítico. Nesse contexto, Howard Levine (2013) distingue duas vertentes para a clínica psicanalítica contemporânea: o modelo arqueológico e o modelo transformacional. Essa distinção é compatível com os paradigmas da repressão e da transformação, discutidos por Lecours (2007) e dialoga com o conceito de figurabilidade de Botella, auxiliando-nos no direcionamento da pesquisa e da clínica psicanalítica com casos-limite.

O modelo arqueológico, descrito por Le-

vine (2013), que corresponde à descrição tradicional do processo analítico e ao paradigma da repressão de Lecours (2007), mostra-se mais eficaz para situações em que os elementos psíquicos atingiram o *status* de representações ou foram minimamente elaborados simbolicamente e estão associativamente ligados a outros elementos. O trabalho do analista, nesse modelo arqueológico, tal como o nome indica, define-se mais por descobrir os elementos escondidos e/ou reprimidos no inconsciente. Implica também em desfazer os nós que envolvem os desejos, os sentimentos e as fantasias inaceitáveis, os quais mobilizaram as repressões e outras defesas com o objetivo de mantê-los fora da consciência. As interpretações e a análise das resistências, nesses casos, permanecem sendo o ponto crucial de início do trabalho analítico no sentido da resolução de conflitos. Esse modelo corresponde, como sabemos, ao modelo clássico da psicanálise destinado fundamentalmente ao tratamento de pacientes neuróticos.

O modelo transformacional, descrito por Levine (2013), origina-se da teoria sobre as representações de palavra e representações de coisa de Freud ([1915] 2006), além dos trabalhos de Bion, Ferro, C. Botella e outros, e está alinhado ao paradigma da transformação de Lecours (2007). Sua hipótese central refere-se à existência de elementos não representados, estados protomentais, e a um nível de registro que pode ser chamado de pré-psíquico, que corresponde aos elementos beta, de Bion ([1967] 1994), e ao “país de trás”, de Botella (2014).

Esses elementos protoemocionais e protossensoriais compõem um magma vulcânico em ebulição à espera da eclosão ou da construção potencialmente criativa. Consideramos a eclosão como um possível desfecho para aqueles elementos protomentais, que não encontram um continente adequado, resultando em fobias e manifestações psicossomáticas. A construção criativa advém de um encontro com um interlocutor

capaz de conter e transformar esses elementos protoemocionais e protossensoriais em símbolos, no contexto de uma relação significativamente afetiva.

As ferramentas clínicas propostas pelo modelo transformacional visam a criação e/ou expansão dos instrumentos para conter (continente), dar forma e transformar esses elementos pré-psíquicos. Para executar esse trabalho criativo e transformativo, a principal ferramenta do analista é o seu próprio estado mental, porque, antes de auxiliar o analisando a expandir ou criar um espaço mental que sirva como continente psíquico, é necessário primeiro que o analista se ofereça como “mente-colo” para os conteúdos pré-psíquicos do analisando.

Essa teoria está centrada no funcionamento da mente do analista como uma parte da díade analítica na criação e/ou fortalecimento dos elementos psíquicos mais do que em sua descoberta, ou como um adendo a ela. O trabalho do analista ocorre, então, nessa dimensão de unidade dual com o analisando na qual a mente do analista é o lugar crucial do processo analítico.

Portanto, a teoria transformacional reflete uma evolução da teoria da contratransferência que, por sua vez, foi concebida por Freud, inicialmente, como uma interferência negativa no trabalho do analista. Diferentemente do pai da psicanálise, Ferenczi denunciou a hipocrisia de certas atitudes profissionais dos analistas e os desmentidos dos sentimentos contratransferenciais, que significavam, para ele, a revivência, nos analisandos, dos traumas precoces, dos quais eles desejavam se curar. O psicanalista húngaro ressaltou, ineditamente, a importância de uma atitude de valorização dos sentimentos do analista e de sua espontaneidade para o trabalho clínico.

Posteriormente, Klein ([1991] 1952) e B. Joseph ([1990] 1983) propuseram pensar a transferência em termos de situações totais transferidas do passado para o presente da relação analítica. A noção de transferência passou a englobar tudo o que é dito e vivido

em termos de emoções, defesas e relações de objeto na situação analítica, e não apenas as referências diretas à pessoa do analista. Enfatizou-se, dessa forma, a importância para o trabalho clínico de enxergar a transferência como uma relação viva na qual há movimento e mudança constantes. A contratransferência também foi reconhecida como uma atitude receptiva necessária e valiosa da parte do analista.

Com a posição mais radical apresentada por Paula Heimann, a contratransferência passou a refletir e pertencer a personalidade do analisando. Em seu controverso artigo *Sobre a contratransferência* (1950), a psicanalista alemã defende a ideia de que o analista utilize sua “resposta emocional” na sessão analítica como guia e como instrumento de investigação do inconsciente do analisando. Articulada com a dimensão comunicacional da identificação projetiva proposta por Bion (1962), sua teoria da função alfa, da *rêverie* e do continente/contido, o conceito de contratransferência ganhou seu sentido mais amplo.

Finalmente, esse conceito emergiu como um componente da subjetividade do analista para tornar-se uma teoria do campo intersubjetivo (BARANGER, 1994) e uma formulação do desenvolvimento psíquico e do processo analítico. A partir desta ótica, tudo o que acontece no campo analítico é fruto do funcionamento tanto da mente do analista como da mente do analisando em complexa interação.

A tarefa do analista, no modelo transformacional, define-se por estabelecer uma coautoria com o paciente no sentido de criar espaços e novos conteúdos psíquicos e, assim, trabalhar com o paciente em uma dupla operação: dar um continente ao conteúdo e um conteúdo ao seu continente.

Nesse campo de investigação que considera a díade analítica como campo intersubjetivo para a criação de conteúdos e continentes psíquicos, situa-se a noção de figurabilidade psíquica (BOTELLA, 2014) como

uma importante ferramenta analítica. Essa noção de figurabilidade é utilizada por Levine (2010) de forma ampliada, na medida em que se propõe não apenas à transformação de experiências sensoriais e emocionais em símbolos e imagens, mas também ao trabalho de ligação desses elementos a outros elementos do psiquismo.

A atitude analítica, no modelo transformacional, implica na valorização da espontaneidade e do improvisado na díade analítica. Levine (2010) descreve a expectativa na mente do analista, no início da terapia de um novo paciente, em descobrir como aquela dupla começará a improvisar juntos, inconscientemente e espontaneamente. A atitude de busca de uma hipótese diagnóstica, coerente com o modelo tradicional e focada na psique individual e nas capacidades do ego, no contexto do modelo transformacional, cede espaço a um interesse maior pelo funcionamento da mente do analista em resposta ao paciente e ao par analítico.

Nesse sentido, uma visão de analisabilidade é proposta como um processo diádico intersubjetivo influenciado pelas atitudes do analista, mais do que algo inerente apenas ao caráter do paciente. Para Levine (2010), essas capacidades são específicas da díade e estão intimamente ligadas à qualidade da participação e ao funcionamento psíquico do analista. Portanto, nessa abordagem, desloca-se a centralidade do trabalho analítico da mente do analisando para o funcionamento da díade e da mente do analista.

Além do âmbito de uma díade analítica, o processo analítico característico do modelo transformacional é concebido como sendo sustentado em grande parte no interior da mente do analista, muitas vezes por longos períodos, mais do que no interior da mente do paciente ou no discurso entre ambos. Levine (2010) alerta para o risco de esse lugar ocupado pelo analista se tornar um fardo e uma grande responsabilidade para ele, afetando sua contratransferência. Sendo assim, um dos mais fundamentais determinantes

de analisabilidade e de bons resultados será a possibilidade do analista de transitar no eixo fusão/separação da relação analítica e, ao mesmo tempo, manter-se íntegro em sua capacidade de sentir e pensar analiticamente com qualquer de seus pacientes.

O campo analítico designa, dessa forma, uma dimensão espaçotemporal da experiência analítica que inclui todos os elementos psíquicos não representados e cindidos, além dos personagens vistos num sentido histórico-referencial, os personagens compreendidos como representantes dos objetos internos, até os personagens “holografia” do funcionamento da dupla em um lugar do campo. A relação analítica torna-se uma das vias do campo, e não a única. Sendo assim, o conceito de campo amplia o estreito circuito das relações, permitindo que protoemoções e protopensamentos sejam transformados a partir do trabalho de figurabilidade e dos derivados narrativos que se constituem, desde que estejam ligados de forma coerente às experiências vividas no *setting* analítico, à história e ao mundo interno do analisando.

O pensamento onírico de vigília e o conceito de campo analítico

As noções de campo analítico mencionadas acima e as noções de pensamento onírico de vigília emergem como elementos constitutivos de um modelo transformacional da clínica. O conceito de pensamento onírico de vigília inaugurado por Bion ampliou não só a teoria sobre o funcionamento mental mas também a teoria da técnica psicanalítica. A noção de pensamento onírico de vigília estabelece que o processo de transformação dos elementos beta em elementos alfa é uma operação contínua da mente. Os pensamentos oníricos são produzidos continuamente pela mente durante a vigília e o sono.

Ao discutir essa noção, Ferro (2011) destaca que, mesmo quando se está acordado, há um “sonhar” que é colocado em um espaço relacional, tal como no processo de *rêverie*

da mãe em relação às identificações projetivas do bebê.

A *rêverie* é o sonho acordado, o devaneio e implica a permeabilidade e a disponibilidade mental e emocional à comunicação do outro. Os derivados narrativos são fruto das transformações do pensamento onírico, e os pensamentos oníricos são constituídos por inúmeros elementos alfa conjugados, fruto da função alfa. Nessa perspectiva, o sonho é uma amostra reelaborada de um processo sempre em curso na mente.

Essa conceituação sobre o trabalho de alfabetização contínuo da mente levou a diversas possibilidades de compreensão também do trabalho analítico, principalmente, com relação àqueles pacientes que portam extensas áreas não simbolizadas do psiquismo, nomeadas como áreas do “país de trás” (BOTTELLA, 2014).

Esse termo consiste em uma metáfora geográfica para nomear uma zona pré-psíquica que faz parte do inconsciente e contém os acontecimentos que não puderam adquirir a condição de representações. Além disso, essa noção de zona remete à metáfora de áreas psíquicas, desenvolvidas também por Balint, como a área da falha básica, a área edipiana e a área da criação.

A zona pré-psíquica do “país de trás” alinha-se, em sua natureza traumática e pré-verbal, à área da falha básica. Considerando os indivíduos que necessitam criar essa capacidade de alfabetização, o interesse analítico se desloca dos conteúdos para aquilo que gera o próprio sonho. A pertinência desse modelo transformacional para a clínica com casos-limite ocorre porque esse modelo coloca em uma perspectiva relacional os problemas do desenvolvimento da função alfa, da ampliação do continente e da possibilidade de acolhimento de uma quantidade maior de conteúdo, retomando a importância da noção de campo analítico.

O campo analítico, a partir de sua formulação pelo casal Baranger (1961-1962), era compreendido como uma situação que

emerge a partir do encontro entre paciente e analista, em termos das transferências, contratransferências e resistências cruzadas, e da constituição de baluartes e sua posterior resolução a partir da interpretação do analista derivada de seu segundo olhar.

Daudt (2015, p. 16), ao discutir o conceito de campo proposto pelo casal Baranger, destaca que a palavra “baluarte” se refere a

[...] um tipo específico de fortificação que se projeta para fora a partir das muralhas de uma fortaleza, permitindo aos defensores atacar quem quer que tente avançar sobre as muralhas, tornando assim mais difícil o ataque à estrutura principal.

Ou seja, os baluartes são formações defensivas do campo em que participam tanto o analisando quanto o analista. O segundo olhar se refere à capacidade do analista de se observar junto com seu analisando como participante da fantasia imobilizadora e, a partir dessa atitude analítica, formular uma interpretação. É apenas a partir desse segundo olhar que o enfrentamento e a desmistificação dos baluartes se tornam possíveis.

Sucintamente, nessa noção de campo analítico, trata-se de considerar o encontro profundo das duas subjetividades em constante interação na sala de análise, não só gerando novos pensamentos, mas também levantando defesas inconscientes – os baluartes, formados a partir de uma fantasia inconsciente da dupla. A situação analítica é concebida em seu caráter de complementaridade, ou seja, nenhum membro desse par pode ser entendido sem o outro. O analista é visto como participante integral nessa dupla.

Ferro (2011) propõe uma ampliação da visão de campo que, então, se tornou um espaço de multipotencialidades narrativas cada vez mais complexo. As histórias narradas, o *casting*, os cenários, todos os elementos que compõem as narrativas são concebidos como metáforas das operações mentais. Assim, todos os personagens que surgem na

sessão se tornam indicadores do desenvolvimento da capacidade de pensar. Uma das vantagens dessa perspectiva é que ela permite monitorar a forma como o analisando recebe as intervenções do analista permitindo uma compreensão da modulação da atividade interpretativa, da função que o analista ocupa no aqui e agora da sessão e de tudo o que se passa no campo.

O campo se torna um receptáculo suportando o que não pode ser lembrado, as “memórias sem lembranças”, de Botella (2014), ou seja, elementos que só podem se manifestar como um vazio psíquico no tecido das representações, as projeções do mundo interno, e todos os elementos cindidos. Assim, esse campo é concebido como sendo atravessado por linhas de força emocionais, ou seja, por protoemoções e por turbulências que pertencem à dupla.

As forças que constituem o campo fazem emergir novas subjetividades, desestruturando e transformando as subjetividades do analista e do analisando a partir das contribuições de ambos. Nessa perspectiva, analista e paciente são lugares e funções do campo: uma função analisante, uma função receptiva, uma função doadora de significado, uma função de interpretação, uma função de espera, que pertencem ao campo. A partir do campo, essas funções ganham vida e se situam em lugares diversos, onde o único lugar de assimetria está na maior responsabilidade do analista.

O conceito de campo favoreceu uma compreensão da fala do analisando, ou do diálogo analítico, como um texto codeterminado e em constante transformação. Essa perspectiva subverteu o lugar da compreensão clássica do analista neutro e intérprete de um texto preexistente, que deveria ser desvendado tal como no modelo arqueológico da clínica psicanalítica. O campo contém o que é projetado do mundo interno e o que pertence à dupla e é continuamente transformado em narrativas com a contínua formação de elementos alfa.

Portanto, o espaço criado pelo campo analítico pode ser compreendido como um espaço potencial tal como na perspectiva winnicottiana ([1952] 2000), em que personagens e histórias podem tomar corpo sem, necessariamente, ser enclausurados em uma interpretação relacional.

Assim, uma ótica de campo analítico como no espaço potencial winnicottiano ([1952] 2000) sugere que o analista “suficientemente bom” é aquele que permite surgir uma experiência de onipotência no analisando. A ilusão de onipotência no analisando se refere à superposição entre o que lhe é oferecido em análise e o que ele acredita estar criando.

Ogden (2015) considera o espaço onírico e o espaço analítico como duas formas de espaço potencial. Em ambos os espaços, está implicada uma capacidade de simbolização. Em contrapartida, a identificação projetiva é considerada uma comunicação direta em que os processos simbólicos estão enfraquecidos. Portanto, uma das finalidades do trabalho analítico com casos-limite se configura na construção desse espaço intermediário das subjetividades onde a experiência paradoxal de unidade dual possa ocorrer e ser tolerada nesse paradoxo.

Em uma clínica com casos-limite, a função analisante primordial consiste em uma construção conjunta e/ou um alargamento da função continente do analisando que possa promover uma expansão do psiquismo e, então, tornar-se capaz de suportar maiores voltagens emocionais.

No entanto, o aspecto da construção do vínculo em análise entra em cena de forma paradoxal. Isso porque ele consiste no fator de possibilidade da tarefa do analista e da constituição do campo e, ao mesmo tempo, no fator que assusta e cria os mais sérios obstáculos, principalmente quando consideramos pacientes muito regredidos, que sofreram traumas precoces nos primórdios da formação de seus vínculos com o mundo.

Nesse sentido, tal como propõe Coimbra de Matos (2007), a função da psicanálise deve enfatizar mais a construção de novas ligações do que a resignificação de vínculos preexistentes. Nessa perspectiva, o foco da escuta se desvia da memória para a expectativa, do ressentimento para o sonho-projeto, da reconstrução para a construção, dos padrões relacionais transferidos para a nova relação, da história para a criação/ cocriação de um novo destino. Essa proposta não significa um desprezo pela técnica clássica, mas chama a atenção basicamente para o processo de mudança que se faz na passagem da transferência para a nova relação.

Segundo Coimbra de Matos (2007, p. 3), a regra de ouro é:

[...] dissolver a transferência e construir a nova relação. Só assim se assiste ao novo nascimento do analisando; dessa forma, criado no “útero mental” do analista.

Considerações finais

A clínica dos casos-limite foi pensada, neste trabalho, para analisandos, ou setores da mente, nos quais, após traumas precoces, os conteúdos mentais não foram suficientemente organizados, fixados em um sentido e ligados a outras representações. Indubitavelmente, o bloqueio na capacidade de representação nesses casos tem suas origens em traumas que ocorrem naqueles momentos iniciais da vida, quando as experiências paradoxais de unidade dual precedem a constituição de uma subjetividade propriamente dita.

Essas experiências que permaneceram sem representação ou fracamente simbolizadas, resistem como forças que impulsionam no sentido de uma busca por representação e inscrição psíquica. Assim, esses sujeitos, atravessados por extensos processos de cisão e identificação projetiva, requisitam uma função analítica que possa acolher esses conteúdos cindidos e projetados em seus próprios limites psicobiológicos e favorecer

os processos de transformação de elementos brutos em elementos suscetíveis ao pensar.

Tal processo de transformação e ligação somente pode ocorrer, caso a atitude do analista favoreça a construção de um espaço aberto e convidativo à entrada do outro – o analisando. A proposta clínica aqui apresentada está centrada, fundamentalmente, no modelo transformacional, desenvolvido por H. Levine e voltado para o funcionamento da mente do analista como uma parte da díade analítica na criação e no fortalecimento dos elementos psíquicos de intensidade fraca ou não simbolizados, mais do que, ou paralelamente, à sua descoberta.

Com base no paradigma da transformação, o propósito da análise passa a ser concebido como a construção conjunta e/ou alargamento de uma função continente do analisando, promovendo uma expansão do psiquismo. Consideramos a situação analítica como oportunidade para a construção de uma nova díade continente/contido, que, através dos processos de transformação e cicatrização sofridos, poderá configurar novos vínculos de qualidade amorosa, ligando não apenas analista e analisando como também os diversos elementos psíquicos agora alfabizados.

Portanto, tendo como referência à afirmação winnicottiana de que “não existe algo como o bebê” ([1983] 1960, p. 40) separado dos cuidados maternos, consideramos que, também no *setting* analítico, analista e analisando se criam mutuamente numa experiência paradoxal de união e separação.

Para além do aspecto intersubjetivo da díade analista/analisando, uma ótica de campo se destaca no contexto do modelo transformacional, por incluir todos os elementos não simbolizados, cindidos ou projetados, permitindo, assim, o monitoramento da evolução dos processos de pensamento do analisando, dos movimentos relacionais da díade analista/analisando no aqui e agora da sessão, bem como das respostas do paciente às intervenções do analista.

Este trabalho foi concebido com o intuito de ampliar a compreensão sobre a clínica com pacientes difíceis através de uma reflexão sobre a atitude analítica. Podemos perceber, nessa trajetória, que a teoria não pretende nem consegue dar conta integralmente de uma prática clínica.

Por isso, a metáfora de Bion, na qual a psicanálise é não um continente para o domínio mental, que não pode ser contido dentro da estrutura de uma teoria psicanalítica, mas sim uma sonda para a investigação desse domínio, nos serve aqui como metáfora útil para expressar também a função da pesquisa.

O processo de transformação, tanto na clínica quanto na pesquisa psicanalíticas, se apresenta e deve ser contínuo, pois os sentidos que captamos e articulamos são sempre momentâneos e parciais devendo ser abandonados em um momento posterior, para que novos sentidos possam emergir.

Abstract

This paper aims to discuss a clinical proposal aligned with the challenges posed by the limit cases. In the scope of the clinic, these analyses call the analyst to live and feel with them their contents divided and designed, challenging the traditional tools of analytical work. The paradigm of transformation, which underlies the transformational model, conceives the analyst/analyzing dyad in its character of complementarity where no member of this pair can be understood without the other. The core of the analytical work is defined by the analyst's ability to move on the fusion/separation axis of the analytical relationship and, even so, maintain its ability to contain, metabolize and transform the unrepresented elements in a more palatable way when thinking.

Keywords: *Borderlines, Symbolism, Paradigm of transformation, Transformational model, Analytical field.*

Referências

- BALINT, M. *A falha básica*. Aspectos terapêuticos da regressão (1968). Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- BARANGER, W. M. La situación analítica como campo dinámico. In: _____. *Problemas del Campo Psicoanalítico*. Buenos Aires: Kargieman, 1969. p. 129-164.
- BION, W. R. *Estudos psicanalíticos revisados* (1967). Tradução: Wellington M. de Melo Dantas. 3 ed. rev. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- BION, W. R. O aprender com a experiência (1962-1963). In: _____. *Os elementos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.
- BOTELLA, C. Sobre el trabajo de figurabilidad. *Revista mentalización*, p. 1-6, 2014. Disponível em: <http://revistamentalizacion.com/numerosanteriores.html>.
- COIMBRA DE MATOS, A. Conferência no II CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE PSICANÁLISE. Salvador, p. 15-17 nov. 2007.
- DAUDT, P. Alguns aspectos teóricos sobre o campo em uma psicoterapia de orientação analítica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 13-24, 2015.
- FERENCZI, S. *A elasticidade da técnica psicanalítica* (1928). São Paulo: Martins Fontes, 2011. (Obras completas, 4).
- FERENCZI, S. *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte* (1928). São Paulo: Martins Fontes, 2011. (Obras completas, 4).
- FERRO, A. Transformações em sonho e personagens no campo analítico. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 2009, v. 43, n. 2, 89-107, 2009.
- FERRO, A. O pensamento de Bion e suas fertilizações: desdobramentos clínicos. In: *Evitar as emoções, viver as emoções*. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- FERRO, A. *A psicanálise como literatura e terapia*. Tradução: Marta Petriccioni. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- FREUD, S. O inconsciente (1915). In: _____. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (1915-1920). Coord. geral da tradução: Luiz Alberto Hanns. Rio de

Janeiro: Imago, 2006. p. 14-74. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 2).

HEIMANN, P. (1995). *Sobre a contratransferência*. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, 2(1), pp.171-176.

JOSEPH, B. Transferência: a situação total. In: *Melanie Klein Hoje*. Artigos predominantemente técnicos, v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

KERNBERG, O. *Borderline Conditions and Pathological Narcissism*. Jason Aronson, Inc., 1979.

KLEIN, M. As origens da transferência (1952). In: _____. *Inveja e gratidão*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 70-79.

LECOURS, S. Supportive interventions and nonsymbolic mental functioning. *International Journal of Psychoanalysis*, 2007, n. 88, pp. 895-915, 2007.

LEVINE, H. B. The colorless canvas: representation, therapeutic action and the creation of mind. *International Journal of Psychoanalysis*, 93, pp. 607-629, 2012.

LEVINE, H. B. Towards a two-track model for psychoanalysis. Conferência apresentada no Congresso da Sociedade Portuguesa de Psicanálise, Lisboa, maio de 2013. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 34(1), pp. 7-14, 2013.

OGDEN, T. H. *A matriz da mente. Relações objetais e o diálogo psicanalítico* (1986). Tradução: Giovana Del Grande da Silva. São Paulo: Blucher, 2017.

ROCHA BARROS, E. M. Botella, Ogden, Green, Ferro e Bion. Comentário à entrevista de Cesar Botella. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 33-45, 2007.

ROCHA BARROS, E. M. Reflexões críticas sobre os processos intersubjetivos: contratransferência, reverie e o processo de simbolização. In: *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, 46(1), p. 135-149, 2012.

SEGAL, H. A posição esquizo-paranoide (1964). In: _____. *Introdução à obra de Melanie Klein*. Tradução: Júlio Castanon. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, D. Teoria do relacionamento paterno-infantil (1960). In: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento*

emocional. Tradução: Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

WINNICOTT, D. Psicoses e cuidados maternos (1960). In: _____. *Da pediatria à psicanálise*. Obras escolhidas. Tradução: Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

Recebido em: 20/05/2020

Aprovado em: 10/06/2020

Sobre os autores

Cristiana de Aguiar Pondé

Psicanalista.

Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

Especialista em Psicologia Oncológica e especialista em Saúde Mental na Infância e Adolescência.

Mestre e doutora em Psicologia Clínica pela PUC-Rio, com período sanduíche na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Carlos Augusto Peixoto Junior

Psicanalista.

Mestre em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Doutor em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Professor Assistente do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO).

Endereço para correspondência

Cristiana de Aguiar Pondé

E-mail: cristianaponde@gmail.com

Carlos Augusto Peixoto Junior

E-mail: cpeixoto@puc-rio.com.br

O discurso da rede e seus efeitos no laço social

*The network's discourse
and its effects on the social bond*

Eduardo Henrique Ferreira Dias

Resumo

O presente artigo apresenta como proposta de formalização um novo matema que represente o *modus operandi* pós-contemporâneo do liame social. Não mais um discurso capitalista, mas um discurso ultracapitalista, o discurso da rede. O novo mestre do laço social subjetivo tem outro imperativo: “Use!”. Apoiado em uma nova verdade, o sujeito se enlaça à cultura, interpolado por uma rede de significantes, portanto existe neste contexto uma relação do ser falante com seu objeto causa de desejo? É o que se pretende aqui discutir.

Palavras-chave: Discursos, Gozo do corpo, Psicanálise.

Os discursos lacanianos e seu *modus operandi*

Os analistas frequentemente questionam as formas em que se encapsulam os sintomas e vão além, se interrogam como essas manifestações têm se apresentado em seus consultórios. Não seria estranho, uma vez que é a partir de observações clínicas, que Freud e Lacan constroem um corpo teórico robusto da psicanálise.

Pois bem, é nesse contexto que segue a seguinte hipótese de trabalho: Qual a dominância do discurso do liame laço social em que estamos engendrados?

O ponto de partida se dá via *O seminário 17: O avesso da psicanálise*, de Lacan (1969-1970). Para o autor, todo laço social está fundamentado em uma forma discursiva e, nessa dinâmica, há estruturas mínimas de funcionamento.

Portanto, apoiado nessas leis de funcionamento psíquico, o sujeito se enlaça à cultura e em determinadas posições, que ditam o *modus operandi* da relação subjetiva do sujeito com o mundo em que vive.

Seguindo o fio condutor, essas estruturas mínimas (S_1 , S_2 , $\$$ e objeto a) doam as regras a tais discursos. Sendo assim, quando esses elementos mudam de posição (verdade, agente, outro e produto), a dominância do discurso também o faz.

Para Lacan, a palavra “dominância” não tem o mesmo sentido de dominação, como um mestre domina seu escravo, mas de “preponderância”, substância que há em cada uma das formas discursivas.

Pois bem, o laço social se mantém por diferentes imperativos subjetivos. Mas há uma forma dominante contingente em cada construção social limitada pelo tempo em que se manifesta.

Assim, o sujeito se articula à cultura (de acordo com a dominância discursiva) e tal fato, não exclui a posição subjetiva singular do ser falante de se enlaçar ao outro, mas se torna claro que há formas discursivas em diferentes épocas e contextos socioculturais.

O discurso do mestre, o discurso da histeria, o discurso universitário e o discurso

do analista servem para guiar o analista nas seguintes questões:

Como o sujeito se enlaça à cultura?

De qual posição ele está falando?

Qual a posição da psicanálise frente à dominância discursiva da cultura?

O discurso do mestre está fundamentado na relação do senhor e do escravo, discutido por Lacan, na criação hegeliana. Aqui o agente é o $\$$ ₁ (significante mestre) apoiado na verdade S (sujeito dividido). O mestre demanda do outro/escravo (S_2 - rede de significantes) um produto, que seria o objeto *a*, algo há de gozar. Por sua vez o escravo o faz por essa posição de subserviência que está em relação ao seu mestre. Sendo assim, a dominância do discurso do mestre se refere ao imperativo “Faça!”. Vale ressaltar que o objeto de desejo do mestre é a produção do escravo.

Em outra dinâmica, o discurso da histórica se efetua mantendo no lugar do agente um $\$$, que demanda do outro S_1 (seu mestre) uma produção que seria um saber sobre sua divisão/falta, a verdade em que se apoia esse agente no discursivo e seu próprio objeto *a*. Ou seja, a dominância neste discurso se dá através do questionamento. Sendo assim, a histórica questiona o Outro para que saiba dela, da falta que a constitui.

A terceira via em que o sujeito se articula à cultura é o discurso universitário, já bem nos diz Lacan “o saber é meio de gozo” (LACAN, [1969-1970], p. 40). Aqui o agente é guiado por uma cadeia de significantes S_2 , demandando do outro (objeto *a*) a produção de um saber que é dividido $\$$, algo que nunca acaba. Sob a metáfora do professor e do aluno, agora o mestre, de forma imperativa, determina “Saiba!”, mas esse saber é para o gozo do próprio professor. Para isso, ele se apoia na verdade um significante mestre S_1 – o saber.

Em posição inversa à do mestre, no discurso do analista, o agente é tomado pelo semblante do objeto *a*. Ele não demanda nada ao outro, ele está em outra posição, na intenção que esse sujeito dividido produza

seu próprio saber, seu próprio significante mestre S_1 . A verdade em que o analista está pautado é uma cadeia de significantes S_2 , que é tomado pelo outro – analisante – como um enigma.

Anos após essa publicação, Lacan (1974) traz à luz um novo discurso, nomeado como mestre contemporâneo: o discurso capitalista. Nesse *modus operandi*, munido do conceito apropriado de Karl Marx (mais-valia) e transformando-o em mais-de-gozar, Lacan aproxima a ideia de um pseudolaço social. Aqui o agente $\$$, dividido/barrado, demanda do outro S_2 uma produção de seu objeto *a*. E aqui está o ponto de furo, pois no lugar do outro existe uma cadeia de significantes, produtos, bens de consumo. Sendo assim, não há relação do sujeito com um objeto causa de seu desejo e sim de consumo.

Para tal, o sujeito se apoia na verdade imperativa do “Tenha!”. Nesse tipo de relação não existe o laço social. Há uma inibição à sociabilidade, um autismo cultural (enquanto estrutura), uma realidade de *gadget* – consumo curto, rápido e efêmero. Assim, torna-se clara a forma discursiva que cada sujeito elege para manter sua relação com a cultura.

Lacan cria os discursos buscando referências nos fenômenos socioculturais, tendo como base a filosofia entre outros meios de saber, pois eles fornecem um conteúdo manifesto, que seria a porta de entrada para o conteúdo latente, como em nossas análises, agora partindo do coletivo.

Estaríamos evidenciando o mesmo conteúdo manifesto (fenômeno) em que Lacan, em sua temporalidade publicou o discurso capitalista?

“Alguma coisa está fora da ordem mundial”

Quando ligamos nossos rádios e televisores, perdoem-me a displicência, quando acessamos nossos celulares e tábletes... Essa é a nova baliza, não acham?

Com uma velocidade sem precedentes na história, as relações com o mundo têm sofrido

do mudanças e não temos um segundo sequer para ponderar sobre qualquer assunto. Temos que nos adaptar?

Frases como “Meu *Uber* está chegando”, “Vou pedir um *Ifood*”, “Você acredita que ele curtiu meu *story*” têm invadido a fala em nossos consultórios e partem de indivíduos de quase todas as idades. Já não existe mais resistência em massa às novas tecnologias.

E-mail, post, zap, facetime, playlist, canal do Youtube, ferramentas e apps [aplicativos] fazem a percepção humana desconhecer a barreira da distância. O mundo está conectado, e por mais incrível que pareça, ainda falam de um *delay* [demora], que na verdade são segundos ou fração de segundo. O mundo está acelerado.

As fronteiras parecem existir somente no papel. *Blogs* ditam verdades. A ciência está xeque-mate. Alugamos apartamentos, carros, e acreditem serviços personalizados num clique. Viagens longas são planejadas, compradas e decididas num piscar de olhos.

Há uma ordem nisso tudo? O que podemos concordar é que o mundo está bem diferente. Aplicativos substituem boates, bares e festas. Análises *online*. Posso até contratar um serviço para comprar minha roupa da festa neste fim de semana, enquanto fico conectado na rede.

E se me aperta o tempo, o que é de praxe, contrato alguém para passear e cuidar do meu *pet*. Acreditem, hoje podemos fazer tudo isso em menos de uma hora e ainda sem sair de casa, além de não precisar tocar em dinheiro. A moeda corrente agora é outra.

Esses são os fenômenos que observamos no mundo pós-contemporâneo e não se trata de algo específico ou regional. Estamos globalizados e conectados neste ‘iMundo’.

Uma filosofia para o século XXI

Em uma publicação no mínimo curiosa – *Do Amor, uma filosofia para o século XXI* – Claude Capeller (2017, p. 11) apresenta o filósofo Luc Ferry em um prefácio de apenas sete páginas que se inicia com seguinte colocação:

A crise mundial na qual estamos mergulhados acentuou o sentimento de que o curso do mundo nos escapa, de que os remédios políticos, de esquerda bem como de direita, não conseguem mais atuar sobre a realidade, de que os valores que defendemos adequam-se cada vez menos à nossa maneira de viver.

Forbes (2011) nos alerta: estamos “desbussolados”, perdemos a referência. Pois bem, de que tratam tais citações? De um novo paradigma.

Luc Ferry, por meio de sua filosofia da espiritualidade laica e trazendo o sentido de fé sem perpassar pela religião, demonstra que através dos anos estamos imersos em um novo paradigma, um novo princípio. Que princípio seria esse? Para entender, devemos antes retomar os princípios nos quais estávamos imersos até a pós-contemporaneidade.

Os gregos se guiavam por sua filosofia, que em grande parte compartilhava do mesmo fio ideológico: o princípio cósmico. Através das aventuras de Ulisses, se torna claro que a boa vida se resumia em estar em harmonia com cosmo, com a ordem natural das coisas, que se encontrava na natureza e sua ordenada relação com mundo. Havia um amor ao presente, uma relação idealizada com o natural cosmológico. A salvação estava no aqui e agora.

Com o advento das mudanças estruturais da cultura, surge o segundo princípio, muito familiar: as civilizações monoteístas (ocidentais), que fazem a transposição do cosmo para um Outro (Deus). Agora o que rege o engajamento do sujeito com a cultura são os mandamentos divinos. A fé é deslocada da natureza, do cosmológico para um salvador, e seus mandos se tornam a baliza para uma boa vida.

Pois bem, acredita-se que boa parte dos leitores já conhece os pormenores que nossa cultura vivenciou e, assim, há uma nova cisão, um novo deslocamento do princípio regente do *modus operandi* e surge a queda do teocentrismo.

Não mais Deus, o único, mas o homem, ele renasce e em outra perspectiva. *Cogito, ergo sum* [penso, logo existo], nos diz Descartes, colocando o homem no centro da fé. Somente o homem, da razão, poderia escolher seu próprio destino, diferentemente dos demais seres vivos. Somente o homem com seu valor insubstituível do pensar poderia se subtrair das determinações da natureza e de Deus. E isso se dá através da inserção simbólica de uma pedra no edifício do progresso humano.

Vale ressaltar que a ideia da religião não se perdeu, mas mudou de base. O sacrifício agora é em prol do conhecimento, da nação, da liberdade democrática em sua busca idealizada e racionalizada de felicidade. Há, então, um homem que poderia superar seu próprio destino, cravando sua contribuição para o social, para a política, a ciência e a arte.

Com uma nova quebra de paradigma, entra em cena uma antítese frente a esse homem pleno da consciência. Os desconstrutores, utilizando as ferramentas racionais (para desconstruir o homem da razão), defendem outra concepção de ser. Esse homem racional e consciente não passa de mera ilusão.

Agora Deus e o natural, que andavam paralelos à escolha de um ideal, são declarados mortos. Sim, Deus está morto e junto à finitude desse homem puro da razão. O novo homem agora tem uma dimensão muito mais complexa regida por pulsões inconscientes, por processos econômicos, libidinosos, sociais e culturais que o envolvem e o atravessam. Mas há fé na intensidade e na emancipação. Somente conhecendo seus percalços, o homem poderá se emancipar e intensificar sua existência no mais alto grau.

Hoje o princípio central da cultura está fundamentado na mesma concepção de ser humano criado pelos desconstrutores? Existem indícios de que o princípio que está circulando na cultura já não tem mais a mesma fundamentação anterior.

Luc Ferry (2017) defende a ideia de que há um quinto princípio – o princípio do amor.

Sim, esse sentimento que sempre foi questão para humanidade. Por vezes aparenta estar um tanto equivocada, uma vez que vemos tantas manifestações hostis, porém para nós, analistas, faz bastante sentido assim como para Lacan, que chama esse fenômeno psíquico de “amódio”.

Como isso se deu? À medida que o homem da razão passa a estruturar sua vida a partir da liberdade, da igualdade e da fraternidade, as famílias passam a se construir por outro motivo.

Antes o casamento era para manter a propriedade, o gene, para o bem religioso e para manter o nome. Era um negócio, uma tradição, que perdurou por muito tempo. Com a inserção do capitalismo, as mulheres passaram a trabalhar e a ter escolha com quem se casar. Então, o casamento por sentimento passa a reger tal escolha.

Casamentos por amor mudam a perspectiva de toda a estruturação social. As famílias agora estão em outro eixo de fundamentação. Casamentos baseados na escolha sentimental geram filhos muito amados, não que antes fossem, mas agora superamados, um amor *phatos* [paixão], onde é constituída a luz da ideia que vai além de sua majestade, o bebê.

Tal fio condutor parece bem elucidativo e faz jus ao que vivemos. Sujeitos muito amados entendem que tudo podem e, assim, como constituídos em seu leito familiar, o outro nada pode “contra você, meu amor”. Para que esses filhos, mais que amados, possam desfrutar de uma vida de deleite, investe-se no desempenho. A regra agora é seja o melhor. “Meu amor, papai e mamãe fazem tudo para que isso aconteça”.

A partir dessa transformação de sentido, criam-se novas regras sociais. Portanto, há outro parâmetro para a política. Não estamos mais dispostos a sacrificar nada pela nação ou pela revolução, principalmente os jovens, que têm clamado por outro referencial político.

Só há sacrifício por um mundo melhor. As ideologias sempre estarão aí, mas elas só fazem sentido se forem engajadas em um discurso de otimização, de melhoria e sempre respondendo a seguinte questão: Que mundo deixaremos para nossos filhos?

Ou seja, a política só e viável se for possível sacralizar o homem em sua complexidade, bem como sua relação com seus recursos para a manutenção da espécie. Pensamentos esses que vemos aí em debandada com as questões provenientes das vertentes ecológicas.

Na economia, com intuito estrutural de tornar melhor o desempenho dos filhos superamados, entende-se que não devemos mais acumular, como no antigo *modus operandi* capitalista. Agora devemos usar. É um ultracapitalismo. Não é mais um ‘falta-a-ter’, agora é ‘falta-usar’.

Com o advento da tecnologia, podemos gozar de tudo: *Uber*, *Airbnb*, *Ifood*, *Happn*, que são uma pequena prova concreta do novo discurso econômico. Sendo assim, a antiga modalidade de emprego formal perde espaço para uma produção informal. Os antigos cargos assalariados com alta responsabilidade são substituídos por atividades em que a renda é capaz de proporcionar o uso de qualquer objeto que o sujeito demande. Jovens fazem opção por uma carreira que gere menos transtornos e capital necessário para desfrutar dos elementos que desejem, sem muita dor de cabeça.

As manifestações sociais agora estão em outro âmbito. Protestos e arte estão na rede. Museus e salas de cinema são substituídos por um espaço virtual. Programas televisivos terão que se adaptar à demanda do público, ou seja, o conteúdo está ao alcance de todos em aplicativos e todas as redes sociais, onde poderão ser acessados no espaço de tempo conveniente. Como a vida é pautada em alto desempenho, o tempo é escasso.

Há um declínio da ciência. A verdade agora está nas mãos dos blogueiros e *digitals*

influencers. A OMS (2019) tem advertido sobre a volta de doenças erradicadas, como poliomielite, uma vez que existe uma corrente que dissemina informações sobre os malefícios das vacinas.

Agora a ciência médica e natural não se preocupa não mais estritamente com a cura ou com o desvelamento de fenômenos naturais, mas com a melhoria do homem pelo próprio homem.

Transumanistas, uns radicais, outros nem tanto, defendem a legitimidade da ideia de vencer a morte e a senescência. Pautados em pesquisas com elevado recursos tecnológicos, criam cirurgias genéticas, impressão de tecidos e órgãos em impressoras 3D e por aí vai.

No vale do Silício, a Universidade da Singularidade investe valores compatíveis ao PIB de diversas nações com o único intuito – superar a morte e melhorar a vida. A medicina vive outro paradigma: como iremos aperfeiçoar a vida do ser humano em sua complexidade? A dermatologia, por exemplo, além de se preocupar com as morbidades da pele, investe de forma maciça em procedimentos estéticos, uma forma de enganar tanto o Imaginário do corpo que envelhece.

A religião está adequando sua filosofia. Missas longas e rituais dogmáticos agora se veem à espreita do desafio de se tornarem populares antes de tudo. Não mais cabem os simples argumentos de que Deus está vendo, Deus mandou, Deus sabe de tudo. Deus agora aceita tudo em nome do amor.

Pastores, padres e líderes religiosos não têm mais fieis ou discípulos e sim seguidores. Se não adequarem às demandas da cultura estão fadados à morte social. Nesse novo modelo, a religião revê princípios relativos à reprodução, à homossexualidade, ao feminino e à mulher, à escolha subjetiva e à salvação, bem como às diferenças ao princípio da vida na Terra.

A sexualidade nunca esteve tão em foco. Diante desse paradigma de que somos muito

amados e valorizados, o que vale é ser feliz. Para isso, podemos ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais, pansexuais, sem falar da infinidade de classificações possíveis.

Na educação, o fenômeno de filhos amados em demasia nos trouxe outra vertente. Em primeira instância, no nível familiar, a educação de princípios que eram transmitidos pelas famílias, agora também é função do professor e da instituição de ensino. E o elemento central é sempre construir um mundo melhor. Escolas e professores se veem perdidos frente à perda de autoridade. Os jovens não podem mais tirar notas baixas. A culpa é do professor, da instituição que não soube ensinar aos nossos filhos.

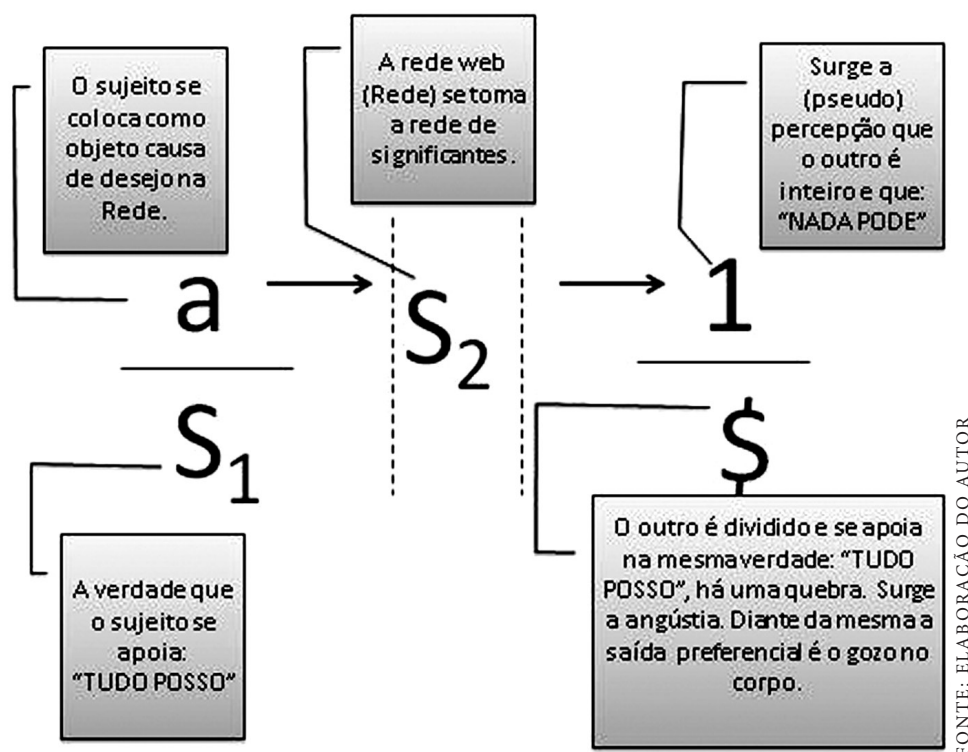
A informação se desloca em uma velocidade antes desconhecida e, como já era de se esperar, esses jovens alunos devem chegar ao patamar de excelência quanto a seu desempenho. Agora o bom professor é aquele que de forma lúdica faz com que a educação seja algo prazeroso e vai além: o aluno terá que se sair o melhor possível.

Pois bem, poderia ficar escrevendo laudas sobre os indícios do novo paradigma da cultura. Está bem aí aos olhos do leitor. Basta em nossa vida acelerada parar um minuto e pensar se podemos viver sem usar algo, se temos o direito de não ser bem-sucedidos, sem ter alto desempenho e, por fim, se nas relações na rede alguém pode discordar, ou seja, “tudo posso, o outro nada pode”.

O discurso da rede e seu imperativo de uso

Se há um novo mestre há uma nova forma discursiva no laço social subjetivo. Esse mestre em sua posição imperativa ordena: Use! Para tal, o sujeito se coloca na rede (S_2 – rede de significantes) com advento imaginário de ser objeto causa de desejo (objeto a). Apoiando-se na verdade (S_1 – significante mestre) em que “tudo posso, o outro nada pode”. Nessa dinâmica, crê encontrar, na rede, o outro, Uno e completo. Como já assinalado, todo esse evento não passa de uma manobra imaginária.

Figura 1 – Matema do discurso da rede: formalizando o *modus operandi* do novo laço social



Pois bem, esse outro da rede que está encapsulado por um objeto que aparentemente seria inteiro, mas na realidade é dividido, faltoso e verdadeiramente ausente. Nesse artifício imaginário do outro da rede falta corpo, que em tese traria consistência para a dinâmica do laço social. E aqui reside o ponto crucial, em que o sujeito encontra uma saída viciante. Como a angústia está pulverizada, diluída nessa falsa percepção de unidade que a rede proporciona, a via preferencial é de gozo do corpo, que é efêmero e nele está implícito o ato de Usar.

Quando o sujeito se depara com o Real da ausência de unidade e de corpo, que é deturpada pela rede, criam-se novas formas de sintomas e em tese nova forma de laço social. Mas a grande questão é: Nesta dinâmica há laço social?

Creio que há um laço, digamos, virtual, imaginário e enganoso. Há que pensar que nesse discurso hipercapitalista do imperativo de USO está inserida a lógica determinante do psiquismo. Se a pulsão é uma força constante que não se cessa e, além de tudo, não há objeto que a satisfaça em sua completude, a cultura encontrou um bom método para diluir a angústia, oferecendo a todo instante algo que possa ser usado infinitamente e que seja de fácil acesso. Haveria tempo lógico, nesse *modus operandi*, para o sujeito se dar conta de seu vazio, da sua divisão, da sua falta e, acima de tudo, de seu desejo?

Uma posição do psicanalista frente ao discurso da rede

Os discursos formalizados por Lacan elucidam como o sujeito se articula à cultura e, assim, metaforicamente. E utilizamos o grafo do desejo, os esquemas R e L para determinar a posição subjetiva do ser frente ao seu Real e direcionar o tratamento analítico.

Portanto, cabe aqui interrogar como conduzir a análise desse sujeito que se articula no discurso da rede para fazer Laço social. E mais: qual a posição da psicanálise diante desse novo mestre?

Respondendo à primeira questão, talvez exista uma saída, quando no ato analítico marca-se o modo de gozo e paralelamente evoca-se o desejo do sujeito para, então, determinar em qual posição pretende se firmar, mesmo diante desse novo mestre. O novo imperativo de uso apoiado na verdade em que “tudo posso e o outro nada pode” proporciona novas formas de sintomas. Mas cabe aos efeitos proporcionados pela análise advir na vida desse ser outras saídas que não sejam exclusivamente a escravidão da vida gozosa da rede.

Quanto a uma possível posição da psicanálise frente a esse novo mestre, torna-se essencial ressaltar que o compromisso do discurso psicanalítico, bem como seu *savoir faire* é com o desejo e não com o gozo. Junto a esse padrão do conteúdo manifesto da cultura abre campo para a seguinte interrogação, USAR para quê? Só existe essa saída, o uso? De fato, a tecnologia traz, assim como todos os objetos do mundo, benefícios, mas qual a busca nessa repetição? Não seria essa posição que nós, analistas, deveríamos assumir? De fazer questão? Em qual direção à cultura nos leva com este novo mestre do laço social?

São questões que eclodem na vertente aqui apresentada e que peço aos colegas que se manifestem nessa empreitada, que se trata de sustentar o desejo do analista, não só na psicanálise em intensão, mas também como elemento imprescindível à cultura, a psicanálise em extensão.

Abstract

This article presents as a proposal to formalize a new mathema that represents the post-contemporary modus operandi of the social link. No longer a capitalist discourse, but an ultra-capitalist discourse, the network discourse. The new master of the subjective social bond has another imperative: use. Supported by a new truth, the subject ties himself to culture, interpolated, by a network of signifiers, so is there in this context a relation of the speaking being with his object cause of desire? This is what we intend to discuss here.

Keywords: Discourses, Enjoyment body, Psychoanalysis.

Referências

DESCARTES, R. Discurso do método. In: *Descartes - vida e obra*. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1996. p. 65-127.

FERRY, L. *A filosofia para um novo tempo*. Entrevista concedida a Jorge Forbes no *Café filosófico*, programa da série: "Fronteiras de Pensamento", com curadoria de Jorge Forbes. TV Cultura, São Paulo, fev. 2017.

FERRY, L. *Do amor*. Uma filosofia para o século XXI. Tradução: Rejane Janowitz, 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

FERRY, L. *Família amo vocês*. Política e vida privada na época da globalização. Tradução: Jorge Borges, 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

FERRY, L. *Revolução transumanista*. Tradução: Erick R. R. Heneault. Barueri, SP: Manole, 2018.

FORBES, J. Entrevista a Luc Ferry. *Café filosófico*: As transformações do mundo contemporâneo. Campinas, set. 2011.

LACAN, J. *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise (1969-1970)*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Ary Roitman. Rio de Janeiro: Zahar, 1992, reimpr. 2016. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise (1959-1960)*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. *Televisão (1974)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE / ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Poliomielite *Folha informativa*. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5735:folha-informativa-poliomielite&Itemid=820. Acesso em: 04/02/2020.

Recebido em: 27/05/2020

Aprovado em: 15/06/2020

Sobre o autor

Eduardo Henrique Ferreira Dias

Graduado em enfermagem pela Pontifícia

Universidade Católica

de Minas Gerais (PUC Minas).

Residente de enfermagem em cancerologia no

Instituto Nacional de Cancerologia (INCA).

Especialista em enfermagem em cardiologia

pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Especialista em enfermagem em cancerologia

pelo INCA.

Especialista em enfermagem em cardiologia

pela UFRJ.

Pós-graduado em filosofia

pela Faculdade Dom Alberto.

Mestre em bioética pela Universidad del Museo

Social Argentino.

Candidato em formação (1º Tempo)

no Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG).

Participante do Grupo de Estudos e Produção

no CPMG, coordenado pelo psicanalista Messias

Eustáquio Chaves no período de fev. 2017 a nov.

2019, como parte da formação em psicanálise.

Endereço para correspondência

E-mail: dreduardodias@gmail.com

Arkangel: sobre a devastação na relação mãe e filha em tempos cibernéticos

Arkangel: on devastation in the mother and daughter relationship in cybernetic times

Bárbara Araújo Sordi
Elizabeth Samuel Levy
Hevellyn Ciely da Silva Corrêa

Resumo

Black Mirror é uma série britânica de ficção sobre a sociedade contemporânea que, de forma irônica e catastrófica, debate sobre bioética em face os possíveis avanços tecnológicos e seus efeitos psíquicos. No episódio *Arkangel*, apresentado na quarta temporada da série, Marie, preocupada com a segurança da filha recorre a um dispositivo de última geração para monitorar sua localização, uma espécie de *chip*, fato que, posteriormente, se agrava diante da emergência da puberdade da filha, isto é, o despertar de sua posição de mulher. Partindo de fragmentos do episódio, este artigo aborda a questão da devastação na relação mãe e filha. Direcionando-se ao conceito psicanalítico de feminilidade baseado nos textos freudianos, e de feminino no ensino de Lacan, pensa-se as consequências de um gozo que não está inscrito de todo na linguagem e que, diante da impossibilidade própria ao amor, encontra na devastação um modo de realizar-se.

Palavras-chave: *Black Mirror*, Psicanálise, Feminilidade, Devastação, Maternidade.

Black Mirror é uma série britânica, lançada em 2011, que recebeu destaque mundialmente a partir de 2015, após ser exibida em sistema *in stream* por uma prestadora de serviço de assinatura de TV fechada.

Os episódios apresentam histórias independentes, mas têm um fio condutor, pois se trata de ficções sobre a sociedade contemporânea que, de forma irônica, inquietante e catastrófica, debatem sobre bioética, em face dos possíveis avanços tecnológicos e seus efeitos psicológicos.

A produção audiovisual se destaca, assim, por dois pontos principais: o impacto das tecnologias no futuro, que pode estar bem próximo, bem como seus efeitos sobre as relações humanas e sobre o psiquismo. Este último ponto, muito nos interessa, por colocar

em questão o lugar do sujeito naquilo que se produz como tecnologia, destaca questões do coletivo e dos sujeitos em sua singularidade, apresentando o que em psicanálise tomamos como conflitivo inconsciente, através de sintomas, inibições e passagens ao ato.

Em vários episódios vimos o uso das tecnologias revelar algo do trabalho da pulsão, a qual não se esgota na funcionalidade que as ferramentas tecnológicas oferecem, dando a ver, através dos modos como cada um usufrui de tais ferramentas, seu caráter erótico e mortífero pela via do que no artigo *O problema econômico do masoquismo* Freud ([1924] 1996) chama de desfusão da pulsão de morte, com toda sua potência de destrutividade.

O título da série – em português, *Espelho da escuridão*, representa a tela do aparelho

celular de nova geração como um novo espelho em busca do reconhecimento de reassuramento de imagem – parece evocar algo da própria constituição do sujeito.

O “estádio de espelho” seria um momento primordial para o desenvolvimento do “eu”, em que ocorre a unificação da imagem corporal, e a criança se reconhece como um ser externo à mãe, mas não sem a alienação dessa imagem, que se constitui a partir do olhar do Outro (LACAN, [1953-1954] 1998). Logo, a unificação imaginária que aí se constrói é uma captura do olhar do Outro e, ao mesmo tempo, algo separado desse olhar.

Considerando essa perspectiva, a noção de um *espelho da escuridão* carregaria essa dupla função exercida pelo espelho? A escuridão não daria nenhuma unificação, porque nela não se veria uma imagem integrada? Sem nos atermos a essas interrogações, que nos desviariam de nosso objetivo, elas nos interessam por aquilo que podem dizer do sujeito que passa a se formar a partir de uma imagem, mas que já circulava nos desejos dos pais em relação ao bebê, ainda na gestação.

Um sujeito antecipado por desejos e integrado por uma imagem. Eis os primeiros passos do que só se tornará um sujeito após uma operação de corte, feita pela metáfora paterna, que produz recalçamento e instaura um desconhecimento à consciência daquilo que fora amor e ódio. Dessa feita, os sujeitos caminham, como Édipo, por muito tempo cegos de si, na escuridão, mas com esse “escuro” afetando sua imagem e suas relações.

Assim, a série parece evocar algo desse inconsciente recalçado que, de alguma forma, é familiar aos telespectadores, que podem se reconhecer ou até mesmo considerar que as narrativas são possibilidades de acontecimentos no futuro, embora seja por outras pessoas como afirmasse: *ISSO* é humano (o sexual), portanto é passível de se fazer ato, de vir à luz.

Talvez por *ISSO*, esta série tão premiada tem conquistado significativa notoriedade. Embora seus episódios contenham violência

e dramas psíquicos, aquilo que choca, surpreende e intriga, parece também um atrativo sedutor, trazendo à tona as identificações e a estranheza do familiar, mesmo que recalçado, negado, racionalizado ou projetado em outrem.

Parafraseando Freud ([1905] 2015) no artigo *Personagens psicopáticos no palco*, pela arte podemos vivenciar nossos desejos mais profundos, sem a culpa de ter concretizado aquilo que nos é proibido, por isso nos fascina. E alguns temas, como a peça do Édipo-Rei, têm tanto sucesso de público; afinal, tais obras também revelam de nós.

Primeiro episódio dirigido por uma mulher, Jodie Foster, *Arkangel* é o episódio 2 da quarta temporada da série, que dá ênfase à família, pois é o primeiro a abordar aspectos sobre a relação mãe e filha.

Sua recepção foi ambígua. Críticos elogiaram a profundidade pautada nas relações humanas. Outros argumentavam que a questão tecnológica poderia ser mais explorada. Contudo, independentemente das repercussões, pode-se considerar uma profícua ferramenta para a análise acadêmica, que poderá examinar aspectos da sociedade contemporânea e da subjetividade humana.

O nome *Arkangel* se refere a um dispositivo (um *chip*) ainda em teste, que é depositado no cérebro de crianças e permite que os pais possam rastrear a sua localização, monitorar sua saúde (quase como um exame de sangue) e enxergar o que elas estão vendo e, assim, detectar seu nível de estresse, com a opção de ‘pixelar’ alguma imagem ou som, tudo por meio de um táblete, chamado de “unidade parental”. O significante “unidade” nos remete ao estádio do espelho, anteriormente citado, como uma possibilidade de unificação corporal vista pelo Outro parental.

A narrativa se inicia com Marie, apresentando certa angústia durante sua cirurgia cesariana. Logo ela verbaliza sua frustração por não ter conseguido o parto natural vaginal, sendo acalentada pela enfermeira que a

acompanha. Em seguida, sua bebê nasce sem chorar, levando à intervenção da equipe e deixando Marie bastante aflita até a situação se normalizar e receber a filha no colo.

Marie é mãe solo, e o pai biológico sequer é mencionado no episódio, onde aparece apenas o próprio pai de Marie, que mora com elas e convive na criação da neta. Nesse período, em um pequeno descuido materno, Sara, sua filha, se perde, causando profunda angústia e desespero da mãe diante da possibilidade de perdê-la. É esse fato que faz com que Marie procure a empresa e o programa *Arkangel*.

De posse da “unidade parental”, é possível observar Marie brincando de esconder com Sara, processo importante na constituição da sua imagem, quando a mãe parece permitir à filha o binarismo presença/ausência, tão importante no reconhecimento da criança em um corpo dela mesma, separado da mãe. Contudo, verifica-se que a dualidade presença/ausência é vivida pela mãe com certa dificuldade de vivenciar a ausência, por isso ela recorre à unidade parental, ou seja, diante de uma ausência que pode levar à perda, a mãe lança mão de um aparelho que promete uma onipresença.

Destacamos este trecho do episódio, pois, guiando-nos por Lacan ([1956-1957] 1995), na dinâmica presença/ausência, própria à frustração, a mãe surge como faltosa, não detentora do falo, oferecendo objetos dons que marcam desejo da criança e a “substituem” na sua ausência. Assim, a unidade parental surge como um possível objeto dom oferecido pela mãe que, no entanto, não faz dele uma possibilidade de sua ausência, mas uma ilusão de presença constante. A criança seria objeto de gozo dessa almejada presença sem limites, mostrando uma relação mãe e filha sem cortes, mediada por uma tecnologia dirigida pela mãe.

Quando Marie fala com seu pai sobre *Arkangel*, ele pergunta pelo custo do procedimento, uma pergunta que pode ser pensada para além do gasto financeiro. E Marie

responde que, por estar em período de teste, havia sido de graça, ou seja, fora um objeto cuja presença se fez sem a perda de algo para ter acesso a ele. Em outras palavras, a “unidade parental” parece estar fora da castração, que inaugura o desejo.

O pai de Marie, então, tenta intervir chamando atenção da filha sobre como ela fora criada, aparentemente com a autonomia comum e possível da infância. Todavia, ela rebate, destituindo-o do lugar de pai e rapidamente afirma que tivera um braço quebrado. Ele replica com o argumento de que seu braço hoje está intacto. Ela olha para o braço e responde com um cotoco (símbolo gestual que representa um pênis).

Ao que parece, diante de uma demarcação da castração e das possíveis saídas simbólicas frente a ela, Marie responde com o falo imaginário, literalmente fazendo a imagem de um com o dedo e, como é próprio às saídas imaginárias, ele sempre revela sua pequenez diante do que quer representar.

Aos sete anos de idade, Sara começa a sofrer retaliações de seus colegas por sua posição ocasionada pelo *chip*. Sem conseguir ver nada que aumente seu cortisol, ou seja, sem ver cenas de violência, de sofrimento ou qualquer situação que cause medo, tristeza e afins, Sara solicita a Trick – um amigo rebelde, que tem relações conflituosas com o pai e tende a manifestar agressividade na escola – que descreva o sangue e as cenas de violência.

Nesse movimento, Sara estaria às voltas com a dissolução do complexo de Édipo, pois notamos seu lugar ativo de sujeito frente ao Outro materno, buscando separar-se, ao se endereçar justamente ao colega que vivenciava violência doméstica e apresentava agressividade na escola, de uma alienação que se pretendia plena, o que demarca que esse sujeito foi ao campo do Outro e nele encontrou um furo (LACAN, [1964] 1996).

Porém, apesar da tentativa, seu *chip* continua a filtrar as informações, fato que a leva, numa busca de inscrição, a desenhar tais

cenar, vendo também seus desenhos pixializados, fazendo-a, então, se automutilar, na ânsia de ver sangue, sentir dor e, ao ser impedida pela mãe, a dispensar um tapa na face dela, utilizando-se do próprio corpo como última barreira para resistir ao desejo do Outro.

Marie, então, leva Sara a um psicólogo, que alerta sobre projeto *Arkangel*, já proibido em vários lugares do mundo e que, em poucos meses, seria interdito na sua localidade, orientando-a ao desligamento do aparelho, pois estava afetando sua filha.

Nesse momento Marie se questiona pela primeira vez: Sou eu que estou fazendo isso a ela? Embora Sara sinta certa insegurança ao saber que estará “desprotegida”, afinal nunca havia experienciado não estar sob os olhos e “proteção” da mãe, a decisão é tomada, não sendo fácil, principalmente, para Marie que ainda recorre ao aparelho para ver se a filha havia chegado bem na escola.

Este ponto é importante, pois demonstra que a ida ao psicólogo revela algo da estrutura de Marie. Embora a “unidade parental” fosse uma ferramenta que se oferta de forma perversa para não lidar com a falta, há uma marca de dúvida e de busca de respostas em outros, indicando a presença de uma estrutura neurótica. A posição de Marie em relação à falta, nas suas hesitações e reconhecimentos, é importante para nossa discussão, menos por uma demarcação da estrutura clínica e mais por aquilo que sinaliza da relação mãe e filha, na qual o instrumento tecnológico se enlaça à fantasia de onipotência materna.

Tal fantasia, construída singularmente por cada mulher, é de grande importância, pois, como nos aponta Freud em *À guisa de introdução ao narcisismo* ([1914] 2004), testemunha o investimento narcísico na criança, a qual não é tomada apenas como um organismo, mas enlaçada aos desejos que lhe antecederam. Dessa maneira, o investimento narcísico tem seu vetor apontado para a mãe, revelando os desejos por se realizar no bebê, assim como tem um vetor apontado para a

criança, que encontrará nesse investimento um amparo e um elemento de constituição enquanto sujeito, mas que, para tal constituição, também não caberá de todo nas fantasias maternas.

Assim, a onipotência materna se mostra necessária tanto na ilusão que oferece quanto em seu fracasso e, no enredo aqui trabalhado, *Arkangel* parece se encaixar nesse duplo movimento, o que trará consequências muito particulares.

Sem o uso dos recursos de *Arkangel*, Sara parece enfrentar bem a situação, apesar de, no início, ser açoitada por sons e imagens que, até então, eram totalmente desconhecidos. Fica evidente, inclusive, como estava frágil diante das exigências corriqueiras e normais do mundo, como quando, pela primeira vez, escuta os latidos agressivos de um cão preso, em um caminho que fazia diariamente, desde bebê e que sua mãe havia silenciado.

Aos quinze anos, Sara é uma adolescente bem adaptada. O cachorro da vizinha, que a assustava quando começara a ouvir os sons do mundo, já não estava mais na casa, que teria sido alugada. Metaforicamente isso indica que aquilo que outrora era assustador, agora pode ser ocupado por qualquer inquilino, mostrando algo próprio da vida em suas possibilidades, como a adolescência de Sara vem mostrar também.

Sara, então, resolve sair com umas amigas e mente para Marie sobre o local onde estava. Marie, que tem encontros secretos com um rapaz, escondendo da filha seu lado mulher, ainda numa tentativa de não referir que um Outro pode ocupar o desejo da mãe além da filha, ao retornar para casa, constata que Sara estava mentindo e, após ligar para todas as amigas da filha, resolve novamente buscar o programa “unidade familiar”. Ao ligá-lo se depara com a filha em sua primeira relação sexual e fica muito impactada.

Apesar de não comentar nada com a filha, Marie se depara com a falta de controle que ilusoriamente achava que tinha e, visível-

mente abalada, continua a assistir as vivências de Sara, que agora está apaixonada por Trick. O rapaz, além de ter iniciado sua vida sexual, parece convocá-la para o lado mulher de sua mãe, brincando que talvez Marie pudesse estar transando com alguém, quase que convidando Sara a uma identificação imaginária que pudesse, quem sabe, encontrar algum traço de identificação simbólica através do desejo.

Trick continua com comportamentos ilícitos. Apesar de ter emprego fixo, encontra na venda de drogas a possibilidade de sair da casa dos pais e de se afastar deles. Ao mesmo tempo, demonstra estar apaixonado por Sara e mantém uma relação de cuidado e zelo. Porém, após muita insistência de Sara, que parece querer desbravar o mundo, numa tentativa de se identificar como sujeito fora da mãe, os dois usam cocaína, o que acaba sendo assistido por Marie.

Preocupada e revoltada, Marie procura Trick e ameaça denunciá-lo, caso ainda falasse com Sara. A moça, por sua vez, em estado de tristeza, sente-se abandonada, pois não tem respostas do rapaz e, ao procurá-lo, é dispensada por ele, que só o faz por estar sendo coagido.

Em seguida, Sara começa a passar mal, o que faz com que Marie intua que a filha estivesse grávida. Assim, Marie compra um abortivo e coloca na bebida da filha que, na escola, durante uma aula sobre o complexo de Édipo, começa a sentir os efeitos da medicação e passa mal fisicamente. Então, é levada ao setor responsável, onde fora informada de que estava grávida, fato do qual sequer desconfiava, mas o abortivo já fizera efeito e havia interrompido a gestação.

Enfurecida, Sara chega em casa, procura no lixo, acha o remédio e, ao revirar o lar, encontra a “unidade parental”. Sua mãe chega e ambas iniciam uma discussão. Sara chora e a questiona, encetando um embate físico. É na luta pelo domínio do aparelho de “unidade parental” que a garota, ao pegá-lo, passa a bater com ele brutalmente na mãe. Porém,

pixealizada, a mãe não é vista, o que contribui para a vazão pulsional, pelo afastamento da situação em si.

Durante o embate, o aparelho é desligado e Sara enxerga a mãe ensanguentada no chão. Atordoada, ela, que já havia colocado suas roupas em uma mala, vai embora. A cena faz parecer que a mãe está morta, assassinada, porém está viva, levanta, tenta olhar o táblete e verifica que está quebrado. Em desespero, Marie sai gritando pela filha que fora embora pegando carona para outra cidade ou estado, fugindo da relação com a mãe, a qual permanece desolada.

Em 1931 e em 1933, Sigmund Freud, influenciado por psicanalistas mulheres, dedicou-se a escrever sobre a sexualidade feminina, reconhecendo a existência de certo mistério quanto à feminilidade e questionando-se sobre o que quer uma mulher.

No artigo *Sexualidade feminina* (1931) e na conferência *Feminilidade* (1933), reconheceu que a fase pré-edípica da menina com sua mãe tem em si suas maiores fixações. Nesses textos, Freud aborda a relação mãe e filha e afirma que o ressentimento e o sentimento de injustiça vividos pela menina em relação a sua mãe, muitas vezes são vivenciados em forma de ódio e ciúme, por considerar a mãe responsável pela falta constitucional – por não ter doado o falo. A menina vive, então, a experiência de sentir que a mesma mãe que lhe dedicou o amor inicial de sua vida, não lhe retribuiu, como esperado narcisicamente. Dessa forma, a intensidade do ódio é proporcional à intensidade do amor precedido pelo sentimento de decepção.

A menina, que amara intensamente a mãe, ao se sentir injustiçada e relegada à constatação da angústia de castração, acusa a mãe por vários motivos, desde a não amamentação suficiente e não oferta do pênis até o rancor por essa mãe dividir seu amor com terceiros e ter sido sedutora no despertar da sexualidade infantil, para depois se tornar aquela que fará proibições (FREUD, [1933] 1996).

De acordo com Marcos (2011), Freud utiliza a palavra “catástrofe” para designar o momento de ligação primitiva com a mãe, do qual restam tendências passivas que ligariam a menina ao pai. Por isso, o percurso feminino seria tão penoso: a troca da zona erógena do clitóris para a vagina, da atividade para a passividade, como do objeto de amor.

A relação da menina com a castração lhe confere uma posição de reivindicação, pois, por já se ver castrada e não por ter medo disso, ela busca outras formas de alcançá-lo, dando a ver aquilo que Freud (1914) diz ser o maior narcisismo nas escolhas amorosas, que faz com que ela se ofereça como objeto, pois seu interesse é não tanto amar, mas ser amada.

Tendo caminhos da saída edípica, a maternidade poderia ser um deles, o caminho considerado “normal” e chamado de feminilidade, no qual a menina poderia ser recompensada com um bebê, que seria equivalente ao pênis. Uma vez que a gestação e o nascimento levariam à revivescência de seu próprio narcisismo infantil sendo parcialmente compensatório.

Jacques Lacan em 1973, afirmara que a mãe pode ser uma devastação para a filha, que estaria estritamente vinculada ao amor e a sua (im)possibilidade. A relação de devastação pode existir a partir da expectativa da filha em receber uma identificação feminina. Porém, diante da impossibilidade de transmissão da feminilidade, uma vez que a mulher se configura como não-toda submetida à lógica fálica – da castração e da palavra – essa transmissão apareceria por meio de uma relação com o Real, sem contornos simbólicos.

No *Seminário 20: Mais, ainda*, Lacan ([1972-1973] 2008), munido do conceito de falo, escreve a fórmula da sexuação, na qual a mulher não está toda sob a regência do complexo de Édipo como o homem. Afirma, então, a existência de um gozo suplementar, chamado de feminino, o qual, embora tenha referência ao falo, não estaria submetido so-

mente a ele. Assim, a menina esperaria algo da mãe, não submetido inteiramente ao signo da castração, do significante do falo.

Na medida em que algo escapa à mãe, na ordem simbólica, há uma impossibilidade de troca fálica, lançando mãe e filha em um desamparo estrutural e, igualmente, lançando enigmas que dão a ver os limites da própria significação fálica. Isso pode levar a mãe a permanecer como um Outro real, interpretada como Outro do gozo, convocando a menina para uma fusão impossível ou à perseguição (MARCOS, 2011).

Para Brousse (2002), o desejo da mãe pode, então, comportar uma zona obscura, não saturada pelo Nome-do-Pai, sem limite definido, aproximando-se da fantasia infantil de onipotência e de mãe não castrada, como nas saídas de Marie em relação ao próprio pai e ao parceiro sexual, em que a castração materna tenta ser retirada do olhar da filha.

A devastação; que desnuda que o falo não regula todo o campo do gozo, embora seja uma reivindicação ao desejo mãe, também diz respeito a dificuldade de simbolização do gozo feminino, aparecendo quando a menina entra em contato com a ausência de limite da mãe na relação consigo, apontando um gozo desconhecido e refratário ao simbólico.

Essa construção lacaniana acerca do gozo feminino, que é mais elaborada ao final de seu ensino – sobretudo no *Seminário 18: De um discurso que não fosse semblante* (1971), no *Seminário 19: ...Ou pior* (1971-1972) e no *Seminário 20: Mais, ainda* (1972-1973) –, aparece já em seus primeiros trabalhos acerca da feminilidade e do estatuto significante do falo, como em *A significação do falo* (1958) *Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina* (1960), apontando que, ao se dedicar ao feminino, o que se encontra é o enigmático do campo do gozo.

Dessa forma, a devastação que acomete a menina estaria relacionada ao enigma formulado pelo gozo feminino da mãe, que se apresenta sem limites, fora do simbólico,

uma vez que não existe o significante do que é uma mulher.

Nesse sentido, podemos pensar na narrativa de Marie e Sara. O nome de Sara já parece um indicativo de algo da ferida narcísica de sua mãe, do lugar simbólico ocupado por ela, antes mesmo de nascer. *Sara* significa curar algo.

Seria Sara algo que veio para curar sua mãe devastada talvez por uma relação amorosa não bem-sucedida?

Seria Sara a compensação de sua ferida narcísica pela frustração da castração, um equivalente ao pênis imaginário?

Seria sua filha um filho inconsciente destinado ao seu pai?

Essas perguntas, que não podemos responder, haja vista que não tratamos dos personagens como casos clínicos, são levantadas pelo enredo e têm sua importância também por não serem respondidas no decorrer da trama, mas oferecerem algumas significações na medida em que assistimos o desenrolar das cenas.

Não podemos afirmar que Sara funciona como “cura” da ferida materna, mas assistimos Marie impedir a filha de ver cenas violentas, na busca de mantê-la higienicamente fora daquilo que, para a mãe, seria insuportável porque lançaria a filha na possibilidade de falha e da perda.

O medo de perder a filha é uma marca que se faz desde o nascimento de Sarah, porém é acentuado diante de uma vivência concreta, Marie opta por *Arkangel* e logo se verifica uma identificação simbiótica com a filha.

A dedicação e o cuidado não apenas dizem respeito a Sara, mas também demarcam a onipotência materna na busca de controle da vida, sinalizando que não há gozo desinteressado e apenas por dedicação ao outro, o que pode ser visto nas cenas em que a Marie se diverte vendo o mundo pelos olhos da filha.

O parto de Marie parece convocar as análises freudianas sobre o reconhecimento da vagina na mulher. Embora não se possa ig-

norar o peso cultural e a importância do parto natural sobre as mulheres, ao que parece, Marie recorreu ao parto cesariano não pela indicação de risco à própria vida e à do bebê, mas a uma falta de força.

Essa falta de força teria uma analogia com o reconhecimento da diferença sexual, tão difícil para a menina?

Narcisicamente Marie visa proteger Sara de todos os males, como uma majestade, o bebê. Além disso, a assunção da onipotência de controle da vida da filha aparece quando Marie, mesmo no jogo de procurar e achar, de presença/ausência, se diverte vendo o mundo pelos olhos da filha, recusando-se a participar da brincadeira do lugar daquela que se permite ausentar: ela acompanha cada passo da filha à procura da mãe.

O pai de Marie, que tenta alertá-la do quanto poderia ser custoso impedir que a criança pudesse ter o mínimo de autonomia, logo é contestado por ela que, além de histericamente o destituir da função paterna apontando-lhe uma falta, lhe retribui com um cotoco, como símbolo fálico, o qual ela parece querer encarnar no sentido de completude.

Dessa forma, podemos também afirmar que Marie demonstra transitar nos modos de gozo, tal como descreve Lacan na tábua da sexuação o oscilar do gozo fálico e o gozo místico.

O excesso de proteção parece dificultar que a menina possa crescer separada dela. A filha é privada de dor, de tristeza, não consegue sequer ver a mãe chorar diante da perda do avô, processo que não a possibilita lidar com perdas cotidianas e necessárias.

É importante ressaltar que essa fora a única experiência que a aproximaria Sara da morte, que a convocaria a simbolizações da perda, mas que fora simplesmente retirada ao sequer visualizar. A resistência da filha, então, aparece na automutilação, como no ódio que advém e se materializa no tapa dado na mãe, ainda com sete anos de idade.

Marie esconde da filha sua faceta de mulher e pouco deixa aparecerem os indícios de sua vida sexual. Ao se deparar com os quinze anos de Sara, que começa a desabrochar enquanto mulher, se separando naturalmente do seio familiar para a identificação com o social e com os prazeres do corpo, brincando, inclusive, de transgredir regras sociais, Marie parece não se dar conta da sexualidade da filha que desperta e tenta controlar suas relações amorosas e seu corpo. Além de terminar o namoro, Marie provoca um aborto na filha, interrompendo suas próprias decisões, quase engolindo-a como uma boca de jacaré.

Para Lacan ([1969] 1986), o supereu materno, que pode ser guloso e feroz, coloca seu imperativo “goze!”, de um gozo excessivo e desregulado, que aponta para o lado mortífero do desejo, apresentando seu desejo como angústia, pois enquanto há o desejo de se aproximar, a possibilidade de devorar o bebê ocasionaria o fim do desejo. Marie parece ter deixado vir à tona sua própria devastação, com incursões narcísicas catastróficas para a filha.

Zalcborg (2003) afirma a existência de uma relação narcísica abusiva da mãe em relação à menina, muitas vezes, constituindo-se como um abuso identificatório, o qual destitui a filha de sua própria identidade, justamente naquilo que deveria ajudar a filha a construí-la.

Para a autora, o amor da mãe por uma filha se funde ao amor que ela tem a si mesma, de modo que a mãe pode se sentir profundamente ameaçada por qualquer tentativa de libertação da filha, pois a separação a ameaça de não ter mais projetos narcísicos realizados por si mesma. A chancela social se enlaça nisso, uma vez que exige das mães um grande poder de controle e cuidado, a ponto de produzir situações desestruturantes para a filha e para mãe.

A cena final do episódio, em que Sara espanta a mãe, metaforiza a tentativa de encontrar uma imagem nítida que possa car-

regar o ódio à mãe, tentativa fracassada pela pixealização da imagem materna para Sara, que assim leva ao ato o ódio sem qualquer borda imaginária.

Com isso, podemos dizer que, diante da devastação, a filha encontra saídas precárias de fazer barragem à intromissão da mãe em sua vida, encontrando uma forma um pouco mais elaborada na fuga da cidade, que assim pode abrir caminhos outros fora do alcance da devastação materna.

Marie, por sua vez, ainda em desespero e afundada na relação mãe-filha, grita desesperadamente por Sara. Aquilo que ela tanto temia – a possibilidade de perder a filha – se fez presente na falta incontornável da ausência da filha, talvez no encontro com a castrição e com o desamparo tão (re)visitado e temido por todo ser vivente.

Abstract

Black Mirror is a British fiction series about contemporary society that, in an ironic and catastrophic way, debates about bioethics, in the face of possible technological advances and their psychic effects. In the episode “Arkangel”, presenting in the fourth season of the series, Marie, concerned about her daughter’s safety, uses a state-of-the-art device to monitor her location, a kind of chip, a fact that subsequently worsens in the face of the emergence of puberty. This, that is, in view of her position as a woman who awakens. Based on fragments of the episode, this article addresses the issue of devastation in the mother-daughter relationship. Turning to the psychoanalytic concept of femininity, from the Freudian texts, and of the feminine in Lacan’s teaching, the consequences of a jouissance that is not inscribed in language at all and that, faced with the impossibility of love, finds itself in devastation, a way to be realized.

Keywords: *Black Mirror, Psychoanalysis, Femininity, Devastation, Maternity.*

Referências

- BROUSSE, M.-H. Une difficulté dans l'analyse des femmes: le ravage. du rapport à la mère. *Ornicar?* Revue du Champ Freudien, 2002, p. 93-105.
- FREUD, S. À guisa de introdução ao narcisismo (1914). In: _____. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (1911-1915). Coord. geral da tradução: Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004. p. 95-131. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 1).
- FREUD, S. Personagens psicopáticos no palco (1905). In: _____. *Arte, literatura e os artistas*. Tradução: Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 45-52. (Obras incompletas de Sigmund Freud, 4).
- FREUD, S. O problema econômico do masoquismo (1924). In: _____. *O ego e o id e outros trabalhos* (1923-1925). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 177-188. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).
- FREUD, S. Sexualidade feminina (1931). In: _____. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos* (1927-1931). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 231-251. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).
- FREUD, S. Conferência XXXIII: Feminilidade (1933 [1932]). In: _____. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos* (1932-1936). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 113-134. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 22).
- LACAN, J. A significação do falo (1958). In: _____. *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 629-723.
- LACAN, J. Diretrizes para um congresso sobre sexualidade feminina (1960). In: _____. *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 734-745.
- LACAN, J. Duas notas sobre a criança (1969). Tradução: S. Sobreira. *Revista do Campo Freudiano*, n. 37, 1986.
- LACAN, J. O aturdido (1973). In: _____. *Outros escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 449-497.
- LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu (1949). In: _____. *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 96-103. (Campo Freudiano no Brasil).
- LACAN, J. O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. (Campo Freudiano no Brasil).
- LACAN, J. *O seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante* (1970-1971). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. (Campo Freudiano no Brasil).
- LACAN, J. *O seminário, livro 19: ... Ou pior* (1971-1972). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Vera Ribeiro. Versão final de Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. (Campo Freudiano no Brasil).
- LACAN, J. *O seminário, livro 20: Mais, ainda* (1972-1973). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: M. D. Magno. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. (Campo Freudiano no Brasil).
- LACAN, J. *O seminário, livro 4: A relação de objeto* (1956-1957). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Dulce Duque Estrada; revisão de Angelina Harari. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. (Campo Freudiano no Brasil).
- MARCOS, C. Mãe e filha: da devastação e do amor. *Tempo psicanal.*, Rio de Janeiro, v. 43, n. 2, p. 269-284, dez. 2011. Disponível em: <http://pepc.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382011000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03 nov. 2019.
- ZALCBERG, M. A devastação: uma singularidade feminina. *Tempo psicanal.*, Rio de Janeiro, v. 44, n. 2, p. 469-475, dez. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382012000200013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03 nov. 2019.
- ZALCBERG, M. *A relação mãe e filha*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

Recebido em: 30/04/2020

Aprovado em: 20/05/2020

Sobre as autoras

Bárbara Araújo Sordi

Psicanalista.
Membro do Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA).
Mestre e doutoranda em psicologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA).
Pós-graduada em psicologia hospitalar e da saúde pelo Instituto de Ensino e Pesquisa em Psicologia e Saúde (IEPS).
Professora adjunta da Universidade da Amazônia (UNAMA).
Coordenadora do Grupo “Relações de gênero, Feminismos e violências” e do Projeto “Sobreviver a Violência”.
Fundadora da página “Feminismos e Psicologia”.

Elizabeth Samuel Levy

Psicanalista.
Sócia fundadora do Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA).
Mestre em Psicologia Clínica e Social (UFPA).
Docente do Curso de Psicologia e Coordenadora da Clínica de Psicologia da Universidade da Amazônia (UNAMA) de 1999 a 2019.
Psicóloga Hospitalar como especialista pelo Conselho Regional de Psicologia 10.^a região.
Pesquisadora do Laboratório de Psicanálise e Psicopatologia Fundamental (UFPA).
Presidente do Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA) filiado ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP).
Sócia da International Federation of Psychoanalytic Societies - IFPS.

Hevellyn Ciely da Silva Corrêa

Psicanalista.
Psicóloga pela Universidade Federal do Pará (UFPA).
Mestre e doutora em teoria psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com estágio e doutorado sanduiche na Université Paris VII - Paris Diderot.
Professora adjunta da Universidade Federal do Pará (UFPA).
Projeto de pesquisa (UFPA) Feminino e Maternidade: Entre o Ideal Impossível e a Experiência Contingente.
Coordenadora do Grupo de Estudos Psicanálise, Clínica e Cultura.

Endereço para correspondência

Bárbara Araújo Sordi

E-mail: barbarasordi@hotmail.com

Elizabeth Samuel Levy

E-mail: bethslevy@gmail.com

Hevellyn Ciely da Silva Corrêa

E-mail: hcs.correa@yahoo.com.br

Anna Freud: uma desenvolvimentista quase esquecida

*Anna Freud:
an almost forgotten
developmentalist*

Marcos Roberto Fontoni
Leopoldo Fulgencio

Resumo

Anna Freud é classicamente reconhecida, na história da psicanálise como a filha de Freud que analisou *O ego e os mecanismos de defesa*, responsável por contribuir com a perspectiva teórico-clínica denominada psicologia do ego. No entanto, pouca atenção foi dada (e ela foi mesmo negligenciada) ao restante de sua obra, especialmente no que se refere ao imenso trabalho de consolidação da teoria do desenvolvimento da sexualidade como uma teoria plena do desenvolvimento. Neste artigo, elencamos alguns pontos da obra da autora que vão muito além daquilo que ela propõe sobre os mecanismos de defesa, incluindo aqui sua contribuição à teoria psicanalítica do desenvolvimento, bem como suas ideias a respeito de questões mais gerais como a posição da psicanálise no meio científico, o uso da observação direta como método de investigação na psicanálise, seu pioneirismo na construção de um instrumento de avaliação e diagnóstico com base psicanalítica, o uso da psicanálise como método de prevenção e suas observações a respeito do desenvolvimento perturbado ou interrompido.

Palavras-chave: Psicanálise, Anna Freud, Desenvolvimento, Criança.

Introdução

Como sabemos, Sigmund Freud foi pioneiro na apresentação de uma teoria do desenvolvimento – a teoria do desenvolvimento psicosexual, o que tem sido reconhecido e reiterado em diversos manuais dedicados à apresentação do campo atual das teorias do desenvolvimento. Após ele, muitos autores da psicanálise também fizeram suas contribuições neste campo, como Erik Erickson, Renné Spitz, Margareth Mahler, Anna Freud e muitos outros.

Apesar disso, se observarmos os diversos manuais do desenvolvimento infantil (como

os de Helen Bee, Ruth Feldman, etc.) veremos que a psicanálise é reduzida à apresentação das perspectivas de Freud e Erickson. E ainda assim, essa apresentação é tomada como meramente didática. Nesse sentido, também podemos notar a ausência de participação de psicanalistas em eventos da psicologia do desenvolvimento, o que evidencia um distanciamento desses dois campos. Portanto, aplicar a psicanálise a pesquisas a respeito do desenvolvimento infantil não é só útil, já que a psicanálise tem uma vasta bibliografia sobre este tema, como também necessário para reduzir esse distanciamento.

Mas essa aproximação não deve ser somente teórica, haja vista que a psicanálise enfrenta no campo científico como um todo, já há algum tempo, críticas por seu modelo de teorização especulativo e que muitas vezes não atende às exigências da *Medicina baseada em evidências* (FONTONI, 2015).

Muitas dessas críticas derivam da insistência na manutenção de conceitos mesmo após estudos confirmarem sua inaplicabilidade, o que, por sua vez, é fruto de um movimento ortodoxo que em muitos casos considera uma “afrenta a Freud” questionar suas proposições (IMBASCIATI, 2011).

A esse respeito, Mark Solms (2005, p. 536, tradução nossa), autor que trabalha na interface entre psicanálise e neurociências, diz:

[...] pesquisas autocríticas [*self-critical research*] ou mesmo pesquisas que utilizam o método analítico têm sido pouco realizadas em psicanálise, especialmente desde a morte de Freud. Nesse sentido, a psicanálise pós-guerra tendeu principalmente a se caracterizar como uma regurgitação da teoria existente e cogitação sobre postulados perenes [*perennial conundrums*].

Nesse contexto, a pesquisa da qual resulta este artigo buscou apontar interfaces entre a psicanálise e a psicologia do desenvolvimento, e possibilitar sua aplicação a experimentos empíricos. Nessa empreitada, o ponto de partida dentro da psicanálise foi o trabalho de Anna Freud, uma autora que geralmente é lembrada apenas como a filha de Freud que escreveu *O ego e os mecanismos de defesa*.

Como veremos ao longo deste artigo, Anna deu contribuições que vão muito além das defesas do ego, especialmente para a compreensão do desenvolvimento infantil no contexto familiar e institucional. Além disso, serão apresentados alguns pontos das obras completas da autora, que totalizam oito volumes, nos quais ela toca, mesmo que brevemente, em pontos que são alvo de preocupação na sociedade psicanalítica atualmente.

Anna Freud

Anna é uma das pioneiras no campo da psicanálise infantil. Ela foi responsável por expandir a teoria deixada por seu pai – a qual ela mesma criticou por ter deixado uma série de lacunas, como a pouca precisão no que se refere aos fenômenos que caracterizam o desenvolvimento do impulso agressivo, já que, para ela, o que existia era uma mera correlação das expressões agressivas (morder, cuspir, agredir, prepotência) com as fases libidinais (FREUD, 1976).

A partir dessa consideração, Anna Freud propôs um modelo de avaliação mais abrangente que pudesse abarcar o desenvolvimento desde as atitudes

[...] dependentes, irracionais, determinadas pelo id e o objeto, no sentido de um crescente domínio, pelo ego, do seu [da criança] mundo interno e externo (FREUD, 1976, p. 60).

Assim, atitudes menos avançadas como o mamar no seio, o sujar as fraldas, o egocentrismo, etc. teriam um determinado encaminhamento na saúde, (mamar de forma racional, controle dos esfíncteres e empatia consecutivamente) demonstrando o desenvolvimento saudável do ego. A autora ainda destaca a importância do ambiente no processo de desenvolvimento, já que, para ela, esses avanços são sempre o resultado da interação entre impulso e ego/superego com a reação às influências ambientais.

Tal modelo procura compreender e descrever o desenvolvimento considerando uma diversidade de perspectivas ou “linhas do desenvolvimento”. O desenvolvimento poderia ser compreendido e avaliado a partir de diversos aspectos, e cada linha seria um aspecto diferente observado na evolução da criança, como a alimentação, a relação com pares, a higiene, etc.

Assim, foram propostas cinco linhas que organizam o desenvolvimento psíquico:

(1) da mamada à alimentação racional;

(2) do se molhar e se sujar ao controle dos esfínteres;

(3) da irresponsabilidade à responsabilidade no controle corpóreo;

(4) do egocentrismo ao companheirismo;

(5) do corpo a o brinquedo e do brincar ao trabalho;

(6) do caminho percorrido da extrema dependência do recém-nascido à autoconfiança emocional – que é a diretriz prototípica das cinco linhas.

Nesse sentido, cada linha do desenvolvimento é um indício do quão avançada a criança está em termos de dependência e autossuficiência emocional.

Apesar de ter proposto essas cinco linhas, Anna Freud (1965, p. 77, tradução nossa) ressalta que “[...] há muitos outros exemplos de linhas do desenvolvimento” e que esse é um modelo ao qual podem ser agregadas outras linhas que dizem respeito a outros aspectos do desenvolvimento infantil.

Segundo a autora, até o momento da publicação do oitavo volume de suas obras completas, nenhum autor havia ainda aceitado o desafio de fazer uma contribuição nesse sentido.

Então, Anna Freud dá alguns outros exemplos de linhas:

[...] dos caminhos físicos para os caminhos mentais de descarga; dos objetos animados para os inanimados, da irresponsabilidade para a culpa (FREUD, 1981, p. 65, tradução nossa).

E acrescenta:

[...] o caminho que leva ao desenvolvimento do processo secundário; a distinção entre realidade interna e externa; o desenvolvimento da habilidade de descarregar excitações mentais via mente [e não via corpo]; a capacidade de controlar impulsos; o aparecimento da noção de tempo; o caminho do modo egocêntrico [infantil] ao modo mais objetivo [adulto] de perceber o mundo, assim como a estrada

para muitas outras conquistas” (FREUD, 1981, p. 129, tradução nossa).

O interesse de Anna pela educação das crianças é um fio condutor na construção dessas linhas, pois a autora procurou destacar nelas as características que precisam estar presentes para que a criança esteja apta a frequentar a escola. A preocupação da autora era de que não se forçasse as crianças a situações para as quais seu nível de desenvolvimento emocional ainda não fosse suficiente.

Para exemplificar essa ideia, Anna compara o desenvolvimento emocional ao momento de desmame do bebê. Ela diz que conselhos do tipo “você deve estimular seu filho a interagir com outras crianças” ou “mães e filhos devem ficar juntos o máximo possível, não os separe”, seria o mesmo que aconselhar que se desmame o bebê de seis meses e o alimente com um bife (FREUD, 1969, p. 348, tradução nossa).

Embora não tivesse especificado as idades para os acontecimentos em cada linha do desenvolvimento e estivesse ciente da escassez dos dados que existiam até então, e ainda soubesse que qualquer tentativa nesse sentido esbarra na limitação que generalizações desse tipo trazem a um campo propenso à variação de indivíduo para indivíduo, Anna Freud se arrisca a demarcar três períodos no desenvolvimento infantil.

- O primeiro período é o que se inicia no nascimento e vai até os 12 meses de vida. Esse momento é caracterizado pela vivência do mundo entre apenas dois corpos – mãe e bebê. A partir dessa interação, ressalta a autora, três linhas do desenvolvimento têm maior destaque: distinção entre soma e psique, entre o corpo do bebê e o da mãe e entre *self* e objeto.

- O segundo período se estende até o final dos estágios pré-edípicos (4-5 anos). Os desenvolvimentos com maior destaque nesse período são os referentes à motilidade, às funções fisiológicas, ao controle dos impul-

tos, ao processo secundário e à constância de objeto.

- No terceiro período, o desenvolvimento das linhas é mais estável, não tão susceptível a retrocessos ou diferenças no avanço de cada uma delas. As respostas neuróticas a conflitos, quando tudo vai bem, são substituídas por respostas adaptativas (FREUD, 1981).

Esses períodos são a base do sentido cronológico dos acontecimentos descritos nas linhas do desenvolvimento, e que cada uma delas apresenta marcos específicos para cada aspecto do desenvolvimento infantil.

As linhas do desenvolvimento formuladas por Anna Freud descrevem uma série de fases pelas quais o desenvolvimento deve seguir até que o indivíduo conquiste capacidades que lhe permitam viver em sociedade, se relacionar, trabalhar, etc. Além das fases, também é possível identificar os fenômenos que marcam (marcos) a passagem de uma fase para a seguinte. A seguir, apresentaremos um quadro geral desses marcos.

Inicialmente, tendo em vista que Anna partiu das ideias de seu pai para formular sua teoria, podemos considerar os marcos presentes na teoria do desenvolvimento da libido. A partir da observação de crianças institucionalizadas, Anna resume as mudanças que ocorrem na passagem de uma fase para a outra dizendo que

[...] era possível distinguir claramente entre as fases libidinais a partir do comportamento da criança em relação à mãe ou seu substituto. [Primeiro como] uma dependência ávida (oral); uma possessividade invasiva e atormentadora (anal); [e] uma atitude protetora em relação ao objeto de amor (fálico) (FREUD, 1973a, p. 150).

Com relação aos marcos apontados nas linhas do desenvolvimento citaremos aqui alguns exemplos. Na linha que diz respeito ao processo de aquisição da capacidade para se alimentar de maneira autônoma, podemos identificar os marcos relativos ao momento

em que a criança é desmamada; depois disso, o momento em que ela começa a poder se alimentar sozinha e depois passa a se alimentar com talheres de maneira gradual até adquirir maestria nessa tarefa.

Quanto à linha do controle dos esfíncteres, há três períodos com seus respectivos marcos ou características: o primeiro se estende até os 24 meses no qual o bebê e a criança pequena têm total liberdade para se sujarem; depois, dos 24 aos 30 meses, há o surgimento dos fenômenos da fase anal – como brincar com as fezes ou substâncias pastosas, com a comida, massinha, etc. Segundo Anna, se essas atitudes forem toleradas pelo ambiente e se regras de limpeza e higiene não forem forçadas à criança, permitindo-lhe exercitar essas tendências anais, o controle dos esfíncteres se dará naturalmente (FREUD, 1974). Por fim, então, num terceiro momento, dos 30 aos 48 meses, a criança deve finalmente adotar de maneira irrestrita as exigências ambientais quanto à limpeza, bem como atingir o pleno controle dos esfíncteres.

A linha da irresponsabilidade à responsabilidade no controle corpóreo teria como marcos o surgimento da capacidade da criança de dirigir sua agressividade para o meio externo. Inicialmente isso ocorre de maneira que desconsidera a responsabilidade da criança sobre suas próprias atitudes para então, com o desenvolvimento, a criança ser capaz de perceber que seus atos têm um efeito sobre o mundo e de se responsabilizar por eles.

A linha do egocentrismo ao companheirismo descreve as etapas que o indivíduo percorre para passar de um relacionamento apenas a dois corpos (mãe e bebê) para a construção de laços sociais, amizades, etc. Para Anna, na verdade, no início, o interesse do bebê pela mãe nem se daria por um interesse nela como pessoa, mas simplesmente como um objeto que atende às suas demandas instintuais.

A linha do corpo ao brinquedo e do brinquedo ao trabalho descreve o caminho per-

corrido para a chegada de dois marcos: a capacidade de brincar e a capacidade para trabalhar. Os marcos nesse percurso seriam, no início, a utilização do corpo da mãe e do próprio corpo como objetos para brincar; depois haveria a adoção de uma categoria de brinquedos utilizados especialmente como fonte de conforto (como um objeto macio – pano, urso, etc.).

Segundo Anna, esses brinquedos são “[...] usados para conforto, como uma alternativa para sentimentos amáveis e agressivos” (FREUD, 1969, p. 330, tradução nossa). Aqui, a autora coloca a “passagem pelos objetos transicionais” (FREUD, 1974, p. 64, tradução nossa), conceito emprestado de Winnicott (1975), como o fenômeno que descreve o que são tais brinquedos macios utilizados para conforto. Por fim, surgem as brincadeiras construtivas.

Além das linhas propostas por Anna, e como ela mesma incentivou que fosse feito, identificamos a descrição dos mecanismos de defesa como um meio para avaliar o avanço no desenvolvimento. Isso parte do princípio de que a aquisição de novas capacidades pelo ego não está livre de conseqüente sofrimento.

A capacidade de entrar em contato com a realidade, por exemplo, traz consigo a percepção de que o mundo exterior é cheio de ameaças, frustrações, etc. Então, assim que essas capacidades são adquiridas, a criança tenta se livrar delas. A realidade externa passa a ser obstruída por meio do mecanismo de “negação” [*denial*]. Para se livrar das memórias e da consciência dos representantes das urgências, do Id faz-se uso da “repressão” [*repression*]; substitui forças não bem-vindas por seus opostos [*reaction formation*]; substitui fatos dolorosos pela fantasia [*escape into fantasy life*]; atribui ao outro as qualidades que não gosta em si mesmo [*projection*]; e se apropria do que gosta nos outros [*introjection*] (FREUD, 1973a).

Os retrocessos no desenvolvimento do ego, causados pelos mecanismos de defesa

aplicados contra as ansiedades providas do próprio desenvolvimento do ego, devem, na saúde, ser superados no início do período da latência, no qual o ego se fortalece e as ansiedades diminuem. Quando os mecanismos de defesa são aplicados em demasia, devido a ansiedades muito fortes, o desenvolvimento do ego é afetado e tende a ter deficiências permanentes (FREUD, 1973a).

Além da expansão da teoria freudiana, Anna ainda se mostrou preocupada com aspectos à frente de seu tempo e pertinentes na atualidade, como:

(1) a ideia de que a observação direta pode ser um método para crescimento da teoria psicanalítica;

(2) a necessidade de se avaliar o desenvolvimento socioemocional (DSE);

(3) a utilização da psicanálise como um meio para prevenção de psicopatologias;

(4) a posição da psicanálise no meio científico; e

(5) o desenvolvimento perturbado ou interrompido.

A seguir detalharemos um pouco cada um desses pontos.

Contribuição da observação direta à psicanálise

Com base no trabalho de seu pai, Anna reconhece que descobertas importantes para a análise de crianças foram feitas a partir da análise de adultos por meio do método de reconstrução.

Porém, para a autora, essas descobertas não são suficientes para oferecer uma compreensão total da infância. Para tanto, acredita que a observação direta de crianças é a ferramenta de maior significância.

O problema do método reconstrutivo, complementa Anna (FREUD, 1971, p. 24, tradução nossa), é que

[...] há o perigo de que o analista fique demasiadamente apegado às observações do funcionamento regressivo que é induzido e promovido pela situação analítica, se esquecendo

que essas manifestações regressivas incluem inevitavelmente aquisições mais tardias.

Uma das possibilidades apontadas por Anna Freud na observação direta é inferir os conteúdos inconscientes da criança a partir de seus comportamentos.

Nas palavras da autora,

[...] muitas das ações e preocupações da criança [...], quando observadas, podem ser traduzidas em suas contrapartes inconscientes das quais são derivadas (FREUD, 1965, p. 18, tradução nossa).

Esse tipo de pesquisa, que utiliza a observação direta, se mostra especialmente importante na atualidade, devido à barreira que a psicanálise enfrenta no meio científico (como falamos anteriormente).

A necessidade de avaliar o DSE e de estabelecer um diagnóstico

A ideia de que as psicopatologias têm sua raiz na infância é comum na psicanálise, e Anna Freud não escapava a tal fato. Além disso, a autora adotou uma posição referente à questão de quais crianças deveriam ser submetidas à psicanálise: se todas ou apenas aquelas que apresentassem transtornos.

Anna adota a segunda posição, a qual é contrária, por exemplo, àquela adotada por Melanie Klein – o que acaba sendo um dos pontos levantados nas discussões controversas. Mas, assumindo que somente as crianças com algum transtorno deveriam ser submetidas a tratamento, surgiu a questão do critério a ser seguido para definir se há ou não tal necessidade.

Assim, ela chega à ideia de que seria necessário lançar mão de instrumentos ou testes nessa investigação. Porém, as ferramentas para identificar os agentes patogênicos existentes até então eram consideradas pela autora demasiadamente parciais, já que, para ela, era necessário

[...] mais [...] do que essas escalas do desenvolvimento que são válidas somente para partes isoladas da personalidade da criança, não para sua totalidade (FREUD, 1965, p. 63, tradução nossa).

Em sua época, destaca a autora, havia alguns testes que avaliavam isoladamente a inteligência (ex.: Gesel), a personalidade (ex.: Rorschach) e alguns que se utilizavam da imaginação para investigar aspectos emocionais (ex.: testes projetivos).

Entretanto, esses testes

[...] eram apenas atalhos em investigações que não faziam nada mais do que fornecer dados simples e elucidar aspectos circunscritos da vida emocional da criança (FREUD, 1973a, p. 459, tradução nossa).

Tal fato não permitiria que o investigador obtivesse um quadro amplo do desenvolvimento infantil que compreendesse toda a complexidade de sua personalidade.

A fim de sanar esse problema, Anna constrói o perfil diagnóstico, um instrumento composto de diversos itens a respeito do histórico, quadro atual, desenvolvimento instintual e egoico, o avanço no desenvolvimento (conforme estabelecido nas linhas do desenvolvimento), pontos de fixação e regressão, conflitos presentes e suas possíveis origens, entre outros aspectos.

Por meio desse instrumento, Anna era capaz de avaliar a presença de agentes patogênicos junto a diversos dados ambientais e constitucionais e, assim, determinar sua importância para cada caso.

Anna também destaca alguns quesitos que devem ser considerados nessa avaliação:

Sofrimento: Alguns quadros de neurose infantil são fruto de sofrimento mais para os pais do que para a criança. Por exemplo, quando a criança se alimenta mal, faz xixi na cama ou faz birras, isso não traz sofrimento a ela necessariamente – mas certamente faz sofrer quem cuida dela. Dessa maneira, o sofri-

mento neurótico não deve ser tomado como critério para decidir se uma criança precisa ou não de tratamento (FREUD, 1973a).

Natureza do distúrbio: de causas internas ou externas. A esse respeito a autora enfatiza a diferença de uma criança na qual os conflitos podem ser extinguidos a partir de uma mudança na maneira como o ambiente cuida dela e de uma criança que necessita de análise. Como exemplo, Anna Freud (1981, p. 55) diz:

Há crianças que não comem porque têm brigas com suas mães. Esse é um conflito externo. Remova a criança de sua mãe [...] e o distúrbio desaparecerá. Mas há crianças que não comem porque acreditam que o que estão comendo está vivo e elas não querem assassiná-los.

Assim, a ideia é que, no segundo caso, a análise seria indicada.

Desvios nas capacidades normais: Tomando como ponto de partida o adulto, além dos fatores subjetivos, há dois fatores objetivos que devem ser considerados ao se avaliar a neurose: a capacidade para ter relações amorosas e sexuais e a capacidade para trabalhar. Já no caso da criança, o correlato dessas duas capacidades não é muito claro. Como a vida sexual da criança é reprimida, o correlato então poderia ser o interesse que a criança demonstra no mundo exterior e a gratificação que obtém através desse contato em oposição ao narcisismo e os modos de gratificação autoeróticos. Já sobre o trabalho, Anna Freud o relaciona com a capacidade para brincar. O brincar mais saudável é o brincar construtivo em oposição ao brincar repetitivo, monótono ou excessivamente focado no jogo imaginativo. Mais adiante em seu trabalho, Anna destaca também outro ponto que pode ser incluído nesse segundo quesito, que é a maneira como a criança se relaciona com os objetos de amor. Isso diz respeito a como se espera que a criança lide com a mãe, o pai e os pares em cada fase de

seu desenvolvimento. Pode-se considerar aqui, por exemplo, as várias fases de apego que a criança apresenta em relação à mãe, sua capacidade para transferir seu interesse no relacionamento com a mãe para relacionamentos com outras pessoas, etc.

Alterações no desenvolvimento normal constituem o terceiro fator, e distúrbios nesse quesito, em especial, apontam para necessidade de intervenção imediata. Tais distúrbios poderiam ser uma parada na evolução do desenvolvimento, ou seja,

[...] se manter fixado a algum estágio do desenvolvimento antes que o processo de maturação tenha sido concluído (FREUD, 1973a, p. 17, tradução nossa).

Devido às diferenças destacadas nos quesitos anteriores, é impraticável a aplicação direta dos mesmos critérios que se utiliza na avaliação da neurose no adulto à avaliação da criança. Então, a autora sugere que a avaliação do grau de neurose de uma criança se dê não pelo dano causado às suas atividades ou atitudes, mas de acordo com o grau que a patologia impede que a criança se desenvolva.

Um dos aspectos que pode ter seu desenvolvimento impedido é o curso natural da libido. Entretanto, deve-se observar se um entrave nesse aspecto é na verdade temporário e passível de recuperação espontânea. A neurose infantil pode ser considerada transitória desde que o desenvolvimento da libido não tenha sua progressão alterada ou restringida pelo quadro.

Nesse caso, a neurose desaparecerá na medida em que o fluxo do desenvolvimento libidinal seja forte o suficiente para desfazer regressões ou fixações. Com base nisso, Anna Freud se coloca contra a ideia de que o tratamento deva ser aplicado de maneira profilática para remover os pontos de fixação, mas apenas quando há pouca ou nenhuma esperança de cura espontânea (FREUD, 1973a).

Psicanálise e prevenção

Saber o que se espera em cada momento do desenvolvimento infantil e quais são as necessidades da criança tem o papel de guiar o ambiente de maneira que ele ofereça e permita que a criança tenha essas necessidades e modos de funcionar suportados e permitidos. Os primeiros exemplos disso na psicanálise dizem respeito a diversos distúrbios, por exemplo:

- quando se formulou as ideias de que a origem da histeria está nas proibições da infância, a psicanálise contribuiu para a adoção de técnicas de educação infantil mais permissivas quanto às atitudes de sexualidade pré-genital infantil;
- quando a agressividade recebeu *status* de um instinto básico, deu-se mais espaço e tolerância para as atitudes violentas e hostis da criança;
- quando se reconheceu que na fase anal residiam problemas que poderiam levar a patologias, o treino do banheiro passou a ser conduzido de maneira menos apressada e mais compreensiva;
- desordens alimentares desapareceram depois que o manejo de crianças foi conduzido de acordo com as necessidades orais;
- dificuldades do sono foram minimizadas depois que atividades autoeróticas como masturbação e chupar o dedo, foram menos reprimidas (FREUD, 1965).

Apesar de todos os avanços que a psicanálise trouxe na técnica de cuidados com crianças, isso não foi suficiente para colocá-la no *hall* de técnicas preventivas.

Segundo Anna Freud (1965, p. 8, tradução nossa),

[...] é verdade que as crianças que cresceram sob sua [da psicanálise] influência foram diferentes em alguns aspectos das gerações anteriores; mas elas não eram mais livres de ansiedades ou conflitos, e assim não eram também menos propensas a neurose ou outros transtornos mentais.

Ainda assim, seria possível avançar nesse campo.

Segundo Anna,

[...] a predição ou a prevenção de problemas leva inevitavelmente ao estudo do processo mental normal, em oposição ao estudo do processo mental patológico (FREUD, 1965, p. 54, tradução nossa).

O analista poderia avaliar o desenvolvimento e decidir se há indicação para tratamento, através do estudo da normalidade no desenvolvimento infantil,

[...] com a sequência das fases libidinais e uma lista das funções do ego como pano de fundo de sua mente (FREUD, 1965, p. 55, tradução nossa).

Essa avaliação do desenvolvimento é uma atitude profilática na medida em que indica processos patológicos mesmo antes de se manifestarem. Essa postura tem sido adotada em diversos estudos na atualidade que têm como base a psicanálise – como o estudo que levou à formulação do instrumento Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil - IRDI (KUPFER *et al.*, 2009) e outro no qual se utilizou técnicas psicanalíticas para intervir precocemente em bebês que apresentavam algum sinal compatível com autismo (CAMPANÁRIO *et al.*, 2018).

A psicanálise no meio científico

Anna Freud demonstra sua preocupação com a relação da psicanálise com a psicologia acadêmica em um texto derivado de sua fala no simpósio de psicologia genética realizado na Clark University, em 1950. Ela inicia sua fala abordando os aspectos históricos dessa relação, como ela se desenvolveu e como se encontrava em sua época.

Naquele período, mais do que na própria Europa, havia, para surpresa de Freud, diz Anna, uma presença massiva da psicanálise nos EUA. Apesar disso, a autora ressalta

que, já desde meados de 1909, a psicanálise se via isolada das outras ciências, sendo julgada como não científica, fantástica e indigna de investimento por parte de acadêmicos “sérios” (FREUD, 1973a, p. 110, tradução nossa).

Entretanto, isso não prejudicou o desenvolvimento da psicanálise, pois os analistas continuaram suas pesquisas e seu trabalho sem se preocuparem em convencer alguém de fora de que aquilo seria válido. Isso também fez com que, ao trabalhar como um grupo totalmente fechado, desenvolvessem uma linguagem científica própria (FREUD, 1973a, p. 110, tradução nossa).

Esse cenário começou a mudar nos anos seguintes, com a abertura da psiquiatria para a aplicação dos conceitos psicanalíticos a pacientes graves e, mais adiante, com a aplicação da psicanálise na educação de crianças. Depois disso, a psicanálise se ligou a diversas outras áreas como a sociologia, antropologia, criminologia, psicologia acadêmica, etc. Em algumas dessas áreas, como a medicina, o ganho foi apenas para essa área, porém em outras, como a sociologia e antropologia, a psicanálise foi expandida, por exemplo, com as descobertas a respeito do comportamento de grupo.

Todo esse processo de ligação com outras ciências fez com que a psicanálise emergisse gradualmente de seu isolamento, o que a levou a desenvolver também uma linguagem que pudesse ser compreendida pela sociedade científica no geral. A isso se seguiu um período em que os primeiros trabalhos de correlação entre a psicanálise e outras áreas se multiplicassem. Os objetivos desses trabalhos incluíam, entre outros, “uma mera revisão de publicações ao intercâmbio e mistura de ideias” (FREUD, 1973a, p. 111, tradução nossa).

A possibilidade de acessar o inconsciente, como revelado por Freud, também se desdobrou nessa interface entre a psicanálise e outras psicologias, dando origem aos testes projetivos, dos quais os representantes mais

notáveis são o Teste de Rorschach e o Teste de Apercepção Temática (TAT).

Todo esse movimento em direção ao diálogo com outras ciências e, especialmente, a ideia de que o inconsciente poderia ser acessado por outros meios além dos psicanalíticos, deu abertura para pesquisas em busca de confirmação da teoria psicanalítica. Apesar disso, Anna ressalta que há limitações para a aplicação da psicanálise à psicologia acadêmica. Entre essas está o fato de que a investigação do inconsciente em um ambiente controlado não reproduz ou não considera todos os mecanismos que podem estar atuantes em determinado fenômeno.

Diz a autora:

O desapontamento, raiva, fúria, desespero ou indiferença que uma criança pode mostrar frente a um brinquedo retirado não realmente nos permite prever como essa mesma criança reagirá quando defrontada com a perda de um objeto de amor importante. Como situações complexas da vida não podem ser reproduzidas no laboratório, parece, até então, não haver possibilidade para o acadêmico se aproximar desses fenômenos (FREUD, 1973a, p. 120, tradução nossa).

Por fim, apesar desses avanços na direção do diálogo entre as diversas psicologias, Anna ressalta ainda o problema da linguagem.

Segundo ela,

[...] para retraduzir uma ciência nos termos da outra, a terminologia acadêmica se mantém vaga e difícil de digerir para o analista (FREUD, 1973a, p. 122, tradução nossa).

A autora levanta esse problema colocando em perspectiva opiniões de vários autores e exemplos de conceitos freudianos que foram, ou podem, ser usados erroneamente em pesquisas experimentais. Para ela, então,

um dos cuidados a se tomar nesse sentido é não tomar termos psicanalíticos como sinônimos ou com o mesmo significado que em outras áreas da ciência. Para saber mais sobre a questão da transposição da barreira da linguagem na comunicação entre sistemas teóricos díspares, veja-se FULGÊNCIO E BARRETA, (2017).

Essa discussão prossegue com Anna Freud se baseando nas ideias de Hartmann de que a psicanálise em si mesma é constituída por um aspecto dinâmico e outro genético. Essa distinção seria importante nesse cenário porque determinado aspecto seria mais importante dependendo do contexto ao qual a psicanálise seria aplicada. De acordo com essa distinção, o aspecto dinâmico é o que se ocupa do comportamento humano em determinadas situações, já o genético se ocupa das origens desse comportamento (FREUD, 1973a).

Como dito, dependendo do campo que se apropria das ideias psicanalíticas, um desses aspectos recebe mais foco do que o outro. Por exemplo, na psiquiatria, ao menos até o surgimento do DSM III (edição na qual houve uma “expurga” psicanalítica do DSM, retirando conceitos que diziam respeito a essa teoria), os conceitos dinâmicos faziam parte da investigação médica. Enquanto isso, em outras áreas como a educação e análise infantil, a teoria sobre as origens recebia mais destaque (FREUD, 1973a).

Em nossa pesquisa, a questão da origem é o que mais nos interessa e, nesse sentido, Anna Freud (FREUD, 1973a, p. 131, tradução nossa) aponta que a investigação genética psicanalítica contribui no estabelecimento de três aspectos do desenvolvimento:

[1] a sequência de estágios do desenvolvimento instintual, libidinal e agressivo;

[2] a sequência de fases no desenvolvimento do ego e superego; e, ao menos de forma aproximada,

[3] uma terceira sequência das sucessivas interações entre essas duas linhas”.

O desenvolvimento perturbado ou interrompido

Mesmo sendo o desenvolvimento saudável o foco de Anna Freud, também deu sua contribuição no campo das psicopatologias, bem como das discrepâncias entre suas observações e a teoria vigente. Segundo a autora, espera-se que o desenvolvimento ocorra de maneira concomitante entre as diversas linhas, porém é possível que haja regressão de algum aspecto.

Por exemplo,

[...] o treino do banheiro não é adquirido de uma vez, mas leva muitas idas e vindas em uma série interminável de sucessos, relapsos, acidentes, etc. (FREUD, 1965, p. 99, tradução nossa).

Além disso, as regressões podem ocorrer devido a fatores estressantes como o cansaço ao final de um dia na escola. Nesse caso, crianças que, por exemplo, apresentaram uma forma de brincar construtiva, podem, no final do dia, voltar a formas de brincar dominadas pelos impulsos, com bagunça e agressividade. Essas observações de Anna são importantes porque relativizam os acontecimentos no desenvolvimento infantil. Isso é um aspecto essencial, por exemplo, para avaliar a necessidade ou não de intervenção terapêutica.

Quanto às discrepâncias com a teoria vigente, Anna observou nas crianças institucionalizadas alguns exemplos de variação no momento esperado para aparecimento de determinados fenômenos – como a inveja do pênis. A explicação da autora seria que essas crianças institucionalizadas estão expostas mais precocemente à evidência da diferença entre os sexos, o que anteciparia o aparecimento de fenômenos ligados a essa constatação.

As diferenças no desenvolvimento de crianças institucionalizadas, especificamente aquelas com as quais Anna teve contato na clínica Hampstead, foram elencadas pela au-

tora de maneira sistemática dentro de quatro aspectos:

- controle muscular;
- desenvolvimento da fala;
- treino do banheiro; e
- alimentação.

As diferenças encontradas foram quantitativas. O controle muscular e a alimentação se desenvolveram mais rapidamente na instituição, enquanto a fala e o treino do banheiro ficaram atrasados quando a mãe não está presente. Mesmo assim, todas as crianças, independentemente do contexto observado, vão alcançar excelência em todos esses aspectos (FREUD, 1973b).

Esse cenário, entretanto, não se mantém no que diz respeito ao desenvolvimento emocional. Obviamente todas as crianças, independentemente do contexto, têm as mesmas necessidades emocionais. Assim, segundo a autora, uma importante necessidade instintual que diz respeito ao apego à figura materna “fica mais ou menos não satisfeita” (FREUD, 1973b, p. 560, tradução nossa) no contexto institucional.

A autora observou que o desenvolvimento no primeiro semestre de vida das crianças institucionalizadas se mostra, na maioria das vezes, melhor do que as que vivem com a família. Segundo Anna, isso acontece, porque na instituição as crianças tinham uma gama nutricional maior, com mudanças na dieta sempre que necessário e mais higiene tanto nos cuidados quanto na preparação dos alimentos. Ainda assim, a autora destaca que a alimentação pelo seio materno é melhor do que por mamadeira.

A esse respeito, ela diz que

[...] os melhores resultados são encontrados em bebês que são alimentados por suas próprias mães na clínica (FREUD, 1973b, p. 545, tradução nossa).

Entretanto, esse cenário muda a partir do segundo semestre. O aspecto gritante que diferencia os bebês da instituição daqueles

criados em casa é a vivacidade e a melhor resposta social que apresentam. Além disso, o bebê criado em casa é mais ativo na exploração do ambiente, por exemplo, no interesse em alcançar objetos e no brincar ativo. Também demonstra maior interesse em observar e seguir os movimentos das pessoas ao redor e é mais responsivo ao entrar e sair de pessoas no ambiente.

A hipótese de Anna Freud sobre o interesse do bebê nas pessoas que chegam e saem, é que isso se deve ao fato de que a reduzida quantidade de pessoas em seu círculo de convívio as torna conhecidas para ele e, assim, dizem respeito a ele de algum modo. De maneira oposta, na instituição, o bebê não é capaz de reconhecer as várias pessoas devido à sua limitada capacidade em internalizar e diferenciar tantas personalidades diferentes (FREUD, 1973b).

Além disso, Anna Freud exemplifica o desenvolvimento socioemocional por meio do fenômeno da imitação que, segundo ela, deveria iniciar por volta do oitavo mês de vida, mas que sofre atraso no bebê institucionalizado. De acordo com Anna, para que esse fenômeno ocorra, é necessário que o bebê tenha contato frequente e próximo com um adulto e que tal contato não seja “[...] dividido entre vários adultos como é o caso da instituição” (FREUD, 1973b, p. 546, tradução nossa).

Para Anna Freud, essa defasagem a partir do segundo semestre de vida se dá porque nesse período as necessidades emocionais do bebê se tornam tão importantes quanto suas necessidades corporais. Isto é, até o sexto mês, as necessidades emocionais poderiam ser supridas nas interações durante a alimentação, banho, etc., mas após esse período cresce a necessidade de interações mais complexas que vão além desses momentos de cuidado corporal.

Por outro lado, o contato com pares é estimulado mais cedo na instituição. No contexto residencial, esse contato só se dá após a relação mãe-criança estar bem estabelecida. A

relação com irmãos no contexto residencial só se daria na medida em que estes se apresentassem como ajudantes ou parceiros para brincadeiras, e os afetos seriam sempre mediados pela relação da criança com os pais. Nesse sentido, os afetos direcionados aos irmãos seriam mais caracterizados por ciúme e ódio gerados pela rivalidade em relação à conquista do amor dos pais (FREUD, 1973b).

Conclusão

Apresentamos de maneira sintética alguns dos pontos mais importantes para o desenvolvimento de nossa pesquisa a respeito do desenvolvimento socioemocional infantil na psicanálise, com foco na obra de Anna Freud.

Essa autora, como apresentado, contribuiu com ideias que vão muito além do ego e seus mecanismos de defesa. Tais contribuições merecem ser alvo de escrutínio e renovação. Renovação, por exemplo, por meio de sua aplicação a pesquisas empíricas, nas quais possamos verificar sua utilidade nos dias atuais – momento no qual temos uma infinidade de outras abordagens, instrumentos e perspectivas para compreender o desenvolvimento infantil.

Retomar autores clássicos, e por vezes negligenciados, é também um instrumento para análise crítica do material que está disponível na atualidade e que embasa as diferentes metodologias de pesquisa. Assim, ao considerar o que Anna Freud observou no comportamento infantil e agregou à sua teoria do desenvolvimento, podemos, por exemplo, questionar se os métodos atuais também estão ou não considerando tais comportamentos e vice-versa.

Apesar da amplitude das contribuições de Anna, não é expressiva, ao menos em território nacional, a visibilidade de suas ideias (exceto no que diz respeito aos mecanismos de defesa, como já dito). Espera-se que o presente artigo seja um estímulo para outros pesquisadores conheçam e reconheçam o legado da autora.

Abstract

*Anna Freud is classically recognized, in the history of psychoanalysis, as the daughter of Freud who analyzed *The Ego and the Defense Mechanisms*, who was responsible for contributions to a theoretical-clinical perspective called ego psychology. But, little attention was paid (and she was even neglected) to the rest of her work, especially with regard to the immense work of consolidating of the sexuality development theory as a full theory of development. In this article, we list some points of the author's work that go far beyond what she proposes about defense mechanisms, including her contribution to the psychoanalytic theory of development, as well as her ideas on more general issues such as the position of psychoanalysis as a science, the use of direct observation as a method of investigation in psychoanalysis, her pioneering spirit in the construction of an instrument of assessment and diagnosis based on psychoanalysis, the use of psychoanalysis as a method of prevention and her observations regarding disturbed or interrupted development.*

Keywords: *Psychoanalysis, Anna Freud, Development, Child.*

Referências

- CAMPANÁRIO, I. S.; LERNER, R.; MACHADO, A. S. M.; BRAGA, C. R.; CHIODI, C. S.; F. N., SANTOS, I. M.; HACHEM, S. P. G. Intervenção de orientação psicanalítica a tempo em bebês e crianças com impasses no desenvolvimento psíquico. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 50, p. 73-86, dez. 2018. Publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise.
- FONTONI, M. R. O futuro da psicanálise: uma busca por evidências? *Winnicott E-Prints*, 10(2), 2015. Disponível em: <http://revistas.dwwe.com.br/index.php/We-Prints/article/view/174>.
- FREUD, A. *The Writings of Anna Freud: Normality and Pathology in Childhood: assessments of development*. v. VI. International Universities Press, 1965.
- FREUD A. *The Writings of Anna Freud: research at the Hampstead Child Therapy Clinic and other papers*. v. V. International Universities Press, 1969.
- FREUD, A. *The Writings of Anna Freud: Problems of Psychoanalytic Training, Diagnosis and the Technique of Treatment*. v. VII. Oxford University Press, 1971.
- FREUD, A. *The Writings of Anna Freud: indications for child analysis and other papers*. v. IV. International Universities Press, 1973a.
- FREUD, A. *The Writings of Anna Freud: infants without families*. v. III. International University Press, 1973b.
- FREUD, A. Normality and pathology in Childhood (1965). In *The Writing of Anna Freud*, v. I. International Universities Press, 1974.
- FREUD, A. *Infância Normal e patológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- FREUD, A. *The Writings of Anna Freud: Psychoanalytic psychology of normal development*. v. VIII. Oxford University Press, 1981.
- FULGÊNCIO, L.; BARETA, J. P. O problema da comunicação entre sistemas teóricos díspares na psicanálise: propostas metodológicas para sua realização. In: L. FULGÊNCIO; BIRMAN, J.; KUPERMANN, D.; CUNHA, E. L. (Eds.). *Modalidades de pesquisa em psicanálise: métodos e objetivos*. São Paulo: Zagodoni, 2017.
- IMBASCIATI, A. The Meaning of a Metapsychology as an Instrument for “Explaining”. *Journal of The American Academy of Psychoanalysis and Dynamic Psychiatry*, 39(4), pp. 651-670, 2011.
- KUPFER, M. C. M.; JERUSALINSKY, A. N.; BERNARDINO, L. M. F.; *et al.* Valor preditivo de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil: um estudo a partir da teoria psicanalítica. *Latin American Journal of Fundamental Psychopathology*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 48-68, 2009. Disponível em: <http://abpparananorte.com.br/wp-content/uploads/2017/11/IRDI.pdf>.
- SOLMS, M. Neuroscience. In: E. S. Person, A. M. COOPER; G. O. GABBARD (Eds.), *Textbook of Psychoanalysis*. American Psychiatric Publishing, 2005. pp. 535-546.
- WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Recebido em: 20/05/2020

Aprovado em: 10/06/2020

Sobre os autores

Marcos Roberto Fontoni

Psicólogo, Pós graduado em Neuropsicologia no Contexto Hospitalar pelo Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (HCFMUSP).
Mestre em Psicologia do Desenvolvimento pela USP, com bolsa FAPESP.
Fellow do Research Training Program da International Psychoanalytic Association.
Especialização em andamento em Formação em Psicanálise Winnicottiana, Sociedade Brasileira de Psicanálise Winnicottiana, SBPW, Brasil.
Doutorando do programa de Psiquiatria e Psicologia Médica da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

Leopoldo Fulgencio

Graduado em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP).
Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).
Doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), tendo feito estágio de doutorado (bolsa sandwich, com orientação de Pierre Fédida) no Laboratoire de Psychopathologie Fondamentale et Psychanalyse, Université de Paris 7 Denis Diderot (de 1995-1997).
Pós-Doutorado em Psicologia Clínica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).
Professor Associado (Livre Docente, 2018) no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), no Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade.
Coordenador do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Educação e do Desenvolvimento do IPUSP.
Foi professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (de 2007 a 2014).
Foi Secretário Executivo (1999-2002), Editor Adjunto (2003-2005) e Editor Científico (2006-2009) da Revista de Filosofia e Psicanálise Natureza Humana.
Foi coordenador do Grupo de Trabalho Filosofia e Psicanálise da ANPOF (Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia) na gestão de 2004 a 2006.
Foi coordenador do Grupo de trabalho “Psicanálise, Subjetivação e Cultura Contemporânea” da ANPEPP (Associação nacional de Pós-Graduação em Psicologia) de 2014 a 2017. (IJP, 2020).
Recebeu o Prêmio Jabuti (2015), na categoria Psicanálise, Psicologia e Comportamento, com o segundo lugar pelo livro *A Fabricação do Humano* (2014).

Endereço para correspondência

Marcos Roberto Fontoni

E-mail: fontonimr@gmail.com

Leopoldo Fulgencio

E-mail: lfulgencio@usp.br

Melancolia

Melancholy

Litza Barroso Pedreira Lapa

Resumo

O presente artigo discorre sobre o tema da melancolia, à luz dos ensinamentos de Freud e Lacan, principalmente, tendo como pano de fundo o filme do mesmo título (*Melancholia*), de Lars Von Trier, lançado em 2011. Tece considerações sobre as diferenças entre a depressão, (forma mais atenuada da melancolia, posicionada no campo da neurose), o luto (processo lento, doloroso e gradual, com sentimentos de profunda tristeza e afastamento das atividades normais, que não se relacionam com um objeto perdido, gerando incapacidade de substituição por novo objeto, por um certo tempo) e a melancolia (tristeza sem causa, que reside na impossibilidade permanente de fazer o luto do objeto perdido e é relatada por muitos como expressão de estrutura psicótica ou *borderline* – de fronteira entre a neurose e a psicose).

Palavras-chave: Depressão, Luto, Melancolia.

*Penetro no vazio,
confundo-me com ele
Latejo solidão
jazendo no planeta*

*Abandono o desespero,
gero desesperança
inerte nos sentidos
sou simulacro de ser*

*Em meio ao bando de corpos
animados, mas sem vida
decompositores uns dos outros
putrefação coletiva*

*Não há mais lágrima que seque
não há mais ente que exista
Que mundo?
Que lugar?
Que colo?
Ficaram do nada, só os restos...¹*

1. Tomei este poema melancólico, de minha autoria, como porta de entrada para o tema do presente trabalho.

A palavra “melancolia” vem do grego *mela-gkholia*: *mélas* [negro] e *kholé* [bílis], ou seja, ‘condição de ter bile negra.’² No século V a.C, Hipócrates classificou a melancolia como uma doença e criou a teoria dos quatro humores corporais: sangue, fleugma ou pituíta, bílis amarela ou bílis negra. O equilíbrio ou o desequilíbrio desses humores é responsável pela saúde [eucrasia] ou pela enfermidade e pela dor [discrasia] de um indivíduo. Pensava-se que a influência do planeta Saturno levava o baço a secretar mais bílis negra, o que alterava o humor do sujeito levando-o ao estado de melancolia. Já no período Renascentista e no Romantismo, a melancolia era considerada uma doença bem-vinda, uma experiência que enriquecia a alma (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 505-507)

Em seu artigo *Luto e melancolia*, Freud ([1917] 1996) salienta a semelhança entre os dois processos, diferenciando a melancolia do luto pela falta de um motivo aparente para o seu desencadeamento e pela inibição e empobrecimento do próprio ego, com a eclosão de um delírio de inferioridade, insônia e recusa a se alimentar, superando as características da pulsão de vida, o que levaria o melancólico a se descrever como mesquinho, desonesto, egoísta, dependente, alguém cujo único objetivo seria esconder suas fraquezas. Enfim, parece ser alguém que tenha chegado bem perto da compreensão de si mesmo, por isso é interessante ou necessário adoecer para se lograr tal entendimento.

Faltam ao melancólico os sentimentos de vergonha que caracterizariam sua condição diante dos outros, por isso é evidente uma estranha e aparentemente paradoxal comunicabilidade, que denota um gozo de autodesmascaramento.

A autotortura melancólica é vivida como agradável e representa, como nos fenômenos ocorridos na neurose obsessiva, uma satisfação das tendências sádicas relacionadas a um

objeto que retorna ao próprio eu do indivíduo, em uma ânsia de morte, bem explicada pelas leis da física de tendência à inércia.

Se no luto é denotada uma perda em relação ao objeto, na melancolia tudo aponta para uma perda em relação ao eu. Uma parte desse eu se coloca contra a outra, tornando-a alvo de julgamento e críticas e a toma como objeto. Vemos aí claramente a atuação do que chamamos de consciência, que traz consigo a sua censura e o teste de realidade.

Na melancolia, a preocupação é fundamentalmente moral; no segundo plano ficam as questões de estética, doença, fraqueza, bem como as de inferioridade social, salvo o temor de empobrecimento, provavelmente originário do erotismo anal, segundo Freud ([1917] 1996), arrancado do seu contexto e alterado regressivamente.

Entretanto, verifica-se que as autoacusações de um melancólico parecem se aplicar não à sua própria pessoa, mas a alguém a quem ele ama, amou ou deveria amar, o que aponta para um deslocamento desse objeto para o seu próprio eu, ainda que algumas autorrecriminações sejam de fato autênticas, certamente para provocar os necessários efeitos de despistamento da verdadeira situação.

Percebe-se, portanto, uma escolha objetal, uma ligação da libido à pessoa objeto de amor e depois uma desconsideração ou desapontamento em relação a essa pessoa. Em vez do que seria comum, o deslocamento para outro, ocorre uma retirada para o eu, servindo para estabelecer uma ligação entre o eu e o objeto. Com a queda do objeto sobre o ego, este passa a ser julgado como se fosse o objeto abandonado.

Otto Rank citado por Freud ([1917] 1996) observou que a escolha objetal, nesse caso, é efetuada numa base narcisista, de modo que a catexia, ao se defrontar com obstáculos, retrocede ao narcisismo. A identificação narcisista com o objeto torna-se um substituto da catexia erótica e, assim, não é preciso renunciar à relação amorosa, apesar do conflito com a pessoa amada.

2. Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0.

Tal substituição é comumente verificada nas afecções narcisistas e representa a regressão de um tipo de escolha objetual para o narcisismo original, já que a identificação é uma etapa preliminar dessa escolha e a primeira forma, expressa de uma maneira ambivalente, de escolha de objeto pelo eu que, em sua fase oral ou canibalista, deseja fazer isso através da devoração, o que Abraham, também citado por Freud ([1917] 1996), associou à anorexia melancólica.

O que se coloca é que a apresentação da coisa inconsciente do objeto é abandonada pela libido e é composta de inumeráveis impressões isoladas ou traços inconscientes delas. Esse processo nos remete diretamente à cadeia significante, como propôs Lacan, com base na linguística.

As afirmações freudianas caminham no sentido de que esse processo é muito lento e gradual. Se começa ao mesmo tempo em vários pontos ou se segue alguma espécie de sequência, ele não pôde esclarecer. Nas análises, primeiro uma lembrança, depois outra será ativada, e as queixas, que são sempre as mesmas, apesar de parecerem monótonas, procedem cada vez de uma fonte diversa. Se o objeto não possui mais importância para o eu, reforçada por mil elos, sua perda não produzirá nem luto, nem melancolia.

A separação gradual da libido, que ocorre nos dois processos, é provocada pela mesma situação econômica, servindo ao mesmo objetivo em ambos. E a localização desses conflitos é atribuída ao Inconsciente, região dos traços da memória de coisas e de palavras. No luto nada impede que esses processos sigam o caminho normal, através do pré-consciente até a consciência, esse caminho que está bloqueado na melancolia.

Nas neuroses de transferência, especialmente na histeria, são comuns as identificações ao objeto na formação de sintomas. Nessa a catexia objetual, em vez de ser abandonada, persiste e se manifesta.

Até aqui, apenas sintetizamos as proposições de Freud.

Dentro da concepção lacaniana, na melancolia ocorre um aniquilamento do desejo, que é a chama, a essência do sujeito. O processo melancólico aponta para uma exacerbação narcísica, com a queda e a falta do objeto causa do desejo. Em tese, seria a falta do objeto que produz o desejo, cujo substituto passamos a buscar incansavelmente por toda a vida, ainda que jamais o encontremos.

Mas se vivemos esse engodo, o que ocorreria de diferente no luto e na melancolia, já que se trata também da perda do objeto?

No caso do luto, o sujeito irá tomar o próprio objeto perdido como substituto do objeto do desejo e, assim, não haverá mais desejo nem falta.

Já na melancolia, não há uma perda elaborada como falta, mas uma anulação da falta existente que abrigava o desejo. O problema reside justamente na forma como o sujeito se relaciona com o objeto.

Isso nos leva diretamente à concepção freudiana de que o objeto perdido na melancolia é o próprio eu, cuja função, para Lacan, é antes de tudo imaginária, fazendo parte e às vezes se confundindo com o próprio sintoma e funcionando como uma ruptura do sujeito com sua própria imagem criada a partir de outros objetos desejados.

A respeito da discussão sobre a melancolia ser uma estrutura à parte ou estar inserida na psicose ou na neurose, Lambotte (2000) afirma que a melancolia difere da psicose, pois está inserida no simbólico. O “nada” é seu significante-mestre, promove a manutenção do discurso, mas ao mesmo tempo vai se juntar ao objeto pequeno *a*, já que há um corte com o desejo.

A identificação seria com o nada, que significa algo, a marca do outro, embora para muitos a melancolia se situe ao lado das psicoses, das paranoias e da esquizofrenia, no âmbito da não simbolização. Considerada desse lado, a melancolia tem que ser tratada no campo dos fenômenos da linguagem e do gozo.

Entretanto, para outros, a diferença do discurso melancólico para o discurso depressivo seria justamente o desaparecimento do eu na fala, o que não ocorre no primeiro caso. Além disso, a fala na melancolia segue uma lógica perfeita e bem articulada, situando-se como neurose narcísica e não psicose. A depressão se mantém no campo das neuroses de transferência.

Para Freud, haveria uma identificação com o pai morto, mas não com o totem que o substitui, o que equivale a dizer que não se trata de identificação simbólica ou incorporação do Nome-do-Pai e sim a identificação ao vazio deixado por ele, o que poderia ser visto como uma forclusão daquele nome, equivalente à psicose.

Não havendo a intervenção de um terceiro, que funciona como interditor à mãe, ocorreria a continuidade com esse Outro, não simbolização dessa mãe e permanência como objeto desta.

A melancolia surgiria, então, pela perda de um significante que estaria cumprindo uma suplência dessa forclusão.

O fato é que na cena contemporânea eclodem mais e mais quadros de depressão e melancolia, assim como a histeria predominou no final do século XIX.

A evidência aponta para a dominante crise na subjetividade. No império do consumo, não há lugar para o homem desejante, que foi transformado em máquina de produção, de dinheiro e poder, este último medido pela capacidade de compra. A equação político-social-econômica é reduzida simplesmente ao elemento “dinheiro”. O vazio deve ser preenchido a todo custo e como o gasto desenfreado, além de sempre insuficiente, é muitas vezes impossível, lança-se mão dos psicofármacos, dos florais, dos homeopáticos, das religiões e terapias ilusórias e encoberidoras.

Dentro da concepção filosófica heideggeriana, o sujeito, definido como ser ali (*da-sein*) no mundo, ao se defrontar com o nada, evocado pela morte, vivenciará um desvane-

cimento (afânise), produzido pela angústia, antes de se ver colocado em uma encruzilhada alienante, como resultado de uma escolha impossível e se articular como desejo e não como objeto, desde que possa se converter em significante e responder ao chamado que realiza o Outro aos significantes seguintes. A impossibilidade de se colocar como desejante é a precipitadora de uma melancolia ou de uma psicose.

Durante o transcurso da vida, estamos sujeitos a acontecimentos inesperados, entre o estádio do espelho, o final de análise e a proximidade da morte, como doenças, acidentes e a morte inesperada de entes queridos, por exemplo, o anúncio de um final do mundo, o que ocorreu de fato em 2011, quando uma suposta profecia de Nostradamus anunciava que o mundo acabaria naquele ano.

Que faríamos, se cientistas anunciassem que a Terra irá colidir com um planeta em data próxima e explodir, pondo fim a qualquer possibilidade de vida?

Essa é a situação que o cineasta Lars Von Trier nos coloca em seu filme *Melancholia* (também de 2011), que passamos a comentar.

Ali vemos duas irmãs, Claire e Justine, a primeira dominada pela pulsão de vida, e a segunda, pela pulsão de morte. Claire é extremamente realizadora, enquanto Justine vive imersa em uma aparente melancolia, especialmente após a cerimônia do seu casamento, que termina no mesmo dia em que começou. Ela entra em crise logo após a celebração, ainda na festa.

No dia seguinte, tomamos conhecimento de que um certo planeta, chamado Melancholia, talvez entre em rota de colisão com a Terra. O mundo está entrando em pânico diante dessa possibilidade.

Mas não nascemos destinados a morrer ou, como diz o jargão popular, ao nascer, a única certeza que temos não é que vamos morrer? Ou seja, desde que nascemos, o planeta Morte, ou Melancholia, se quiserem, não paira sobre nossa cabeça? Atualmente, não

temos outro planeta, o Covid-19, também pairando no ar, como alusão metafórica?

A única diferença, em relação à certeza da morte, é que não sabemos quando isso ocorrerá, e esse não saber nos enceta a possibilidade de sonhar, desejar e viver, antes que a morte se apresente.

O anúncio do final do mundo vai produzir diferentes efeitos em cada uma das irmãs, fazendo-as quase trocar de posição. Claire, a antes realizadora, que administrava tudo na família, inclusive a festa do casamento, se vê tomada por uma angústia insuportável, que a impede de aguentar a espera do possível fim. Ela tenta antecipar sua morte pelo suicídio, mas seu marido, um empresário que vive para ganhar dinheiro e que é também completamente tomado por essa angústia, consuma antes a própria morte, deixando Claire sem nenhum dos comprimidos que comprou para esse fim.

Já Justine parece que consegue, de algum modo, sair da condição de objeto, talvez pela significação possível que lhe traz a aproximação do tal planeta, ficando serena e estabilizada em suas crises, contemplando a natureza, tomando banho de sol ou da luz que o planeta melancolia irradia.

Consegue, inclusive, através da fantasia, constituir-se como Outro para o filho pequeno de Claire, que também começa a ficar com medo, e o convida a construir uma caverna mágica (feita com galhos) e entra com os dois nesse aparato fictício, para se protegerem e juntos enfrentarem o tempo que resta.

Justamente o que fazemos ao longo de nossa vida, ainda que sempre buscando o que nos falta, não cessamos de desejar e buscar outras saídas, apesar de sabê-las inatingíveis.

Como sustentei em um trabalho anterior, igualmente inédito, também sobre um filme de Von Trier, é a morte, em sua falta de significação, que nos permite o exercício da vida, pelo manejo dos significantes, buscando a resolução de uma equação interminável e irresolúvel. É a solução impossível que anula

a possibilidade de morte, enquanto viventes somos, e a vence, mesmo depois que ela chega, com os traços, as marcas, a produção que deixamos.

Como desfecho, lanço mão dos versos de Fernando Pessoa, em seu heterônimo Álvaro de Campos, no início do poema *A tabacaria* (15/01/1928):

Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim
[todos os sonhos do mundo.
PESSOA, [1944] 1993, p. 252.

Abstract

This article discusses about the subject of Melancholy, in the light of the teachings of Freud and Lacan, mainly, having as a backdrop the film of the same title (Melancholia), by Lars Von Trier, released in 2011, making considerations about the differences between depression, more accentuated form of melancholy, positioned in the field of neurosis; grief, slow, painful and gradual process, with feelings of deep sadness and withdrawal from normal activities, which are not related to a lost object, generating inability to replace with a new object, for a certain time; and melancholy, causeless sadness, which resides in the permanent impossibility of mourning the lost object being reported by many as an expression of psychotic or borderline structure – of the border between neurosis and psychosis.

Keywords: *Depression, Grief, Melancholy.*

Referências

PESSOA, F. *Poesias de Álvaro de Campos* (1944). São Paulo: Ática, 1993.

FREUD, S. Luto e melancolia (1917). In: _____. *A história do movimento psicanalítico: artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1916). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 249-263. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas, 14).

LACAN, J. *O seminário, livro 10: a angústia* (1962-1963). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. (Campo Freudiano no Brasil).

LAMBOTTE, M. C. O tempo anunciador. In: _____. *Estética da melancolia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 103-110.

ROUDINESCO, E; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Tradução: Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Recebido em: 27/05/2020

Aprovado em: 15/06/2020

Sobre a autora

Litza Barroso Pedreira Lapa

Psicanalista.

Bacharel em psicologia.

Psicóloga clínica graduada pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Membro da Escola Lacaniana da Bahia.

Endereço para correspondência

E-mail: litzalapa@yahoo.com.br

O inconsciente e tecnologia digital: o real e o tempo – aproximações

*The unconscious and digital technology:
the real and time – approximations*

Luciene dos Santos

Resumo

O inconsciente, o real e as tecnologias digitais. Tecnologias digitais, articulação com as descobertas do campo científico da física, formas de investimento no real. Como Freud tratou a relação do inconsciente com a questão do tempo e ao conceituar e explicar o funcionamento do inconsciente, Freud antecipou questões epistêmicas que reapareceram nos desdobramentos posteriores da física quântica. A apropriação da produção do real e de uma concepção de temporalidade que aproximam as tecnologias digitais à concepção de temporalidade no funcionamento do inconsciente. Os *gadgets* na apropriação da produção do real como forma de animar e engajar a vida resvala para a proposta de regulação e conhecimento totalizante sobre os indivíduos e o mundo. Processos de digitalização e automação das práticas e atividades humanas cotidianas produzindo alteração psíquica na apreensão perceptual das categorias espaciais e temporais e, conseqüentemente, das relações entre os homens e entre estes e sua ambiência.

Palavras-chave: Real, Inconsciente, Tecnologias digitais, Física quântica.

O real

Na descrição de Lacan o real não “[...] é o mundo, não há nenhuma esperança de alcançar o real pela representação” (LACAN, [1975] 1980, p. 21). E prossegue com uma observação, que no mínimo desperta certa curiosidade:

Não vou argumentar aqui sobre a teoria dos quanta, nem da onda, nem do corpúsculo. Mas ponha-se a par por si mesmo, basta abrir alguns livrinhos de Ciência (LACAN, [1975] 1980, p. 21).

E Lacan acrescenta que o real também não é universal.

Para definir o real, Lacan propõe: “o real é o que retorna ao mesmo lugar”. Definição

que ele já havia anunciado no *Seminário 11* com um complemento.

[...] a esse lugar onde o sujeito, na medida em que ele cogita, onde a *res cogitans* não o encontra (LACAN, [1964] 1988, p. 52).

Para resolver a questão de lugar que poderia implicar uma questão de localidade e espacialidade, Lacan sugere a topologia matemática, a forma como ele procura trabalhar as questões do inconsciente. Assim, Lacan nos indica que, do ponto de vista epistêmico, é solidário à concepção da teoria das ondas em relação à concepção espaço-tempo. A teoria das ondas não atribui como campo, propriedades a pontos de espaço-tempo. Ela está em um espaço matemático abstrato de

dimensões infinitas designado espaço de configurações.

Ao falar em representação, Lacan está se referindo aos modelos de abstração com que a filosofia clássica e a ciência conduziram suas investigações e problematizações sobre a origem e o funcionamento do Universo, portanto modelos de pensamento. Dessa forma, localiza a discussão no contexto epistêmico em relação à concepção de mundo de que esses modelos teóricos encapam à compreensão metafísica decorrente dessa visão e a ideia de totalidade que irá encobrir tal leitura e dará a dimensão da possibilidade do conhecimento. Tal postura levará alguns filósofos e cientistas a buscar pelo ideal de universalidade, de localidade e realismo a partir da referência à objetividade da natureza.

Lacan considera que

[...] talvez a análise nos introduz a considerar o mundo como o que é: imaginário, e isso só pode ser feito reduzindo a representação, ali onde está, ou seja, no corpo (LACAN, [1975] 1980, p. 21).

Embora o mundo físico possua propriedades reais, a interpretação desse mundo é cognitivamente construída a partir das impressões perceptuais, e a descrição guia-se por uma perspectiva imaginária. A ciência, durante séculos, procurou descrever a origem e o funcionamento do mundo usando modelos paradigmáticos que por muitas vezes salvaguardavam em muito as impressões perceptuais e imaginárias.

A problemática em relação ao tempo é premente a essas discussões, no sentido de tentar negá-lo ou absorvê-lo nos modelos de cognição. Por se relacionar diretamente com as experiências apreendidas pelos sentidos perceptuais e sensoriais, a descrição do tempo na perspectiva linear e sua ligação com o movimento numa perspectiva escoativa em que o presente convoca o futuro e responde ao passado em uma relação regular e contí-

nua entre o antes e o depois, inseparável da noção de espacialidade, permeou boa parte das leituras filosóficas e de algumas áreas científicas. Prevalece até os dias atuais, principalmente no âmbito do senso comum, que apreende de forma intuitivamente tais noções de temporalidade e por ela organiza a vida.

Essa perspectiva sofreu duras críticas a partir do século XIX e reconfigurou novos aportes teóricos, especialmente, no campo das ciências da física e da matemática. Esse século, à semelhança do nosso entusiasmo com as tecnologias digitais, também experimentou um intenso frenesi em torno da difusão das máquinas térmicas que em decorrência modificaram o cenário cultural e científico. Questões ligadas ao tratamento do conceito de energia, como uma grandeza física capaz de conservar-se independentemente das transformações sofridas em um sistema e, ao mesmo tempo, possuir condições de introduzir diferenças qualitativas ao sistema por contraí-lo e dilatá-lo e, dessa forma, produzir movimento orientaram novas leituras.

Lacan ([1954-1955] 1985) considerou no *Seminário 2* que a psicanálise não passou ao largo dessa efervescência teórica propiciada pelas descobertas da termodinâmica. A teoria psicanalítica constituída naquele momento se alinhou à produção de conhecimento de seu tempo. E sob a égide da aproximação metafórica do corpo humano com as máquinas, Freud estabeleceu os primeiros esforços conceituais para explicitar o funcionamento do psiquismo (investimento, carga e descarga, energia livre e energia ligada) equiparando-os à teorização da termodinâmica e em seguida, ao assumir o funcionamento do psiquismo a partir das leis gerais da física, produziu os primeiros esforços de constituição das teorias psicanalíticas ao formular o princípio de prazer e o princípio da constância.

Jô Gondar (1995) discute a importância dessa aproximação epistêmica de Freud que, ao dar ênfase à termodinâmica, recai não

sobre noção de força (ação instantânea e local sobre um corpo), mas sobre a noção de energia (força atuando em certo período de tempo, envolvendo trocas, armazenamento e dissipação), o que confere primazia à noção de processo.

Freud irá indiciar sua posição teórica ao se apropriar dos fundamentos da termodinâmica de se afastar do modelo clássico da dinâmica newtoniana, em que o tempo era apenas deslocamentos no espaço em condições ideais, sem atrito, sem mudanças, sem perdas. Mas vai avançar com o aporte teórico da psicanálise indo além dos fundamentos da termodinâmica em *Para além do princípio do prazer* (1920), com a introdução da pulsão de morte, a fim de explicitar o caráter pulsional da compulsão à repetição.

A partir dos sonhos traumáticos e da compulsão à repetição, Freud formula a hipótese de que ocorre uma evolução espontânea da vida no sentido da desordem e da indiferenciação, apontando um alargamento das condições dos fundamentos conceituais teóricos que a física quântica só alcançou após desdobramentos de pesquisas no final do século XX e atualmente.

Freud e as questões do tempo

No contexto newtoniano o tempo só poderia ser concebido de forma reversível, ou seja, o antes e o depois são absolutamente simétricos, possibilitando uma equivalência entre causa e efeito. E Freud não irá conceber o inconsciente preso à reversibilidade, embora tenha introduzido um novo conceito temporal o *Nachtraglich* [posteridade], que se apoiava na concepção do inconsciente como estrutura, o que despreza a irreversibilidade do tempo e se apoia nas articulações espaciais entre seus elementos.

No entanto, a estrutura só organiza algo no momento em que se encarna, em que a virtualidade se atualiza a partir de certos elementos, relações e funções, e não a totalidade dos elementos que compõem o virtual. O que se atualiza no aqui e agora são determi-

nadas relações, determinadas possibilidades de articulação entre os elementos, segundo uma direção exclusiva e instaura nesse momento um tempo irreversível. Freud pensa a irreversibilidade do tempo a partir de momentos descontínuos e não na continuidade do tempo como aparece problematizado na tradição filosófica. Ao introduzir a posteridade que se apresenta irreversível e descontínua, o que irá apartá-lo do determinismo clássico que postulava causa e efeito e a equivalência do passado, o funcionamento do inconsciente freudiano não está comprometido com o somatório de instantes, nem com o fluxo constante da duração.

Tempo e espaço na experiência tecnológica: correlações com o inconsciente

O avanço da tecnologia digital trouxe uma experiência inédita para a humanidade: uma relação perceptiva distinta da apreensão que temos com o tempo e o espaço, a forma como organizamos a vida, espacializando o tempo. No senso comum, a dimensão qualitativa do tempo é descartada e o reduzimos a um modelo espacial e quantificável. Nessa forma de ponderação, o tempo perde a sua condição de irreversibilidade, que o faria caminhar numa só direção, estabelecendo uma diferença qualitativa entre um antes e um depois.

As tecnologias digitais aproximam a distância do tempo e perdemos a impressão perceptual de duração, assim não há antes, nem depois, mas apenas um presente presente. Tal experiência acelera a impressão perceptual do tempo e temos a impressão de que todas as coisas convergem para um tempo do imediato. Isso faz vacilar o imaginário e limita o simbólico porque tais categorias necessitam da duração temporal para sua operabilidade em um trabalho psíquico, o que leva à verificação da ampliação dos sintomas contemporâneos para uma arrespsia sobre as certezas em relação à realidade, um aumento do desamparo e da ansiedade. A arrespsia sobre as certezas no ceticismo pir-

rônico era estabelecida como um estado de espírito que se abstém de qualquer ponto de vista que possibilite dar uma definição a respeito da realidade, admitindo que qualquer afirmação que visa à verdade apresenta justificações e refutações igualmente legítimas.

Lacan ([1975] 1985), na conferência *La Tercera*, afirma que o futuro da psicanálise dependerá do que ocorrer com o real, se os *gadgets*, por exemplo, se impuserem verdadeiramente, “[...] que verdadeiramente cheguemos a estar animados pelos *gadgets*.” (LACAN, [1975] 1981, p. 186). O que Lacan quis dizer sermos ‘animados’?

Para Kant (1989) o aparelho representacional (ânimo) é constituído por três faculdades ou capacidades – de conhecer (ciência) de apetecer (ética) e de julgar (estética). A primeira a razão é limitada pela representação, a segunda a razão determina os parâmetros da ação e na terceira a subjetividade percebe, e daí a vincula às outras duas. O ânimo percebe algo das sensações. A nossa intuição (sensação) é determinada *a priori* pelas formas de sensibilidade que são o espaço e o tempo.

As nossas experiências com as tecnologias digitais nos mostram que estamos sendo cada vez mais animados pelos *gadgets*. Mas o que são os *gadgets*? São equipamentos complexos eletrônicos, de uso prático no cotidiano (celulares, *smartphones*, *tablets*, *notebooks*, GPS, entre outros tipos de dispositivos). O mais dinâmico dos *gadgets* é o *smartphone* por sintetizar em um aparelho de proporções físicas reduzidas várias funções (internet, TVs, câmera fotográfica, telefone, rádio, relógio, entre outras) e aplicativos em uma tecnologia *smart* (inteligente).

A palavra *gadget* designa um equipamento complexo criado para facilitar uma função específica e útil no cotidiano, utilizada pelos cientistas do campo da engenharia eletrônica em referência aos dispositivos comunicacionais, advém da tradição da cultura popular que usava a terminologia para descrever as

engenhocas mecânicas criadas para simplificar tarefas cotidianas.

Na França eram designados como *gachettes* (peças mecânicas variadas). A existência de máquinas de cálculos matemáticos remonta à Antiguidade, e ao longo da história da humanidade as tentativas de criação de máquinas que acelerassem o processo de computação de dados foi uma necessidade premente, até o aparecimento do computador.

As tecnologias digitais se aproximam cada vez mais da capacidade de representação a partir do desenvolvimento de duas faculdades (conhecimento e julgamento) que o aparelho representacional (ânimo) dos seres humanos sustenta, de acordo com os argumentos de Kant apresentados em *Crítica da razão pura*.

Gunkel (2012) observa que o computador não funciona como um imaterial e um canal mais ou menos transparente em que os agentes humanos trocam mensagem, uma mediação técnica. Considera que o computador participa e contamina o processo, ao atuar ativamente nas mensagens, alterar e fornecer informações que não foram selecionadas, compostas ou mesmo controladas por humanos.

A inteligência artificial (IA), através da aplicação de um conjunto de algoritmos alimentados por dados, escala e poder de processamento, funciona como um guia que resolve problemas ou tarefas, através da seleção algorítmica, processo em que são escolhidos dados automaticamente com o objetivo de atribuir algum tipo de relevância a esses.

Gunkel (2017) ainda reforça que o computador participa ativamente das trocas comunicativas como uma espécie de agente adicional e/ ou coconspirador (inter)ativo, por exemplo, os *bot* de conversa. Através da IA a máquina pode conectar *insights*, identificar as oportunidades com base nos dados disponíveis anteriormente na plataforma e realizar determinadas ações necessárias automaticamente. Há uma produção de sentido, que

denota que uma interação conversacional se estabeleceu com a máquina, pois esta é capaz de manter uma conversa ao entender um contexto e ser responsiva ao reunir, associar e sintetizar os dados e produzir uma narrativa, um texto ou mesmo realizar tarefas, ações e até mesmo transações. O computador formaliza um espaço virtual que se relaciona diretamente com o atual.

Observa-se uma correlação entre a forma como as tecnologias digitais organizam a relação com a temporalidade e o inconsciente. O inconsciente despreza não só qualquer grandeza absoluta e quantificável que se apresente como exterior ao sujeito, mas também um tempo neutro em que ocorreriam os eventos.

Jô Gondar (1995) chama a atenção que, é em relação a essa concepção, que o inconsciente é atemporal. O que está em jogo para a autora é a temporalização, isto é, um modo pelo qual o sujeito se produz e se organiza no tempo. Um tempo intrínseco ao sujeito e às operações que concorrem na sua produção. O sujeito é capaz de criar ou de secretar um tempo próprio e ao mesmo tempo ser constituído por ele.

Para a autora, nesse caso

[...] devemos admitir que o tempo em que se dão os processos inconscientes é real e próprio ao seu modo de funcionamento e não uma abstração construída a partir desse funcionamento (GONDAR, 1995, p. 66).

Jô Gondar (1995) considera que, para designar o campo do inconsciente, seria mais preciso descrevê-lo em termos de virtualidade e sublinhar que ele não preexiste às atualizações através das quais se manifesta.

Relaciona-se ao plano do

[...] virtual/atual, ao invés de relacioná-lo as dimensões do passado e do presente. Pois estas sugerem ainda a ideia de sucessão temporal, que o inconsciente despreza (GONDAR, 1995, p. 69).

Citando Deleuze a autora conclui que o tempo numa estrutura não vai de uma forma atual a outra, e assim não é possível engendr-lo sucessivamente. O que interessa é o processo de atualizações súbitas e descontínuas que o inconsciente procede a partir de uma direção exclusiva de irreversibilidade. Esse tempo contraria toda a rede de memória e a cada instante institui um novo tempo, que emerge de forma irregular e inatencível.

No dizer de Jô Gondar (1995)

[...] o inconsciente não se atualiza sem ao mesmo tempo recriar o sentido do passado, irreversível porque novo a cada vez (GONDAR, 1995, p. 69).

Lacan diz que Freud fica impressionado com aquilo que aparece como tropeço, desfalecimento, rachadura,

[...] alguma outra coisa quer se realizar – algo que parece como intencional, certamente, mas de uma estranha temporalidade (LACAN, [1964] 1979, p. 30).

A potencialização das operações dos dados das tecnologias digitais tende a ampliar com as novas descobertas recentes no campo da física quântica, o entrelaçamento quântico, por exemplo, não é mais um modelo abstrato teórico, mas a constatação empírica de medições realizadas em condições extraterrestre permitiu aos cientistas considerá-lo uma realidade física constatável. A contribuição dessas investigações permitirá avanço na proteção de dados (criptografia), mudanças nas formas de lidar com os fluxos de dados, volumes de dados que circulam nas redes serão afetados e mostrará o poder e um novo modo operacional dos novos computadores quânticos.

É preciso ressaltar que o avanço da tecnologia digital é intrínseco ao desenvolvimento das pesquisas espaciais. Os modelos teóricos abstratos das teorias físicas e matemáticas a partir de complexas

sínteses de equações se tornam verificáveis e aplicáveis em condições de ambiência completamente distantes das experiências realizadas na Terra (condições de autovácuo, ausência de gravidade ou a presença de uma microgravidade no interior das naves e da estação espacial internacional de pesquisas e por relações de espacialidade e de temporalidade diferentes das experiências perceptuais e sensoriais no ambiente terrestre).

Ao observar como o Universo, ou multiversos numa perspectiva mais abrangente, se comporta mudam-se os referenciais epistêmicos que norteavam as ciências modernas que realizam um simples artefato experimental submetido às condições do realismo local, imposto pelo ambiente possibilitado a partir da atmosfera terrestre e a partir de modelos teóricos e de equações simplificadas.

O que a psicanálise tem a ver com a tecnologia

Lacan adverte que o apimentando de tudo é que nos próximos anos o discurso do analista dependerá do real e não do contrário. O advento do real não depende do analista em absoluto. O analista tem por missão fazê-lo frente.

Mas a tarefa não será simples. Em 1975 Lacan já advertia:

[...] há um discurso que está proliferando e engendrando numerosos filhotes terrivelmente incômodos, a saber, o discurso científico [...] ameaçando por sua presença, pela ideia de que tudo vai ser regularizado” pelas teorias da física contemporânea, e alardeando que quanto mais soubermos, melhor será e assim todos saberão como produzir um indivíduo que “saberá marchar no mesmo passo com todo mundo” (LACAN, 1975, p. 23).

Os avanços da ciência, nas últimas décadas, com o suporte das tecnologias digitais, através dos computadores (máquinas de

calcular) que possibilitaram cálculos rápidos e precisos, precipitaram esse quadro de aparente regulamentação da vida, sustentado por uma série de produções discursivas advindas de um sobrevalorizado discurso tecnológico, cuja aparição se localiza nas últimas décadas do século XX e se aproximamos aos comentários lacanianos, o discurso tecnológico pode ser considerado um filhote do discurso científico.

A teoria quanta assim como a teoria da relatividade foi pródiga para a constituição das tecnologias digitais contemporâneas, o que confere às pessoas uma impressão perceptual falsa de que há uma expansão do conhecimento sobre todas as coisas e que desse saber democrático adquirido em um tempo-espaco virtual de interconexões estariam todos os indivíduos padronizados, visivelmente estabelecidos por interações de um comum a todos.

No entanto, Carlo Rovelli (2018) aponta que, embora a teoria quanta tenha sucesso experimental e tenha levado a aplicações que mudaram a vida cotidiana, como o computador, um século depois de sua inscrição no meio científico ainda está envolta “[...] em um véu de obscuridade e incompressibilidade” (ROVELLI, 2018, p. 134).

Rovelli destaca que a teoria se apresenta para os investigadores como uma teoria pouco clara tanto é que diversas questões continuam controversas. Portanto, parece tratar-se de pretensa a atribuição de que os computadores deterão um saber totalitário e incontestável na produção de conhecimento, capaz de regular a vida em todas as suas dimensões.

Os algoritmos, sistemas automatizados de inteligência, capazes de manipular dados brutos, ou seja, não elaborados, em dados elaborados, conectados e articulados e em certo sentido interpretá-los, foram alardeados por muitos cientistas, teóricos da comunicação e filósofos como um meio de tradução das experiências com o real para o universo das representações.

Uma confiança desmedida de que a natureza está domesticada pelos processos de cognição alcançados pela humanidade e de que o real se submete a uma decifração operacional maquínica. O que os *gadgets* realmente estão produzindo é um abalo nas formas de representação de mundo e das relações perceptuais de tempo e espaço.

A ciência física, ao substituir a previsão precisa pelo cálculo probabilístico, desvela alguns dos campos desconhecidos do extraterrestre tornando-o através das máquinas de visão tecnológicas, as câmeras, os telescópios e radiotelescópios de lentes potentes cada vez mais próximos da humanidade à medida que o faz visível aos nossos olhos, por exemplo: um dos possíveis efeitos da gravidade quântica – a explosão dos buracos negros.

A forma como o espaço extraterrestre se comporta está sendo compreendida com muito mais clareza a partir do avanço dos estudos em relação à ligação que existe entre as partículas a uma distância, a teoria da física quântica do emaranhamento quântico, a termodinâmica de não equilíbrio, entre outros aportes teóricos, embora quanto maior o avanço das investigações sobre o espaço, mais se compreende que há algo real e misterioso inatingível por nossos sistemas de representação simbólicos.

No entanto, a ciência é movida pela intenção do capitalismo, assim, se observa uma crença cada vez maior num processo de expansão e colonização do espaço extraterrestre que envolve vultosos investimentos financeiros em futuras viagens de exploração turística no espaço. Vende-se a sensação de conquista e domínio do campo extraterrestre.

Lacan ([1975] 1980), em *La tercera*, chamava a atenção sobre isso ao interrogar o que a ciência nos dá. E responde que, em vez de nos dar o que nos falta na relação de conhecimento, a ciência nos dá dispositivos de consumo.

É que a Ciência parte daí. E por isso tenho esperanças no fato de que passando por debaixo de toda a representação, talvez cheguemos a ter algumas noções mais satisfatórias sobre a vida (LACAN, [1975] 1980, p. 187).

Considerações finais

É necessário contrapor as posições dos discursos tecnológico e capitalista para compreender melhor a interação com as tecnologias digitais, do uso e da relação que se estabeleceu com os *gadgets* a partir de sua produção de real. E isso implica uma compreensão social sobre os procedimentos e as escolhas da tecnociência.

Para Hatewman (2015), se faz necessário aliar a uma liberdade tecnocientífica, uma democracia tecnocientífica que explicita:

[...] um empoderamento de pessoas que estão envolvidas na montagem e desmontagem de mundos, que processos tecnocientíficos estão lidando com alguns mundos em vez de outros (HATEWMAN, 2015, p. 64).

E destituir-se da crença na regularidade advinda da ciência, uma vez que

[...] a democracia exige que as pessoas estejam substancialmente envolvidas e se saibam envolvidas e tenham poder para serem cobradas e coletivamente responsáveis umas pelas outras (HATEWMAN, 2015, p. 64).

Isso implica uma tomada de posição da psicanálise em denunciar para a sociedade as implicações psíquicas, quando, por meio da ciência, forjamos novas relações do corpo como o Real ao querer manipular e ampliar através de próteses maquínicas as capacidades sensíveis de ver, de ouvir, de tocar e as intelectivas, porque o corpo não é só uma matriz biologizante, há também um corpo pulsional e, a partir do real da pulsão, podemos verificar que somos seres singulares na forma de ser e de viver, ao contrário do que apregoam a ciência e a tecnologia.

Abstract

The Unconscious, the Real and digital Technologies. Digital technologies articulation with the discoveries of the scientific field of Physics, forms of investment in the Real. How Freud treated the relation of the unconscious with the question of time and when conceptualizing and explaining the functioning of the unconscious Freud anticipated epistemic questions that reappeared in the later developments of quantum physics. The appropriation of the production of the real and of a conception of temporality that bring digital technologies closer to the conception of the temporality in the functioning of the unconscious. The gadgets in the appropriation of the production of the real as a way to animate and engage life, slide into the proposal of regulation and totalizing knowledge about individuals and the world. Digitization processes and automation of daily human practices and activities producing psychic alteration in the perpetual apprehension of spatial and temporal categories and consequently of the relationship between men and between them and their environment.

Keywords: *Real, Unconscious, Digital Technology, Quantum Physics.*

Referências

FREUD, S. Além do princípio do prazer. (1920). In: _____. *Além do princípio de prazer, psicologias das massas e outros trabalhos.* (1920-1922). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 17-85. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

GONDAR, J. *Os tempos de Freud.* Rio de Janeiro: Revinter, 1995. (Coleção Freudiana).

GUNKEL, D. Communication and Artificial Intelligence: opportunities and challenges for the 21 st Century. *Communication + 1º* vol 1, 2012. Disponível em: <https://scholarworks.umass.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1007&context=cpo>.

GUNKEL, D. Comunicação e inteligência artificial: novos desafios e oportunidades para a pesquisa em comunicação. Tradução: Francisco B. Trento e Daniela N. Gonçalves. *Galaxia*, São Paulo: Online, n. 34, jan./abr. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-2554201730816>. Acesso em: 15/03/2020.

HARAWAY, D; GOODEVE, T. Entrevista com Donna Haraway. Fragmentos como Folha. Dossiê - Tecnociência, corpos, gênero e sexualidade. *Mediações*, Londrina, v. 20, n. 1. p. 48-68, jan./jun. 2015.

KANT, I. *Crítica da razão pura.* Tradução: Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores).

LACAN, J. La Tercera (1975). Texto extraído de “*Actas de la Escuela Freudiana de Paris*”, vários autores, p. 159-186. Barcelona: Petrel, 1980. *Edición original: Boletín interno “letras de la EFP”, n. 16, Paris, 1975. Corrección del texto: Cecília Falco. Selección, destacados y revisión: S.R.*

LACAN, J. *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: M.D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. *O seminário, livro 14: A lógica do fantasma* (1966-1967). Inédito. Publicações não comercial exclusiva para os membros do Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2008.

LACAN, J. *O Seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (1954-1955). Texto

estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Marie Christine Lasnick Penot. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. (Campo Freudiano no Brasil).

ROVELLI, C. *A realidade não é o que parece*: a estrutura elementar das coisas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

Recebido em: 27/05/2020

Aprovado em: 15/06/2020

Sobre a autora

Luciene dos Santos

Psicanalista da Clínica do CPMG.

Candidata em Formação

no Círculo Psicanalítico

de Minas Gerais (2º tempo).

Bacharel em história e filosofia

pela Universidade Federal

de Minas Gerais (UFMG).

Especialista em cultura e arte barroca

pela Universidade Federal

de Ouro Preto (UFOP).

Mestre em comunicação social

pela Universidade Federal

de Minas Gerais (UFMG).

Pesquisadora em imagens, semiótica

e processos interativos e perceptuais

com as imagens e as telas digitais.

Endereço para correspondência

E-mail: luciene44@hotmail.com

A via do talvez: desdobramentos psicanalíticos

*The pathway of perhaps:
psychoanalytical developments*

Maria Beatriz Jacques Ramos

Resumo

Este texto traz reflexões teóricas sobre os dispositivos analíticos. No tratamento clínico, analista e analisando experienciam uma contínua reflexão diante dos sofrimentos narcísicos e identitários, que interrogam a pulsionalidade, a transferência, a representação de si mesmo e do outro.

Palavras-chave: Angústia, Fantasia inconsciente, Pulsão.

Início e meio

*Como começar pelo início,
se as coisas acontecem antes de acontecer?*

Pensar é um ato.

Sentir é um fato...

*A verdade é sempre um
contato interior e inexplicável...*

Existir não é lógico...

*é assustador sair de si mesmo,
mas tudo que é novo assusta...*

Ninguém pode entrar no coração de ninguém...

Fatos são palavras ditas pelo mundo.

LISPECTOR, 1998.

A ânsia de sentir, perceber e conectar emoções complexas e mutantes formatadas por angústias, defesas e modos de relação espelha as pulsões, as fantasias inconscientes, os vínculos consigo mesmo e com o outro. As fantasias geram significados, aparecem nos comportamentos, interferem na percepção e na cognição. A realidade não existe no vazio. Ela tem uma história mesclada de amarrações internas e externas.

Prazer e desprazer, alívio e tensão, alegria e tristeza denotam níveis psíquicos que

atuam ora em conformidade, ora em desordem. Partes infantis agem simultaneamente com partes adultas da personalidade, conduzem o adulto à infância.

A constituição da subjetividade é espiralada, pode gerar apego, abertura e fechamento psíquico.

O analista precisa estar preparado para destruir e ser destruído pela alteridade da subjetividade do analisando, e para vir a escutar um som que emerge dessa colisão de subjeti-

vidades, que é familiar, embora seja diferente de qualquer coisa escutada antes (OGDEN, 1996, p. 3).

Analista e analisando participam na criação das histórias no *setting*. A tensão sobre infinitas questões não propõe uma resposta, um deciframento do enigma da Esfinge, à medida que enxergamos o que é ser humano entre outros humanos radicados historicamente. A impossibilidade de pensar sobre a experiência emocional ativa a atuação ou a encenação. Ativa a montagem do circuito da pulsão em termos de mobilidade, força e intensidade.

Assim nos deparamos com os fluxos da pulsionalidade, com as articulações conceituais e clínicas que impelem às perguntas: Como é estar com o paciente?

Como manter os dispositivos técnicos?

Como ser psicanalista?

Como receber as demandas transferenciais?

Opsicanalista convive com incertezas, com regressões psíquicas, com caminhos de aceleração e espera. Ele participa, inconscientemente, da montagem intersubjetiva por meio da transferência. Tem acesso ao mundo interno do paciente e das suas matrizes psíquicas.

Portanto, é indispensável que explore imagens, símbolos e analogias diante das carências, dos traumas e dos medos. Que crie espaço de cuidado, de fala e de silêncio compreensivo.

É preciso também que modere as intervenções, integre o discurso clivado, a figuração fragmentada e sustente a representação. Que amplie a comunicação empática, que compreenda a dialética dos estados e os sofrimentos psíquicos.

Logo, a relação analítica, influenciada pela concepção kleiniana da identificação projetiva, produz uma matriz de escuta, de movimento transferencial e afetivo.

Nos últimos anos, considero que o angustiado é uma criança com medo. O deprimido é uma criança desamparada.

Onde moram?

Como permanecem em sua vida?

De que maneira revivem aprendizagens?

Como escolhem amar e trabalhar?

Reconhecem suas ações e os efeitos que produzem?

A vida é mascarada, imagética, simbolizada?

Mantenho a compreensão de que trabalhamos com crianças-pipa, que podem voar ou desaparecer. Crianças que têm rabiola e linha curta, que ignoram, em parte, as sinalizações dos perigos externos. Crianças soltas, perdidas, conduzidas por alguém ou sinalizadas por algo inquietante.

Entramos na sala de análise! Entramos num ambiente de comunicações, observações, ideias, sentimentos, sonhos, representações. Um lugar de produção e organização dos textos espalhados que precisam ser conectados e elaborados.

E, com a mente de um fabricante, na fábrica das pulsões, apresento expressões, frases e sinalizações denominadas mosaicos da clínica.

Mosaicos da clínica

De modo aleatório, procuro citações de homens e mulheres em análise. São frases com fios de novelo emaranhados, linhas irrompidas, amarrações truncadas. As pessoas falam, mas não se conectam com a falta de continuidade em si mesmas.

Percebo que olham as árvores e não enxergam o bosque. Vivem no talvez, entre a montanha-russa e a gangorra. Vivem com o passado, com as práticas de exclusão, com a rejeição e os efeitos traumáticos. Moram nas casas dos outros porque desconhecem a própria casa. Elas vão do céu ao inferno, da festa ao desânimo.

As relações entre consciente e inconsciente têm sentido dialético e criador das experiências. Desvendam diferentes estados de consciência, com afirmações contraditórias e, por vezes, um senso rudimentar de alteridade. As narrativas promovem um com-

partilhamento íntimo e privado, analista-analisando, um entendimento emocional que revela algo e que nos revela.

É preciso que o analista deixe o campo disponível para o paciente e mantenha o foco da atenção e sustentação.

A seguir, transcrevo alguns relatos:

A. “Vivo na faixa de Gaza com minha mulher. Ela é ressentida, questionadora, vigia tudo que faço.”

B. “Ele colocou uma foto com a mulher no WhatsApp. Nesses dois anos que o conheço, é a primeira vez que coloca uma foto com ela. Fiquei muito triste e quero entender por que colocou essa foto.”

C. “Com minha mãe... sempre escuto ela (*sic*) falar de mim. Isso incomoda, as coisas que ela faz também me incomodam. Para meu irmão, ela faz tudo. Sustenta, dá dinheiro para ir nos (*sic*) jogos de futebol. Acho um absurdo, fico com raiva. Ela faz as coisas e não me consulta, não pede opinião.”

D. “Me sinto constrangida, ameaçada, não sei lidar com essa situação. Meus irmãos não aceitam que peguei as reservas econômicas da mãe.”

E. “A análise funciona como um pronto-socorro quando a água bate no pescoço. A rejeição é um bloco que carrego dentro de mim.”

F. “Para que serve a análise? Eu não sinto dor, não fico nessas de sofrimento. Não ando com a vela na mão procurando problema. O que não tem solução, solucionado está.”

G. “Quero autonomia, não ser vigiado, não dar satisfações, fazer as coisas do meu jeito. Nunca soube agradecer minha mãe, nunca consegui conquistá-la. Não tenho lembranças afetivas. Quero uma mulher só para mim. Meu esteio é o trabalho.”

H. “Mudei duas vezes de cidade e quatro vezes de casas. Não sei viver sozinho.”

I. “Sou um bezerro desgarrado.”

J. “Por um lado, a coragem; por outro lado, a resignação. Não sou nada. Só quero ser escutada. Dependendo dos outros, por isso controlo tudo, faço tudo. Sou metida.”

L. “Sou filha legítima, mas não fui adotada na família. Não tive cuidado. Minha mãe criou os filhos sozinha. *Me sinto culpada.* Não consegui um marido, um homem para casar. Sou feia e carrego a indiferença. Só sirvo como auxiliar de enfermagem, coloco o dreno para tirar o prurido do outro.”

M. “Tenho que aceitar, manter a serenidade, buscar a calma em mim mesmo. Me escondo quando tenho medo. Ou jogo tudo dentro do armário.”

N. “Sou filhote de cobra com jacaré. Fui largada. Minha mãe e meu pai não me quiseram. Fui criada por parentes.”

O. “Moro com meu pai. Minha mãe foi embora, nos largou. Ela mora no interior com outro homem. Não tenho namorada. Gosto de transar com quem aparece, pode ser mulher ou homem, em qualquer lugar.”

P. “Minha filha é doente. Foi internada num hospital psiquiátrico. Me sinto culpado. Passei a vida no trabalho para sustentar a família, oferecer viagens, cursos, comprar imóveis. Agora, tenho que parar e não sei fazer isso.”

Q. “Afasto as pessoas. Busco defeitos em todos.”

R. “A velhice assusta. Não suporto a morte. Perdi muitas pessoas.”

S. “O amor atrapalha e prende. *Me alimento do ódio. Ele dá vigor.*”

Lembrar, repetir, elaborar. Passar e repassar, compreender as memórias, os encontros, as ilusões e as decepções. Encontrar e partir. Assim aparece na música que Giovana, uma menina de oito anos, canta:

Lembre de mim
 Hoje eu tenho que partir
 Lembre de mim
 Se esforce para sorrir
 Não importa a distância
 Nunca vou te esquecer
 Cantando a nossa música
 O amor só vai crescer
 Lembre de mim
 Não sei quando vou voltar

Lembre de mim
Se um violão você escutar
Ele com seu triste canto
Te acompanhará e até que eu possa te abraçar
Lembre de mim.
(Música-tema do filme VIVA - A vida é uma festa)

Viver o luto, o pesar e escolher um caminho para prosseguir, eis as aberturas. Falar, escutar a si mesmo, ser escutado e acolhido para enfrentar as angústias, eis o contexto analítico. O psicanalista trabalha nos campos intrapsíquico e intersubjetivo. O psicanalista sonda e amplia os sentidos, as fantasias inconscientes, as repetições obsessivas ou maníacas daquele que permanece enclausurado.

Os paradoxos são intermináveis. A oposição resiste, insiste e age na ausência-presença, no masoquismo-sadismo, no representável-irrepresentável. A análise não promete.

Na atividade clínica se revela o limite do analisável, a possibilidade de transformações interna e externa, entre as instâncias psíquicas de cada sujeito.

Não há sujeito sem limite. Eu insistiria, ainda hoje, no fato de que o conceito de caso-limite permanece mal circunscrito. Ele recobre uma multiplicidade polimorfa: algumas neuroses graves podem ser consideradas casos-limites; as patologias psicossomáticas geralmente o são; os transtornos narcísicos e, em grande parte, os quadros depressivos também. Continua sendo preferível – por ser mais produtivo – encará-los clinicamente como estados limites da analisabilidade (GREEN, 2019, p. 28).

A análise procura os passos do caminhante, o resgate de Psique como na mitologia, ou seja, a distinção dos territórios inconsciente e consciente.

A história mitológica de Eros e Psique retrata a importância da representação, do trabalho psíquico da simbolização, a relação dialética entre desejo e pensamento.

Psique é a filha mais velha de um mortal, tem duas irmãs mais jovens: Tristeza e Inquietação. Nenhum homem aspira casar-se com ela em razão de sua beleza. O pai, desnortado, segue a orientação da sacerdotisa de Apolo, Pítia. Ela sugere que Psique seja abandonada num rochedo para que um monstro a localize. Mas, por interferência da mãe de Eros, Afrodite, quem vai ao encontro é seu filho, um jovem com asas, carregado de flechas do amor para atingir deuses e mortais, com a finalidade de despertar paixões inusitadas.

Quando Eros se depara com Psique, fica deslumbrado, deixa escapar as flechas e machuca a mão. Aquele que flecha é flechado pelo amor doce e amargo. Eles se casam sob a condição de que ela nunca poderá vê-lo. Mas, movida pela inveja e pelo ciúme das irmãs, Psique desobedece. Numa noite, acende uma lamparina para ver o homem que está ao seu lado. Eros acorda, abre suas asas e parte. A partir daí, ela padece com os castigos da deusa Afrodite.

Depois de muitos trabalhos e dissabores, submetida às ordens da mãe de Eros, é obrigada a ir ao mundo subterrâneo de Hades à procura de Perséfone e em busca da “caixa da beleza eterna”, para aplacar o ódio de Afrodite. No caminho, Psique se perde, abre a caixa proibida e desfalece. Ela é resgatada por Zeus. Ele considera que Afrodite deveria reconciliar-se com ela, a ressuscita e a torna imortal. Depois, ordena que se celebre no Olimpo o casamento de Eros com Psique.

Pensar é conservar o sentido que permite estar e sair de si mesmo, fantasiar sem se afastar da realidade e sem perder o contato com o outro. Querer-pensar-fazer têm certo grau de organização-desorganização, a denominada loucura privada (Green, 2019), a loucura da paixão. Psique é impulsiva; em sua intenção de descobrir as feições de Eros, desponta a predominância do corpo em relação à palavra, do afeto em relação à representação. O afeto é complexo; a relação com o

corpo e com o ambiente marca a relação com o outro. O afeto denuncia os elos pulsionais e históricos do sujeito.

O verdadeiro ponto de referência, no que concerne ao afeto, é sua relação com a vinculação e a desvinculação. O afeto surge como algo que pode ou não sustentar o processo de vinculação. Com o afeto, o poder disruptivo do corpo pode se manifestar. Ele pode introduzir marcas, ênfases que enriquecem a representação; pode introduzir, no seio mesmo do processo de representação, um elemento de contradição, até mesmo uma força de desvinculação (GREEN, 2019, p. 36).

Manufatura analítica

Reflito, nas sessões analíticas, como se estivesse numa fábrica de montagem com peças espalhadas; peças que carecem de conexão. São encontros marcados por progressão e regressão, tempo e espaço, presente e passado, aqui-agora. Visualizo escolhas, negociações marcadas por incertezas e caminhos sem logicidade, posições ou maneiras de lidar com o conhecimento e os afetos numa oscilação frenética. O eu dividido, a idealização, a negação e a onipotência são replicadas entre analisando e analista.

Klein (1946) sugere que o paciente projeta para dentro da mente do analista comportamentos que convidam à ação, ao engate em determinado papel que arrasta ao campo identitário e, por vezes, à identificação projetiva. Nesse sentido, não é possível projetar impulsos sem projetar parte do ego, o que implica sua cisão. Uma parte do que é excindido (expulso) vai para o objeto e distorce a percepção do sujeito. A identificação projetiva aponta para a espacialidade do ego por meio da projeção e reintrojeção do que foi levado para o objeto. O objeto se torna um prolongamento do sujeito. O objeto é “colonizado”, tomado pela identificação (transferência). A transferência tem um caráter móvel, oscila da transferência positiva para a negativa no decorrer da sessão.

Ao ampliarmos a comunicação interna e a reflexividade relacionadas com os objetos interiorizados, criamos novos sentidos para lidar com o sofrimento psíquico e compreender a vulnerabilidade humana. Nessa perspectiva, a verdade psíquica surge na forma de pensamentos e palavras que acenam às angústias ou agonias.

Sem alteridade não há possibilidade de enfrentar o cotidiano, sair da clausura, da autossuficiência e do isolamento. A alteridade é laboriosa, pois representa novas vivências para o sujeito, certo equilíbrio entre força pulsional e simbólica.

Alguns pacientes não conseguem narrar a si mesmos. Estão tomados por vozes e olhares estranhos, não produzem associações. Não são protagonistas que conectam as historicidades. Não dão sentido à existência em movimentos temporais e espaciais. Não interpretam as experiências.

Nosso ofício é interpelar, confrontar e, por vezes, silenciar diante dos contextos narcísicos, identificatórios e históricos.

Em Freud e Klein, o sujeito psicanalítico é sempre nômade, perpetuamente em trânsito entre consciente e inconsciente, entre o polo esquizoparanoide e o depressivo, no espaço e na tensão criada pela inter-relação dialética das diferentes dimensões da experiência (OGDEN, 1996, p. 43).

O passado deve passar (tudo passa). Sem encarar as perdas, não é possível ganhar. Sem estar “consigo mesmo”, não há crescimento psíquico.

Pensar e simbolizar a experiência vivida é nossa mais íntima compulsão e é também o princípio de todas as terapias e análises, a sua ação terapêutica, o que leva ao *insight* e à cura. Corresponde à necessidade de inventar-se a si mesmo de novo a cada dia e de sair do mesmo lugar. Pontalis afirmou em uma entrevista que curar-se é mudar de lugar (OGDEN, 1996, p. 47).

Nesse aspecto, procuro o que não foi pensado, cogito as imagens inconscientes, os objetos internos, faço uma escuta para viabilizar o não dito. As fantasias são representações pulsionais e nunca perdem conexão com o corpo. As fantasias recaem sobre sensações, percepções e afetos. No *setting*, apenas os derivados das fantasias infantis são observáveis por meio das angústias e das defesas.

Cada sessão representa um novo encontro, uma nova construção. O desafio é partilhar a transitoriedade da vida, metabolizar o dolorido, elaborar os danos e acreditar no poder reparador de Eros ao lidar com a transferência, na oscilação entre Cila e Caribdes (entre a tormenta e o rochedo).

Roussillon citado por Rache e Tanis (2017, p. 29) propõe um enquadre interno de livre associação e escuta empática, permeabilidade inconsciente, espontaneidade livremente flutuante e capacidade criativa do analista.

O pensamento clínico reconhece o hiato intransponível entre clínica e teoria, que não admite uma correspondência unívoca, mas é nesse próprio hiato que clínica e teoria transitam e nele reconhecemos os movimentos e novos rumos da nossa prática.

A escuta associativa do analista remete à espera, ao desafio de ajudar os sistemas de regulação da psique pelas vias da simbolização e da reflexão. Atualmente, o pensamento clínico propõe uma visão dialética do sujeito alienado para que se reconheça historicamente.

Os conteúdos mentais existem num espaço de interação sociocultural e precisam evoluir para um espaço interno, um espaço psíquico pessoal.

Os gestos e as posturas de ação se transferem para o verbo significado. O afeto excluído só retoma a expressividade da vida pulsional articulada.

A reflexividade será considerada a partir de um corte da clínica para efeito de demonstração

de sua funcionalidade. Primeiramente, o sujeito tem que de poder sentir-se, autoafetar-se, pelas pulsões e afetos que o percorrem (ROUSSILLON citado por RACHE; TANIS, 2017, p. 65).

As pulsões de vida e de morte são organizadoras e continentes da vida psíquica. Nessa perspectiva, as questões clínicas são: dar conta dos objetos fantasiosos e criar objetos externos além dos criados internamente pelo paciente. Assim, a subjetividade parte da diferenciação entre símbolo, simbolizado, sujeito intérprete e desejante.

O paradigma contemporâneo enfatiza três tempos do tratamento analítico: o intersubjetivo presente na transferência, o autossujeito na capacidade de estar só na presença do outro e o intrassubjetivo, figurável no sonho e no espaço narcísico.

Desse modo, a análise depende da disposição interna do analista, da capacidade de capturar as associações não verbais, ações, experiências não representadas em palavras e da articulação teórica tramada nos sentidos econômico, tópico e dinâmico do aparelho psíquico.

Acessar frustrações, decepções, alegrias faz parte das circunstâncias boas ou decepcionantes na vida cotidiana das pessoas reais e das relações que têm com os objetos e os acontecimentos constitucionais.

As pessoas são ambivalentes! Elas não estão contentes sempre. Elas se decepcionaram... Pois bem. Freud diz que não temos meio algum de fazer desaparecer completamente a ambivalência; a saber, essa coisa que tem, para ele, uma conotação de agressividade, de ódio e de ressentimento. As pessoas permanecem, de todo modo, agarradas nesses sentimentos. O tempo passou, as pessoas não são mais as mesmas, tudo mudou; mas lá ainda estão elas, mais uma vez, agarradas ao que sofreram (GREEN, 2019, p. 122).

A ambivalência pode ser pulsão de morte quando, de modo primitivo, fica enraizada

num período da existência e não se transforma.

As pulsões são mensageiras, atuam potencialmente na problemática da negatividade e colocam o analista diante do desafio de integrar as clivagens dicotômica ou fragmentadora, buscar religações e ligações que assegurem a sobrevivência do eu.

A presença-ausência precisa ser tolerada, não atacada. O analista, no lugar de terceiro, não pode servir como projeção das transferências intrapsíquicas do paciente. Ele participa ativamente na criação do campo transferencial, no modo como se comporta e responde às demandas do outro.

A atividade psicanalítica acontece no engajamento transferencial, no qual o paciente desenvolve reflexividade, aprende a se ver melhor, se escutar e reconhecer os elementos inconscientes da reflexividade.

A transferência é um retorno oriundo de uma época (des)conhecida, uma “memória inconsciente de ser uma memória” que ocorre no presente ao invés de ocorrer como lembrança. (ROUSSILLON, 2019, p. 59).

Se transferência é “reminiscência”, se ela é “revivescência”, então o sujeito, por sua vez, deve justamente possuir uma forma de “conhecimento” daquilo que encena e se reencontra na transferência; ele deve justamente ter conservado um vestígio daquilo que o afetou; de certa maneira, ele pressente aquilo ao qual está sendo novamente confrontado, ainda que “não sabe que sabe” (ROUSSILLON, 2019, p. 59).

Não sou eu... é você... Esse deve ser o lugar do terceiro que se descola das identificações e repetições aprisionantes e conluios analíticos. Nesse contexto, implementam-se condições externas e internas no objetivo de facilitar a emergência das produções inconscientes e dos problemas vinculares apoiados em indiferenciações, carências e inapropriação subjetiva-subjetivante, ou seja, falhas nas (re)apresentações.

Abstract

This text brings theoretical reflections on analytical devices. In clinical treatment, the analyst and analysed experience continuous reflection in the face of narcissistic and identity sufferings that question drive, transference, and representation of oneself and the other.

Keywords: *Anxiety, Unconscious fantasy, Pulse.*

Referências

CINTRA, E. U.; RIBEIRO, M. *Por que Klein?* São Paulo: Zagadoni, 2018.

GREEN, A.; URRIBARRI, F. *Do pensamento clínico ao paradigma contemporâneo*. São Paulo: Blucher, 2019.

KLEIN, M. Notas sobre mecanismos esquizoides. In: _____. *Inveja e gratidão e outros trabalhos* (1946-1963). Tradução: Elias Mallet da Rocha Barros, Liana Pinto Chaves e cols. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LISPECTOR, C. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

OGDEN, T. *A matriz da mente*. São Paulo: Blucher, 2017.

OGDEN, T. *Os sujeitos da psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

RACHE, E.; TANIS, B. (Orgs.). *Roussillon na América Latina*. São Paulo: Blucher, 2017.

ROUSSILLON, R. *Manual da prática clínica em psicologia e psicopatologia*. São Paulo: Blucher, 2019.

SALIS, V. *Mitologia viva*. São Paulo: Nova Alexandria, 2003.

VIVA – A vida é uma festa. Filme. Direção: Lee Unkrich. Codireção: Adrian Molina. Walt Disney Pictures e Pixar Animation Studios. Estados Unidos, 2017, cor, 105 min. *Lembre de mim*, música-tema do filme. Disponível em: <https://www.telecineplay.com.br/filme/Viva_A_Vida_%C3%89_Uma_Festa_9780>. Acesso em: 30 jun. 2019.

Recebido em: 30/05/2020

Aprovado em: 10/06/2020

Sobre a autora

Maria Beatriz Jacques Ramos

Doutora em Psicologia pela Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Psicanalista. Sócia efetiva do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul.

Presidente do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul - CPRS (2010-2015).

Coordenadora do Instituto de Estudos de Psicanálise do CPRS (2015-2020).

Membro do conselho consultivo da Revista *Estudos de Psicanálise*.

Endereço para correspondência

E-mail: mbeatrizjacques@gmail.com

A condição humana em situação de isolamento: um encontro com a finitude pessoal e a busca de criatividade

*The human condition in isolation:
an encounter with personal finitude
and the search for creativity*

Noeli Reck Maggi

Resumo

O texto traz para reflexão a condição do ser humano quando se depara com a necessidade de buscar sentido no encontro consigo mesmo num momento em que circunstâncias externas exigem recolhimento e restringem o contato com os outros. As reflexões e os questionamentos propostos buscam em Winnicott os fundamentos sobre a constituição da subjetividade e da intersubjetividade, sobre a necessidade do ser humano de habitar o seu corpo e os seus objetos internos, além de fazer uso de defesas que ativem a criatividade e a expressão do *self* espontâneo.

Palavras-chave: Condição humana, Subjetividade, Objeto interno, Criatividade.

Introdução

O ser humano, repentinamente, é convocado a confrontar-se com a necessidade de permanecer só, de manter distância física das pessoas com as quais teria contato direto, constante e simultâneo no cotidiano.

Num primeiro momento, descobre-se que os objetos à volta estão relacionados com a novidade, com a possibilidade de revisar o que, do ambiente familiar, nunca havia sido olhado, escutado, percebido. O estranho que habita em cada sujeito revela o desejo de dar significado e sentido a tudo o que ele percebe e que antes era supostamente ignorado. É percebido tanto o movimento de valorização e de revalorização de situações que passavam despercebidas quanto a atribuição de valor secundário às pessoas e aos objetos que antes pareciam imprescindíveis.

A partir de então, um encontro com o interior possibilita ao sujeito perceber o que o levou àquelas escolhas, justificar a disposição física dos objetos e dos espaços ocupados enquanto realidade. Daí a vivência de momentos de ansiedade, de angústia e de gratidão. Uma experiência de análise sem interlocutor, ou seja, com o interlocutor interno que ora se aproxima e ora se distancia.

Essa experiência de sentir-se desacompanhado parece trazer o ser humano para o isolamento dos primeiros tempos de vida, naquele tempo não configurado ainda pelas horas, dias e semanas; tempo em que os objetos ainda são subjetivamente percebidos. Alguém possibilita ao ser humano pensar que ele criou o mundo e que, nessa condição, existe apenas uma unidade.

Isso é o que Winnicott (1983) edita e reedita em seus escritos. Sorte ou privilégio para quem não necessita ainda, tão precocemente, perceber objetivamente o mundo externo. Esse acolhimento é o que salva a criatura humana de uma possível psicose. No entanto, viver um tempo em que os objetos se parecem com o que se deseja não persiste por muito tempo.

A constatação gradativa de um mundo diferente do que foi imaginado possibilita que, aos poucos, a realidade surja com seus objetos e pessoas desnudados e que estes sejam não mais subjetivos, mas objetivamente escancarados.

Não importa se agradáveis ou não, eles se colocam como diferenciados, e é necessário conviver com eles: vírus, distanciamento, diferença, pulsão de vida e pulsão de morte.

O que torna a condição humana tão vulnerável quanto potente é o convívio com a finitude que, ao mesmo tempo que frustra, devolve o enigma de uma possível recriação. Nesses momentos de intensa ansiedade e até de angústia, poetas, pensadores, além de manifestações cultuadas no cotidiano das pessoas se constituem em tela de fundo para que cada ser revise suas inscrições nos espaços interiores. Ao compartilhar suas expressões literárias, poéticas e de sofrimento psíquico, torna-se possível lembrar e evocar o que faz sentido a cada um.

Então, vive-se um paradoxo. O ser humano busca viver, como nos tempos precoces do desenvolvimento, uma realidade subjetivamente percebida, embora seja surpreendido a experimentar a realidade objetivamente constatada. Uma violência se precipita à condição humana realçando as marcas já experimentadas em tempos anteriores.

Que mãe-como-ambiente é essa que não dá sossego à condição humana para que ela possa experimentar gradativamente a percepção objetiva da realidade?

O pânico ou a fuga da realidade se instalam para buscar alternativas suportáveis no enfrentamento da realidade objetivamente

percebida. Um inimigo mortal invade e se instala nos diferentes espaços e em tempos diferentes por todo o mundo. A ciência atribui nome ao inimigo, aponta riscos e reserva cuidados especiais em relação ao referido vírus porque ele é mortal. Ao ser humano, é imposta a condição de não contato com o Outro, de não participação em atividades sociais, além de uma perspectiva constante de morte iminente, de finitude e luto doloroso quando laços afetivos são rompidos. Quanta dor e luto nessa realidade objetivamente percebida!

Quando se pensa no viver de modo criativo, é possível retomar a forma como o sonho é vivido a cada dia, a cada nova realização. Sonho em que há perspectiva de vida e no qual é atribuído sentido às conquistas. Mecanismo diferente da fantasia, momento em que se instala a fuga de modo a evitar o enfrentamento da cruel realidade. No dizer de Winnicott (1983), o sujeito manifesta compromisso com o mecanismo de fantasia e de fuga para evitar o contato com a realidade que necessita ser objetivamente experimentada.

Ao falar do colapso da subjetividade e da intersubjetividade no isolamento pessoal, Ogden (1996, p. 48) diz que:

[...] a unicidade é o contexto necessário para dualidade, e a dualidade salvaguarda a experiência da unicidade (ao proporcionar uma negação essencial disso). Essa dialética, que tem sua origem na vivência, pelo bebê, da preocupação materna primária, continua ao longo da vida como uma faceta de todas as formas subsequentes de subjetividade.

Essa consideração de Ogden explicita as condições pessoais necessárias para os enfrentamentos futuros diante de conflitos inomináveis. Inominável é o que a humanidade sente, vive, experimenta e enfrenta e se recolhe diante da tragédia avassaladora da morte anunciada e precipitada pela pandemia.

Surge, então, a ideia do isolamento que, para Winnicott (1983, p. 31), ao escrever sobre “a capacidade para estar só”, deixa registros sobre formas de isolamento que facilitam ao ser humano o desenvolvimento do *self*. O autor afirma que

[...] tem-se escrito mais sobre o *medo* de ficar só, ou o *desejo* de ficar só, do que sobre a *capacidade* de fazê-lo [...].

Winnicott concebe o isolamento como facilitador e necessário para o desenvolvimento do *self*. Uma mãe-como-ambiente que supre as necessidades do sujeito ainda vulnerável impede que esse elemento nutridor e contensor das angústias seja percebido como realidade. Essa é a condição necessária para que o sujeito se estruture de modo saudável e possa, mais tarde, enfrentar tantos desafios impostos pelo mundo objetivo dos objetos e das experiências. Enquanto isto, o psiquismo produz defesas que servem de proteção para as camadas mais profundas do *self*.

Para Ogden (1996, p. 176),

[...] a vida psicológica é, desde o princípio, salva-guarda de modo similar pelo santuário proporcionado pela experiência de não existir no mundo dos vivos.

A humanidade enfrenta uma realidade nunca antes vivida e experimentada de modo tão urgente e necessário, que é o “não existir no mundo dos vivos” de modo a se distanciar de tudo o que se apresenta como insuportável por ser também insuperável.

Quando o isolamento reativa a experiência de um trauma e a saída para a vida criativa

Nestes tempos de isolamento e distanciamento social, temos de encontrar pessoas e reconhecê-las pelo restante do corpo e, especialmente, pelo olhar, uma vez que a máscara impede que se enxergue o sorriso. Algumas pessoas sorriem por meio do olhar e pelos

gestos. Não chega a ser traumático, embora pareça bastante estranho.

Para Ogden (1996, p. 163-164), o conceito de isolamento pessoal é considerado como “central para uma compreensão do desenvolvimento humano”. Essa concepção está baseada no estudo de fenômenos autistas; condição necessária para que o sujeito se constitua a partir da ilusão e do poder utópicos de que ele originou e criou um mundo abastecedor de todas as necessidades. Essa é uma forma primitiva de isolamento em que o indivíduo está desconectado em relação ao mundo exterior.

Ogden (1996, p. 163-164) afirma que Winnicott

[...] acreditava que o isolamento do bebê em relação ao objeto objetivamente percebido é um contexto vivencial essencial para o desenvolvimento de um sentido de realidade e de espontaneidade do *self*.

O que Winnicott deixou nos registros escritos a partir de sua experiência no trabalho com crianças que sofreram traumas em na vida, no início do desenvolvimento, é que a percepção prematura do estado de separação entre o *self* e a realidade externa não pode ou não deveria ser precipitada. Um ambiente confiável e capaz de suprir as faltas que emergem das necessidades torna-se indispensável num período precoce da vida psíquica do sujeito. Pode parecer um estado ideal de existência e, assim, podemos considerar esse momento, que é denominado como “continuidade do ser”, para que, mais tarde, essa criatura humana possa enfrentar desafios e seja capaz de desejar.

Uma tragédia social, uma ameaça de morte coletiva provocada por uma pandemia pode preservar o sujeito para que continue existindo e confiando no que lhe é reservado na realidade objetivamente percebida ou, ainda, a desesperança e o uso de defesas muito arcaicas podem ser acionados a fim de tentar suportar a dor e a angústia inomi-

náveis. O momento em que são divulgadas notícias da morte de milhares de pessoas em todos os lugares do mundo não reserva espaço para isolamento e proteção, a não ser encontrar refúgio dentro de si mesmo.

Daí surge o que é essencial e vital ao ser humano e se constitui talvez a única forma de se manter vivo, que é a capacidade de representação e de extensão das emoções, dos sentimentos e dos desejos para além de si mesmo. Manter-se vivo supõe a criação de símbolos, de objetos, de situações e experiências num espaço no qual são originadas novas formas de experiência e de vivência de um novo *self*, recriado a partir da matriz. Possivelmente, a onipotência que, segundo Winnicott (1983), é constituída com o auxílio da mãe-como-ambiente desde os primeiros tempos de vida, é necessária no momento em que a angústia causada pelo isolamento necessita ser enfrentada. Certa dose de ilusão promove força e encoraja o ser humano que se sente desamparado a encontrar novas formas de viver e de se relacionar.

Os símbolos são criações que ocupam espaços de falta, que unem o que está desconexo e dão sentido ao caos que ameaça o aniquilamento. Seguindo as concepções de Winnicott, Ogden (1996) traz para análise a espontaneidade do *self* como decorrente de um enfrentamento cuidadoso do sujeito diante da realidade. É certo que a cada dia, a cada novo fato ou nova descoberta, os humanos se locomovem por meio de defesas que protegem o psiquismo de um colapso. O risco de as defesas entrarem em colapso se dá justamente quando o sujeito se vê rodeado de eventos devastadores marcados pela morte, pelo extermínio causado por um inimigo que está presente e não se apresenta materializado, a não ser pela maior castração humana que é a morte.

A humanidade se vê dominada e ameaçada na sua onipotência e desnudada na sua condição de pertencimento a uma determinada classe social ou a uma condição

política e intelectual. Trata-se de uma tragédia maior do que pensam estar constituídas as instituições e organizações sociais. Esse estado caótico e devastador dominado por um inimigo invisível revela tratar-se de uma guerra silenciosa, viral, de contágio e que ameaça o ser humano que se pensa soberano e pronto para grandes desafios. O ser humano é confrontado na sua onipotência e na sua in(certeza) de tudo poder, saber e prever.

A mãe-como-ambiente proporciona ao humano uma forma de isolamento da externalidade ameaçando a vitalidade e a continuidade de ser. Agora, a ilusão está entregue à capacidade de criar, inventar e suceder o que tem de ser recriado a cada novo dia, a cada nova possibilidade de contemplar o amanhã. Winnicott utilizou o termo “onipotência” para um tempo em que nada servia de suporte ao ser humano a não ser a ilusão de que o mundo era criação própria de cada um. Agora, parece que cada um tem de recorrer a essa ilusão de que será salvo de todo este caos, só que de modo diferente: recriando a realidade, representando o desejo por meio de pequenas realizações. Parece pouco apropriado pensar em uso de poder porque se desfruta de uma onipotência quando se vive um clima de incerteza e de ausência de respostas para as dúvidas que surgem cotidianamente.

Ogden (1996, p. 166) reativa, nos seus escritos, o que Winnicott concebeu como forma de isolamento para que o desenvolvimento precoce normal possa ocorrer: um retraimento tanto em relação à mãe-como-ambiente quanto à mãe como objeto. A invisibilidade em relação à demanda do outro produz uma camada protetora para “salvaguardar” a vulnerabilidade própria dos primeiros tempos de vida. Esse mecanismo é essencial para que as camadas profundas do psiquismo, ainda em constituição, não sejam invadidas de modo traumático.

Essa é também a atividade clínica do psicanalista: encontrar sentido e nomear seus

objetos internos para servir de ego auxiliar à dor do paciente. Possibilitar um encontro empático com o outro, mantendo a distância necessária anunciada pela técnica.

Hoje vivemos momentos de tensão fisiológica e psíquica porque, no isolamento experimentado por cada um, há uma invasão de acontecimentos, da realidade que realça o iminente risco de morte a cada nova perspectiva de perda, abandono e luta pela sobrevivência. A camada mais profunda e protegida do *self* sente-se exposta aos riscos de aniquilamento e de abandono.

Nesse sentido, Souza (2007, p. 316) diz que, segundo a psicanálise,

[...] as defesas desempenham um papel estruturante na constituição da subjetividade, onde o recalçamento se faz presente. Trata-se de um modo de funcionamento em que a pessoa está organizada e com um funcionamento baseado no princípio da realidade.

O colapso, assim denominado por Winnicott (1994, p. 71), surge no momento em que as defesas não dão conta da dor impensável, no momento em que o ego se sente ameaçado pelo ataque de um risco pessoal ou ambiental. Por outro lado, o fracasso ambiental estará presente na vida do ser humano uma vez que a dependência é uma condição permanente do psiquismo humano, embora seja uma dependência relativa.

Pacientes trazem, para a clínica psicanalítica, o medo em relação ao futuro diante de uma tragédia ou de algum obstáculo que possa interromper o ciclo de vida daquele sujeito. Esse medo pode estar relacionado tanto às experiências passadas quanto às intercorrências do ambiente.

Winnicott (1994, p. 75) diz que

[...] em alguns pacientes, o vazio precisa ser experienciado, e este vazio pertence ao passado, ao tempo que precedeu o grau de maturidade que tornaria possível ao vazio ser experienciado.

O que emerge na clínica psicanalítica são as situações traumáticas, as dores, o abandono. E o que resta ao psicanalista trabalhar é o que, do vazio existencial, poderá ser feito para que aquele sujeito possa se encontrar realizando algo proveitoso, algo que tenha sentido de liberdade para sua vida.

Os atendimentos clínicos, nesses contextos, ocupam espaços físicos diferentes, na sala ou no escritório da casa, no carro ou a caminho da praça, embora o espaço interno, tanto do psicanalista quanto do paciente, possa estar situado na relação transferencial com o enquadre que o trabalho psicanalítico exige. Possivelmente, cada um traz a sua realidade interna a partir da realidade externa transitando com maior ou menor capacidade para criar e ampliar sua experiência.

O vazio experimentado pelo paciente configura um acontecimento que danificou o ego que, num momento posterior, procura se livrar dessa agonia com representações que deem sentido de liberdade. Se hoje o sujeito vive o impacto de um possível vírus exterminar com a sua vida, há que dar sustentação para a continuidade de ser, de existir e de buscar conforto num lugar próprio de vida. Isso porque o medo da morte é paralisante e constitui sintoma, impedindo a perspectiva de vida futura. Se essa morte aconteceu num tempo inicial da vida do paciente, é necessário falar dela, escutar de onde emana a experiência dolorosa de não existir para que o sujeito possa dar nome e sentido ao que experimenta naquele momento. Evitar que as defesas arcaicas mostrem algo dissociado da realidade objetivamente percebida e experimentada.

Quando o paciente traz para a sessão psicanalítica seu temor de morrer, de alguma forma está no processo de regressão à dependência num período em que não restou outra alternativa senão trazer a situação de sofrimento, revivê-la e tentar reanimá-la sob outro vértice. Ocorreu num tempo tão precoce que seria insuportável reviver esses sentimentos pela fragilidade como esse ser se

encontrava quando fora invadido pelos sentimentos de aniquilamento e desamparo. A organização eficaz de recursos pessoais pode auxiliar na superação do medo e na busca de alternativas diante das dificuldades que dominam o cotidiano.

O indivíduo herda um processo de amadurecimento, que o faz progredir na medida em que exista um meio ambiente facilitador e somente na medida em que este exista. O meio ambiente facilitador é ele próprio, um fenômeno completo e necessita de um estudo especial por seu próprio direito: o espaço essencial é que ele possui uma espécie de crescimento seu, próprio, estando adaptado às necessidades mutantes do indivíduo em crescimento (WINNICOTT, 1994, p. 71).

O trabalho em psicanálise é reviver o vazio, experienciá-lo por meio do que sente e sentiu em suas transações com as contingências ambientais. Se o paciente vivencia um momento de caos social, de medo contra um inimigo que extermina a vida das pessoas, há que dizer desse medo do vazio para que ele não paralise esse/o sujeito e que seja possível olhar para ele, clamar a presença dele e, junto com o trabalho psicanalítico, encontrar as representações para esse espaço que, num primeiro momento, está compulsivamente controlado ou temido por não ter sido falado na realidade objetivamente concebida.

Segundo Winnicott (1994, p. 76),

[...] A base de toda aprendizagem (assim como do comer) é o vazio. Mas se o vazio não é experienciado como tal, desde o começo, ele aparece então como um estado que é temido, mas, contudo, compulsivamente buscado.

Falar do vazio e do medo da morte é evitar que as defesas obstruam a capacidade de lembrar e reelaborar. O encontro com o eu interior ativa a necessidade de encontrar caminhos que representem vida, solução e busca de sentido ao que, aparentemente, não faz sentido.

Nesse ponto, lembramos Otávio Souza (2007) que, ao escrever sobre defesa e criatividade em Klein, Lacan e Winnicott, traduz de modo farto a ideia de defesa. O autor traz para reflexão a ideia de defesa pensada como defesa contra o desejo, considerada numa situação de conflito no funcionamento psíquico e defesa contra o trauma pensada como uma invasão no psiquismo do sujeito quando ele ainda não dispõe de recursos para suportar tal invasão. Nesse caso, o funcionamento normal é impedido de ocorrer em função da não estruturação do psiquismo.

Neste ponto, encontramos o trabalho do psicanalista para uma interpretação, pois, segundo Souza (2007, p. 338),

[...] a interpretação não interpreta o desejo, mas empaticamente se aproxima do sofrimento do sujeito no que foi desatendido nos tempos primordiais da dependência absoluta.

Nesse sentido, parece necessária a confiança no trabalho psicanalítico e numa relação transferencial em que o paciente perceba quais defesas se tornam necessárias e não obstaculizem a ampliação do espaço criativo.

Na continuidade, Souza (2007, p. 342) aponta para o cuidado necessário de o psicanalista se nortear pela “situação clínica que encontra” de modo a evitar “mandamentos éticos excessivamente rígidos”.

Considerações finais

O trabalho psicanalítico necessita abrir possibilidade para que o inconsciente possa sempre expressar o que deseja evitando, desse modo, o empobrecimento da vida afetiva.

Como bem afirma Winnicott (1994), a criatividade não é traduzida por meio de atos defensivos ou por meio de atividades artísticas, mas na “coloração”, na diversidade, na mobilidade e na transitoriedade das atitudes diante da realidade externa.

O psicanalista precisa estar atento à criação de um sentimento de confiança para que o paciente tenha a oportunidade de brincar,

de criar, de se locomover num universo de símbolos próprios.

Abstract

The text reflects on the condition of the human being when faced with the need to seek meaning in the encounter with oneself at a time when external circumstances require recollection and restrict contact with others. The proposed reflections and questions explore in Winnicott the fundamentals on the constitution of subjectivity and intersubjectivity, on the need of human beings to inhabit their bodies and their internal objects, to make use of defenses that activate creativity and the expression of the spontaneous self.

Keywords: Human Condition, Subjectivity, Internal Object, Creativity.

Referências

- FULGENCIO, L. *Por que Winnicott?* Coordenação Daniel Kupermann e Adriano Zago. São Paulo: Zagodoni, 2016.
- GREEN, A. *Orientações para uma psicanálise contemporânea*. Tradução: Ana Maria Rocca Rivarola. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: SBPSP, 2008.
- KLEIN, M. *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Tradução da 4. ed. inglesa: Elias Mallet da Rocha, Liana Pinto Chaves (Coords.) e col. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- OGDEN, T. H. *Os sujeitos da psicanálise*. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.
- SOUZA, O. Defesa e criatividade em Klein, Lacan e Winnicott. In: BEZERRA Jr., B.; ORTEGA, F. (Orgs.). *Winnicott e seus interlocutores*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007.
- WINNICOTT, D. W. *Explorações psicanalíticas*: D. W. Winnicott. Tradução: Jose Octavio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- WINNICOTT, D. W. *O ambiente e os processos de maturação*: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Tradução: Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Sulina, 1983.

Recebido em: 30/05/2020

Aprovado em: 10/06/2020

Sobre a autora

Noeli Reck Maggi

Psicóloga.

Psicanalista.

Sócia efetiva do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul.

Doutora em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Membro do Conselho Editorial da Revista *Estudos de Psicanálise*.

Endereço para correspondência

E-mail: nrmaggi@gmail.com

História: centro de gravidade do sujeito

History: the subject's center of gravity

Scheherazade Paes de Abreu

Resumo

História, centro de gravidade do sujeito, é o título escolhido para este artigo por incluir uma certa tensão vital nessa afirmativa de Lacan. O sujeito tem uma história, e essa história é material para o trabalho de análise. A história é, ao mesmo tempo, narrativa. Quem faz essa tarefa de reconstrução é o analisante, e ao analista cabe o ato, que consiste em autorizar a tarefa. O relevante é o que disso se reconstrói. A escrita da reconstrução da história é também um fator que favorece o desgaste do sentido e decorre da leitura que se faz da história. Por sinal, a psicanálise é um procedimento de leitura. Intervém aqui a possibilidade de ler de outro modo. Logo, narrar tem efeitos de corrosão no sujeito. A história é a leitura que temos dela. Até que ponto se pode pensar a história como contingência na experiência analítica e sua relação com a verdade?

Palavras-chave: Construções em análise, História, Narrativa, Ler um sintoma.

Uma autobiografia é o mais verdadeiro de todos os livros; ainda que ela consista principal e inevitavelmente de supressões da verdade, distorções da verdade, revelações parciais da verdade, e raramente alguma ocorrência da verdade pura e direta, a verdade sem remorsos está lá, nas entrelinhas, onde o autor lhe cobre de poeira, tudo isso resultando em que o leitor conhece o autor a despeito dos seus astutos expedientes.

MARK TWAIN

Introdução **história como o centro de gravidade do sujeito**

No momento em que se procura um analista, não se está advertido. Como ocorrerá a sessão de análise? Muitos não fazem ideia desse arranjo. Quem pergunta, quem responde, o que contar? Poderá ser o momento no qual é

possível surgir o embaraço não detectável: o que queres?

Mesmo que possível antecipar o momento, por intermédio da teoria ou da explicação de algum amigo, resta um não saber diante da interpelação: conte-me algo. Será ainda preciso contar o que não funciona na vida, um mal-estar comum, as pequenas falências,

os falsos fracassos, os entraves, a história que esmaga. Portanto, será preciso narrar minuciosamente, miniaturar mesmo e, de fato, descer aos detalhes.

Quem requisita um psicanalista? Para Butler (2017, p. 107), o sofrimento torna oportuno procurar um analista ou algum destinatário – que poderá ouvir a história e, ao ouvi-la, provocar incertezas. Isso autoriza que a história se desenvolva em uma nova forma e os fragmentos em possíveis conexões extraordinárias. O que não pode ser narrado será registrado. Logo, contar a história de si mesmo já é agir, pois contar é um tipo de ação, ato, executada com um destinatário. Em *Variantes do tratamento padrão*, Lacan ([1955] 1998, p. 353), pergunta: “[...] O que é a fala?”. E prossegue: trata-se de um ato.

Portanto, uma história própria somente pode ser escrita ao se interrogar as palavras, que na sombra veicularam, ocultaram a história de uma vida, afirma Mannoni (1990, p. 63) em sua autobiografia. São as substituições escondidas, os acontecimentos encobertos, os mortos camuflados, o desaparecimento mudo, a vida por detrás do cortinado.

Nesse sentido, Lacan ([1953-1954] 1986, p. 23) afirma que o fato de rememorar os eventos formadores da existência não é em si tão importante. O relevante é o que disso se reconstrói. O valor do que se reconstrói do passado não está na lembrança, mas o que disso se reconstruiu.

Finou-se o filho. Com quem a dor partilhar? Quem está disposto a escutar? Sentado, branco como um fantasma, tão curvado quanto é possível curvar-se um corpo vivo. O silêncio caiu sobre ele. Dobra o corpo e entrega-se à angústia. Volta-se para contar como morreu seu filho. Não haverá no meio de milhares de pessoas, ao menos uma que quisesse ouvi-lo? A propósito, o ouvinte deve gemer, suspirar, compadecer-se, assim, fazer par com a urgência subjetiva. Dirigir-se aos humanos, ele já considera inútil.

O conto *Angústia*, de Anton Tchekhov ([1886] 2018, p. 111) revela a dor do Cochei-

ro Iona Potápov, diante da impotência em contar como morreu seu filho.

Com efeito, se trata da extrema importância de narrar um acontecimento:

Logo vai fazer uma semana que o filho morreu, e ele ainda não conversou direito com ninguém... É preciso conversar com vagar, com calma... É preciso contar como o filho ficou doente, como sofreu, o que disse antes de morrer, como morreu. É preciso descrever o enterro e a viagem ao hospital para buscar a roupa do defunto. Na aldeia, ficou uma filha, Aníssia... Também dela é preciso falar. Vou ver o cavalo (ТЧЕКHOV, [1886] 2018, p. 115).

É preciso parafrasear o cotidiano (*quotidianum*, de cada dia), dizer do que acontece no tempo, nas horas, no dia e em todos os dias. Também é preciso falar do passado. Que tempo é o do sofrimento? A questão é que se trata de contar a um outro. Que história será capaz de ser contada na particularidade? Será a história para se pensar o mundo ou a história através de uma narrativa que assegure uma identidade? Será uma epopeia ou a vida que passou? Será a própria história possível somente através da vida de um outro?

A propósito, outra forma de história é o fragmento cotidiano, mesmo que se passe no tempo presente.

Talvez seja possível superar a falsa dicotomia entre cotidiano e história se pensarmos cotidiano não como tipos específicos de ação ou como uma dimensão particular, individualizada, das interações humanas, mas como tempo plenamente histórico, no sentido de ser tanto o tempo do “acontecimento” (no sentido tradicional) quanto do “não acontecimento” (GUARINELLO, 2004, p. 25).

A história é ao mesmo tempo narrativa. Qual a indispensabilidade de explicar alguma coisa? Narrar a história de vida tem valor crucial, pois não se pode viver ou sobreviver a uma vida radicalmente sem narrativa.

Portanto, para Butler (2017), não há motivos para questionar a importância de narrar em seu caráter parcial e temporário. Além disso, não se pode sobreviver para contar a própria história sem antes ouvir algumas histórias e ser interpelado nesse mundo discursivo (BUTLER, 2017, p. 81).

História, centro de gravidade do sujeito é o título escolhido para este artigo por incluir uma certa tensão vital nessa afirmativa. O dicionário Rocha (2019, p. 82) define centro de gravidade como o ponto de aplicação da resultante de forças sobre um corpo sujeito à atração gravitacional – tal posição é importante para o equilíbrio do corpo.

Mas é Lacan que o afirma:

O centro da gravidade do sujeito é essa síntese presente do passado a que chamamos história (LACAN, [1953-1954] 1986, p. 53).

A história é resposta às nossas interpelações. Nota-se que neste artigo os termos “história”, “relatar a si mesmo” e “narrativa” serão empregados no sentido da história relatada, porém livre de ser apenas verdade factual verificada, mesmo que os fatos e os fragmentos de verdades históricas também se incluam. Faz parte desses termos o trabalho de pensar e rememorar, falar, contar, retramar e reintegrar as histórias, explicar uma vida e explicar o mundo. De todo modo, pode-se dizer que há uma especificidade da história contada em análise, que ultrapassa a reconstrução do passado. Qual o lugar da história na psicanálise?

Este artigo se faz de reflexões que aproximam e resgatam a importância da relação já afirmada por Freud e Lacan, entre história e psicanálise. A história é material para o trabalho de análise e centro de gravidade do sujeito. Nesse experimento, irrompem hipóteses que podem levar a transformar a história aqui pesquisada em relato de caso clínico e até mesmo no passe do analista. Entretanto, o propósito deste artigo é investigar o problema da história na psicanálise, mas que

possa ser além da clínica, ou seja, a travessia de uma experiência. Para isso, qual é o ponto de partida deste artigo? É da posição de analisante que se faz a pesquisa.

A reconstituição da história do sujeito

É inevitável ressaltar que Lacan ([1953-1954] 1986, p. 23) afirma que, desde o princípio e por toda sua obra, Freud marca o acento sobre esse tema pivô, que é a reconstituição da história do sujeito, do passado. Basta saber ler, está escrito em preto e branco, afirma Lacan (1953, p. 52), só a perspectiva da história permite definir o que conta para o sujeito. Portanto, essa questão permaneceu nas preocupações de Freud, que nunca abandonou essa ideia.

Para Lacan, trata-se de reescrever a história.

O caminho da restituição da história do sujeito toma a forma de uma procura da restituição do passado. Essa restituição deve ser considerada como o ponto de mira visado pelas vias da técnica (LACAN, [1953-1954] 1986, p. 22).

Entretanto, até que ponto história e narrativa são entraves, impedimentos ao andamento da análise? Até que ponto a história sustenta o sentido sintoma? O sintoma tem sentido e característica de permanência, é persistente, uma maneira de se manter adaptado demais. Assim, o analisante trabalha para manter o seu sintoma. Porém, ocorre que, além disso, o sintoma procura restituir a verdade do sujeito, assim não é um estropício a ser abolido, nem uma avaria à espera de um antídoto.

Contudo, a psicanálise é um caso de leitura, pois se trata de saber ler. Ler um sintoma (o retorno do mesmo acontecimento) consiste em privar o sintoma de sentido.

Miller (2011, p. 13), ao dizer que a psicanálise é uma questão de escuta, esclarece que é preciso frisar que o que se escuta de fato é o sentido, e o sentido chama mais sentido. No

entanto, o saber ler consiste em manter à distância da palavra o sentido que ela veicula, a partir da escrita como fora de sentido. Pois a disciplina da leitura aponta para a materialidade da escrita, para a letra. A leitura visa reduzir o sintoma a sua fórmula inicial, que é o encontro da linguagem com o corpo.

Na ocasião em que Freud reinventa o relato de casos, a literatura integra seus procedimentos. De fato, o que se relata da análise tem algo não só de policial mas também de horror, fantástico e infamiliar (*Unheimliche*). A história contada em análise encontra elementos no fragmento onipresente e incerto, que insiste como elemento comum de uma mescla de narrativas que se completam, sobrepõem, distorcem ou se corrigem.

A história da narrativa ocidental é tão dramática quanto a história em análise, pois uma e outra constroem e descartam repetidas vezes, através de palavras, uma realidade possível (ZAVALLA, 2004, p. 87-88).

A história não é o passado

A história é matéria-prima para o trabalho de análise e a aproximação da verdade. Freud ([1937] 1984, p. 276) em *Construções em análise*, afirma que o material à disposição são “todos os tipos de coisas”, ou seja, os fragmentos dos traços, os restos, as lembranças nos sonhos, a associação livre que produz material a investigar, além de repetições presentes também nas atitudes mais banais, dentro e fora da situação analítica.

A reconstrução é tarefa do analista. Desse modo, a relação de transferência que se estabelece com o analista favorece o retorno dessas conexões. É dessa matéria-prima, afirma Freud (1937), que reunimos aquilo de que estamos à procura.

A história primitiva que o analista busca recuperar pela leitura, essa verdade histórica, é a verdade das fixações pulsionais: como a pulsão se amarrou, se ligou às representações e ao objeto e de que modo sustentou, deu suporte ao desejo. Define-se a constru-

ção como recuperação da história e, na psicanálise, essa história é pulsional, escrita das satisfações pulsionais (infantis), sendo esse um elemento da verdade histórica (DAL-COL, 2020, p. 37).

O progresso de Freud, diz Lacan ([1953-1954] 1986, p. 21), está na maneira de tomar um caso na sua singularidade. Para Freud, a dimensão própria de uma análise é a reintegração, pelo sujeito, de sua história até os seus últimos limites sensíveis, e que ultrapassa os limites individuais. Pontua-se que reintegrar quer dizer restabelecer, ter novamente a posse de algo.

O significante é, pois, dado primitivamente, mas até que o sujeito faça com que entre na sua história não é nada (DAL-COL, 2020, p. 36).

A história não é o passado, afirma Lacan (1953-1954] 1986, p. 21):

[...] a história é o passado na medida em que é historiado no presente – historiado no presente porque foi vivido no passado.

Com efeito, temos assim uma dimensão da história capaz de elidir o controle do tempo. Nesta reflexão cito Butler (2017, p. 73) que cita Lacan: qualquer que seja o relato sobre os momentos inaugurais da vida de um sujeito, ele será sempre tardio e fantasmático, afetado irreversivelmente por um *Nachträglichkeit*. Pois narrativas evolutivas tendem a errar ao supor que o narrador possa estar presente nas origens da história. A origem se torna disponível retroativamente e através da fantasia.

Esclarece Chemama (1995, p. 7):

[...] *a posteriori, après-coup, Nachträglichkeit*, diz-se da dimensão da temporalidade e da causalidade específica da vida psíquica, que consiste no fato de que as impressões ou os traços amnésicos só podem adquirir todo o

sentido e toda a eficácia em um tempo posterior ao de sua primeira inscrição. Assim, Freud destacou que as experiências vividas sem um efeito imediato notável, podem adquirir um novo sentido, quando são posteriormente organizadas e reinscritas no psiquismo. Esse conceito modifica a ideia segundo a qual o historicamente anterior determinaria o que é posterior.

O esquema *après-coup* permite perceber a ideia da verdade em movimento e plural, pois se retifica e se reescreve. Qual é, então, a tarefa do analista, pergunta Freud ([1937] 1984, p. 276):

[...] sua tarefa é de completar aquilo que foi esquecido a partir dos traços que deixou atrás de si, mais corretamente, construí-lo.

Entretanto, esclarece Miller (1996, p. 95-102), o propósito da psicanálise é recuperar as lembranças, mas se isso não for possível, a convicção da verdade da construção (fragmentos de construção) tem o mesmo efeito que a lembrança reencontrada. É o analisante que faz essa tarefa de reconstruir, e ao analista cabe o ato, que consiste em autorizar a tarefa.

As paredes antecedem o interior durante a obra na qual se constrói uma casa. É necessário o trabalho preliminar de erguer paredes e janelas antes de decorar o interior de uma construção. Entretanto, o trabalho transcorre de modo diferente nas construções em análise.

Freud ([1937] 1984, p. 279) utiliza esse exemplo para esclarecer que

[...] a construção não é um trabalho preliminar, no sentido de que a totalidade dela dever ser completada antes que o trabalho seguinte possa começar.

Freud ([1937] 1984, p. 279) conclui que todo analista sabe que as coisas acontecem “lado a lado”.

A narrativa em fracasso

Até que ponto é possível fazer um relato de si mesmo? Butler (2017) afirma que a história relatada precisa considerar a incomensurabilidade constitutiva, pois não é possível estar presente na temporalidade que precede a própria constituição. Desse modo, o relato que se faz é parcial, opaco e não pode conceber a história definitiva.

Porém, o irrecuperável não impede a narrativa, mas a torna possível como ficção. Assim, a história pode ter várias versões possíveis, mas nenhuma poderia ser a única verdadeira. Portanto, se trata dos próprios limites do saber. O relato terá de fracassar e estar sujeito à interrupção para que se chegue perto da verdade. Há um preço a pagar (BUTLER, 2017, p. 52-61).

Nota-se que a ficção perdura distante tanto do profeta do verdadeiro quanto da euforia dos falsos. E é devido à fuga de sentido que a narração se torna possível; mas o efeito de sentido e não apenas o sentido. Porém, até que ponto a narração analítica é distinta de outras formas de narrativa?

Zavalla (2004, p. 88) ressalta que essa separação se faz através da dimensão poética (a gaia ciência), do invento e do chiste pelas ressonâncias da pulsão. Por sinal, para Butler (2017, p. 94), a psicanálise difere da história e dos romances ou tratados de filosofia, por ser um processo mais doloroso, por ter maior probabilidade de se fazer uma mudança radical e por especificar um interlocutor (que é o psicanalista).

Com efeito, a história que ocorre na análise não pode se tornar apenas elucubração intelectual. Mas poderá se tornar pública capaz de transmissão? A narrativa acontece no lugar privado da análise. Mas poderá acontecer no local público? O que é preciso a uma palavra privada para que, pela voz pública, se dirija ao íntimo de cada um? Pergunta Didier-Weill (2012, p. 65).

Uma vez produzido, o chiste tem a particularidade de se transmitir sozinho, e isso

aponta que não demanda militância. Portanto, por se transmitir em público, e

[...] de boca em boca – por transmissão oral, rapidamente disseminada; com divulgação informal (ROCHA, 2019, p. 131).

O autor do chiste se torna anônimo.

O sujeito é determinado por sua história pessoal?

Para Butler (2017, p. 79), a articulação plena não pode ser o propósito do trabalho analítico, uma vez que poderia implicar um domínio sobre o material inconsciente, que o transformaria em articulação reflexiva e consciente. Porém, isso pode destruir um dos princípios mais importantes da psicanálise. A narrativa em fracasso se relaciona também com impossibilidade de que o inconsciente possa ser total e exaustivamente traduzido. Quanto mais se narra, mais se prova impossível fazer um relato de si mesmo. Pois há um ponto inarrável, um “umbigo”.

O sujeito do inconsciente diz mais do que sabe, e isso quer dizer que há na palavra alguma coisa que é escrito. O inconsciente não é um tipo de memória, onde tudo já está escrito e a questão é ler, mas se tomarmos como sujeito, o “está escrito” se encontra na palavra.

Com efeito, não se reconduz o sujeito ao puro “está escrito” da lembrança. A construção dependerá do sentido que se dará às histórias e da função que os significantes poderão tomar. É a partir do futuro que um fato do passado recebe seu sentido; a verdade da história não é a exatidão do ocorrido, mas o remanejamento do que aconteceu, sob uma perspectiva posterior (MILLER, 1996, p. 99).

Para finalizar, a escrita da reconstrução da história é também fator que favorece o desgaste de sentido. Ou seja, o desgaste de sentido decorre da leitura que se faz da história, através da própria matéria-prima, esse centro de gravidade do sujeito, e do ato de reconstruir, que causa sentido, mas que por outro lado, faz o desgaste desse mesmo sen-

tido. Intervém aqui a possibilidade de ler de outro modo. Logo, narrar tem efeitos de corrosão no sujeito. A história é a leitura que se faz.

Até que ponto se pode pensar a história também como contingência na experiência analítica e sua relação com a verdade?

Escreveu Mark Twain:

Uma autobiografia é o mais verdadeiro de todos os livros; ainda que ela consista principal e inevitavelmente de supressões da verdade, distorções da verdade, revelações parciais da verdade, e raramente alguma ocorrência da verdade pura e direta, a verdade sem remorsos está lá, nas entrelinhas, onde o autor lhe cobre de poeira.

Além disso, em Freud ([1939] 1984, p. 144):

Na medida em que a construção traz um retorno do passado, deve ser chamada de verdade.

ABSTRACT

History, the subject's center of gravity, is the title chosen for this article because it includes a certain vital tension in that Lacan's statement. The subject has a history, which is material for the analysis' work. The story is both history and narrative. This reconstruction task is made by the patient, and the analyst is responsible for the act, which consists in authorizing this task. The relevant part is what is reconstructed. The writing of the reconstruction of history is also a factor that favors the erosion of meaning, and stems from the reading of history. The possibility of reading in another way comes into play here. Therefore, narrating has corrosion effects on the subject. History is defined as the reading we have of it. To what extent can history be thought of as contingency in the analytical experience, and its relation to the truth?

Keywords: *Constructions in analysis, History, Narrative, Reading a symptom.*

Referências

- BUTLER, J. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- CHEMAMA, R. *Dicionário de psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.
- DAL-COL, D. M. L. A leitura do sintoma em Freud e em Lacan: ato psicanalítico, interpretação, construções. *Ágora* [online], Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 30-38, 2020.
- DIDIER-WEILL, A. *Lacan e a clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Contra Capa; Corpo Freudiano - Seção Rio de Janeiro, 2012.
- FREUD, S. Construções em análise (1937). In: _____. *Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos* (1937-1939). Direção-geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1984. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 23).
- FREUD, S. *Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos* (1939 [1934-1938]). Direção-geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1984. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 23).
- GUARINELLO, N. L. História científica, história contemporânea e história cotidiana. *Rev. Bras. Hist.* [online], São Paulo, 2004, v. 24, n. 48, p. 13-38, 2020.
- LACAN, J. *O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud* (1953-1954). 3. ed. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Betty Milan. Rio de Janeiro: Zahar, 1986. (Campo Freudiano no Brasil).
- LACAN, J. Variantes do tratamento padrão (1955). In: _____. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 325-364. (Campo Freudiano no Brasil).
- MANNONI, M. *Autobiografia: O que falta à verdade para ser dita*. São Paulo: Papirus, 1990.
- MILLER, J.-A. Ler um sintoma. *Afreudite*, v. 7, n. 13-14, 2011.
- MILLER, J.-A. Marginalia de "Construções em análise". *Opção Lacaniana*, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, n. 17, p. 92-107, nov. 1996.

ROCHA, C. A. M.; ROCHA, C. E. P. M. *Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2019.

TCHEKHOV, A. *Contos* (1860-1904). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

TWAIN, M. *Carta para W. D. Howells, 14mar1904* - vol. V, cap. XLIII. The Project Gutenberg EBook of The Letters Of Mark Twain, Complete by Mark Twain (Samuel Clemens). Disponível em: <https://gutenberg.org> (domínio público). Acesso em: 31 jul. 2020.

ZAVALLA, G. O. *La narración analítica*. Buenos Aires: Grama, 2004.

Recebido em: 30/05/2020

Aprovado em: 10/06/2020

Sobre a autora

Scheherazade Paes de Abreu

Psicanalista.

Membro do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG).

Endereço para correspondência

E-mail: scheherazade_abreu@yahoo.com.br

Relato de caso clínico: de agregado a cidadão¹

*Report of a clinical case:
from Family household to citizen*

Sonia Guiomar Martins Seixas

Resumo

O presente trabalho traz o relato de um caso clínico iniciado em 08 de março de 1994 e encerrado em 17 de abril de 2001, apoiado teoricamente na psicanálise, no ambulatório de adultos de uma instituição especializada em saúde mental do Sistema Único de Saúde (SUS), em Salvador, Bahia. A demanda do analisando e a transferência analítica permitiram uma produção trazida pelo discurso do sujeito que, dessa forma, ao longo do processo, conseguiu ressignificar razoavelmente questões cruciais da sua trajetória de vida, bem como a efetuar a retificação subjetiva, fazendo com que deixasse de ser um espectador da sua própria existência, um “agregado”, para se tornar o ator da sua história: um cidadão.

Palavras-chave: Demanda, Sintoma, Transferência, Retificação subjetiva.

Nenhum de nós vive sozinho.
*Aqueles que tentam
estão condenados de antemão
a se desintegrar como seres humanos.
Algumas experiências são
mais individuais que sociais,
outras são mais sociais
que individuais,
mas a vida, não obstante,
é uma experiência compartilhada
e compartilhável*
NATHAN ACKERMAN

Introdução

Ao me dispor a trazer a lume o relato de um caso clínico, tenho consciência das dificuldades da elaboração escrita a partir de uma atividade que lida essencialmente com a escuta do discurso do sujeito. O presente relato não

segue o tempo cronológico da ordem dos fatos, mas a atemporalidade do inconsciente.

Recebi para a entrevista preliminar em 08/03/1994, numa instituição pública de saúde mental, a pessoa que no presente relato passará a se chamar Nelson. Ele tinha

1. Agradecimento: à colega e amiga psicanalista Maria da Conceição Vieira pelas pertinentes reflexões.

30 anos de idade, era solteiro, relatava como profissão “nenhuma”. O endereço era o orfanato X, onde vivia como “agregado”. A queixa girava em torno de “frustrações, problemas familiares e dificuldade de me juntar com as outras pessoas”.

Nelson começou a falar da sua vida: “Meu maior problema é que não tenho capacidade de construir um futuro”. Falava do passado que o “perseguia”, acrescentando: “Sei que devo esquecer, mas não consigo”.

Aos 11 anos de idade, Nelson saiu da sua casa, na zona rural, onde vivia com os pais e dez irmãos, por não suportar as “agressões físicas”: “Eu apanhava até três vezes por dia, apanhava de meu pai, minha mãe e às vezes dos meus irmãos mais velhos. O meu avô lutou na guerra e era do tempo de amarrar na mesa”. Deixou, amigavelmente, a casa da família, indo em busca do apoio de pessoas ligadas à Igreja católica e de padres: “Fui coroinha, ajudava nas missas e em outras atividades da Igreja”. O analisando comparecia regularmente às sessões semanais, e a relação transferencial foi se estabelecendo.

Tratava-se de uma pessoa com capacidade de associar livremente as ideias e com demanda de falar de si. A minha suspeita diagnóstica diferencial revela um sujeito neurótico, apontando para a histeria.

Numa sessão falou de uma fantasia: morar nas ruas e comer o que lhe oferecessem. Perguntei-lhe se a rigor alguém poderia “morar nas ruas” e se nesse caso, os alimentos seriam “oferecidos”. Calou-se por alguns minutos, depois falou: “Sinto-me inferior às demais pessoas, por isso perco as oportunidades. Há pouco tempo me inscrevi num concurso, fiquei esperando as informações chegarem, como não chegaram, não procurei saber e perdi”.

Durante algum tempo o analisando manteve um discurso sistemático, repetitivo. Perguntava-me o que Nelson estaria deixando de falar, enquanto repetia aquelas mesmas coisas, através das palavras encobridoras.

Nelson falou do seu “primeiro progresso”, quando teria “conseguido” se reunir com outras pessoas. Retomou o discurso sobre a sua falida relação familiar e citou uma frase do seu pai, que o teria marcado profundamente: “Você vai se tornar um marginal”. O significativo “marginal” age sobre o analisando como uma ordem imaginária a ser cumprida, pois até o momento, ele não tinha conseguido sair da posição de estar à “margem”. Com essa interpretação, encerro a sessão.

Na sessão seguinte, Nelson fala da sua mãe: “Uma mulher analfabeta e sem perspectivas... para mim ela é uma luz”. Nessa fala aparece a ambivalência com relação à mãe.

Nelson fala da sua primeira tentativa de mudança dentro do orfanato: “Procurei a diretoria, pedi para ser admitido para trabalhar, mas negaram... Eles não acreditam em mim, mas eu mereço uma chance!”. Observo progresso e melhora da sua autoestima.

Num determinado momento fala de um “conflito interior”: “Sei que preciso concluir o 2º grau, mas não tenho coragem de voltar a estudar. As pessoas vão ficar sabendo. Menti para todos, pensam que já possuo o certificado de conclusão do curso, como explicaria isso?”. Digo-lhe que pense qual seria de fato o seu “conflito interior”.

Na sessão seguinte falou da sua “mudança de comportamento” na instituição e da repercussão no meio: “As pessoas estão me vendo acordar cedo, fazendo alguns trabalhos, não vão mais poder me chamar de come e dorme”.

Nelson foi indicado para representar o orfanato num evento, onde teria visto uma frase, que lhe chamou a atenção: “Longe é um lugar que não existe”. Pensa um pouco e fala: “Essa frase tem a ver com as minhas buscas”.

Após o período eleitoral em outubro de 1994, Nelson chegou à sessão bastante eufórico, porque havia trabalhado para o partido político da sua preferência. Perguntou-me se poderia falar de política, pois não sabia se eu estaria ligada aos seus adversários. Disse-lhe que não estava ali como pessoa, mas ocupan-

do um lugar para escutá-lo. Sentiu-se livre para falar.

Nelson traz para essa sessão uma outra “importante” questão, que aponta como uma “dificuldade”: “Quando estou na presença de pessoas “superiores” a mim, sinto-me mal”. Perguntei-lhe o que poderia estar acontecendo. Ficou pensativo durante algum tempo e voltou a falar do pai: “Quero ser um pai diferente... ele me torturava muito...”

Até o momento tinha falado muito pouco sobre a sua sexualidade: namoros que não duram e pessoas que não conseguiram “despertar os seus sentimentos”.

O analisando se autointerpreta, fazendo uma devolução ao nosso trabalho analítico: “Você uma vez me falou uma coisa, pensei muito e vi que é verdade... quando não estou curtindo a minha própria miséria, “viajo” na miséria dos outros”.

Teorizando

Nelson seguia a sua trama histórica. A história masculina traz como traço primordial a incapacidade de tirar proveito do que é possível ter, em prol da lamentação pelo que não tem. O que deseja inconscientemente é a manutenção da sua insatisfação. Fazendo-se de vítima, o histórico procura fracassar espetacularmente aos olhos da “plateia”. O fracasso constitui-se em um traço estrutural, já que o sucesso é capaz de desencadear nesses casos um mecanismo de autopunição.

Pela primeira vez, o analisando falou sobre o seu nome próprio: “É um nome bíblico, é também o nome de um irmão de meu pai, mais moço que ele. Sei que morreu aos 20 anos num acidente de automóvel. Ele também saiu cedo de casa e foi trabalhar na cidade grande”.

Retomando a teoria

O nome próprio, através do qual a pessoa é denominada, indica uma relação entre o receptor e o doador (em geral os pais), sendo muitas vezes expressão de indicadores de um acentuado nível inconsciente sobre o sistema

de relação entre ambos, por exemplo, a expectativa de semelhança da personalidade à qual o nome está associado.

Em 27/05/1997 Nelson chega à sessão dizendo ter uma novidade: “Fui contratado pela instituição”. Em seguida diz: “Tenho medo de assumir essa nova posição, a minha vida vai mudar muito, vou ter que mudar para uma casa, ter despesas de água, luz, alimentação... eu não estou acostumado a lidar com isso tudo...”. Interpreto: de fato não estava acostumado mesmo, pois tinha no orfanato um substituto dos pais, na medida em que era acolhido, alimentado etc.

Nelson planeja uma viagem à casa dos pais para vender as suas “cabeças de gado”. Tratava-se de alguns animais que o pai havia dividido entre os filhos em quantidades iguais, para que eles dispusessem de acordo com as suas necessidades. Viajou, vendeu o gado, voltou e, com esse dinheiro, comprou uma casa simples, próxima ao orfanato.

Em 10/03/1998, chegou à sessão falando: “Já conquistei o meu emprego, a minha casa, só não consegui ainda encarar os estudos”. Falou da solidão e da sua dificuldade de se relacionar. Pensava em constituir uma família, mas não sabia “como isso poderá acontecer”.

Prestou exame de motorista, queixou-se de ter cometido faltas elementares e ficava na expectativa de um resultado negativo. Faz um ato falho: “Estou chateado porque todo mundo espera ser reprovado de primeira”. Interpreto o ato falho e encerro a sessão.

Realizou um novo projeto: a compra de um carro. Em 17/04/2001, Nelson fala que já está matriculado num curso supletivo à noite, numa escola pública, próxima à sua casa e fala que dessa vez estudará de verdade, “apesar das deficiências da escola”, pois tem consciência de estar ocupando um cargo na instituição que exige uma melhor qualificação. Fez uma avaliação do seu percurso na análise: “Como é importante poder falar, pensar, tomar decisões...”. Nesse momento se apropria da palavra o sujeito, o cidadão.

Exposição final

O relato de caso apresentado teve uma duração de sete anos, em uma sessão semanal. Trabalhamos com a atemporalidade do inconsciente, que não segue a lógica do cronômetro.

Foi gratificante constatar o quanto a psicanálise pode ser apaixonante e surpreendente sob todos os aspectos: a demanda do sujeito, o desejo do analista e a transferência, considerada por Lacan como a mola mestra da psicanálise, da cura e o princípio do seu poder, que proporcionaram a retificação subjetiva do sujeito diante do seu sintoma.

Abstract

The present work presents the report of a clinical case that started on March 8, 1994 and ended on April 17, 2001, theoretically supported by psychoanalysis, in the adult clinic of a special mental health institution of SUS in Salvador, Bahia. The demand of the analysand and the analytical transfer allowed the emergence of problems brought up in the subject discourse, which, in this way, throughout the process, managed to reframe the crucial issues of his life trajectory, as well as the subjective rectification of his life, causing him to stop being a spectator of his own existence as an "aggregate", to becoming the actor of his story: a citizen.

Keywords: Demand, Symptom, Transference, Subjective rectification.

Referências

ACKERMAN, N. W. *Diagnóstico e tratamento das relações familiares*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

BERENSTEIN, I. P. *Psicoanálisis de la estructura familiar*. Buenos Aires: Paidós, 1981.

DOR, J. *Estruturas e perversão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

DOR, J. *Introdução à leitura de Lacan*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FALO. Salvador, v. 2, n. 2, 1988, Fator Editora. Revista Brasileira do Campo Freudiano.

FREUD, S. *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (1901). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 6).

FREUD, S. Análise terminável e interminável (1937). In: _____. *Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos* (1937-1939). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 225-270. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 23).

FREUD, S. Lembranças da infância e lembranças encobridoras (1901). In: _____. *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (1901). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 59-66. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 6).

FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II) (1914). In: _____. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos* (1911-1913). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 163-171. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da psicanálise*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Recebido em: 27/05/2020

Aprovado em: 15/06/2020

Sobre a autora

Sonia Guiomar Martins Seixas

Psicanalista.

Assistente Social.

Membro efetivo do Círculo Psicanalítico da Bahia, do Círculo Brasileiro de Psicanálise e da International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS).

Membro pleno da American Association for Psychoanalysis in Clinical Social Work, USA (www.aapcsw.org).

Membro do GAPS - Group for the Advancement of Psychodynamics and Psychotherapy in Social Work in the UK (<https://www.gaps.org.uk/>).

Endereço para correspondência

E-mail: smartinsseixaspsican@gmail.com

Normas de Publicação¹

1. Serão publicados apenas trabalhos inéditos de psicanálise e textos de colaboradores convidados pela Comissão Editorial. Entende-se como inéditos os que não foram publicados, nem no todo nem em parte, em periódicos, capítulos de livros nem em anais de eventos.
2. Os trabalhos serão publicados em língua portuguesa ou em língua estrangeira. Ficará a cargo do autor a tradução para o português do resumo dos trabalhos enviados em outro idioma.
3. Poderão também ser publicados:
 - 3.1 Reflexões sobre a psicanálise, articulando-a com outras áreas do conhecimento;
 - 3.2 Casos clínicos;
 - 3.3 Entrevistas;
 - 3.4 Resenhas;
 - 3.5 Ensaios.
4. A estrutura dos trabalhos deverá estar de acordo com as normas abaixo:
 - 4.1 Todo trabalho deverá ser obrigatoriamente acompanhado de:
 - 4.1.1 Folha de rosto com o título do trabalho, nome dos autores e titulação. No corpo do trabalho não deverá constar o nome dos autores, com o objetivo de manter o anonimato na avaliação feita pelo corpo editorial.
 - 4.1.2 Título em português e em inglês no corpo do trabalho.
 - 4.1.3 Resumo expressando o conteúdo, salientando os elementos novos e indicando sua importância. Deverá ser colocado antes do texto e não deve exceder a duzentas e cinquenta palavras.
 - 4.1.4 Palavras-chave, de três a cinco, que identifiquem o conteúdo, para a completa descrição do assunto, após o Resumo.
 - 4.1.5 *Keywords*, de três a cinco, após o *Abstract*.
 - 4.1.6 Referências. Citadas como no exemplo a seguir:
 - 4.1.6.1 Registrar as referências em ordem alfabética conforme os exemplos, observando os detalhes de dois pontos, abreviaturas e vírgulas, bem como qualquer outro assinalado abaixo:

1. Normas atualizadas para as próximas edições.

a) De livro

AUTOR. *Título em itálico*: subtítulo. Edição. Local (cidade) de publicação: Editora, ano de publicação. Exemplos: CERVO, A. L. *Metodologia Científica*: para uso dos estudantes universitários. 2. ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1978. PIMENTEL, D. *O sonho do jaleco branco*: saúde mental dos profissionais de saúde. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2005.

b) de capítulo de livro

AUTOR DO CAPÍTULO. Título do capítulo. In: Autor do livro. *Título em itálico*: subtítulo. Edição. Local (cidade) de publicação: Editora, ano de publicação. Número do volume (se houver). Intervalo das páginas.

Exemplos:

FREUD, S. Sobre a psicoterapia [1905]. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas*. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1989, v. VII, p. 239-251.

LAMBOTE, M. C. O tempo anunciador. In: LAMBOTE, M. C. *Estética da melancolia*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2000, p. 103-109.

PIMENTEL, D. Interfaces entre a Psicanálise e Psiquiatria. In: PIMENTEL, D.; ARAUJO, M.G. (Orgs.). *Interfaces entre a Psicanálise e Psiquiatria*. Aracaju: Círculo Brasileiro de Psicanálise, 2008, p. 9-13.

c) de artigo de revista

AUTOR. Título do artigo. *Título do periódico em itálico*, local de publicação (cidade), número do volume, número do fascículo, páginas inicial e final, mês e ano. Exemplos:

PIMENTEL, D; VIEIRA, M.J. Perfil e saúde mental dos psicanalistas. *Psychê*, São Paulo, n. 15, p. 155-165, jun. 2005.

BERNARDES, W. S. Condenação, desmentido, divisão. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 26, n. 51, p. 115-122, set. 2004.

d) Outros modelos de referência, consulte os editores ou o *site* do Círculo Brasileiro de Psicanálise.

5. Tabelas e gráficos deverão ser enviados em separado, numerados, com as respectivas legendas e indicação da localização no texto entre dois traços horizontais.

6. As citações deverão estar acompanhadas de suas fontes, com as respectivas páginas.

6.1 Direta: Quando é extraído um trecho literal, copiado fielmente do original. Neste caso é obrigatório colocar sobrenome e ano da obra, além da página.

As citações diretas podem ser de dois tipos, conforme o número de linhas.

6.1.1 Até três linhas

Aparece incorporada ao texto, entre aspas.

Ex. a) Como diz Pontalis (1998, p. 274): “Nossas memórias para serem vivas, nossa psique, para ser animada, devem se encarnar”.

Ex. b) “O objetivo da análise é preparar o paciente para a autoanálise” (GREEN, 1988, p. 302).

6.1.2 Mais de 3 linhas

Devem ser destacadas com recuo de 4 cm da margem esquerda, com letra menor (tamanho 10) e espaçamento simples. Não há necessidade de colocar entre aspas.

Ex.: Conforme Freud (1919):

Recusamo-nos decididamente a transformar em propriedade nossa o paciente que se entrega a nossas mãos em busca de auxílio, a conformar o seu destino, impor-lhe nossos ideais e, com a soberba de um Criador, modelá-lo à nossa imagem, nisso encontrando prazer (FREUD, 1999, p. 424).

6.2 Indireta: texto baseado na obra do autor consultado.

Ex. a) Diversos autores citam a importância do estudo das perversões para entender as psicopatias da vida cotidiana (CLAUVREUL, 1990; DOR, 1991; ANDRÉ, 2003; CORRÊA, 2006).

Ex. b) A concepção médica de oposição entre o normal e o perverso se desfaz, segundo Corrêa (2006), à medida que o inconsciente vai sendo revelado.

Ex. c) Para a psicanálise, o Sujeito não seria natural como queria Sade, seria um Sujeito irremediavelmente dividido, como demonstrou Freud, ao que Lacan acrescenta que isso aconteceria pela relação dele, Sujeito, com a linguagem (LACAN *apud* LEITE, 2000).

7. Usar o mínimo de notas de rodapé, porque as referências do texto devem vir no corpo do texto.
8. Cabe ao Conselho Consultivo de cada sociedade participante do CBP o exame e aprovação dos trabalhos, em primeira instância, de seus respectivos sócios, e o encaminhamento à Comissão Editorial, já dentro das normas de publicação da revista, que decidirá sobre a sua publicação de acordo com a programação da revista.
9. A Comissão Editorial reserva-se o direito de recusar os trabalhos que não se enquadrem nas normas citadas ou não tenham qualidade editorial.
10. Os originais deverão ser enviados em duas vias, devidamente numeradas e rubricadas, com espaço simples, fonte Times New Roman tamanho 12, não excedendo 8 laudas. O título do trabalho deve conter no máximo dez palavras e o tamanho da fonte 14, em negrito.

10.1 Os originais deverão ser encaminhados também em mídia eletrônica no Word 1997-2003.

10.2 Os autores deverão enviar os originais para a sede do Círculo Brasileiro de Psicanálise, com carta dirigida aos editores, autorizando a publicação e ratificando ser um trabalho inédito.

A carta deve conter o título do trabalho, nome do(s) autor(es) com sua titulação acadêmica e institucional, e o endereço físico e eletrônico do autor principal.

10.3 Os trabalhos deverão ser enviados para:

Revista Estudos de Psicanálise

Av. Nossa Senhora de Copacabana, 769/504

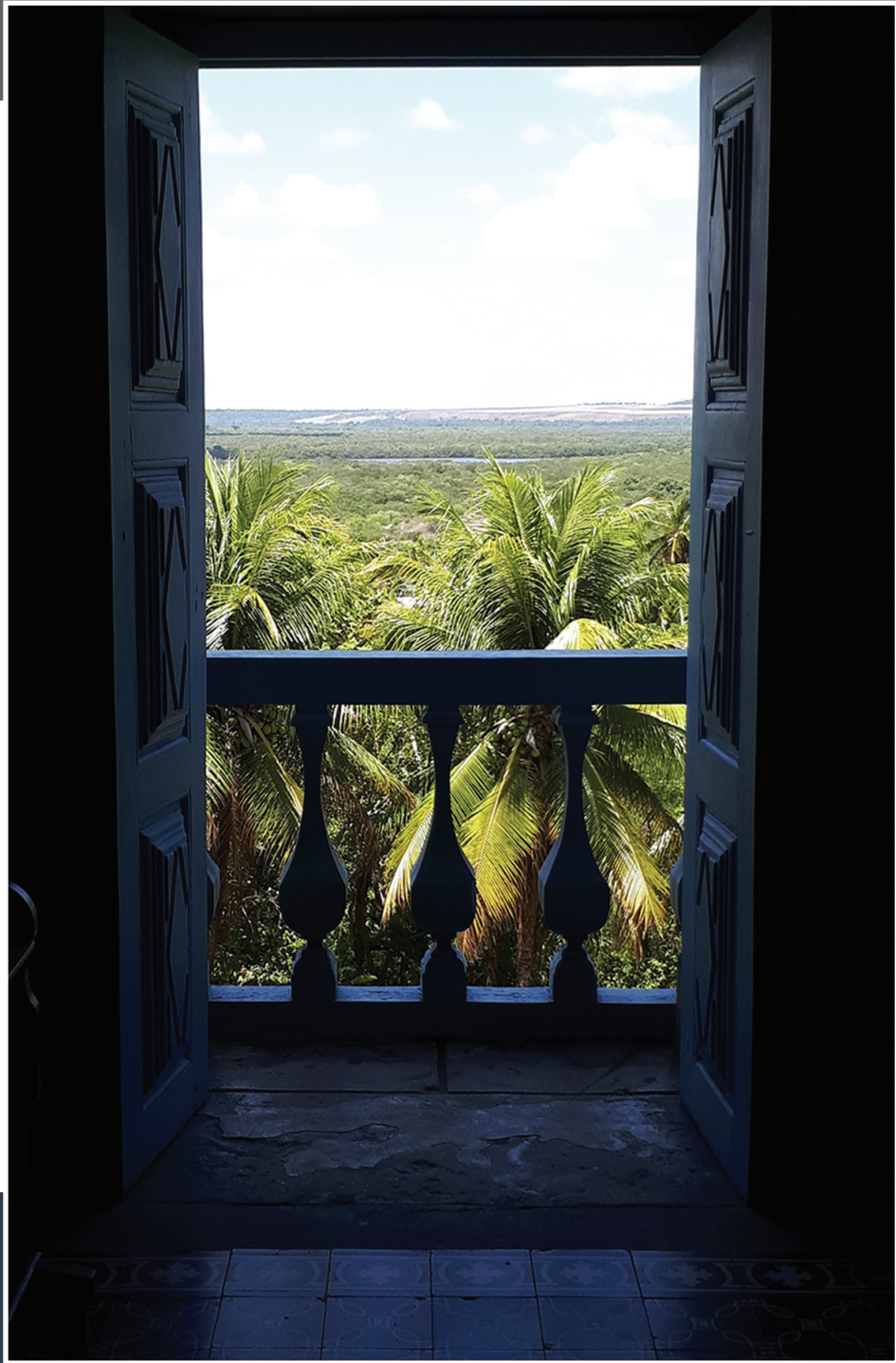
22050-002 - Rio de Janeiro/RJ

Tel.: (21)2236-0655

E-mail: <cbp.rj@terra.com.br>

Roteiro de avaliação dos artigos

1. Título claro e preciso sobre o conteúdo do artigo.
2. Resumo claro e preciso sobre o conteúdo do artigo, contendo no máximo 250 palavras.
3. Palavras-chave adequadas ao conteúdo, em número máximo de cinco.
4. *Abstract e Keywords* conforme instruções.
5. Normas para citações e referências conforme instruções.
6. Relevância do tema.
7. Clareza de pensamento.
8. Consistência e coerência na fundamentação teórico-metodológica do trabalho.
9. Linguagem, considerando objetividade, estilo e correção.
10. Aspectos éticos de acordo com a Resolução CNS 196/96 sobre privacidade e anonimato das pessoas envolvidas, e declaração de conflitos de interesses.
11. O artigo deverá conter conclusão ou considerações finais.



Círculo Brasileiro de Psicanálise